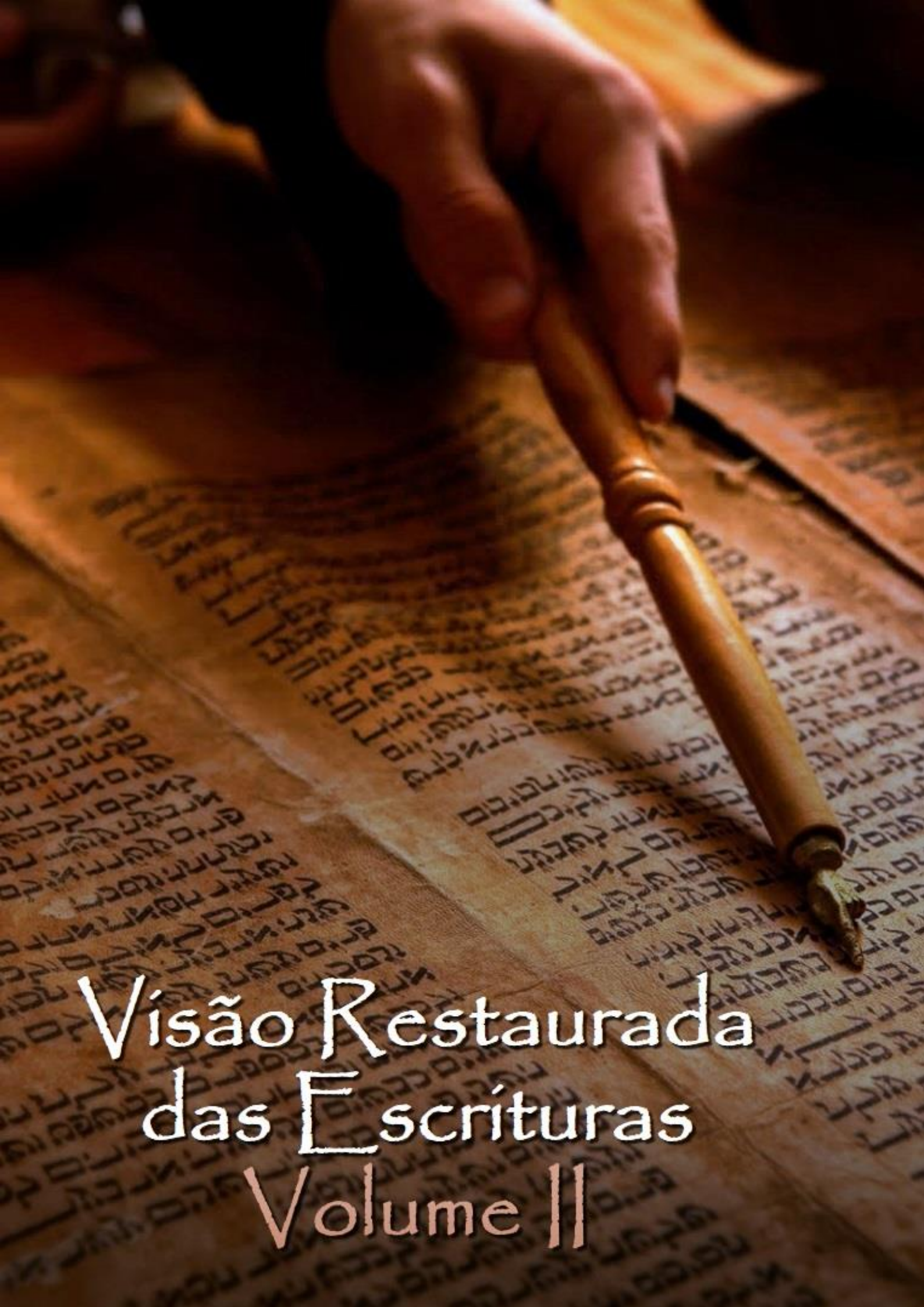

Visão Restaurada
das Escrituras
Volume II

VISÃO RESTAURADA DAS ESCRITURAS

Roberto C. P. Junior

VOLUME 2

(Exegese11a-fv-Volume2 – Outubro de 2024)

Observações

- Livro diagramado para impressão frente e verso em papel A4.
- Direitos autorais assegurados por lei. Proibida a reprodução e difusão de trechos desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor. Permitida a impressão parcial ou total para leitura pessoal exclusivamente, sem fins comerciais. Obra registrada sob nº **335.968** no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional – RJ.
- Sobre o autor: Roberto C. P. Junior é espiritualista, mestre em ciências, membro da Academia de Letras e Artes de Portugal e autor dos livros: Visão Restaurada das Escrituras, Capotira, O Dia Sem Amanhã, Jesus Ensina as Leis da Criação e O Filho do Homem na Terra, os dois últimos publicados pela Ordem do Graal na Terra.

VISÃO RESTAURADA

DAS ESCRITURAS



Nova Interpretação dos Evangelhos

e Outros Textos Bíblicos

Honra seja feita a Deus, que somente semeia o Amor! Amor que também se manifesta na lei da destruição das trevas!

Abdruschin
(Na Luz da Verdade – dissertação "Peregrina Uma Alma...")

Na sua aflição, clamaram ao Senhor, e Ele os livrou de suas angústias. Enviou Sua Palavra para curá-los e preservá-los de descer ao túmulo.

(Salmo 107:19,20)

A todo aquele que ouve a Palavra do Reino e não a compreende, vem o Maligno e rouba o que foi semeado em seu coração.

(Mateus 13:19)

NOTAS

1. Esta é uma obra em dois volumes. Cada tomo apresenta seu próprio Índice Remissivo. A lista das Referências Bibliográficas é a mesma para ambos os volumes.

2. Os versículos dos Evangelhos canônicos apresentados em destaque neste livro foram em sua maior parte extraídos de *A Bíblia Anotada* da Editora Mundo Cristão. Utilizou-se por vezes também as demais versões universalmente consagradas, sobretudo nas citações incorporadas ao texto, nos casos em que as respectivas traduções se mostraram mais apuradas ou mais claras.

3. Versículos de textos deuterocanônicos foram extraídos da *Tradução Ecumênica da Bíblia* da Edições Loyola, de *A Bíblia de Jerusalém* da Editora Paulus, da *Bíblia Sagrada* da Editora Vozes, e da *Bíblia dos Capuchinhos* da Editora Difusora Bíblica. A numeração dos versículos do livro de Eclesiástico varia segundo o texto base adotado: a Vulgata latina ou a Septuaginta grega.

4. A numeração dos capítulos do livro de Salmos varia de acordo com o texto utilizado pela respectiva Bíblia, segundo o padrão adotado: hebraico ou grego.

5. A transcrição e análise das sentenças supostamente proferidas por Jesus, indicam que o autor admite como verdadeiro o sentido transmitido por elas, e não a exatidão textual das palavras ou sua composição nas frases.

S U M Á R I O

VOLUME 1

Introdução

Capítulo 1 – A Missão do Salvador

- A Necessidade da Vinda do Messias
- Correlação entre a Época Messiânica e a Atual

Capítulo 2 – Jesus Ensina aos Homens as Leis de seu Pai

- Leis Inflexíveis Regem a Criação
- A Lei da Reciprocidade
- A Lei do Movimento
- A Lei de Atração da Igual Espécie

Capítulo 3 – A Abrangência das Parábolas do Mestre

- O Semeador
- O Joio e o Trigo
- O Grão de Mostarda e o Fermento
- O Tesouro e a Pérola
- A Rede
- O Rei e os Servos Devedores
- Os Trabalhadores na Vinha
- Os Dois Filhos
- Os Lavradores Maus
- As Bodas
- As Virgens
- Os Talentos
- As Minas
- O Bom Samaritano
- O Amigo Necessitado
- O Rico Insensato
- O Servo Vigilante
- A Figueira Estéril
- A Porta Estreita
- Os Convidados
- O Filho Pródigo
- A Torre e o Rei
- A Ovelha e a Dracma Perdidas

- O Juiz Iníquo
- O Bom Pastor

Capítulo 4 – Aspectos Desconsiderados da Doutrina de Cristo

- A Severidade do Verdadeiro Amor
- Origem e Consequências do Pecado
- Conceito de Família
- O Servir Libertador
- Tornai-vos como as Crianças!

Índice Remissivo

Referências Bibliográficas

VOLUME 2

Capítulo 5 – Aspectos Desconhecidos da Doutrina de Cristo

- Possessões 16
- Milagres Possíveis e Impossíveis..... 19
- A Redenção pela Palavra 34
- Filho de Deus e Filho do Homem 52
- A Promessa da Segunda Vinda 74

Capítulo 6 – Os Alicerces da Boa Nova

- O Cânon Bíblico..... 79
- A Composição dos Evangelhos..... 90
- Erros Enuviantes de Tradução 105

Capítulo 7 – Advento e Missão do Filho do Homem

- Profecias Extrabíblicas..... 116
- Fundamentações Escriturísticas e Apócrifas 124
- A Palavra da Verdade 146

Índice Remissivo 157

Referências Bibliográficas..... 161

CAPÍTULO 5

ASPECTOS DESCONHECIDOS DA DOUTRINA DE CRISTO

Possessões

Nos Evangelhos há várias passagens em que Jesus aparece expulsando demônios e espíritos imundos. Contudo, esses casos são retratados de maneiras bem diversas pelos evangelistas, como se a denominação empregada em cada um deles não fizesse nenhuma diferença.

No Evangelho de Mateus, por exemplo, Jesus é apresentado a um "endemoninhado mudo" (Mt9:32), enquanto que no de Lucas ele aparece nesse caso expulsando um "demônio que era mudo" (Lc11:14).

Numa outra passagem, contida no Evangelho de Mateus, um pai implora a Jesus que cure seu filho, que era "lunático"[1] (Mt17:15); em Marcos, porém, o pai fala que seu filho é possesso de "um espírito mudo" (Mc9:17); já em Lucas o mesmo pai diz simplesmente que um "espírito" se apoderara de seu filho (Lc9:39). Jesus cura o filho, mas os evangelistas não chegam a um acordo como isso se dá. Em Mateus Jesus "repreende o demônio" (Mt17:18); em Marcos ele ordena que o "espírito mudo e surdo saia do jovem" (Mc9:25); e em Lucas Jesus "repreende o espírito imundo" (Lc9:42).

Num terceiro caso a confusão se repete. Em Marcos, aparece na sinagoga um homem "possesso de espírito imundo" (Mc1:23), enquanto que em Lucas esse mesmo homem está "possesso de espírito de demônio imundo" (Lc4:33).

Essa miscelânea de denominações mostra que os próprios evangelistas não compreendiam o fenômeno em si. A começar pelo significado da palavra demônio.

Quando Lúcifer desceu para as materialidades, foi seguido de um séquito de espíritos auxiliares. Tratava-se de espíritos que puderam se desenvolver nos planos espirituais da Criação, contudo não eram anjos nem demônios. Também nunca foram seres humanos terrenos. Em cumprimento ao falso princípio de seu amo, esses espíritos auxiliares passaram a influenciar de maneira errada os seres humanos que viviam na Terra (particularmente a mulher), concitando-os a agir de modo contrário às determinações do Criador. Contudo, não eram nenhuma tropa de diabos. Não há, nem nunca houve, nenhuma legião de capetas rubros exalando enxofre, com patas bifurcadas e chifres pontudos, rabos de flecha e asas pretas, apoquentando almas humanas com tridentes fumegantes e adorando o Tinhoso-mór, Satanás[2]. Os asseclas de Lúcifer lançavam suas más influências sobre os seres humanos terrenos, mas não tinham a aparência disforme que a imaginação humana lhes concedeu e nunca "possuíram" pessoas para atormentá-las.

Demônios, na acepção da palavra, são gerados pelos próprios seres humanos. São as configurações de matéria fina formadas por suas intuições más, como o ódio, a inveja, a cobiça, a avareza, etc. Não são, porém, entes vivos, possuidores de vontade própria, mas apenas a expressão formada da vontade intuitiva má de seus geradores. Apesar disso, essas configurações maléficas são capazes, sim, de influenciar poderosamente as pessoas que lhe permitem a aproximação, por alimentarem alguma espécie igual em seu íntimo. O ser humano que desse modo der guarida a essas conformações alheias pode, portanto, ficar sob forte influência demoníaca, mas em nenhuma hipótese ser possuído por elas. Quem, por exemplo, nutre inveja em seu coração, acaba ficando sob a influência demoníaca da inveja (cf. Tg3:14,15).

No início do Cristianismo, o grande teólogo Orígenes já enumerava várias inclinações pecaminosas, cada uma delas associada a um demônio em particular. Nada a ver diretamente com Satã (Lúcifer), que segundo ele fora criado bom, mas se desviara de Deus... No século XVI, na Alemanha, os

[1] Alguns intérpretes entendem que a expressão "lunático" quer dizer "epilético", sem nenhuma preocupação em anatematizar uma doença de causa e tratamento conhecidos. É surpreendente que possam emitir um diagnóstico assim tão preciso com base em sintomas descritos há dois milênios. O termo grego *seleniazomai* que aparece nessa passagem de Mateus significa literalmente "afetado pela lua".

[2] A palavra Satanás é originada do hebraico *satan* – "adversário"; o termo diabo provém do grego *diabolos* – "aquele que divide".

clérigos católicos e protestantes também acertavam, sem o saberem, quando falavam em seus sermões de demônios da bebedeira, da usura, da moda, da adulação, da mentira, etc. Nesse sentido, o livro apócrifo Testamento dos Doze Patriarcas também fala com acerto de "demônios em atividade" na embriaguez, na luxúria e na raiva manifestada pelos seres humanos. Outro texto apócrifo, o Livro de Tomé, traz na mesma linha a seguinte advertência atribuída a Jesus: "Ai de vós que estais submetidos às atividades de demônios perversos."

A palavra grega *daimónion* não tem gênero, é neutra, indicando não uma pessoa e sim uma configuração ruim, perversa, capaz de causar danos ao ser humano para o qual foi atraída e em quem pôde se agarrar, devido à espécie igual. Antigos relatos babilônicos falam que os demônios causam enfermidades, perturbam a ordem das coisas, provocam desentendimentos nas famílias e arruínam as pessoas.

Por conseguinte, é um erro estabelecer uma correlação entre endemoninhado e possesso, como se fossem a mesma coisa. O primeiro está sob influência demoníaca de alguma configuração intuitiva má, enquanto que o segundo está realmente possesso de um espírito humano desencarnado. Essa confusão aparece explicitada na seguinte passagem: "Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos *endemoninhados*, e ele meramente com a palavra expeliu os *espíritos*, e curou todos os que estavam doentes" (Mt8:16).

Já quando Filipe pregava na Samaria, Lucas diz corretamente em Atos dos Apóstolos que "de muitos *possessos* saíam *espíritos* malignos, soltando grandes gritos" (At8:7). E numa outra ocasião, quando Paulo se cansou daquela jovem que os seguia, *possuída* que estava de um *"espírito* de adivinhação", ele "acabou voltando-se e disse para o *espírito:* 'Em nome de Jesus Cristo, eu te ordeno: Sai dessa mulher!' E, no mesmo instante, o *espírito* saiu." (At16:18).

Possessão só pode ocorrer por intermédio de um espírito humano que já tenha deixado seu invólucro terreno. Em algumas situações uma pessoa aqui na Terra pode ter seu corpo possuído, em grau maior ou menor, por um espírito humano desencarnado. Tal pessoa pode então praticar ações de acordo com a vontade do espírito possuidor e não mais dela própria. São esses então os casos legítimos de possessões, e foram esses que Jesus curou, ao expulsar o espírito humano invasor.

Contudo, somente um *espírito fraco*, estagnado, pode permitir que um espírito estranho tome posse de seu corpo. Jesus aludiu à necessidade de o espírito ser forte, isto é, atuante, para evitar a possessão corpórea:

> *"Quando o homem forte, com suas armas, guarda o seu palácio, o que lhe pertence está em segurança."*
>
> *(Lc11:21)*

Caso esse espírito se torne fraco pela inatividade e falta de vigilância, pode acontecer que "sobrevindo um mais forte que triunfe sobre ele, tome-lhe todo o armamento no qual ele punha a sua confiança e distribua os seus despojos" (Lc11:22). Jesus nunca deixava de prestar auxílio verdadeiro aos seres humanos, com palavras adequadas, para sanar as fraquezas deles.

Aliás, a índole do Salvador, sempre pronta a auxiliar, já nos permite descartar de pronto aquele episódio no Evangelho de Mateus sobre a mulher cananeia (ou siro-fenícia segundo Marcos), que depois de pedir sua intercessão para a filha possessa, teria ouvido dele que "não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos" (cf. Mt15:26; Mc7:27). Imagina só se Jesus diria uma tal coisa… negar auxílio a uma mulher só porque ela era pagã, e ainda mais fazendo uso do argumento preconceituoso dos judeus daquela época, para quem os gentios eram apenas "cães".

Do mesmo modo, é um absurdo palmar supor que Jesus tenha amaldiçoado uma figueira, fazendo-a secar, só porque não era época de figos e ele estava com fome… (cf. Mt21:18-20; Mc11:12-14,20-21). Como é possível surgirem extensos estudos e grossos tratados tentando esclarecer semelhante invencionice? E dessas há tantas mais… Como pode alguém acreditar que o Messias tenha dito, por exemplo, que "há homens que se fizeram eunucos a si mesmos, por causa do reino do céu" (Mt19:12)? O que será que Paulo pensaria disso, para quem a própria circuncisão já era uma mutilação? (cf. Gl5:11,12). Aliás, longe de prescrever o celibato, Paulo só se preocupava em que o bispo ou o presbítero fosse "esposo de uma só mulher" (1Tm3:2; Tt1:6). Cumprindo isso já estava ótimo.

Se as pessoas usassem um pouco mais sua intuição, sem acreditar credulamente em qualquer contrassenso que lhes cai no colo, tornar-se-iam mais lúcidas e conscientes, e com isso também mais

valiosas dentro da obra da Criação. Não se portariam mais como espectadores apáticos que aceitam broncamente qualquer explicação antinatural, tal qual uma manada seguindo o toque do berrante.

Assim, também não precisariam estancar embaraçadas nem quebrar a cabeça diante da imagem do bom ladrão no Paraíso *com* Jesus (cf. Lc23:43). Tal coisa simplesmente não aconteceu. O bom ladrão ascendeu, sim, ao Paraíso depois de sua morte terrena, mas Jesus ainda permaneceu no âmbito da matéria por cerca de 40 dias, que consistiu no tempo de suas aparições pós-morte. Depois disso o Filho de Deus subiu aos céus e se reunificou ao Pai, o que se deu numa altura infinitamente acima do plano onde se encontra o Paraíso, a pátria espiritual dos seres humanos.

Ainda em relação às mencionadas possessões, cabe ressaltar que um espírito humano pode possuir o corpo de uma pessoa, mas nunca o de um animal. A diferença entre as espécies não permite tal coisa. Já as diferenças marcantes entre as composições sanguíneas do homem e do animal comprovam, até cientificamente, essa impossibilidade. No ser humano, é o espírito que contribui para a formação do sangue, enquanto que no animal é a alma enteal. O núcleo vivificador de ambas as espécies é completamente distinto, e por isso também o é a composição do respectivo sangue. Caso somente o corpo formasse o sangue, a semelhança teria de ser muito maior.[3] Como é o núcleo vivo que propriamente forma o sangue – espírito no ser humano e alma enteal no animal – pode-se então dizer que "a vida de toda a carne é o seu sangue" (Lv17:14), ou que "a vida de um ser vivo está no sangue" (Lv17:11). Quando o sangue deixa de existir em sua condição real, significa então que o espírito se desligou do corpo, ou seja, é sinal de que ocorreu a morte terrena. Com base nisso, o leitor pode fazer uma ideia do que sente uma pessoa que tem seus órgãos retirados para transplante, intervenção que tem de ocorrer enquanto o coração ainda está batendo…

Possessão de um animal é, pois, coisa impossível, em qualquer circunstância. Por isso, aquela estória de demônios que entram numa manada de porcos "por ordem" de Jesus (Mt8:31,32), ou com o "seu consentimento" depois de terem implorado por isso (Mc5:12,13; Lc8:32), para logo em seguida se precipitarem no abismo e afundarem no mar da Galileia, também não corresponde à realidade. É uma impostura, um embuste inserido na história da vida de Jesus por algum fanático místico, que nunca fez parte no texto original e só serviu para denegrir a atuação do Mestre. Um tal ato seria uma arbitrariedade completa, que teria redundado na morte de animais inocentes. Nota-se aí a influência de superstições oriundas da Babilônia, onde se acreditava que, mediante encantamentos, o demônio podia ser persuadido a abandonar o corpo da vítima e entrar no corpo de um animal, notadamente aves, carneiros e… porcos! E como a carne de porco é considerada impura pelos judeus, a ponto de o escriba Eleazar ter preferido morrer a comê-la (cf. 2Mc6:18,19), esse animal pareceu aos novos convertido cristãos daquela época, recém-oriundos do Judaísmo, como o mais apropriado para acolher demônios imundos. Muito melhor do que répteis, por exemplo.

Mas mesmo para quem desconhece as leis da Criação não é difícil descartar mais essa fraude, verdadeiramente escandalosa. Basta que utilize um pouco de lógica e levante para si alguns questionamentos simples: Como poderia haver criadores de porcos naquela região, se esse animal é considerado impuro e totalmente proscrito pela religião mosaica? Acaso seriam criados para exportação?… Se os porcos se atiraram no mar, levando alojados dentro de si a enorme legião de demônios possuidores, significa então que esses últimos foram enganados? Foram vítimas de uma cilada?... Mas se é assim, então tratava-se de uns porcos notáveis... Uma vara de dois mil porcos heroicos, mui intrépidos, prontos a dar a vida como mártires possuídos. Dois mil porcos numa missão suicida! Comporiam eles uma única criação ou seriam várias ali reunidas casualmente? O desespero impotente dos donos… Imagine-se dois mil porcos trotando em cadência marcial diretamente para o precipício, submergindo um a um numa morte épica, transportando dois mil demônios aconchegados sob o lombo! E se porcos e demônios têm assim tanta afinidade, por que será que nenhum exorcista leva consigo ao menos um leitão para ajudá-lo nos seus rituais? Por que não os pratica ao lado de um chiqueiro bem movimentado? Pois se demônios têm essa estranha compulsão de se aboletar em porcos…

Essa insólita anedota suína realmente não passa de uma elucubração bem malcheirosa, uma fábula que não tem sequer uma moral no final, criada pela fantasia variegada de algum "espírito de porco" (*syós pneuma*) dos tempos antigos, e que somente por ter conseguido infiltrar-se nos Evangelhos canônicos

[3] Ver, a respeito, a dissertação "O Mistério do Sangue", no terceiro volume da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin.

passou à posteridade como mais uma verdade absoluta e inquestionável. Vamos relembrar aqui as advertências de Paulo: “Examinai tudo e guardai o que for bom” (1Ts5:21). “Rejeita, porém, as fábulas mundanas e estórias de gente caduca” (1Tm4:7).

Milagres Possíveis e Impossíveis

Jesus realizou muitos atos milagrosos enquanto ministrava seus ensinamentos. Isso tinha um propósito bem delineado, como tudo o mais que ele fazia. Os assim chamados milagres eram fenômenos que escapavam à compreensão das pessoas, o que naturalmente suscitava um interesse imediato por parte delas. Ao procurarem saber mais sobre esses acontecimentos elas acabavam então encontrando Jesus, ou seja, encontravam a Palavra, o caminho luminoso para sua salvação, que atuava como uma coluna de Luz em meio às trevas de uma terra sombria: “O povo que andava nas trevas viu uma grande Luz, uma Luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte” (Is9:1). Enquanto Jesus esteve na Terra houve uma íntima ligação entre a divindade e a humanidade, a ponto de Paulo denominá-lo de “mediador único entre Deus e os homens” (1Tm2:5). Durante os anos terrenos de Jesus isso de fato foi assim; o mediador procurou nesse período transmitir aos homens a Vontade de seu Pai, numa linguagem a eles compreensível.

A transmissão da Palavra era o objetivo último da obra da Luz, porque somente por meio dela os seres humanos poderiam promover conscientemente as modificações necessárias em suas almas. Somente por meio dela os homens poderiam ser salvos. As sentenças de Jesus, o Portador da Palavra da Vida, entravam nos ouvintes como gotas de água límpida em solo ressequido. Era por eles absorvida e assimilada no íntimo, a tal ponto que ficava gravada para sempre em suas almas. Os milagres funcionavam como atalhos, trilhas secundárias que conduziam para essa finalidade principal de recebimento e acolhimento da Palavra Sagrada.

Os milagres que Jesus praticava são considerados ainda hoje como acontecimentos realizados fora das leis da natureza, procurando-se ver nisso justamente a prova do poder divino do Filho de Deus. Contudo, Jesus jamais faria qualquer coisa que não estivesse incondicionalmente submetida às leis naturais. Nem lhe seria possível uma tal arbitrariedade, visto que essas leis trazem em si a perfeição da Vontade de seu Pai, não admitindo o mínimo desvio no seu cumprimento. O fato de os milagres do Mestre parecerem incompreensíveis, apenas demonstra a distância que separa a atuação humana da divina. Poderíamos traçar um paralelo, ainda que rudimentar, em relação a povos subdesenvolvidos. Os nativos de Papua e Nova Guiné, por exemplo, acreditam que a milagrosa tecnologia ocidental provém do “mundo dos espíritos”. Eles não têm possibilidades de enxergar além dessa suposição. O mesmo se dá conosco em relação aos atos milagrosos de Jesus.

Os milagres eram testemunhos de que Jesus fora enviado ao mundo em missão pelo próprio Deus-Pai:

> *“Jesus de Nazaré foi um homem credenciado por Deus junto de vós, pelos milagres, prodígios e sinais que Deus realizou entre vós por meio dele, como bem o sabeis.”*
>
> *(At2:22)*

> *“Eu possuo um testemunho que é maior que o de João: são as obras que meu Pai me deu para fazer; eu as faço e são elas que prestam testemunho a meu respeito de que o Pai me enviou.”*
>
> *(Jo5:36)*

Nicodemos, interlocutor de Jesus, reconheceu isso claramente: “Rabi, sabemos que vieste como Mestre da parte de Deus, pois ninguém é capaz de fazer os sinais que tu fazes se Deus não está com ele” (Jo3:2).

Os milagres de Jesus não constituíam nenhuma exceção na atuação das leis da natureza. Nem poderia ser diferente. Se fosse possível a mínima exceção na efetivação das leis da Criação, então elas não poderiam ser consideradas perfeitas, e por conseguinte o próprio Criador também não o seria. No entanto, sabemos que tudo o que “descende do Pai das Luzes é dom perfeito, em Quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg1:17).

Assim, uma exceção qualquer fica totalmente descartada. Tampouco serve de argumento a alegação de que para Deus nada é impossível, pois bastaria dizer que "é impossível que Deus minta" (Hb6:18), para refutar essa ideia ingênua. Quando se diz que "para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas" (Lc1:37), então fica estabelecido que a Luz *sempre cumpre* suas promessas, as quais se pautam incondicionalmente pelas leis da Criação, efetivando-se correspondentemente. Se realmente nada fosse impossível para Deus, no sentido restrito em que se imagina isso, então Ele também poderia criar um Ser mais perfeito do que Ele próprio, ou ainda agir com imperfeição, com injustiça, em suma, atuar de modo contrário às Suas próprias leis. Coisas totalmente impossíveis, pois Ele "não pode negar-se a Si mesmo" (2Tm2:13), assim como também "não pode perverter o direito e a plena Justiça" (Jó37:23). É um argumento pueril esse, totalmente contraditório e fruto da preguiça de pensar.

A preguiça inventa dificuldades onde não existe. Alguém já disse que 1% das pessoas pensam, 4% pensam que pensam, e 95% prefeririam morrer a ter de pensar… Se há uma coisa que não pode ser negada por qualquer pesquisador sincero, é que nos trechos não adulterados da Bíblia a preguiça é condenada com muita severidade. Vemos lá que "o preguiçoso se mostra almejante, mas a sua alma não tem nada" (Pv13:4), pois ele é como "vinagre para os dentes e fumaça para os olhos" (Pv10:26). Há mais dezessete provérbios condenando a preguiça. Nesse aspecto a Bíblia, se não é inspirada, é seguramente muito inspiradora.

Jesus atuava, sim, mediante força divina, o que lhe permitia *acelerar* os efeitos terrenalmente visíveis das leis universais. É nesse contexto que se insere também sua declaração de que "o impossível aos homens é possível a Deus" (Lc18:27).

Ele podia, pois, acelerar a atuação das leis da Criação, emanadas da Vontade de seu Pai. Quando, por exemplo, tocou a mão de um leproso, este *"imediatamente* ficou limpo da sua lepra" (Mt8:3). O mesmo se deu na cura da mulher encurvada: "Ele impôs as mãos sobre ela, que *imediatamente* se endireitou e começou a louvar a Deus" (Lc13:13). Também quando ordenou a um paralítico que se levantasse, este *"no mesmo instante,* tomando o leito, retirou-se à vista de todos" (Mc2:12). Do mesmo modo, ao tocar os olhos dos dois cegos que imploravam compaixão, eles *"imediatamente* recuperaram a vista" (Mt20:34), e quando determinou que o servo paralisado do centurião fosse curado, *"naquela mesma hora* o criado ficou curado" (Mt8:13).

A força divina de Jesus era capaz de curar com rapidez cegos, leprosos e paralíticos, porque forçava a movimentação dos órgãos e membros inativados pela doença. Mas Jesus nunca fez, por exemplo, uma pessoa sem olhos enxergar, ou uma sem pernas andar, porque tais coisas são impossíveis segundo as leis naturais. Os membros ou órgãos defeituosos tinham que estar lá para que Jesus pudesse curá-los, o que se dava com extrema rapidez. Marcos conta que quando Jesus curou um surdo-mudo, *"imediatamente* abriram-se-lhe *os ouvidos,* e *a língua* se desprendeu e falava corretamente" (Mc7:35). Os ouvidos e a língua, órgãos já existentes no surdo-mudo, foram rapidamente curados pela intervenção de Jesus.

Jesus, a "Palavra que se fez carne e veio morar entre nós" (Jo1:14), jamais poderia agir de modo contrário às leis perfeitas engastadas na Criação por seu Pai. Quem via Jesus, a Palavra de Deus que peregrinou pela Terra, via nele o Pai: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo14:9). Tudo quanto essas leis vedam, era-lhe inteiramente impossível fazer. Desse modo, também não poderia descer simplesmente da cruz quando foi nela pregado, sob as vociferações: Desce da cruz![4] (cf. Mt27:40). As leis férreas da Criação vigentes na matéria não permitem uma tal arbitrariedade. Quem pensa de modo diferente apenas mostra total desconhecimento da inflexibilidade absoluta dessas leis. Pior: duvida intimamente da perfeição delas, achando que em casos especiais elas podem ser contornadas ou melhoradas, e por conseguinte duvida também da perfeição do próprio Criador. Paulo diz muito acertadamente que "Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher e *sujeito à Lei"* (Gl4:4). Quem ingressa na Criação fica inexoravelmente sujeito à Lei da Vontade divina, que jamais se altera. Jesus tinha um corpo terreno normal, com todas as limitações inerentes a isso; ele também sentia fome, sede, cansaço e sono como qualquer pessoa (cf. Mt21:18; Jo4:7,6; Lc8:23).

[4] Ver, a respeito, a dissertação "Desce da Cruz!", no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin.

Por outro lado, o conhecimento de sua atuação, e o saber de que essas leis jamais admitem exceções, constituem um farol seguro para se separar a realidade da fantasia, a verdade da mentira, nos episódios relacionados aos milagres praticados pelo Mestre.

A ressurreição de Lázaro (cf. Jo11:1-44) e do filho da viúva da cidade de Naim, ao sul da Galileia (cf. Lc7:11-15), também não foram, conforme se imagina, fenômenos ocorridos fora dessas leis da Criação. Jesus pôde trazer essas almas de volta aos respectivos corpos porque ainda estavam ligadas a estes por um fio ou cordão, conforme acontece durante algum tempo com *todos* os desenlaces terrenos. Ele as chamou durante esse período de ligação, portanto "antes que se rompesse o cordão de prata" (Ecl12:6). Depois que ocorre o rompimento desse cordão não é mais possível um ressuscitar: "o pó [corpo] retorna à terra, de onde era, e o espírito volta para Deus, que o deu" (Ecl12:7,8). Após concluído um ciclo de encarnações o espírito volta para o "reino de Deus", de onde partira outrora como semente espiritual.

Durante o período de ligação desse cordão, que varia de pessoa para pessoa, a alma permanece conectada ao corpo terreno após a morte. Depois que essa ligação se rompe é impossível, portanto, um retorno à vida terrena naquele mesmo corpo. Nos dois casos mencionados essa ligação ainda subsistia, e Jesus, fazendo uso da força divina que estava nele, chamou de volta aquelas almas para seus corpos terrenos. Essa mesma força permitiu a reativação dos órgãos até então paralisados, levando-os a um perfeito funcionamento. O mesmo aconteceu na ressurreição da filha de Jairo, o chefe da sinagoga. Ao chamado do Mestre, a alma da menina voltou ao corpo e ela continuou a viver: "Ele, porém, tomando-lhe a mão, chamou-a dizendo: criança, levanta-te! O *espírito dela voltou* e, no mesmo instante, ela ficou de pé" (Lc8:55). O espírito pôde voltar porque ainda estava ligado ao corpo, através do cordão que o une à alma. Foi o que aconteceu também com o filho daquela viúva que hospedou Elias, que morreu logo depois de grave doença, e a quem o profeta teria conseguido fazer voltar à vida depois de uma súplica ao Senhor: 'O Senhor ouviu a voz de Elias: a *alma do menino lhe voltou* e ele recuperou a vida" (1Rs17:22). Os antigos judeus sabiam que a alma do falecido permanecia algum tempo ao lado do corpo, mas achavam que isso seguia um padrão fixo de três dias para todo mundo, de modo que no quarto dia não poderia haver mais nenhuma esperança de um falecido retornar à vida. Por isso, a ressurreição de Lázaro causou assombro tanto maior, visto que estava sepultado já há quatro dias (cf. Jo11:17) quando Jesus o chamou de volta à vida.

O episódio em que Jesus acalma a tempestade (cf. Mt8:23-27; Mc4:37-41; Lc8:22-25) também é verossímil, porque todos os fenômenos climáticos são desencadeados por seres incumbidos disso, os enteais ou seres da natureza, que tal como os seres humanos são também criaturas criadas pelo mesmo Deus, e portanto sujeitas à Sua Vontade. Proveniente do divino-inenteal, Jesus tinha, naturalmente, autoridade sobre eles. São esses seres que, cumprindo as ordens primordiais do Senhor, provocam continuamente as alterações climáticas: "[Ele] manda à Terra Sua mensagem, Sua Palavra corre veloz. Faz cair neve como lã, espalha a geada como cinza. Lança como migalhas o granizo (…). Envia uma ordem e se derretem, sopra o vento e correm as águas. (…) Louvai o Senhor na Terra, cetáceos e todos os abismos, raio e granizo, neve e neblina, vento tempestuoso que cumpre suas ordens" (Sl147:15-18;148:7,8).

Quando o raciocínio ainda não havia estabelecido seu reinado tirânico sobre a Terra, os seres humanos podiam ver esses prestimosos entes e se comunicar com eles, os quais muito colaboraram nos períodos iniciais do desenvolvimento humano. Mas depois que a sua vontade se voltou exclusivamente para a matéria grosseira, surgiu um abismo entre essas duas espécies da Criação, como decorrência natural da lei da adaptação, e a interação com os enteais se extinguiu. Os seres humanos ficaram então totalmente *adaptados* a matéria grosseira, nada mais podendo perceber da matéria mediana e da fina.

Sobre essa atuação dos enteais associada aos elementos da natureza, diz Davi nos salmos: "Fazes a teus anjos ventos, e a teus ministros labaredas de fogo" (Sl104:4). No livro apócrifo de Jubileus, que é quase uma cópia do Gênesis, está dito que no primeiro dia da Criação o Senhor criou anjos do espírito do fogo, dos ventos, das nuvens, da neve, das vozes do trovão e do relâmpago, do frio e do calor. São os enteais que provocam efeitos meteorológicos segundo as leis estabelecidas pelo Criador para a matéria grosseira, portanto em conformidade com Suas ordens: "Ele ordenou às nuvens do céu e abriu as portas do céu; (…) fez soprar no céu o vento leste e com seu poder trouxe o vento sul" (Sl78:23,26).

A Bíblia também diz no Gênesis que "naquele tempo havia *gigantes* na Terra" (Gn6:4), indicando assim que uma classe especial de enteais, os gigantes, eram normalmente visíveis e reconhecíveis pelos seres humanos naquelas eras longínquas. Sobre o tamanho desses gigantes, em comparação com os seres humanos, é digno de nota o relato dos homens enviados por Moisés a espiar a terra de Canaã: "Lá vimos até gigantes, os descendentes de Enac, da raça dos gigantes. Comparados com eles parecíamos gafanhotos, e era assim que eles nos viam" (Nm13:33).[5] Fílon de Alexandria, filósofo do século I da nossa era, afirmava que esses gigantes não eram nenhum mito. A comprovação estritamente bíblica de que esses gigantes não eram seres humanos é dada por esses próprios textos citados, pois o dilúvio universal que tudo submergiu e toda vida extinguiu ocorreu entre essas duas citações, e não há registro de nenhuma estadia dos gigantes na arca de Noé. Pela cronologia bíblica, os animais da arca, a família de Noé e os citados gigantes sobreviveram ao dilúvio. Como os gigantes são mencionados antes e depois do dilúvio e não estavam na arca, então não eram animais nem seres humanos.

O livro deuterocanônico de Judite fala igualmente de "gigantes enormes" e "filhos de Titãs" (cf. Jt16:6). Esses Titãs são os que a Bíblia chama de "heróis renomados dos tempos antigos" (Gn6:4), contudo nunca se uniram a mulheres terrenas e nem tiveram filhos com elas, como a Bíblia afirma nesse mesmo versículo. Essas estórias fantásticas de deuses se amancebando com mulheres humanas são meras deturpações, como é a lenda de que Hércules seria filho de Zeus com uma mulher terrena, Alcmena.

Ainda no Gênesis, vemos que o Criador colocou *querubins* brandindo uma espada de fogo, como guardiões da árvore da vida (cf. Gn3:24). Esses querubins foram criados *antes* dos seres humanos, estando submetidos incondicionalmente à Vontade do Onipotente. Essa imagem representa os enteais primordialmente criados, "sobre os quais o Senhor está sentado" (cf. Sl99:1). Foi a eles também que a serpente se referiu em sua conversa com Adão e Eva, quando quis seduzi-los com a promessa de que se comessem do fruto proibido "se tornariam como deuses" (cf. Gn3:5). Deuses que já existiam antes do surgimento do casal humano.

Antigos relatos egípcios sobre a origem do mundo apresentam vários paralelos com a história da Criação descrita no Gênesis, invariavelmente fazendo referência à existência dos enteais. Essas narrativas descrevem não apenas a criação do mundo, mas também de numerosos deuses que personificam a natureza. Narra-se aí, por exemplo, que os deuses certa vez purificaram a Terra por meio de um grande dilúvio, depois que o homem pecara pelo seu livre-arbítrio… O Épico de Atrakhasis diz que em certa época a humanidade começou a fazer tanto barulho, que os deuses enviaram um dilúvio para silenciar de vez os perturbadores seres humanos... O mais conhecido relato extrabíblico do dilúvio, o Épico de Gilgamesh, no qual o relato do Gênesis se baseou, também fala que isso aconteceu pela atuação dos deuses. Lemos ali que "o deus do mundo subterrâneo rompe os esteios da barragem e o deus guerreiro lidera a enchente das águas."

Um épico mesopotâmico chamado Enuma Elish, gravado em tábuas datadas de 2500 a.C., o qual traz muitas semelhanças com o registro bíblico da Criação, acrescenta o relato de um conflito cósmico ocorrido entre as divindades celestes. A Bíblia também alude à ocorrência de uma "batalha no céu", em que o "dragão lutou com seus anjos" (cf. Ap12:7), os quais "foram presos em cadeias eternas, debaixo das trevas" (cf. Jd6). O dragão com seu anjos representam Lúcifer e seus servos, que realmente lutaram com os enteais há muito tempo, numa região de transição entre a matéria fina e os mundos dos círculos dos enteais. A escritora Roselis von Sass dá detalhes dessa luta titânica em sua obra O Livro do Juízo Final, nos tópicos "A luta contra os invasores" e "Os campos phlegraicos".

Os enteais constituem os conhecidos "exércitos celestes" do Senhor, desde o início dos tempos. Quando a Criação foi concluída, o Gênesis diz que "o céu, a Terra e *todos os seus elementos* foram terminados" (Gn2:1). No original hebraico, a palavra "elementos" é literalmente *exércitos,* indicando as legiões de seres da entealidade que povoam a imensa obra da Criação. O Filho do Homem, a Vontade de Deus, é comumente designado nos livros bíblicos de *Senhor dos Exércitos*. No Apocalipse está dito que "os exércitos do céu o seguiam [o Filho do Homem] em cavalos brancos" (Ap19:14).

No Saltério, esses enteais são igualmente chamados de *exército dos céus,* os quais também foram criados pelo sopro da boca do Senhor: "Pela Sua Palavra, o Senhor fez os céus, e todo o *exército* deles,

[5] A respeito da atuação dos enteais, tanto dos pequenos seres da natureza como dos grandes regentes, ver as obras O Livro do Juízo Final e O Nascimento da Terra, de Roselis von Sass. Sobre a atuação dos gigantes, particularmente do gigante Enak, o leitor encontrará um quadro vivo na obra A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo, da mesma autora.

com o sopro de Sua boca" (Sl33:6). Os enteais são criaturas tal como os seres humanos, seres originados da mesma Palavra criadora de Deus, porém são de uma espécie diferente. De qualquer forma, já fora estabelecido que *toda a Criação* deveria servir unicamente ao seu Criador: "Sirva a Ti toda a Criação, porque disseste e os seres existiram" (Jt16:14). Os povos enteais sempre cumpriram essa determinação, mas os povos humanos não.

O rei Davi, que chamava os enteais de "ministros do Senhor", afirmava que todos eles cumpriam a Vontade de Deus: "Bendizei o Senhor, vós todos os seus exércitos, vós, Seus ministros, que cumpris Sua Vontade" (Sl103:21). Por sua vez, o rei Salomão assegura que, tal como seu pai Davi, o Senhor também lhe havia dado o conhecimento a respeito dos seres da natureza: "Ele me deu um conhecimento infalível dos seres para entender a estrutura do mundo, a atividade dos elementos" (Sb7:17).

Sobre Salomão, o Corão, livro sagrado dos mulçumanos, diz na 34ª surata – Sabá: "E djins trabalhavam para ele com a permissão de seu Senhor." A 72ª surata do Corão tem o título de "Os djins" e fala justamente desses seres. Em épocas remotas, os enteais eram conhecidos pelo nome de "dschins" ou "dschedjins". Roselis von Sass narra vários episódios envolvendo dschedjins em seu instigante livro A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo.

Um outro tipo de enteais, também muito conhecido na Antiguidade, são os que cuidam das crianças boas até o despertar do espírito. Reminiscências desse saber perdido sobrevivem nos quadros e temas que mostram anjos da guarda junto ao berço dos bebês (muito comuns no século XVII), assim como também neste salmo: "Ele ordenou aos seus anjos que te guardem em teus caminhos todos. Eles te levarão em suas mãos, para que teus pés não tropecem numa pedra" (Sl91:11,12). No século V a.C., Platão já falava da existência desses anjos da guarda, e muito tempo depois, no século IV d.C., o famoso São Jerônimo afirmava que esses anjos eram dados aos seres humanos quando de seu nascimento. Esses enteais não são anjos, mas sim guardiões das crianças boas durante alguns anos. Para cada faixa de idade há um enteal específico, tanto para meninas como para meninos.[6]

Nos antigos escritos apocalípticos judaicos, observa-se que cada nação tinha uma espécie de patrono angélico, que vigiava sobre ela e a representava. Isso também é reminiscência de um saber perdido sobre os enteais, pois cada país tinha, de fato, um regente enteálico responsável por sua proteção. O regente protetor do Brasil chamava-se Tupan-an, e os habitantes de nossa terra naquelas eras longínquas chamavam-na de "o país de Tupan-an".[7]

Que os judeus tinham exato conhecimento sobre os enteais, testemunha um ramo que se apoia num livro hebraico chamado *Zohar* (Livro do Esplendor), do século XIII. Assevera esse grupo que os elementos fogo, ar, terra e água são habitados por seres especialmente incumbidos disso, denominados "elementais" segundo eles, assim designados: os que habitam o fogo se chamam *salamandras;* os que habitam o ar são os *silfos;* os que habitam a água são ditos *ninfas* ou *ondinas;* os que habitam a terra se chamam *gnomos* ou *pigmeus.* É realmente uma alegria inesperada constatar que o conhecimento a respeito dos enteais, ainda que precário, conseguiu sobreviver aqui e ali até os dias de hoje.

O também hebreu Livro de Enoch, que se acredita ter sido escrito no século II a.C. e que chegou a fazer parte do cânon bíblico, traz um trecho referente aos enteais (igualmente chamados ali de anjos) na parte denominada Visão de Enoch: "Então vi sete coros de anjos luminosos e magníficos, com rostos resplandecentes como o Sol. Eles não se distinguem nem pela face, nem pela grandeza, nem pelo modo de se vestir. Cuidam da ordem do mundo e do curso das estrelas, do Sol e da Lua. Os anjos, esses magníficos anjos, harmonizam toda a vida celeste; cuidam dos mandamentos, das doutrinas, da harmonia, do canto e de todos os louvores. Alguns desses anjos têm poder sobre o tempo e sobre os anos, outros sobre os rios e sobre os mares, outros sobre os frutos… outros, enfim, cuidam da vida de todos os homens, e a descrevem diante da face do Senhor."

A atuação dos enteais é de fato muito ampla, literalmente *essencial* para a vida humana. Vivemos no mundo deles. Sem a sua atuação não existiriam alimentos, água e nem ar. Não existiria nem mesmo o nosso planeta. Tudo quanto nos é visível e palpável aqui na Terra já foi moldado por eles antes na matéria mais fina. Assim, tudo o que vemos provém realmente de modelos que não podemos ver: "Sabemos que o mundo foi organizado pela Palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas

[6] Sobre esse assunto, gostaria de indicar um livrinho maravilhoso intitulado Quem Protege as Crianças?, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

[7] Ver, a respeito, o livro Revelações Inéditas da História do Brasil, de Roselis von Sass.

não visíveis" (Hb11:3). Em sua obra *Timeu*, Platão diz que cada uma das criações cósmicas do Artesão é uma cópia de um modelo perfeito previamente existente no mundo espiritual. O que acontece aí é que os enteais, servos leais do Onipotente, moldam primeiramente no mundo não visível mais próximo de nós (matéria grosseira mediana e não mundo espiritual) tudo aquilo que depois se tornará reconhecível aos seres humanos na Terra de matéria grosseira. O autor de Eclesiástico já dizia que "só vemos um pequeno número de Suas obras" (Eclo43:36). E desse tipo de entes há um tal número que nem se pode imaginar: "Suas legiões, alguém pode contá-las? Eles fazem parte do exército do céu que não pode ser enumerado" (Jr33:22). Parte desse exército inumerável também se encontra a serviço do Filho do Homem, conforme descreve Daniel: "Mil milhares o serviam; dez mil miríades estavam diante dele" (Dn7:10).

Os povos antigos, particularmente os romanos, germanos e gregos tinham exato conhecimento dos seres da natureza e de sua atuação. Sobre isso, é bastante revelador esse trecho da obra Memoráveis, do filósofo grego Xenofonte (430? – 355 a.C.), exaltando a providência e benevolência dos *deuses*, como os gregos denominavam os grandes enteais: "Sendo nós necessitados de alimento e devendo produzi-lo da terra, eles [os deuses] nos dão para isso as estações convenientes, que nos fornecem muitas coisas que servem às nossas necessidades, mas também daquelas que servem à nossa alegria."

Os gregos sabiam até da existência dos enteais de dupla forma. Ainda hoje se fala que nas planícies gregas da Tessália viviam *centauros,* seres metade homem e metade cavalo… As mais antigas representações de centauros foram encontradas não muito longe dessa região, em escavações na cidade cipriota de Fumagusta. Um resquício bíblico muito tênue e deturpado desse gênero de enteal aparece no Livro de Isaías, com a menção aos sátiros (cf. Is13:21; 34:12,14), tidos hoje como seres mitológicos pagãos, habitantes das floretas, com chifres e pernas de bode. O termo hebraico original é *sa'ir,* que significa literalmente "peludos" ou "hirsutos". Na Septuaginta grega a palavra foi traduzida como "coisas sem sentido", e na Vulgata latina como "demônios"... Em algumas Bíblias atuais esses seres são designados de "cabritos selvagens", "demônios caprinos" e "onocentauros".

Os povos mais antigos tinham um conhecimento muito preciso dos enteais e de seus grandes regentes. Sabiam que estes últimos habitavam um mundo superior, uma espécie de castelo com as dimensões de nosso planeta, conhecido pelos gregos como Olimpo e pelos germanos como Asgard ou Valhala. Esses regentes, portanto, realmente não tinham morada entre os homens, conforme os caldeus informaram com acerto o rei Nabucodonosor, que os havia intimado a interpretar um sonho que tivera: "A questão posta pelo rei é difícil, e ninguém poderá dar ao rei a solução, exceto os deuses, que não têm morada entre os mortais" (Dn2:11).[8]

Os chamados deuses sempre foram fonte de admiração para os seres humanos, desde o princípio. Era na presença dos admirados deuses que o sábio rei Davi queria louvar o Senhor: "Eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração; na presença dos deuses a ti cantarei louvores" (Sl138:1); e ainda os exortou a honrar o mesmo Senhor: "Dai ao Senhor, vós deuses, dai ao Senhor glória e força" (Sl29:1). Os outros salmistas também sabiam que nenhum dos deuses se Lhe podiam comparar: "Ninguém é como Tu entre os deuses, Senhor!" (Sl86:8); "Quem, nos céus, poderá comparar-se ao Senhor? Quem, entre os deuses, se Lhe poderá igualar?" (Sl89:9); "Sim, eu o sei: o Senhor é grande; nosso Senhor ultrapassa todos os deuses" (Sl135:5); "Louvai o Deus dos deuses" (Sl136:2). Moisés e os antigos hebreus também sabiam que nenhum desses deuses poderiam comparar-se ao Senhor do Universo: "Quem entre os deuses é como Tu, Senhor?" (Ex15:11). Até o cruel rei Nabucodonosor sabia que o Criador era o Deus dos deuses: "Vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis" (Dn2:47). Quanto a isso, o rei estava mesmo certo, pois de fato "o Senhor é maior que todos os deuses" (Ex18:11); o Todo-Poderoso Criador será sempre "Deus dos deuses e Senhor dos senhores" (Dt10:17).

O apóstolo Paulo também não desconhecia a existência dos enteais, pois na sua descrição aos Colossenses sobre a criação de todas as coisas, afirma que foram criados "no céu e na Terra seres visíveis

[8] Os pesquisadores descobriram que os grandes enteais, os regentes que aparecem como protagonistas nas mitologias dos povos antigos, eram sempre os mesmos, mudando apenas a denominação. Muitos desses relatos mitológicos comportam fragmentos de eventos reais, tanto em relação aos enteais como a personalidades humanas. É o caso, por exemplo, do conhecido mito grego da estória de amor entre Píramo e Tisbe. Pyramon e Thisbe existiram realmente, e desempenharam um papel crucial na época da construção da Grande Pirâmide do Egito (ver a obra A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo, de Roselis von Sass).

e *invisíveis"* (cf. Cl1:16). Sabemos que Paulo não apenas escreveu cartas aos Coríntios gregos, mas que esteve pessoalmente na cidade portuária deles, Corinto, capital da província romana de Acaia, onde fundou uma colônia cristã por ocasião de uma de suas viagens missionárias (cf. At18). Durante sua estada ali o apóstolo deve ter se inteirado da profunda devoção dos gregos aos grandes enteais, pois na entrada principal da cidade havia um templo de Apolo, cujas ruínas ainda subsistem, e ao lado da muralha exista um templo de Asklepios, o deus da cura. Na cidade de Pérgamo, antiga capital de um Estado helênico, também existia um templo em honra a Asklepios. Outra prova de que Paulo sabia muito bem da existência dos enteais foi a sua citação, diante dos gregos no Areópago, de uma frase do grandioso hino a Zeus do poeta estoico Aratus de Soli, do século III a.C.: "Também nós somos a sua linhagem" (At17:28).

A devoção dos gregos e outros povos antigos aos enteais era legítima, porque viva. Eles ainda podiam *ver* os enteais e por isso *sabiam* da existência deles. No primeiro volume deste livro vimos que havia uma antiga tradição grega segundo a qual "as primeiras pessoas, na idade áurea, viviam livres do mal e das aflições, *desfrutando a comunhão com os deuses."* O poeta épico grego Homero assim se referiu à grande enteal feminina Gäa (Gaia), responsável pelo planeta Terra:

> *"É a terra que cantarei, Mãe Universal de sólido pisar, antepassada venerável que alimenta em seu solo tudo que existe... É a ti que corresponde dar vida aos mortais, assim como tirá-la... Ditoso é aquele a quem honras com tua benevolência! Para ele, os campos da vida estão carregados de colheitas; nos campos, seus rebanhos prosperam e sua casa se enche de riquezas."*

Sabendo desse amor dos gregos pelos enteais, Paulo apenas cuidou de evidenciar a diferença entre os deuses por eles amados e o Deus único: "Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na Terra – e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores – para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de Quem tudo procede" (1Co8:5,6). Em sua carta aos Gálatas, Paulo explica acertadamente que os seres da natureza não são propriamente deuses, conforme se imaginava: "Outrora, quando não conhecíeis a Deus, servistes a seres que na realidade não são deuses" (Gl4:8).

Durante muito tempo, no antigo Israel, acreditou-se na existência e no poder dos deuses estrangeiros. Por isso, muitas outras passagens bíblicas poderiam trazer informações reveladoras sobre os enteais, se não tivessem sido submetidas a intensa censura. Conforme esclarece Roselis von Sass em O Livro do Juízo Final, "os perscrutadores da religião cristã, ao comporem os textos da Bíblia, excluíram todas as indicações referentes aos conscientes entes da natureza… 'pois somente os pagãos acreditariam nessas coisas'…". Podemos ter uma vaga ideia do que perdemos ao contemplarmos esse trecho extraordinário de um diálogo entre dois amigos, registrado num documento dos tempos bíblicos conhecido hoje como Teodicidade Babilônica:

> *"A menos que você busque a Vontade de Deus, que esperança você pode ter? Quem serve a Deus com fidelidade nunca tem falta de comida, mesmo quando é difícil consegui-la. Portanto, busque o respirar calmante dos deuses e as perdas desse ano logo serão restauradas. (...) A mente dos deuses é como o centro dos céus, muito afastado de nós. É difícil obter seu conhecimento, vai além da compreensão humana."*

Durante o longo tempo de sedimentação do cânon bíblico, algumas poucas, pouquíssimas pessoas mais esclarecidas, ainda procuraram manter aceso o saber sobre os enteais entre os seres humanos, como por exemplo o médico, filósofo, naturalista, profeta e pregador bíblico Paracelso (1493 – 1541). Paracelso, um suíço que quando jovem estudou numa escola beneditina, acreditava que "o homem está cercado por uma multidão de seres misteriosos e leves, no mais das vezes invisíveis, que cruzam incessantemente a rota de sua vida". De Paracelso são também essas palavras: "Deus povoou os quatro elementos com criaturas vivas. Criou as ninfas, as náiades, as melusinas, as sereias para povoar as águas; os gnomos, os silfos, os espíritos das montanhas e os anões para habitar as profundezas da terra, as salamandras que vivem no fogo. Tudo provém de Deus. Todos os corpos são animados por um espírito astral do qual dependem sua forma, sua figura e sua cor." Esse elucidativo testemunho de Paracelso é algo muito raro mesmo, ainda mais por ter surgido na tenebrosa Idade Média.

Os historiadores de hoje ficam perplexos ao constatar que os deuses venerados nas inúmeras culturas de tempos antigos eram, na verdade, sempre os mesmos. Ficam intrigados com esse fato e supõem ter existido uma fonte religiosa comum, de onde teriam derivado todas as crenças em divindades,

sem considerar a hipótese de que os grandes enteais eram, de fato, vistos por todos aqueles povos antigos, situados tão distantes uns dos outros, no tempo e no espaço, e que por conseguinte as descrições que faziam deles tinham necessariamente de ser semelhantes entre si. O pesquisador J. Garnier escreveu: "Não apenas os egípcios, os caldeus, os fenícios, os gregos e os romanos, mas também os hindus, os budistas chineses e tibetanos, os godos, os anglo-saxões, os druidas, os mexicanos, os peruanos, os aborígenes e até mesmo os selvagens dos mares do sul, devem todos ter derivado suas ideias religiosas de uma fonte comum e de um centro comum. Em toda parte deparamo-nos com as mais surpreendentes coincidências nos rituais, nas cerimônias, nos costumes, nas tradições, e nos nomes e nas relações de seus respectivos deuses e deusas."

O fato, porém, é que na época em que Jesus chegou à Terra o conhecimento a respeito dos seres da natureza já estava praticamente extinto na humanidade, sobrevivendo apenas em alguns grupos ainda mais estreitamente ligados à natureza, designados pejorativamente de "pagãos" e "gentios" pelo povo eleito do Antigo Testamento. A indicação mais clara de que, há dois mil anos, a humanidade já se encontrava completamente apartada da natureza e de suas leis, é a insistência em sacrifícios e holocaustos de animais, que tisnam várias partes do Antigo Testamento. Esses crimes abomináveis contra a natureza, que horrorizavam os enteais, eram tidos naquela época como agradáveis ao Todo-Poderoso Criador…

Posteriormente, quando da expansão do Cristianismo no Ocidente, o total desconhecimento dos primeiros evangelizadores europeus sobre os enteais os levaram a cometer verdadeiros crimes contra os poucos povos ainda ligados à natureza, a pretexto de salvar suas almas. O missionário beneditino Bonifácio (675 – 754), por exemplo, provocou verdadeira devastação em terras germânicas durante sua missão evangelizadora de levar a "verdadeira fé" aos pagãos. Por volta do ano 730, esse Bonifácio – posteriormente elevado a santo – simplesmente pôs abaixo o imponente *Carvalho Sagrado* ou *Carvalho de Thor* dos saxões da região de Geismar, tendo o cuidado de utilizar a madeira sagrada para construir, no mesmo local, um oratório a São Pedro. Logo em seguida, este que viria a ser o "Apóstolo da Germânia" escreveu para a Inglaterra pedindo mais "esplêndidas cópias da Bíblia, escritas em letras de ouro, para que a referência às Sagradas Escrituras seja impressa nas mentes carnais dos gentios." O leitor pode bem imaginar como esses gentios encararam sua conversão forçada… O historiador Peter Brown diz que "num percurso de 30 anos, Bonifácio deixou sua *marca* por toda a Germânia ocidental, desde a Baviera até o ponto de encontro das bacias hidrográficas do Lahn e do Weser." Podemos presumir o alcance dessa marca pelas palavras do papa da época: "Bonifácio foi enviado para iluminar o povo germânico que ainda vive nas sombras da morte, mergulhado no erro."

O "exemplo" evangelizador da atuação missionária de Bonifácio foi religiosamente seguido na colonização da América e da África. A única diferença é que à hipocrisia doutrinária se adicionou o roubo puro e simples da terra, espoliando seus legítimos donos. Sobre isso, quero citar só duas declarações, bem amargas, de líderes de povos colonizados:

- Chefe indígena Pontiac, nos Estados Unidos: "Eles vieram com uma Bíblia e sua religião… Roubaram nossa terra, esmagaram nosso espírito… e agora nos dizem que devemos ser agradecidos ao Senhor por sermos salvos."
- Jomo Kenyatta, primeiro presidente do Quênia após a independência: "Quando os missionários chegaram pela primeira vez na nossa terra, eles tinham as Bíblias e nós tínhamos a terra. Cinquenta anos depois, nós tínhamos as Bíblias e eles a terra."

Especificamente em relação à colonização dos Incas o crime foi tanto maior, visto esse povo ter sido o último na Terra ainda ligado à Luz. Roselis von Sass descreve magistralmente a história da vida desse povo extraordinário, e a criminosa conquista levada a efeito pelos espanhóis, em sua obra A Verdade Sobre os Incas. Gostaria apenas de acrescentar aqui três registros conservados da época da pilhagem espiritual e terrena do povo Inca. O primeiro é a interpelação feita aos Incas pelo pregador espanhol Avendaño: "Dizei-me agora, meu filhos, de todos esses homens que nasceram nesta terra antes que os espanhóis pregassem o santo Evangelho, quantos se salvaram? Quantos? Quantos foram para o céu? Nenhum! Quantos Incas foram para o inferno? Todos!" O segundo registro é a opinião do espanhol Cieza de Leon, que percorreu o Peru entre os anos de 1540 a 1550: "Deus quis que essas pessoas ouvissem o santo Evangelho e que seus templos fossem destruídos." O terceiro registro é a resposta de

um Inca sobre o conceito que eles tinham de Deus, mencionada pelo historiador Ivar Lissner: "Vós credes em um Deus que foi morto pelos homens por Ele criado, mas o meu Deus vive e está nos céus, contemplando as Suas criaturas."

Os Incas eram muito mais desenvolvidos espiritualmente do que seus obliterados colonizadores, assim como também o eram muitos silvícolas nos tempos das grandes descobertas marítimas. Mas, justamente por causa do retrocesso anímico em curso no mundo, essa situação não pôde ser reconhecida por quem detinha na época o poder da força. Os eruditos do tempo de Colombo, por exemplo, não conseguiram encontrar nenhuma justificativa bíblica para a existência de seres humanos habitando o Novo Mundo. Como estes não podiam ser encaixados na lista de descendente dos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé (cf. Gn10:1), e como não existia um quarto filho de Noé que servisse de fonte para uma quarta raça, concluíram que aquela gente não pertencia à raça humana... Essa sentença deu origem a um intenso debate na Europa entre os defensores e os detratores dos povos indígenas da América. Os últimos apresentaram argumentos convincentes para indicar que aquele povo de pele cor de cobre, que se expressava numa linguagem ininteligível, não possuía nenhuma alma, e por conseguinte não era merecedor da redenção de Cristo. Os ânimos só foram serenar em 1537, quando o papa Paulo III emitiu uma bula declarando que "os índios são verdadeiros seres humanos e capazes de compreender a fé católica".

Voltemos aos milagres de Jesus. Se a descrição da tempestade acalmada é factível, devido à atuação dos enteais, o mesmo não se pode dizer da estória da água transformada em vinho. Isso é um absurdo completo, simplesmente porque contraria as leis naturais. Água não pode se transformar em vinho e nem vinho se transformar em água. Vinho pode, no máximo, se transformar em vinagre, como efeito natural do processo de fermentação. E por que razão – caso fosse possível – Jesus transformaria água em vinho? Para que uma festa não perdesse seu brilho? Para que os anfitriões não ficassem mal com os convidados? Seus milagres verdadeiros sempre traziam *benefícios reais* àqueles assim agraciados, quase que invariavelmente seguidos da grave advertência: "Não tornes a pecar!" (cf. por exemplo Jo8:11). Nunca foram praticados com o intuito de proporcionar prazeres a este ou aquele. Se fosse possível ou desejado de outro modo, Jesus também teria seguramente transformado pedras em ouro e distribuído aos pobres. Quem inseriu esse relato de vinho transmutado nos evangelhos quis mostrar Jesus detendo os mesmos poderes do profeta Elias, que quando hospedado na casa de uma viúva teria mantido as botijas da casa milagrosamente sempre cheias de azeite, durante muitos dias (cf. 1Rs17:14-16).

A única coisa de proveito nessa estória é a exortação de Maria aos assistentes, referindo-se a Jesus: "Fazei tudo o que ele vos disser!" (Jo2:5). E de proveito apenas se tomarmos isso não em relação a um milagre inventado, mas em sentido amplo, referente ao cerne da Palavra de Jesus. Nela sempre encontraremos exortações à movimentação espiritual da criatura humana, e nunca indicações de prodígios místicos ou, também, do estabelecimento de algum culto dirigido à sua mãe. Uma tal devoção se opõe frontalmente às indicações da própria Maria, pois ela exortou os seres humanos a fazerem *"tudo o que ele vos disser",* e Jesus nunca disse nada nesse sentido, bem ao contrário aliás.

A História registra "milagres" com vinho (com muito mais propriedade aliás) nos templos de Dionísio, deidade grega do vinho e da embriaguez. Esse Dionísio grego, que transformava rotineiramente água em vinho, com óbvias intenções, era o mesmo Baco dos Romanos – o deus da alegria, da vida e da embriaguez dos sentidos… A prova de que os judeus da Palestina receberam influências desse culto foi a descoberta recente de um mosaico de Dionísio na cidade de Séforis, próxima de Nazaré. Na antiga Grécia havia, inclusive, cerimônias comemorando a agonia, morte e ressurreição do deus Dionísio… Esse Dionísio era mesmo um fenômeno. Afora seus milagres corriqueiros, não teve a menor dificuldade de libertar sua mãe do inferno levá-la consigo em triunfo para o céu.

Outras lendas de povos antigos também influenciaram, direta ou indiretamente, alguns autores bíblicos, ou mais precisamente seus "revisores", dando embasamento à concepção de uma ressurreição corpórea para Jesus. O Osíris egípcio – deus da fertilidade, o Hadad sírio-fenício – deus da tempestade, e o Tamuz babilônico (o Adônis grego) – deus da vegetação, igualmente "ressuscitavam" algum tempo depois da morte… Em seu livro bíblico, o profeta Ezequiel diz ter observado "mulheres sentadas, que choravam pelo deus Tamuz" (Ez8:14). Para os cananeus, Baal era morto numa luta com o deus Mot e depois também voltava à vida.

Em relação às narrativas da multiplicação milagrosa de alguns poucos pães e peixes, que teriam saciado a fome de cinco mil (cf. Mt14:15-21; Mc6:35-44; Lc9:12-17; Jo6:5-13) e posteriormente de mais quatro mil pessoas (cf. Mt15:32-38; Mc8:1-9), são exemplos típicos de interpretação exclusivamente terrena de um acontecimento de alcance espiritual. Os que ouviram falar desse acontecimento condensaram-no no estreito âmbito de sua compreensão intelectiva, adstrita à matéria. E alguém novamente quis mostrar aqui Jesus como muito superior aos taumaturgos do Antigo Testamento, neste caso o profeta Eliseu, que no seu tempo teria sido capaz de saciar "cem pessoas com vinte pães de cevada" (2Rs 4:42-44). Tanto o azeite e a farinha infindáveis de Elias (cf. 1Rs17:16), como os pães de cevada de Eliseu, seu sucessor, serviram de inspiração para esse milagre inventado do Mestre.

Há dois aspectos que chamam a atenção nos relatos evangélicos dessa pretensa multiplicação pani-piscosa. Em primeiro lugar, observa-se que o milagre ocorrido com a multidão dos quatro mil é uma repetição, quase idêntica, do ocorrido pouco antes com os cinco mil peregrinos que acompanhavam Jesus. No entanto, na segunda multiplicação, os discípulos demonstram desconhecer o processo para se alimentar a multidão: "Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?…" (Mt15:33; Mc8:4). Mas eles não tinham acabado de ver o que Jesus fizera em relação aos outros cinco mil? Por que uma pergunta coletiva assim tão tola? Quem percebe essa incoerência tem naturalmente de chegar à conclusão que deve ter havido apenas um único acontecimento desse tipo, e que o relato dos quatro mil não passa de uma inserção posterior feita no Evangelho de Marcos (transcrito posteriormente também no de Mateus), sendo, portanto, um relato de segunda mão sobre o mesmo evento. Os copistas "revisores" dos Evangelhos de Mateus e Marcos ficaram tão estupefatos com o milagre que repetiram a dose. O Evangelho de Lucas, o mais criterioso dos três sinóticos e também o mais tardio, conseguiu escapar dessa "revisão" e só menciona a primeira multiplicação de cinco mil pães.

Em segundo lugar, causa estranheza não haver registro nos Evangelhos sinóticos de um único comentário, entre os cinco mil presentes, a respeito de um milagre tão prodigioso. As narrativas dos milagres sempre findam com uma nota sobre o estupor dos presentes, o que não acontece no caso dessa incrível multiplicação de pães. Será que todas aquelas milhares de pessoas receberam de modo assim tão apático seus pães e peixes reproduzidos, sem nenhuma manifestação de pasmo ou júbilo, sequer de interesse? Ou será que os evangelistas não julgaram dignos de nota os eventuais comentários? Parece que o milagre mais espetacular de Jesus não causou maior comoção entre os circunstantes… Foi então um milagre que se contrapôs à própria etimologia do termo, pois a palavra "milagre" é oriunda do latim *miraculum*, de *mirare*, que significa "admirar-se", "espantar-se".

O que aconteceu na verdade? Jesus havia aludido naquela ocasião ao fluxo de Luz que perpassa a Criação, do qual os seres humanos recolhem somente uma parte, permitindo que muito caia descuidadamente no chão. E aquilo que eles deixavam cair como migalhas, era o bastante para saciar milhares, até milhões de criaturas humanas![9] Do sentido correto de *desperdício* existente no ensinamento original, sobrou apenas essa exortação atribuída a Jesus: "Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca" (Jo6:12).

Contudo, na divulgação dessa parábola, as pessoas deram forma real ao que haviam ouvido. Acreditaram no fato impossível de que Jesus havia saciado cinco mil criaturas no deserto, servindo-se de migalhas que haviam caído no chão. Com o tempo (e a imaginação), essas migalhas por ele mencionadas acabaram se moldando na imagem de pães sendo multiplicados, saídos de uma fabulosa cornucópia divina. Por fim, até peixes acabaram entrando nesse imenso convescote imaginário. É bom que se diga que o peixe era o símbolo dos primeiros cristãos, e são presença constante nas reelaborações de muitos textos do Novo Testamento.

Quem inseriu essa estória nos Evangelhos ainda se esforçou bastante para dar a ela um toque eucarístico, o que deveria confirmar sua veracidade. Compare-se especialmente o texto da ceia no Evangelho de Marcos (Mc14:22) com o da segunda multiplicação de pães (Mc8:6):

> *"Ele tomou o pão e, após ter dado graças, partiu-o e deu-o a eles."*
>
> *(Mc14:22)*

[9] Ver, a respeito, a obra Jesus, o Amor de Deus, publicada pela Editora Ordem do Graal na Terra.

"Depois, tomou os sete pães e, após ter dado graças, partiu-os e os deu a seus discípulos."

(Mc8:6)

Pães e peixes não podem ser "multiplicados", porque isso não tem nenhum respaldo nas leis naturais que regem a Criação de Deus. É algo absolutamente impraticável, impossível. Tão impossível como transformar pedra em pão (cf. Lc4:3). Serviria bem para um número de mágica de palco, mas não como um verdadeiro milagre praticado pelo Filho de Deus.

As multidões que ouviram Jesus falar se fartaram, sim, de alimento para o *espírito*, do *pão espiritual* que ele lhes dava a mancheias, pois as palavras dele eram verdadeiramente "espírito e vida" (Jo6:63). Jesus repartiu o pão da vida com seus ouvintes, sua Palavra. Jesus Cristo, a Palavra encarnada, era o próprio "pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo" (Jo6:33). Essa Palavra da Vida é a nutrição de que o *espírito humano* necessita para se manter vigoroso e sadio em seus caminhos de desenvolvimento, que lhe permite, por fim, suplantar todas as adversidades até poder conquistar a "coroa da vida" (Tg1:12), a vida eterna. A condição para essa conquista é estarmos "apegados firmemente à Palavra da Vida" (Fp2:16). Os espíritos humanos que o ouviram naquela oportunidade se saciaram, pois, com esse pão espiritual, que era a sua Palavra da Vida Eterna. O apóstolo João diz que ele e os outros discípulos ouviram, viram e tocaram a "Palavra da Vida" (cf. 1Jo1:1), que era o próprio Cristo Jesus encarnado na Terra.

Os erros propagados na transmissão deste e de outros acontecimentos relacionados à vida de Jesus se devem, pois, à interpretação restrita, ao pé da letra, de fenômenos de alcance espiritual. Contudo, é preciso tomar cuidado para também não se cair no extremo oposto, supondo que tudo quanto se relaciona a Cristo esteja carregado de simbolismos e verdades ocultas. Quem pende para esse outro lado começa igualmente a acreditar em coisas impossíveis, fantasiosas, descortinando aspectos fantásticos em meras cenas da passagem de Jesus pela Terra. Assim, o estábulo em que Jesus nasceu representaria "o corpo físico que abriga em seu interior os membros da família divina"; a singela manjedoura que lhe serviu de berço passa a ser "o corpo etéreo que distribui a força vital pelo corpo físico"; os carneiros e as vacas são "as emoções"; os pastores representam "os guias da humanidade"; os três reis magos simbolizam "os três aspectos da divindade", e por aí vai… Até o pobre do jumento que levou Jesus para dentro de Jerusalém é portador de insuspeitados simbolismos muares. Visto tratar-se de um quadrúpede domesticado, representa então "os quatro corpos inferiores do homem devidamente disciplinados"… Vê-se aí que quem se deixa engodar pelo misticismo, encobre a vista com os mesmíssimos antolhos impenetráveis de quem faz uso exclusivo do raciocínio nas interpretações das palavras de Jesus e dos acontecimentos relacionados à sua vida. É um pendor que já vem de longe, como o provam alguns textos gnósticos do início da nossa era.

O mero fato de os Evangelhos não fazerem nenhuma referência ao período da adolescência e juventude de Jesus, constituiu um fermento poderoso na massa de fantasias produzidas por cérebros místicos. Os evangelistas não têm nenhuma culpa disso, pois simplesmente seguiram a sequência típica de descrição dos grandes profetas do Antigo Testamento, narrando o nascimento, a fase adulta e o cumprimento propriamente da missão do protagonista e nada mais. Mas sempre de novo surgem as mais extravagantes concepções para explicar essa "lacuna" na história de Jesus, desde um casamento secreto com Maria Madalena até uma viagem iniciática à Índia… E, no entanto, não há nada, absolutamente nada de misterioso nessa fase da vida do Mestre, cujo silêncio bíblico parece tão exasperante para alguns. Anos antes de iniciar seu ministério Jesus manteve-se apartado dos seres humanos, preparando-se para sua missão. Só isso. Nunca frequentou um curso secreto para avatares numa escola hindu nem viajou até a Grã-Bretanha para tomar aulas com druidas celtas. O livro Jesus – o Amor de Deus (publicado pela editora Ordem do Graal na Terra) traz passagens desse período da vida de Jesus, o qual não apresenta nenhuma conotação mística ou segredos ocultos. Aliás, o próprio Jesus afirmou claramente: "Falei abertamente ao mundo, (…) *nada disse em segredo"* (Jo18:20). Não há nada de misterioso nessa época de sua vida, quando "Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens" (Lc2:52).

Mas, infelizmente, as pessoas gostam do que é misterioso, secreto. Apreciam o que é enigmático e depreciam o que é nítido, amam o confuso e rejeitam o claro. É um sinal tristemente significativo que a verdade singela sobre qualquer coisa praticamente não encontre mais eco nas almas humanas da época

atual, as quais só se interessam ainda por textos obscuros, por algarismos cabalísticos e "anagogias de mistagogos", na linguagem cifrada que tanto apreciam...

Se fizermos uma análise um pouco mais aprofundada, verificaremos que são bem variadas as razões que levam alguém a descolar da realidade e mergulhar de cabeça no lodaçal negro do ocultismo e do misticismo: curiosidade ante o desconhecido, insatisfação com alguma religião, prazer em aprender e experimentar coisas estranhas ou proibidas… Mas o que, na verdade, tal pessoa angaria para si com isso? Além da suposição de se ter tornado mais valiosa e elevada que as demais, e do risco de afundar de vez nas trevas… nada! Apenas sua vaidade terá saído incensada dessas práticas, de modo que faria muito melhor em "aplicar-se àquilo que lhe é acessível e não se ocupar com coisas misteriosas" (Eclo3:22). A palavra que em hebraico expressa vaidade é *hebel,* a qual possui um núcleo com o sentido de "neblina", "cerração", "névoa espessa". Uma pessoa envolta por vaidade parece mesmo estar dentro de uma neblina particular, que só lhe permite reconhecer e apreciar a si própria.

O ocultismo e o misticismo são invenções exclusivamente humanas. Não existe nada "oculto" na Criação. Tudo é claro e simples para a criatura que conhece as leis nela inseridas e que procura ajustar-se sabiamente a elas. É justamente isso que proclama o livro dos Provérbios, na voz da própria Sabedoria: "Sim, minha boca proclama a Verdade (...). São justas todas as palavras da minha boca (...). Todas são claras para quem sabe entender, e simples para quem encontrou o conhecimento" (Pv8:7-9). Jamais o Criador teria colocado algo em Sua obra límpida que necessitasse de contorcionismos anímicos para ser compreendido. É um sinal de falsa humildade quando o carimbo "imperscrutáveis caminhos de Deus" servem de explicação para qualquer assunto não compreendido. De nada adianta à criatura humana permanecer estagnada em sua ignorância e gritar com fervor ao Senhor: "Como são insondáveis os Seus juízos e impenetráveis os Seus caminhos!" (Rm11:33). Com isso, ela confessa que prefere permanecer estacionada em sua incompreensão ao invés de se movimentar interiormente para assimilar a Vontade do Senhor. É uma confissão de pura indolência espiritual! Quem age desse modo abafa sua intuição com qualquer "divino mistério" inventado, que só se torna um mistério real para quem não se movimenta espiritualmente.

O oculto e o místico foram criados pelo próprio ser humano, quando perdeu a capacidade de ver tudo com clareza, por ter deixado atrofiar suas asas espirituais. Ao fechar para si a visão clara que tinha dos acontecimentos fora da matéria, passou a considerar como oculto aquilo que não podia perceber com os órgãos sensoriais de seu corpo material. Seguramente não é nenhuma coincidência que as palavras misticismo e mistério derivem do verbo grego *musteion,* que significa fechar os olhos… E para desvendar o que para ele se tornara misteriosamente oculto, o autocego espiritual lançou mão justamente do raciocínio, extremamente hábil em ornar com as mais delirantes fantasias místicas aquilo que a ele, o raciocínio, permanecerá sempre vedado, por estar fora do espaço e do tempo da matéria mais grosseira.

Uma armadilha sem-par das trevas. Isso é que são o ocultismo e o misticismo. Pessoas que já trazem em si uma certa inclinação para essas coisas são atraídas por algo aparentemente luminoso e belo, que todavia não encerra nenhum valor. Quando depois chegam ao estágio de formar para si um mundo próprio, produto de sua fantasia e também da de outros, aí dificilmente conseguirão libertar-se a tempo de se salvarem espiritualmente. Não poderão mais emergir do cipoal de matéria fina que se formou em torno delas, gerado por configurações oriundas da fantasia continuamente alimentada, as quais prendem-nas firmemente naquele lugar de ilusão. Sucumbirão nesse seu mundo de sombras, capaz de mostrar ilusoriamente todo o possível e o impossível. Um mundo só de *faz-de-conta,* em tudo semelhante a uma cidade cenográfica, que só *aparenta* ser verdadeira com suas belas construções de fachada única, e onde o ator principal é o próprio idealizador e construtor do cenário. Não é sem razão que se fala de "fantasia mórbida" dos adultos, pois outro tipo nem existe. São esses fantasistas "os que andam na vaidade dos seus próprios pensamentos" (Ef4:17), "falseados pela sua imaginação perversa" (Eclo3:24).

No entanto, sem se dar a menor conta disso, milhões de pessoas são continuamente atraídas para essas duas arapucas esotéricas, qual mariposas volteando em torno de luminárias cintilantes. Essa massa mística apenas "consulta o seu pedaço de pau, e a sua vara lhe dá a resposta, porque o espírito de prostituição os engana, e eles prostituindo-se abandonam o seu Deus" (Os4:12).

Cabe ressaltar aqui que nenhuma dessas práticas místico-ocultistas se confunde com a verdadeira arte da astrologia. O que acontece é que neste campo não há uma única pessoa capacitada a exercê-la em plenitude, pois isso demandaria um conhecimento impossível de ser alcançado, pelo menos no atual

estágio de desenvolvimento humano. No entanto, reminiscências do saber perdido da arte régia da astrologia podem ser encontradas em textos antigos, sem cunho místico, onde o assunto é tratado de forma natural. Por exemplo: no livro de Ester está dito que o rei Xerxes fala aos "astrólogos" (cf. Est1:15 – Tradução Ecumênica da Bíblia). O termo "astrólogos" é uma tradução concisa, porém muito acertada, da expressão literal no original hebraico: *"sábios que conhecem os momentos favoráveis".* Realmente, um verdadeiro astrólogo seria um sábio capaz de conhecer os momentos favoráveis na atuação do carma de uma pessoa, isto é, as épocas em que as irradiações dos astros lhe são favoráveis.[10] Um processo que se efetiva não apenas individualmente, mas também em sentido amplo. O leitor já deve ter notado, por exemplo, como certos tipos de acidentes e tragédias parecem ocorrer em ondas, praticamente ao mesmo tempo no mundo inteiro. Trata-se das irradiações dos astros que liberam um tipo específico de efetivação cármica durante aquele período. Sobre a verdadeira arte da astrologia, o grande Paracelso dizia com propriedade: "Os astros inclinam, mas não obrigam."

Um novo astro, o Grande Cometa, que em breve se tornará visível, vai trazer por intermédio de suas irradiações os derradeiros efeitos do Juízo Final sobre a Terra, desencadeando profundas transformações em sua geologia e levando nosso planeta para uma outra órbita. Os primeiros efeitos mais fortes da influência desse cometa já se fizeram sentir nos últimos tempos. Dentro em breve toda a Terra estará envolvida por suas irradiações. Então a humanidade saberá que o amor divino é algo muito diferente do apregoado pelas religiões, que nele não existe nenhuma moleza e nenhuma fraqueza. O fato de todos os povos serem atingidos por esses efeitos, independentemente de suas crenças, também mostrará ao mundo que não é a fé aprendida que pode conceder alguma proteção à criatura humana, mas tão-somente o viver em consonância com a Vontade do Todo-Poderoso Criador. Feliz o ser humano que aprender essa lição ainda em tempo de se salvar.

Para grande surpresa dos pesquisadores céticos, entre os conceituados Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947 em Qumran, foram encontrados dois horóscopos completos. Anos antes, em 1928, a surpresa já fora bem grande por ocasião da descoberta de uma sinagoga do século VI, denominada Bet-Alfa, que ostentava um mosaico com os signos do zodíaco. E para quem achava que a astrologia há muito fora banida do mundo judeu, o já mencionado livro hebraico *Zohar* afirma que as configurações formadas pelas estrelas e planetas "revelam profundos mistérios"… É muito bom saber que nesses textos sobreviveu um razoável conceito sobre a importância da arte da astrologia. Por outro lado, não deixa de ser divertido constatar que os mais acérrimos críticos da astrologia – os empinados físicos teóricos da ciência – afirmam sem peias que o futuro pode ser previsto através de "branas de 12 dimensões" (seja lá o que for isso) que se desprendem de buracos negros intergalácticos…

Vejamos agora mais um milagre de Jesus: o relato do Mestre andando sobre as águas. Se isso for considerado como ele tendo andado sobre o mar em seu corpo terreno, então também é mera fantasia, porque um tal fenômeno não pode ocorrer aqui na Terra de matéria grosseira. Quando Pedro ingenuamente tentou fazê-lo, simplesmente afundou no mar (cf. Mt14:30). O que pode ter acontecido é os discípulos terem-no visto em seu corpo de *matéria fina,* por cima das águas do mar. Como esse corpo de matéria fina (alma) é de constituição diferente da matéria grosseira da Terra, ele não afunda na água grosso-material. É o mesmo processo que ocorre durante o sono, quando a alma se afasta do corpo físico para colher suas vivências no assim chamado "plano astral"[11].

Essa possibilidade é reforçada pela reação dos discípulos ao verem-no chegando em sua direção. Os relatos dos Evangelhos de Mateus e Marcos dizem que eles pensaram tratar-se de "um fantasma, e gritaram" (Mt14:26; Mc6:49), sem o que Jesus "teria passado por eles" (Mc6:48). No Evangelho de João

[10] Ao leitor que desejar conhecer o processo de efetivação do carma em relação às irradiações dos astros, indica-se a dissertação "O Ser Humano e Seu Livre-Arbítrio", no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin.

[11] Tratando-se de uma pessoa boa, a alma colhe experiências edificantes nesse mundo astral, enquanto seu corpo terreno dorme. São aqueles que "recebem durante o sono": "Deus dá aos Seus amados até durante o sono" (Sl127:2). Somente esse tipo de sonho deve merecer atenção: "Se eles [os sonhos] não foram enviados pelo Altíssimo, não lhes dês atenção" (Eclo34:6). Também sabemos pelo livro de Jó que "quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama, então [o Senhor] *lhes abre os ouvidos e lhes sela a Sua instrução"* (Jó33:15,16). A Moisés, o Senhor já havia prometido que, se entre o povo houvesse um profeta, Ele "se revelaria em visões e lhe falaria em sonhos" (cf. Nm12:6). O grande profeta Daniel é a confirmação dessa promessa, pois teve suas visões apocalípticas enquanto dormia (cf. Dn7:1). As ricas vivências de uma pessoa no mundo astral, enquanto dorme, nada têm a ver com as chamadas "viagens astrais conscientes", que são procedimentos forçados e antinaturais.

está registrado que ao avistarem-no eles ficaram "possuídos de temor" (Jo6:19), e em todos os relatos Jesus os tranquiliza, dizendo ser ele mesmo: "Sou eu. Não temais!" (Mt14:27; Mc6:50; Jo6:20). Os discípulos, portanto, não reconheceram de imediato o Mestre porque este não apareceu diante deles com seu corpo terreno, que lhes era bem familiar e que naquele momento repousava, mas sim com seu corpo de matéria fina. O corpo grosso-material terreno dele estava de fato adormecido naquela hora, pois Jesus "subira sozinho no monte quando a noite chegou" (cf. Mt14:23), e o relato afirma que ele caminhou sobre o mar em direção aos discípulos na "quarta vigília da noite" (Mt14:25), o que corresponde ao período das três às seis horas da manhã.

Essa explicação esclarece também o enigma de Jesus não ter sido reconhecido de imediato pelos que o conheciam tão bem, quando lhes apareceu alguns dias depois de seu corpo ter sido sepultado. Maria Madalena, por exemplo, "viu Jesus em pé, mas *não reconheceu* que era Jesus" (Jo20:14), e até supôs que ele era "o jardineiro" (Jo20:15). Os próprios discípulos do Mestre também não o reconheceram (cf. Jo21:4), e Mateus ainda sustenta que, quando o avistaram, os onze se prosternaram, porém alguns "tiveram dúvidas" (Mt28:17). Os dois discípulos a caminho da aldeia de Emaús, que conheceram muito bem Jesus em vida, tomaram-no por um estrangeiro, um simples peregrino na festa de Páscoa, apesar de caminharem ao lado dele e conversarem longamente (cf. Lc24:13-24). O Evangelho de Marcos acrescenta que "Jesus *apareceu* com um *aspecto diferente* a dois deles que iam a caminho do campo" (Mc16:12). Lucas, por sua vez, informa que Jesus *"apareceu* no meio dos apóstolos" (cf. Lc24:36), contudo "eles, *surpresos e atemorizados,* acreditavam estarem vendo um *espírito"* (Lc24:37).

Também chama a atenção o fato de Maria Madalena só ter reconhecido Jesus quando ele a chamou pelo nome (cf. Jo20:16). Sobre o relato dessa aparição de Jesus a Maria Madalena, o estudioso Bruno Maggioni observa com muita propriedade: "Todo o relato parece querer acentuar que Maria, apesar do sepulcro vazio e da presença dos anjos, pensa em tudo, menos na ressurreição. Reclusa na sua tristeza, continua a pensar em furto do cadáver." Realmente, Maria parece pensar assim desde o momento em que vê o sepulcro aberto e sai correndo para avisar Simão Pedro e um outro discípulo: "Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram" (Jo20:2), exclama ela.

O motivo de todas essas dificuldades é que Jesus apareceu diante de seus conhecidos em seu corpo de matéria fina, e não em seu corpo terreno, que havia sido destruído na cruz. Daí decorre também a explicação de Lucas, de que os olhos dos dois discípulos no caminho de Emaús estavam "como que impedidos de o reconhecer" (Lc24:16), e que quando finalmente "se lhes abriram os olhos e o reconheceram, ele *desapareceu* da presença deles" (Lc24:31). Foi por essa razão também que, depois de morto, Jesus pôde surgir de repente, por duas vezes, no local onde os discípulos estavam reunidos, apesar de em ambos os casos "as portas estarem trancadas" (Jo20:19,26).

O Jesus ressuscitado sempre "surge", "aparece" e "desaparece" instantaneamente, e nunca simplesmente chega, abre a porta, senta-se, levanta-se, sai e fecha a porta como todo mundo. Para quem reflete um pouco, suas múltiplas aparições em vários locais, e em curto espaço de tempo, já descartam qualquer suposição de uma ressurreição corpórea. Os relatos de visões sucessivas e consecutivas do Jesus ressuscitado em diversos lugares bem distantes entre si, da Galileia a Jerusalém, indicam que ele apareceu àquelas pessoas em seu corpo fino-material (alma), não sujeito às limitações *grosso-materiais* de espaço e tempo: "Durante muitos dias, ele foi visto por aqueles que o acompanharam desde a Galileia até Jerusalém" (At13:31).

Em obediência às leis instituídas por seu Pai na Criação, Jesus não pôde subir aos céus imediatamente após sua morte terrena, mas teve de aguardar ainda "quarenta dias" (cf. At1:3) até que os céus estivessem abertos para ele, isto é, até que se encontrasse sob uma bem determinada irradiação provinda do Alto. Suas aparições se deram justamente nesse período de espera de quarenta dias. Quando Maria Madalena, finalmente, reconheceu Jesus em seu corpo de matéria fina e o saudou alegremente, este lhe disse: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai" (Jo20:17). Jesus também não ascendeu para junto de seu Pai em corpo físico, pois, conforme o nome já diz, esse corpo físico é um invólucro que pertence à matéria da Terra, e nesse âmbito terá de permanecer para sempre. Se ele tivesse subido ao céu em carne e osso, então naturalmente também lhe teria sido possível vir de lá já portando um corpo terreno. Poderia ter obtido esse corpo no próprio céu e descido de lá em carne e osso, já como adulto, sem precisar antes "nascer de uma mulher" como todo mundo. Poderia ter simplesmente aparecido aqui na Terra num determinado instante, sem necessitar passar por todas as fases de um

nascimento terreno. Que assim não tenha ocorrido indica que Jesus teve de integrar-se às leis perfeitas de seu Pai, pois qualquer um que desça à Terra fica sujeito a essas leis imutáveis, com atuação precisa para a materialidade, o que demonstra justamente a perfeição delas. Por isso, "como os filhos [seres humanos] têm em comum a carne e o sangue, também Jesus participou da mesma condição" (Hb2:14).

Muitos autores já chegaram à conclusão de que a ressurreição de Jesus, da maneira como é entendida, não foi um evento histórico, mas sim uma interpretação de um acontecimento não inteiramente compreendido naquela época. Em sua obra *Auferstehung* (Ressurreição), o estudioso W. Marxen explica: "Em termos históricos, pode-se apenas asseverar que, depois da morte de Jesus, as pessoas afirmaram que lhes acontecera algo que elas descreveram como visão de Jesus, e a reflexão sobre essa experiência levou-as à interpretação de que Jesus ressuscitara." O teólogo R. Bultmann reforça essa conclusão: "O discurso da ressurreição de Jesus não se refere a um evento histórico, mas emprega, antes, uma concepção mítica." A pesquisadora Odete Mainville afirma que "na catequese mais primitiva, anunciava-se de um lado a ressurreição de Jesus e de outro o desaparecimento do corpo, sem necessariamente estabelecer vínculos de dependência entre os dois acontecimentos".[12]

O que é certo em tudo isso é que Jesus *apareceu* a muitos depois de sua morte, mas não que ressuscitou carnalmente: "Deus *concedeu-lhe que se tornasse visível*, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus" (At10:40, 41). Se Jesus tivesse mesmo ressuscitado em carne e osso, seu Pai não precisaria "ter-lhe concedido que se tornasse visível", pois qualquer um poderia tê-lo visto e reconhecido com a maior facilidade. Seria como na ressurreição de Lázaro, quando este retornou à vida no mesmo corpo e todo mundo logo viu que era ele mesmo. Lucas diz também que "depois da sua paixão, Jesus *mostrou-se vivo* aos apóstolos com numerosas provas" (At1:3). Claro que ele estava vivo, só que não mais com seu invólucro terreno, o corpo físico. Pedro diz que Cristo fora "morto na carne, mas vivificado no espírito" (1Pe3:18). Quando se diz que Cristo "ressuscitou" da morte, significa apenas que ele *ressurgiu* depois de morto, isto é, que *reapareceu*, que se mostrou visivelmente a muitos dos que o tinham conhecido. Só isso. Ele mesmo quis se mostrar a eles, para que acreditassem que estava vivo.

Sobre a passagem referente ao toque de Tomé no corpo de Jesus (cf. Jo20:27), deixo ao leitor a tarefa de ler o esclarecimento dado por Abdruschin no livro Respostas a Perguntas, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

Apenas como adendo, um Evangelho apócrifo diz o seguinte sobre o assunto: "Meu irmão, queria contar-lhe uma coisa maravilhosa: algumas vezes quando quero tocá-lo posso sentir um corpo material sólido, mas em outras ocasiões seu corpo torna-se imaterial, como se não existisse."

As evidências de aparições de Jesus após a morte, em corpo não terrenal, são tão gritantes, tão nítidas, e sobretudo tão perigosas para a antiga concepção de uma ressurreição física, que logo se deu um jeito de inserir no Evangelho uma fala sua segundo a qual ele estaria ali em "carne e osso" (cf. Lc24:39). Agora alguém me diga que razão teria ele para estabelecer uma refeição em sua memória (cf. 1Co11:24,25), se dali a poucos dias estaria novamente junto de seus discípulos em carne e osso... Isso nenhum crente vê nem quer ver, mas se apega de corpo e alma a esse acréscimo espúrio de "carne e osso". O mesmíssimo tipo de inserção posterior, portanto uma *falsificação*, reconhecida unanimemente como tal pelos pesquisadores, aparece em alguns manuscritos que trazem a Epístola aos Efésios, onde a menção ao "corpo de Cristo" – interpretada como sendo a Igreja – foi complementada com "da sua carne e dos seus ossos": "Porque somos membros do seu corpo, *da sua carne e dos seus ossos"* (Ef5:30).

Mas os partidários da ressurreição física não querem pensar nessas adulterações. O que eles querem enxergar a todo custo são as "provas" em contrário, fabricadas desde o início da era cristã. Por isso, alguém até colocou o Jesus ressuscitado na praia, assando tranquilamente um peixe na brasa, bem à vista de todos (cf. Jo21:4,7,9), e em duas ocasiões ainda o fez perguntar aos apóstolos se eles "não teriam ali alguma coisa para comer" (cf. Jo21:5; Lc24:41). Em João, os discípulos lhe dizem que não, e Jesus se mostra preocupado com o fato, mandando-os lançar a rede à direita do barco para encontrar peixes (cf. Jo21:6). Em Lucas, Jesus recebe como resposta à sua demanda por comida mais uma vez um peixe assado, o qual "ele comeu na presença deles" (cf. Lc24:42,43). Por fim, Pedro diz que depois da sua ressurreição dos mortos, "nós comemos e bebemos com ele" (At10:41).

[12] Ao leitor que desejar conhecer o destino dado ao corpo terreno de Jesus, indicam-se as obras Jesus, o Amor de Deus e Os Apóstolos de Jesus, publicadas pela Editora Ordem do Graal na Terra.

É singular que todos esses detalhes gastronômicos só apareçam depois de Jesus ter ressuscitado, como se uma de suas principais preocupações após a morte fosse encontrar alguma coisa para comer, e sempre na presença de testemunhas. Essa insistência em mostrar Jesus comendo peixe a toda hora é apenas a comprovação de inserções posteriores, feitas nesses textos muito tempo depois de sua redação, com o objetivo de combater algumas ideias emergentes já no início da Igreja cristã, segundo as quais Jesus não teria ressuscitado em carne e osso. Os primeiros cristãos, de fato, tinham como símbolo o peixe (não a cruz do Calvário), razão pela qual a imagem de Jesus assando e comendo peixes deveria comprovar a veracidade da estória. Essas alterações perpetradas nos Evangelhos assemelham-se à ação de um criminoso que deixa várias pistas falsas com o intuito de enganar os investigadores; contudo, quando essas pistas são muitas e sempre do mesmo tipo, acabam testemunhando contra o próprio criminoso.

A relação do Cristianismo primitivo com o simbolismo do peixe é fácil de entender. Os apóstolos Pedro e José eram pescadores, e quando Jesus os encontrou pela primeira vez convocou-os a se tornarem "pescadores de homens" (Mc1:17). Segundo Lucas, isso aconteceu logo após uma pesca prodigiosa, por interferência de Jesus (cf. Lc5:1-10). Além disso, a palavra peixe em grego se escreve "ICTHUS", cujas letras formavam um acróstico para o reconhecimento de Jesus como Salvador e Filho de Deus: ***I****esous* ***C****hristos* ***Th****eous* ***U****ios* ***S****oter* – "Jesus Cristo, de Deus Filho, Salvador". Daí a utilização do peixe como emblema pelos primeiros cristãos, que o desenhavam nas catacumbas onde se reuniam em segredo. A imagem de Jesus dizendo aos discípulos para lançar uma rede, a qual volta abarrotada de peixes – "não conseguiam puxá-la para fora, por causa da quantidade de peixes" (Jo21:6) – foi interpretada pelos posteriores cristãos como um sinal do rápido crescimento da Igreja...

Para encerrar, o vocativo usado pelo Jesus ressuscitado na praia ao se dirigir aos discípulos – "Filhinhos", quando lhes pede algo para comer (cf. Jo21:4), não faz parte do vocabulário usual do Mestre, mas é peça recorrente na Primeira Epístola de João (cf. 1Jo2:1,12,18,28;3:7,18;4:4;5:21), um dos escritos mais tardios do Novo Testamento. Supõe-se que essa epístola tenha sido produzida por volta de 110 d.C., visto trazer muitas semelhanças com as cartas de Inácio e Policarpo, da mesma época.

Todas essas inserções caricatas nos Evangelhos canônicos tiveram como único objetivo legitimar a concepção teológica antinatural de uma ressurreição física do Filho de Deus, seguida de uma ascensão corpórea ao reino dos céus. Essas falas falaciosas não passam de invenções, simplesmente porque Jesus jamais disse nem fez semelhantes absurdos, que contradizem todas as leis naturais inseridas na Criação por seu Pai, e que também estariam em franca oposição com os ensinamentos ministrados posteriormente pelo seu apóstolo Paulo:

- "Nós nada trouxemos para o mundo, *e dele nada podemos levar"* (1Tm6:7);
- "Há corpos *celestes* e há corpos *terrestres*. (…) O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu" (1Co15:40,47);
- "Semeia-se corpo natural, *ressuscita corpo espiritual*. Se há corpo natural, *há também corpo espiritual"* (1Co15:44);
- "Assim como *trouxemos* a imagem do *homem da terra,* assim *levaremos* também a imagem do *homem celeste"* (1Co15:49).

A Redenção pela Palavra

> *"Rejeitai toda impureza e todos os excessos do mal, mas recebei com mansidão a Palavra que em vós foi implantada, e que é capaz de vos salvar."*
>
> *(Tg1:21)*

Um dos mais nítidos sintomas do paulatino predomínio do raciocínio nas doutrinas cristãs foi o início do enaltecimento da personalidade terrena de Jesus e eventos relacionados à sua vida (verdadeiros ou não), em detrimento de sua Palavra. O Cristianismo foi se afastando cada vez mais da conduta dos primeiros cristãos, que "no início se tornaram ministros da Palavra" (Lc1:2). A sagrada Palavra de Jesus foi sendo esquecida paulatinamente, soterrada por um culto meramente pessoal que ele jamais quisera. Pouco a pouco a Palavra viva foi sendo envolta numa nódoa de mentira, a princípio tênue, mas que se

espessou nos séculos seguintes a ponto de não deixar mais reconhecível os verdadeiros ensinamentos do Filho de Deus.

Do século IV ao VI discutiu-se acirradamente a "natureza de Cristo" ao longo de quatro concílios. Durante todo esse tempo não chegou à mente de nenhum dos ilustres debatedores cristãos a ideia de que se essa questão tivesse a mínima importância para a salvação da alma, Jesus certamente a teria esclarecido com todos os detalhes. Conforme ele fez, por exemplo, na sua explicação sobre os vários planos da Criação: "Na Casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim eu vo-lo teria dito" (Jo14:2). Mas a nenhum daqueles eminentes teólogos chegou esse pensamento tão simples. Nem a eles e nem aos que lhe sucederam, que durante outros tantos séculos ficaram especulando sobre o que teria movido Deus-Pai a criar o Universo… Seria esperar demais de todos esses que sempre se ocuparam de modo estritamente intelectivo com a doutrina professada por Jesus e cuidaram de deslustrar sua Mensagem. Os fiéis de hoje, leigos ou não, se esmeram em entoar hosanas à figura terrena de Jesus de Nazaré, a revestir com palmas os relatos de sua vida, para logo em seguida crucificar dentro de si sua Palavra Salvadora.

Ao longo da Idade Média a devoção à pessoa de Jesus – não a obediência à sua Palavra – cresceu desmesuradamente, ao mesmo tempo em que aumentava na mesma proporção o culto a Maria e aos santos, desencadeando-se ainda um entusiasmo frenético por lugares sagrados. Onde havia escassez de lugares sacros, construía-se um, surgindo então as imponentes catedrais, a maior parte delas dedicadas à Virgem Maria e objeto de acirrada rivalidade entre as cidades da Europa, para ver qual delas edificava a mais suntuosa. Vem também dessa época lúgubre as imagens do Cristo crucificado e a ênfase nas suas chagas e em seu sangue.

Também é desse tempo sinistro da Idade Média a crença de que o moribundo que morresse sem confessar os pecados perderia seu lugar no Paraíso… O recurso aos santos, que por terem amealhado em vida um grande patrimônio de boas obras podiam ceder parte delas a um pobre mortal mediante orações, vem igualmente desse obscuro período da história, tendo sido aprovado no Concílio de Trento. Os santos medievais, inclusive, eram muito mais poderosos que os de hoje, detendo até a prerrogativa de *causar* doenças ao invés de curá-las, caso ficassem descontentes com seus devotos… Pululavam relatos de vinganças que santos ultrajados eram capazes de exercer sobre os amedrontados fiéis. Nos últimos séculos da Idade Média registravam-se bem umas quarenta doenças diretamente relacionadas a santos.

Realmente, até a chegada da nossa era, nenhuma outra época da história humana mereceu tão apropriadamente o título de Idade das Trevas como a Idade Média. A escritora Karen Armstrong diz que nessa época "as pessoas pareciam concentrar-se em qualquer coisa, *menos* em Deus."

Todos esses fatos grotescos, porém, foram uma decorrência natural da crescente supremacia do raciocínio sobre o espírito, pois por sua própria constituição aquele só pode encontrar justificativas e explicações em coisas materiais, terrenas, já que ele próprio é um produto da matéria. O que se acha acima da matéria ele descarta, ou então substitui por configurações de fantasia criadas por ele mesmo. E assim aconteceu que ao longo dos séculos os cristãos foram deixando de lado a Palavra salvadora trazida por Jesus, porque lhes parecia irrelevante, sem importância em face dos aspectos terrenos de sua vida, sistematicamente enaltecidos e invariavelmente desvirtuados pelo clero. Deixaram de lado o mais precioso, menosprezaram o maior tesouro que essa Terra já conheceu e saíram à cata de lantejoulas sem valor.

A fé cristã foi construída em cima da pessoa de Cristo. Contudo, Jesus jamais deu qualquer indicação de que desejava um culto pessoal de si mesmo. Nunca. Muito pelo contrário. Mais de uma vez rejeitou o que era de pessoal em relação a si, sempre indicando para o Pai: viera em nome do Pai (cf. Jo5:43), falava do que vira junto ao Pai (cf. Jo1:18; 8:38), recebia ordens do Pai (cf. Jo10:18; 14:31; 15:10), transmitia a Palavra e o ensinamento do Pai (cf. Jo3:34; 8:28; 12:49,50; 14:24; 17:8,14), realizava as obras do Pai (cf. Jo5:36). Sua doutrina se resumia em fazer a Vontade do Pai. Só no Evangelho de João, Jesus se refere ao Pai mais de uma centena de vezes. Apesar de não ter convivido com o Mestre, o apóstolo Paulo deu mostras de conhecer muito bem seu modo de atuação, pois nunca se preocupou em narrar detalhes da vida pessoal dele em suas epístolas.

Jesus foi a Palavra de Deus encarnada na Terra. Se alguém alimentasse seu espírito com essa Palavra, isto é, se a assimilasse em seu íntimo, passaria então a viver de *maneira certa* na Criação, e assim acabaria também por alcançar um dia o Paraíso, onde lhe estaria reservado seu galardão, a coroa

da vida eterna. Os que assim agiam, e também os poucos que ainda procuram agir dessa maneira hoje, são os "regenerados de semente incorruptível mediante a Palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1Pe1:23).

Em diversas ocasiões Jesus procurou transmitir aos homens essa imagem da Palavra, que era ele próprio, como sendo um alimento espiritual, o pão da vida eterna, mostrando com isso a necessidade absoluta de que eles se alimentassem dela. Vejamos algumas dessas passagens:

> *"Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. Então lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome, e o que crê em mim jamais terá sede."*
>
> *(Jo6:32-35)*

> *"Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer viverá eternamente, e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne."*
>
> *(Jo6:48-51)*

Jesus mostra aqui a diferença entre o maná que alimentou os israelitas no Êxodo (Ex16:15) e o verdadeiro pão da vida, que era ele mesmo. Um alimenta o corpo, o outro o espírito. Jesus, a Palavra encarnada, era o verdadeiro pão vindo do céu:

> *"Eu sou o pão que desceu do céu."*
>
> *(Jo6:41)*

Quem se alimenta desse pão da vida, a Palavra de Jesus, jamais morrerá, porque o espírito alcançará a vida eterna. O trecho a seguir reforça o sentido:

> *"Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram, e contudo morreram; quem comer este pão viverá eternamente."*
>
> *(Jo6:57,58)*

Jesus também podia afirmar que a Palavra que trazia era sua carne e seu sangue, porque ele próprio era a Palavra encarnada, conforme já reconhecera acertadamente no século II o filósofo cristão Justino de Cesareia. É esse também o sentido da expressão:

> *"Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, permanece em mim e eu nele."*
>
> *(Jo6:56)*

Permanecer em Cristo é agir da mesma maneira que ele agiu: "Aquele que diz que permanece nele, deve também andar como ele andou" (1Jo2:6). A palavra "comer" utilizada pelo evangelista João tem em grego o sentido literal de *mastigar,* indicando aí a necessidade de se "ruminar" realmente a Palavra, de degluti-la integralmente, e não acaso de apenas ouvi-la e considerá-la bela. Para os judeus daquele tempo, a imagem de algo sendo engolido significava exatamente a necessidade de total assimilação, tal como aparece no Apocalipse (cf. Ap10:9) e na narrativa que Ezequiel faz da sua visão: "Abri então a boca e ele me deu o manuscrito a comer. E disse-me: 'Alimenta-te e sacia-se com este manuscrito que agora te dou'" (Ez3:2,3). De nada adianta ao ser humano *saber* da Palavra se em tudo não agir de acordo, se não fizer uso dela como alimento para todo o ser. Com tal proceder ele não saciará sua fome espiritual.

Além do pão, Jesus também utilizou a água como metáfora para a necessidade de os seres humanos assimilarem a Palavra e viverem de acordo com ela. Quando inquirido pela mulher samaritana se ele era "maior que o pai Jacó que lhes dera o poço" (Jo4:12), Jesus respondeu:

> *"Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede para sempre, pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna."*
>
> *(Jo4:13,14)*

Jesus repete a analogia da água na passagem abaixo:

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva."

(Jo7:37,38)

No seu incansável esforço de fazer os homens entenderem que o cumprimento da Palavra que trazia era a única possibilidade de salvação para eles, Jesus ainda fez uso de outros paralelismos:

"Eu sou a Luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário, terá a Luz da vida."

(Jo8:12)

"Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo."

(Jo10:9)

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá, e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. (...) Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim."[13]

(Jo11:25,26;14:6)

Unicamente pela observância irrestrita da Palavra, pelo seu cumprimento, o ser humano pode conseguir sua salvação. Somente este *entra* de fato pela porta *Jesus*, a Palavra viva, e por conseguinte *segue* Jesus com o coração. E somente aquele que o segue pode "nascer de novo" (Jo3:7), e com isso "passar da morte para a vida" (Jo5:24). A Palavra é o Caminho, é a Verdade, é a Vida. A Palavra ***é***. Só a assimilação da Palavra de Deus pode mudar o íntimo do ser humano, seu coração. Assim se cumpre a promessa do profeta Ezequiel, de que o Senhor nos daria um coração novo e colocaria em nós um espírito novo (cf. Ez36:26). Ficaremos assim libertados do antigo "coração de pedra" (Ez11:19), tão pesado, que havíamos moldado para nós mesmos, e que nos faria afundar espiritualmente por efeito da Lei da Gravidade.

É também nesse sentido, de um renascimento espiritual, que o apóstolo Paulo exortou os Efésios a "se despojarem do velho homem e se revestirem do novo homem, criado segundo Deus em justiça e retidão, procedentes da Verdade" (Ef4:22,24), algo que os Colossenses também já vinham fazendo: "Não mintais uns aos outros, pois já vos despojastes do homem velho e da sua maneira de agir e vos revestistes do homem novo" (Cl3:9,10). Essa mudança, porém, tem de ser total, nada podendo permanecer do velho, do errado, conforme Jesus já indicara claramente nessas outras analogias:

"Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho, porque o remendo tira parte do vestido e fica maior a rotura. Nem se põe vinho novo em odres velhos, do contrário rompem-se os odres, derrama-se o vinho e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam."

(Mt9:16,17)

O "pano novo" encolheria e repuxaria a roupa, aumentando o rasgão. O "vinho novo" daquela época era suco fresco de uva; à medida que começava a fermentar, os odres novos (feitos de peles) esticar-se-iam sem se romper, ao passo que os odres velhos se romperiam devido à perda da elasticidade do couro. Jesus quer dizer aqui que essa renovação do espírito humano não pode conservar nada da errônea vida antiga de até então, do contrário advém o desastre. Não pode ser uma nova vida remendada ou um arremedo de vida nova, mas sim tem de ser uma vida realmente *inédita*, moldada de acordo com a Palavra da Vida, totalmente livre de conceitos antigos.

Em suas epístolas, o apóstolo Paulo também dá mostras, reiteradas vezes, da importância da Palavra da Salvação, que segundo ele tem "o poder de edificar" (At20:32). Nenhuma das comunidades cristãs e nenhum dos companheiros com que ele se correspondia ficou sem saber da importância da

[13] Ao leitor que desejar se aprofundar no sentido dessas palavras de Cristo, indica-se a dissertação "Eu Sou a Ressurreição e a Vida; Ninguém Chega ao Pai, a Não Ser Por Mim!", contida no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin.

Palavra. Assim, os Romanos ouviram que o Senhor "cumpriria Sua Palavra sobre a Terra" (Rm9:28), a qual "estava perto deles" (Rm10:8); os Coríntios souberam que a "Palavra da Verdade era poder de Deus" (1Co1:18, 2Co6:7); os Gálatas foram "instruídos na Palavra" (Gl6:6); os Efésios, "tendo ouvido a Palavra da Verdade" (Ef1:13) foram instados a "tomar a Palavra de Deus como capacete de salvação" (Ef6:17); os Filipenses foram convidados a "preservar a Palavra da Vida" (Fp2:16); os Colossenses deveriam ter "a Palavra habitando ricamente neles" (Cl3:16); os Tessalonicenses "receberam a Palavra"(1Ts1:6), a qual "operava eficazmente neles" (1Ts2:13). Timóteo soube que "a Palavra é fiel e digna de inteira aceitação" (1Tm4:9), e foi chamado a "apresentar-se diante de Deus como obreiro, que maneja bem a Palavra da Verdade" (2Tm2:15); Tito foi informado que os presbíteros deveriam ser "apegados à Palavra fiel" (Tt1:9). Por fim, os Hebreus ficaram cientes de que "a Palavra de Deus é viva e eficaz" (Hb4:12), tendo "formado o Universo" (Hb11:3).

Em outras partes do Novo Testamento, a importância da Palavra viva se repete. O grande Tiago nos diz em sua epístola que "fomos gerados pela Palavra da Verdade" (Tg1:18). Nas suas cartas, João adverte que se não reconhecemos nossos pecados, isso é sinal de que "a Palavra não está em nós" (1Jo1:10), ao passo que "naquele que guarda a Palavra, o Amor de Deus é plenamente realizado" (1Jo2:5). O livro do Apocalipse afirma que aquele que guarda a Palavra será do mesmo modo guardado na "hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro" (Ap3:10). Por fim, quando Jesus afirma que "quem não é por mim é contra mim" (Mt12:30), está dizendo que quem não aceitasse a Palavra enviada por Deus (que era ele próprio) e redirecionasse sua vida por ela, estaria se colocando como inimigo dessa Palavra Sagrada, e a si mesmo se condenaria. Vê-se aí que não há neutralidade possível, não há espaço para mornidão nem hesitação. Em relação à Palavra, temos de tomar tudo ou nada!…

No Antigo Testamento, o louvor à Palavra de Deus é presença permanente, como nesse exemplo: "A Tua Palavra, Senhor, é eterna, estável como o céu" (Sl119:89). Quero evocar apenas mais uma frase, belíssima, extraída desse mesmo capítulo do Saltério: "Tua Palavra é lâmpada para os meus pés e Luz para o meu caminho" (Sl119:105).

Nosso Senhor Jesus Cristo esforçou-se de tal modo em incutir nos homens a necessidade absoluta de viverem estritamente segundo sua Palavra Sagrada, deu tantos exemplos nesse sentido, mas tantos, que seu empenho deveria ter se constituído num antídoto eficaz contra o veneno mortífero destilado pelas ulteriores interpretações de sua obra de redenção, segundo a qual seu assassínio teria sido um acontecimento desejado pelo Alto. Quando foi que ele mencionou semelhante disparate? Onde se encontra nos Evangelhos uma única frase sua afirmando ter vindo "expiar os pecados da humanidade"?… Ele nunca falou nada disso, nunca! Muito menos que uma tal coisa pudesse dar-se através do seu assassinato na cruz.

Conforme visto no primeiro volume deste livro, uma parcela do povo judeu era, naquela época, a mais adiantada espiritualmente, razão pela qual Jesus encarnou em seu meio. Como, então, a morte traiçoeira de Jesus pelas mãos daquele povo poderia salvar quem quer que fosse? Como o assassinato do Portador da Palavra Viva, perpetrado justamente pelos que não quiseram acolher essa Palavra no coração, poderia se tornar uma fonte de redenção, um "ato salvífico" para toda a humanidade?

Os primeiros teólogos da Igreja se debruçaram sobre essa questão, tentando encontrar uma solução que aplacasse o mal-estar natural contra uma concepção assim tão repulsiva, de que a morte do Filho de Deus fora um evento previsto, encontrando-se dentro dos desígnios divinos para salvação da humanidade. Se tivessem dado mais atenção à voz de sua intuição, teriam simplesmente jogado no lixo essa bobagem, sem maiores preocupações.

Mas o raciocínio não lhes deu descanso, e daí surgiram múltiplas tentativas de explicação para o enigma. O bispo Irineu, do século II, sustentava que o Criador havia remido seu povo por pagar a Satanás pelo seu livramento. Um século depois, Orígenes tentou aperfeiçoar as ideias de Irineu e se ateve ao trecho do Evangelho de Marcos onde está dito que Jesus "veio para dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc10:45). Intrigado com esse resgate, questionou-se: "A quem ele terá dado a vida em 'resgate de muitos'? A Deus não pode ter sido. Não terá sido, então, ao Maligno? Sim, pois este último nos prendeu até lhe ser pago o resgate por nós, através de Cristo." Orígenes chegou à conclusão de que Satanás acabou sendo enganado nessa negociação, pois aceitou o resgate sem perceber que não seria capaz de manter o domínio sobre a divindade de Cristo, de modo que as almas de todos os seres humanos, inclusive as dos que já estavam no inferno, também teriam sido libertadas pela morte de Jesus.

Essa primeira tentativa de explicação (bastante pueril, diga-se), sobreviveu na Igreja por onze séculos. O teólogo John Hick ilustra o fato: "Os escritores e pregadores cristãos geralmente aceitavam a ideia de que a raça humana caíra, pelo pecado, na jurisdição do diabo, e que a cruz de Cristo fora parte de uma barganha com o diabo para resgatar-nos." Uma barganha na qual o diabo teria levado uma senhora rasteira… O Padre da Igreja Gregório de Nissa (335 – 394) expressou a teoria do resgate nos seguintes termos em seu Grande Catecismo: "Deus pesca a humanidade usando a humanidade de Cristo na cruz como isca."

No século XI, o abade beneditino Anselmo (1033 – 1109) achava meio difícil que o diabo tivesse quaisquer direitos legais válidos em relação ao Criador, e por isso apresentou a sua "teoria da satisfação" para explicar a morte necessária de Cristo. Segundo essa ideia, a desobediência para com o Criador implicava uma desconsideração da honra e dignidade divinas, exigindo em contrapartida uma penitência ou doação a título de compensação. John Hick explica novamente no que consistiu essa teoria: "Como Deus é o Senhor de todo o Universo, a satisfação adequada para uma desconsideração da honra divina não pode ser efetivada, a não ser que o preço pago a Deus pelo pecado do homem seja algo maior do que todo o Universo. Em consequência, a morte voluntária de Cristo na cruz constituiu uma satisfação plena pelos pecados do mundo." Essa teoria da satisfação de Anselmo também ficou conhecida como "teoria comercial", porque fazia do sacrifício de Cristo uma transação para satisfazer a honra aviltada de seu Pai.

Como se vê, a teoria de Anselmo continuou no mesmo campo do absurdo, do qual já brotara a primeira concepção, a da permuta com o demo. Isso foi uma decorrência direta da sua conceituação, partilhada atualmente por muitos crentes, segundo a qual o Criador é "o maior Ser concebível". Essa ideia é falsa, porque Deus não pode ser concebido por nenhuma criatura, muito menos por um ser humano. Qualquer filosofia baseada nessa premissa tem de conduzir a erros, como aconteceu com a teoria de Anselmo.

E é nesse terreno de erros que vicejam ainda hoje as imaginações redentoras de todos os cristãos, que continuam acreditando piamente que a culpa da humanidade, recebida por herança de Adão e Eva, tenha sido remida com um sacrifício mortal e voluntário do Filho unigênito do Criador do Universo. Essa concepção incoerente é a que permanece em vigor nos dias de hoje, com o nome de "conceito penal-substitutivo".[14]

Segundo esse conceito, com sua morte voluntária Jesus cumpriu o antigo preceito judaico, constante no livro de Levítico, do "bode enviado ao deserto como rito de expiação" (cf. Lv16:7-10,21,22). Desse modo, ele teria sido literalmente o "bode expiatório" dos pecados da humanidade… É impossível encontrar um adjetivo adequado para qualificar razoavelmente uma estultice desse grau. Se os partidários dessa concepção tivessem uma pálida ideia do papel que desempenham com isso, desejariam sumir para os confins de todos os mundos. Nenhum deles ousaria sequer pronunciar novamente o nome de Jesus, tamanha sua vergonha.

Aliás, os dez primeiros capítulos desse livro de Levítico, integralmente moldados pela tradição sacerdotal[15], parecem mais um detalhado manual de bruxaria do que qualquer outra coisa. Se não estivessem na Bíblia seriam seguramente condenados na Inquisição, tostados juntamente com seus leitores e leitoras, em cumprimento da ordem: "Não deixarás com vida uma feiticeira" (Ex22:17). Só o que se vê ali são receitas de sacrifícios e holocaustos, para se conseguir o perdão dos pecados através do sangue de animais imolados. Animais que deviam ser queimados num altar de sacrifícios, para produzirem um "perfume aplacador ao Senhor"… (cf. Lv1:9,13,17;3:5;4:31; etc.). Uma variante criminosa de antigos cultos pagãos, onde se acreditava que a fragrância da queima de incenso subia até a divindade cultuada.

---

[14] A respeito do pecado hereditário propriamente dito, ver a dissertação "Pecado Hereditário", e sobre o conceito penal-substitutivo, ver a dissertação "Lançai Sobre Ele Toda a Culpa", ambas no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin.

[15] Existem três tradições ou influências que deram forma aos livros do Pentateuco: a "javista", reconhecida nos trechos onde o Senhor é chamado unicamente de Yahweh, no estilo algo descompromissado originário de Judá; a "eloísta", que chama o Senhor apenas de Elohim, no tom sóbrio e severo oriundo de Israel, procurando sempre manter uma distância entre o ser humano e o Criador; e a "sacerdotal", que se interessa sobretudo pela organização do santuário e pelos sacrifícios e festas de Israel, atribuições da classe dos "levitas", nome que deu origem ao título "Levítico" para o terceiro livro da série. É mesmo um verdadeiro *mosaico*, na acepção do termo.

É incrível que tenha havido (ou que ainda haja) alguém capaz de acreditar que o Todo-Poderoso Criador se alegraria com o assassinato de animais inocentes, e que isso ainda poderia servir para obter o perdão dos pecados. Esses sacrifícios praticados pelo povo eleito não se diferençavam em nada dos exercidos por seus vizinhos pagãos de Canaã. Até mesmo os termos usados para os diferentes tipos de sacrifícios eram iguais aos dos povos idólatras que circundavam Israel. A Bíblia de Jerusalém diz que certas disposições do Deuteronômio e do Código da Aliança do Êxodo se reencontram, "com estranha semelhança", nos códigos hitita, mesopotâmico, e na coleção de leis assírias… É de se perguntar quantos sacerdotes idólatras, assassinos de animais, daquela época remota, não terão reencarnado em povos degenerados dos tempos posteriores, para repetir suas abominações em novos cultos sangrentos, como os dos Astecas e tantos outros da mesma espécie. Quero transcrever aqui uma passagem do livro apócrifo de Enoch em sua versão eslava, capítulo 58:

> *"Não haverá neste mundo julgamento de toda alma viva, mas somente do homem. Mas para as almas dos animais há um lugar e uma mansão no grande eão. Porque não ficará aprisionada até o Grande Julgamento a alma de nenhum animal criado pelo Senhor, e todas as almas acusarão o homem... Todo aquele que manchar a alma do animal, todo aquele que alimentar mal a alma do animal, manchará a sua própria alma."*

A Bíblia mostra que foi preciso esperar pela chegada de profetas do calibre de Jeremias, Isaías, Amós e Oséias para que os crimes contra os animais começassem a ser postos de lado entre o povo eleito: "Não falei a vossos pais e nada lhes prescrevi a respeito de holocaustos e sacrifícios, no dia em que os fiz sair do Egito" (Jr7:22); "De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? diz o Senhor. Os holocaustos de carneiros, a gordura dos bezerros, estou farto deles. Não aguento mais crimes e festas" (Is1:11,13); "Se me ofereceis holocaustos e oblações, não os aceito, nem ponho os Meus olhos nos sacrifícios das vossas vítimas" (Am5:22); "Eu [o Senhor] quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus e não holocaustos" (Os6:6).

Agora, uma pergunta: Como, depois dessas denúncias tão incisivas contra sacrifícios de qualquer espécie, alguém ainda pode supor que o Senhor tenha enviado Seu próprio Filho Jesus como "cordeiro pascal" para a humanidade, a fim de ser por ela imolado como "holocausto expiatório" sobre o imenso altar dos seus pecados? Como pode alguém que não tenha um coração de pedra acreditar nisso? Como é possível ter brotado na cristandade semelhante concepção?…

A suposição de que Jesus tenha vindo à Terra com a estranhíssima missão de ser assassinado por criaturas humanas transviadas é tão extravagante, tão incongruente, tão incrivelmente presunçosa e tola, que tem de trazer algum desconforto interior a qualquer um cujo espírito não esteja totalmente soterrado por entulhos dogmáticos. Inquieto, o ser humano de espírito vivo ouve a voz da sua intuição e reflete: "Se a morte de Jesus, por si só, salva os crentes, então ele não precisaria ter deixado nenhum ensinamento adicional aos seus ouvintes. Não precisaria ter insistido tanto com eles sobre a maneira correta de viver. Não faria nenhuma diferença ser ou não ser ímpio, desde que se tenha fé na sua morte redentora... Mas e se ele não tivesse morrido na cruz?... E se a sua morte tivesse ocorrido de maneira diferente, não violenta? Significaria então que sua extensa doutrina seria destituída de valor, visto que ninguém pode alcançar por si mesmo a salvação?... Se eu não posso alcançar a salvação pelas minhas próprias mãos, então não poderia tampouco ser condenado por meus pecados... Nesse caso, por que Jesus veio pagá-los para mim?"

Este é um tipo de inquietação espiritual a bem-dizer sadio, muito bem-vindo mesmo, porque tal desassossego íntimo pode se converter numa preciosa boia de salvação para o cristão cujo espírito ainda é capaz de movimentar-se e de se fazer valer. Contudo, caso a pessoa sufoque sua admoestadora voz interior, então ela mesma joga fora essa boia de salvação e submerge com as demais, as quais já há muito se desfizeram de suas boias no mar revolto das doutrinas desfiguradas por mãos humanas. Os cristãos que se empenham em livrar-se de suas próprias boias de salvação, e os que já conseguiram (ou que nunca dispuseram de uma), procuram justificar a concepção do sofrimento necessário e da morte indispensável de Jesus com algumas passagens escolhidas do Antigo e do Novo Testamento.

No Antigo Testamento, a preferida para essa finalidade é o capítulo 53 do livro de Isaías. Nos versículos 4 e 5 deste livro consta que um certo "ele" (sem menção do nome) sofreria por culpa de outrem, como se tal coisa fosse possível e até desejada pelo Alto. Essa figura é conhecida como *servo sofredor*. Diz o texto: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; (…)

foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." O versículo 10 desse mesmo capítulo ainda ratificaria essa situação de sacrifício desejado: "Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar."

Não é impressionante? Se esse "ele" for realmente Jesus, então as Escrituras afirmam categoricamente que ao Seu onipotente Pai, o Todo-Poderoso Criador, Fonte da Justiça perfeita e do Amor que tudo abrange, "agradou moê-lo"! Agradou moer Seu próprio Filho!

Qualquer um, cristão ou não, cujo espírito ainda esteja vivo tem de se chocar com essas palavras. Não é possível diferentemente. Qualquer um que ainda dispuser de um sussurro que seja de intuição tem de rejeitar de pronto esta passagem, por absurda e inverídica! Como, então, o Altíssimo, que Jesus chamava de "Pai santo" e "Pai justo" (cf. Jo17:11,25), poderia regozijar-se em moer Seu Filho unigênito, uma parte Dele mesmo?… Moer Seu dileto Filho, de quem dissera: "Este é o *Meu Filho amado,* em quem me comprazo" (Mt3:17)! E sobre quem ainda repetira por ocasião da transfiguração: "Este é o *Meu Filho muito amado;* a ele *ouvi"* (Mc9:7). A ele ouvi!... **Ouvi!!** Não a ele matai!

Ouvir, para em seguida *cumprir!* E com isso participar das bênçãos reservadas aos servos úteis na vinha do Senhor. Servos *úteis* do Senhor, que fizeram jus à coroa da vida eterna. Assim é o sentido completo do *"ouvir"* nos relatos bíblicos, como nesse outro exemplo: "Quem *ouve* a minha Palavra, tem a vida eterna…" (Jo5:24).

O que pode, sim, intrigar as pessoas ainda vivas em si, é o fato de o profeta Isaías ter escrito semelhante despautério sobre esse "servo sofredor". Nessas pessoas, a intuição, mesmo que já quase liquidada pelo carrasco raciocínio ainda se faz ouvir vez por outra… Nelas, "mesmo depois de morto, Abel ainda fala!" (Hb11:4). E então elas se perguntam: "Como pôde o profeta mais famoso e respeitável do passado, citado nominalmente mais de vinte vezes no Novo Testamento, referenciado outras dezenas de vezes, ter escrito tamanha insensatez? Justamente ele, que sempre dá tanta importância à decisão pessoal dos seres humanos, os quais nunca são salvos ou condenados sem que eles próprios o determinem? Será que Isaías não sabia o peso que suas palavras teriam no futuro? Será que ele não estava cônscio da imensa responsabilidade que assumia ao escrever para a posteridade?"

Isaías certamente estava cônscio de sua responsabilidade, mas não o impostor que escreveu essas barbaridades no seu lugar. Conforme explica o renomado pesquisador Samuel Schultz em sua obra A História de Israel no Antigo Testamento, os capítulos de nºs 44 a 55 do livro de Isaías foram escritos por um autor anônimo que viveu por volta de 580 a.C., entre os cativos da Babilônia. Esse autor, chamado hoje de Segundo-Isaías ou Dêutero-Isaías, convenientemente acobertado pelo anonimato, não teve nenhum escrúpulo em introduzir suas baboseiras num dos livros mais importantes da Bíblia. Mas, como não existe crime perfeito, este também deixou pistas: No início do seu livro Isaías cita sua atividade no tempo do rei Ozias – século VIII a.C. (cf. Is6:1), enquanto que no capítulo 44 é mencionado Ciro, rei da Pérsia no século VI a.C. (cf. Is44:28;45:1), portanto duzentos anos depois. Nessa "segunda parte" do livro o vocabulário e o tema principal são completamente diferentes; também não se fala mais uma única vez do próprio autor, e a Assíria, que dominou o reino do norte – Israel, em 722 a.C., é substituída pela Babilônia, que destruiu o reino do sul – Judá, em 587 a.C.

Os que ainda hoje defendem a autoria única de Isaías para todo o livro se rejubilam, extasiados, com a extraordinária profecia que menciona expressamente o nome de um rei – Ciro, duzentos anos antes do seu nascimento… Nem passa pela cabeça deles que os trechos que fazem menção a Ciro possam ter sido escritos depois da sua época e de seu reinado, por um outro autor. Com ar intrigado, o tradutor da Vulgata, Jerônimo, afirma que Isaías parece "estar contando a história do que já aconteceu, ao invés do que ainda está para acontecer"... Esse tipo de ocorrência, porém, é muito bem conhecido dos estudiosos da Bíblia, que o chamam de *vaticinia ex eventu* – "previsão depois do fato acontecido". Assim, até eu.

Mas o Dr. Schultz e outros pesquisadores vão mais além, e afirmam que os capítulos de nºs 56 a 66 do livro de Isaías também não são de sua autoria, mas sim de uma terceira pessoa, dessa vez o "Trito-Isaías", que seria possivelmente um discípulo do Dêutero-Isaías e teria transcrito as condições de vida em Judá no século V a.C. Observa-se que no trecho correspondente a esse Trito-Isaías existem algumas passagens conservadas do livro original de Isaías, dificultando ainda mais o reconhecimento do texto verdadeiro. O lume para discerni-las é a severidade. O texto original do profeta Isaías é extremamente

severo e condenatório, enquanto que os trechos enxertados nos capítulos finais da obra são ternos e brandos, às vezes abordando trivialidades picarescas, como a do Senhor conclamando os animais para o repasto em conjunto: "Vós, todos os animais do campo, todas as feras dos bosques, vinde comer" (Is56:9). Muitos estudiosos, inclusive, não limitam o livro a apenas esses dois autores extras, mas adicionam no cadinho numerosos outros autores ainda, a maioria dos quais teria vivido depois do exílio babilônico, chegando até ao século II a.C.

O que nos causa uma certa perplexidade é o fato de os pesquisadores não darem maior importância à existência dessas falsificações comprovadas. Segundo opinião corrente, tal prática servia para "honrar" ou "homenagear" o legítimo autor, ou simplesmente garantir a aceitação do novo texto. Alguns até destacam especialmente a obra do Dêutero-Isaías, chamando-a de "Livro da Consolação de Israel". Fala-se aí da "profunda e orgânica concepção dêutero-isaiana", a qual constitui "um fenômeno literário raríssimo, de um texto ativo que remete continuamente a si mesmo"; isso sem mencionar os muitos outros comentários, artigos e pesquisas sobre esse Dêutero-Isaías publicados nos últimos decênios. Parecem estar querendo transportar para os tempos bíblicos a condescendência com a falta de ética que impera nos dias de hoje… Os que sustentam a ideia de "plágios homenageantes" para os textos da antiguidade, bíblicos ou não, certamente não conhecem um relato de Orígenes que, escrevendo por volta de 200 d.C., nos conta de um sacerdote que fraudou um livro sobre Paulo e foi desmascarado; por conta disso, o fraudador perdeu o emprego e foi solicitamente deportado por seus superiores.

Podemos pelo menos afirmar agora que o próprio Isaías não escreveu nenhum desconchavo, pois até há pouco ele era tido como único autor do livro que leva seu nome. Todas as "contribuições" dos demais autores do seu livro passaram à posteridade, desde aquela época, como tendo sido escritas pelo próprio Isaías, fato que não desestimulou os dinâmicos intérpretes adulteradores das Escrituras. O modelo dêutero-isaiano do "servo sofredor" foi introduzido sub-repticiamente na Epístola de Paulo aos Romanos (cf. Rm4:25), apesar de estar claro hoje, conforme assevera o pesquisador Giuseppe Barbaglio, que o acréscimo é completamente estranho ao apóstolo. O renomado biblista e bispo da Igreja Luterana, Eduard Lohse, afirma que "em lugar algum [do antigo Israel] falava-se de um Messias sofredor, que suportaria ultrajes e a morte pelos pecados do povo." Nunca existiu na literatura judaica nada que sequer se aproximasse da ideia de um salvador da humanidade que a redimiria pelo sofrimento próprio e uma morte sacrifical. O chamado servo sofredor do Dêutero-Isaías é, assim como seu criador, um impostor, uma fraude, sem nenhum respaldo na antiga tradição hebraica.

Mesmo no Novo Testamento, as referências à concepção de morte e sofrimento necessários para Jesus são tão parcas, tão precárias, que causa estranheza a alguns pesquisadores mais atentos. Giuseppe Segalla, por exemplo, professor de Novo Testamento numa faculdade italiana de Teologia, admite que "a escassa utilização do tema suscita um problema real", e ainda afirma: "Francamente, a gente deveria esperar um recurso mais frequente a esses cânticos [de sofrimento necessário] e de caráter mais claramente teológico." O também acadêmico Gerd Theissen, professor de Novo Testamento na Universidade de Heidelberg, mostra-se igualmente admirado pelo não aproveitamento nos Evangelhos da estória do servo sofredor do Dêutero-Isaías: "É espantoso o fato de alguns motivos do Antigo Testamento não terem sido aproveitados [no relato da paixão]." A Tradução Ecumênica da Bíblia também confessa sua perplexidade ante a inexistência nos Evangelhos de alguma alusão ao servo sofredor do Dêutero-Isaías: "É impressionante que a narrativa da paixão não contenha, na origem, nenhuma referência explícita à descrição do servo de Javé conforme Is53." Já a pesquisadora Morna D. Hooker é mais objetiva, e simplesmente nega a presença de qualquer "cristologia do servo sofredor" em todo o Novo Testamento.

Por que será que não há nos relatos da paixão de Cristo nenhuma menção a esse servo sofredor inventado pelo Dêutero-Isaías? Uma boa resposta é de que não há porque não existe…

Outra passagem do Antigo Testamento utilizada para se tentar justificar de alguma maneira o sofrimento e morte de Jesus é um trecho do livro do profeta Zacarias: "Eles contemplarão aquele a quem transpassaram" (Zc12:10). Os exegetas atuais veem nesse transpassar a imagem do soldado romano espetando uma lança no flanco de Jesus, quando este pendia na cruz (cf. Jo19:34). Não vamos entrar aqui no mérito da diferença entre espetar e transpassar, mas apenas dizer que, novamente, não há nenhuma indicação da identidade desse "aquele". E, mais uma vez, por incrível que pareça, esse trecho também não é de autoria do profeta Zacarias, mas sim igualmente de um "Dêutero-Zacarias", inserido

nesse livro sabe-se lá por quem nem quando. Só para constar: os capítulos 9 a 14 do livro de Zacarias, de autoria do "Dêutero", apresentam um vocabulário e estilo muito diferentes dos capítulos 1 a 8, e aparece a convocação de um ataque militar à Grécia (cf. Zc9:13), que ainda estava engatinhando no cenário mundial ao tempo do verdadeiro Zacarias, no século VI a.C.

No Novo Testamento podemos destrinchar uma outra tentativa hercúlea de se comprovar a ideia de um sacrifício mortal previsto para Cristo, portanto de se justificar o injustificável. Essa bizarra bazófia aparece na Epístola aos Hebreus[16], numa referência ao salmo 40:7, que faria alusão à encarnação de Cristo "num corpo destinado ao sacrifício". Em Hb10:5,6 podemos ler: "Pelo que, ao entrar no mundo, diz: sacrifício e oferta não quiseste, *mas corpo me preparaste;* não te deleitaste em holocaustos e ofertas pelo pecado." No entanto, o texto hebraico original do salmo referenciado diz textualmente: "Sacrifícios e ofertas não quiseste, *abriste os meus ouvidos;* holocaustos e ofertas pelo pecado, não os requeres (Sl40:7)"

Julio Trebolle, autor de A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã, explica que o texto original do Sl40:7 não utiliza o termo hebraico "corpo", como tampouco a tradução grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, a qual apresenta corretamente o termo *ôtia* (ouvidos) e não *sōma* (corpo). Deixemo-lo esclarecer como surgiu mais esse imbróglio: "A argumentação da carta aos Hebreus baseia-se num duplo erro de leitura: duplicação do 's' (sigma – última letra da palavra anterior) e confusão da letra 'm' com as duas letras seguintes 'ti'; esses erros deram como resultado que da leitura *'s ôtia'* surgiu *'s sōma'*. Esse erro da carta aos Hebreus passou inclusive mais tarde para numerosos manuscritos do Saltério, pois os copistas cristãos davam mais autoridade à leitura da citação neotestamentária do que ao Saltério." Em outras palavras, tentou-se confirmar a concepção de uma morte prevista para Jesus com a expressão "corpo me preparaste", a qual surgiu de um escabroso erro de cópia nos manuscritos do Novo Testamento!

O erro de cópia mencionado acima, apesar de grosseiro, não é o mais acintoso. Se parece ter sido involuntário, o mesmo não se pode dizer da tradução do salmo 22 para o latim na versão da Vulgata, a qual serviu de base para todas as demais traduções nas línguas modernas. No original hebraico, o versículo 17 deste salmo diz o seguinte: "Um bando de malfeitores me envolve, *como para retalhar* minhas mãos e meus pés." A expressão "como para retalhar" é a tradução correta do hebraico *ke'erô,* do verbo *'arah*. Como se menciona aí mãos e pés na iminência de serem feridos, os tradutores ou revisores da Vulgata latina logo viram nisso uma ótima oportunidade de ajeitar o texto para uma profecia sobre a futura crucificação de Jesus. Assim, o correspondente trecho na Vulgata ficou dessa forma: "Um bando de malfeitores me envolve, eles *furaram* minhas mãos e meus pés." Pronto! Mais uma profecia genuína para o sofrimento e morte previstos para Jesus Cristo!… Que o texto original nada tem a ver com Jesus atestam mais uma vez os próprios Evangelhos, visto que nenhum dos evangelistas se valeu dessa "profecia" para legitimar o sofrimento do Messias na cruz.

Uma outra tentativa ocorreu com a descrição, no livro de Deuteronômio, sobre a maldição a que fica sujeito quem é enforcado numa árvore (cf. Dt21:22,23). Como em hebraico a palavra que designa árvore – *'ets* também significa madeiro, lenha, ou qualquer outra coisa feita de madeira, os sempre vigilantes algozes de Cristo viram nisso mais uma "profecia" escondida para sua morte na cruz. O termo correspondente em grego dessa palavra é usado no Novo Testamento também com vários outros sentidos, como "porretes" (Mt26:47), "tronco" (At16:24), "alicerce" (1Co3:12) e também "árvore" (Ap2:7; 22:2).

Outro empreendimento original foi a tradução ajeitada para o grego do Salmo 96:10, onde no início aparece em hebraico: "o senhor reina" (cf. Sl95:10). Os alvoroçados tradutores gregos transformaram essa frase em: "ele reina da árvore", querendo dar a entender que Cristo já reinava sobre o mundo quando

[16] A chamada "Epístola de Paulo aos Hebreus", conforme aparece na famosa Bíblia do Rei Tiago *(King James Version),* é causa de vasta controvérsia entre os eruditos bíblicos há séculos. Muitos atribuem sua autoria a Paulo, todavia o estilo é completamente diferente do do apóstolo, fato apontado por Orígenes já no século III. Jerônimo, na mesma época, confirmou que a comunidade de Roma não atribuía o texto a Paulo. Com efeito, há pelo menos dez respeitáveis candidatos a autor entre os cristãos de vulto no período em que a epístola foi escrita. Acontece que a carta não traz o nome do autor, não tem cabeçalho, é mais um tratado do que propriamente uma epístola e é, na realidade, dirigida aos cristãos. Por isso, é costume dizer no meio bíblico, com um sorriso amarelado pelas evidências, que a Epístola de Paulo aos Hebreus não é nem epístola, nem de Paulo e nem dirigida aos Hebreus.

estava pregado na cruz… Felizmente, essas duas últimas "comprovações" de morte profetizada para Jesus se mostraram tão canhestras, que não tiveram vida muito longa.

As demais passagens assacadas ao Antigo Testamento como "provas" da morte necessária de Jesus na cruz são escárnios ao bom senso, insultos a qualquer consciência honesta, vitupérios lançados contra a vivacidade do espírito humano e ofensas dirigidas à inteligência.

Uma dessas quer ver na "serpente de bronze" que teria sido fixada numa haste por Moisés, e que seria capaz de curar quem olhasse para ela, a prefiguração de Cristo sendo erguido na cruz (cf. Nm21:8,9; Jo3:14). Bem fez o rei Ezequias – cujo nome significa "o Senhor fortaleceu" – que acabou estraçalhando a tal serpente (cf. 2Rs18:4).

A serpente sempre aparece em destaque nos muitos cultos idólatras de séculos passados, como um testemunho do afastamento voluntário da criatura em relação ao único Criador. A divindade negativa Tiamat era representada na literatura mesopotâmica como dragão e às vezes como uma serpente gigantesca. A tribo israelita de Dan, a primeira das doze a cair na idolatria e alvo de descrições pouco lisonjeiras no Antigo Testamento (cf. Jz18:30; 1Rs12:29; Jr8:16), tinha como símbolo a serpente. Baal era associado ao touro e por vezes à imagem de uma serpente No antigo Egito, o terrível deus Rá (*Sol* em egípcio) era mostrado com uma cabeça de falcão, sobre a qual havia um disco solar envolto por uma serpente.[17] A imagem de uma cobra enrolada numa haste como símbolo de cura é recorrente em toda a história antiga. Conforme explica Roselis von Sass em O Livro do Juízo Final, a serpente foi acrescentada ao bastão de Asklepios, o grande enteal da cura, por renegados sacerdotes de ídolos. Essa representação teve grande aceitação desde então, a ponto de os médicos de hoje usarem nos seus anéis o símbolo de Lúcifer…

Outra passagem "comprobatória" da morte imprescindível do Filho de Deus é a imagem de Jonas dentro do peixe. Jonas teria ficado três dias e três noites dentro de um grande peixe ou baleia enviado pelo Senhor para engoli-lo (cf. Jn2:1), e isso seria a prefiguração de Jesus sendo sepultado "no coração da terra por três dias e três noites" (Mt12:40), portanto um evento previamente delineado para o Filho de Deus. Será mesmo necessário refutar isso? Então a imagem mitológica de Jonas viajando num submarino-cetáceo é a antevisão de Jesus no sepulcro? O que uma coisa tem a ver com a outra? Nem matematicamente há coerência nisso, pois o túmulo de Jesus só foi visto vazio duas noites depois de sua morte, e não três. E Jonas também não ficou literalmente dentro de nenhum peixão, mas sim clamou por ajuda quando se encontrava mergulhado em grande aflição, imerso numa profusão de influências más: "Eu clamei ao Senhor *no meio da minha tribulação*, (…) clamei *desde o ventre* do Sheol [infernos] e Tu escutaste a minha voz" (Jn2:3). Ele se sentia dentro da barriga de um verdadeiro inferno, e não na de uma baleia.

Foi pena que Mateus ou os revisores do seu texto não tenham visto a passagem correspondente do Evangelho de Lucas, pois lá, sim, está claro a relação de Jonas com o Filho do Homem: "assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim também será o Filho do Homem para esta geração" (Lc11:30), uma profecia que seria cumprida naquelas pessoas durante a época do Juízo Final. Nada a ver com o sepultamento de Jesus.

Outro ponto em que os fundamentalistas cristãos se agarram, agora no Novo Testamento, para tentar justificar a doutrina de sofrimento e assassinato indispensáveis para Jesus é o capítulo 24 do Evangelho de Lucas. Nesse trecho aparecem inicialmente "dois varões com vestes resplandecentes" dizendo às duas mulheres que tinham acabado de encontrar vazio o sepulcro de Jesus que "importava que ele fosse entregue nas mãos dos pecadores, fosse crucificado e ressuscitasse no terceiro dia" (Lc24:7). Posteriormente, o Jesus ressuscitado repreende dois discípulos pela sua aparente descrença: "Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse em sua glória?" (Lc24:26). O versículo seguinte comprovaria essa necessidade de sofrimento suportado por Cristo: "E começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras." (Lc24:27).

Dessas passagens se inferiu então que o sofrimento de Jesus, sua crucificação e a suposta ressurreição no terceiro dia eram acontecimentos há muito previstos para o Messias, em "todas as

[17] A respeito da influência de Rá ou Ré sobre os faraós do Egito, ver a obra Aspectos do Antigo Egito, publicada pela Editora Ordem do Graal na Terra. A Bíblia dá algumas indicações de que a influência de Rá se estendeu até o povo eleito, como se presume da imagem dos 25 homens que, de costas para o santuário do Templo, se prostravam diante do Sol (cf. Ez8:16).

Escrituras". Tudo muito bem, se não fosse por um pequeno detalhe destoante: Em todo o Antigo Testamento não há um único versículo sequer a profetizar que o vindouro Messias teria de sofrer, morrer crucificado e ressuscitar no terceiro dia! Nada! O que existem são tentativas toscas de discernir em passagens isoladas do texto veterotestamentário algo que pudesse comprovar a necessidade do sofrimento e da morte violenta de Jesus. Quem inseriu essa passagem no Evangelho de Lucas colocou aí deliberadamente a expressão genérica "todas as Escrituras", porque ele próprio não poderia dizer a que sofrimentos, afinal, se referem todas as Escrituras. Segundo o Dr. Gerd Theissen, "não há nenhum registro pré-neotestamentário para a noção de um Messias sofredor." Sim, messianismo e sofrimento sempre foram dois conceitos mutuamente excludentes na literatura hebraica.

No próprio Evangelho de Lucas, onde aparece essa expressão, há também uma indicação contrária a essa ideia, quando o bom ladrão, reconhecendo os efeitos da reciprocidade, se dirige ao outro para dizer que o sofrimento de ambos era justo, *porém não o de Jesus:* "Para nós é justo sofrermos, pois estamos recebendo o que merecemos, mas ele [Jesus] não fez nada de mal" (Lc23:41). Nenhum estudioso das Escrituras logrou atingir, nos milênios seguintes, a compreensão daquele simples ladrão na cruz, que devido a um discernimento claro, profundamente intuído, pôde remir seus pecados imediatamente e ingressar no Paraíso naquele mesmo dia, conforme prometido por Jesus. Com sua disposição interior totalmente renovada, ele de fato "nasceu de novo" ali, naquele momento, e pôde ingressar no reino espiritual, pois tão-somente com esse renascimento interior pode um pecador obter perdão de seus pecados e ascender até o reino do espírito. Não foi por outro motivo que Paulo exortou aos Efésios: "Precisais *renovar-vos* pela transformação espiritual de vossa mente" (Ef4:23). Para os demais, diz Jesus, fica vedado o acesso até lá: "Em verdade, em verdade te digo que *aquele que não nascer de novo* não pode ver o reino de Deus" (Jo3:3).

Será que nenhum cristão consegue entender que Jesus jamais, jamais teria rogado no Getsêmani para que o cálice do sofrimento lhe fosse desviado se sua morte na cruz fosse um sacrifício necessário?… Mas ele sabia que aquele sofrimento todo não precisava existir, que era uma consequência direta da má vontade humana, e por isso rogou ao Pai: "Abba!, suplicava ele. Tudo te é possível; afasta de mim este cálice!" (Mc14:36).

A doutrina do sofrimento e morte previstos para Jesus, o tenebroso dogma da "expiação vicária" (quando uma outra vida é oferecida como remição em lugar daquele que pecou), é uma invenção posterior da doutrina cristã, inserida no Novo Testamento para legitimá-la. Cegados que foram pela adulação dos áulicos luciferianos, os cristãos de hoje têm a ousadia aterradora de imaginar que o onipotente Criador, Senhor de Todos os Mundos, teria enviado Seu Filho unigênito a essa Terra com a deliberada intenção de que fosse crucificado, para expiar assim o pecado da humanidade corrompida. Os pecadores teriam com isso oferecido a Deus o Seu Filho em sacrifício por seus próprios pecados...

Quão valiosos não deveriam ser então os seres humanos para Ele! Depois de terem rejeitado com um sorriso arrogante os auxílios trazidos pelos Precursores, depois de terem escarnecido de Seus profetas, de os terem apedrejado e matado, depois de terem transformado esse planeta num charco venenoso com sua vontade má, suas palavras maldosas e seus pensamentos pestilentos, depois de tudo isso, nada mais natural, segundo sua opinião, que Deus tenha oferecido Seu Filho em holocausto, para que ela, a humanidade tão importante, pudesse ser içada confortavelmente de sua cova espiritual já tão profunda, escavada por ela mesma diligentemente durante milênios e milênios.

É para se rir e chorar ao mesmo tempo.

Os cristãos parecem desconhecer que "os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração" (Sl19:8). Qual deles, ainda vivo espiritualmente, poderia dizer com honestidade que seu coração se alegra com os sofrimentos e a morte horrível de Jesus? Ninguém, nesse tempo todo, deu ouvidos à advertência do Filho de Deus de que "quem se mantém contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a Ira de Deus" (Jo3:36)?…

Parece que ninguém tampouco deu a devida importância a esse aviso tão claro de Jesus dirigido aos judeus, o povo eleito:

> *"Bem sei que sois descendência de Abraão, contudo procurais matar-me, porque minha Palavra não está em vós."*
>
> *(Jo8:37)*

Contudo procurais matar-me… Pelo fato de a Palavra do Filho de Deus, a Palavra da Salvação, não ter encontrado eco no íntimo dos descendentes de Abraão, é que eles queriam matá-lo! Aqueles judeus não tinham mais a capacidade de assimilar a Palavra divina:

> *"Não sois capazes de escutar a minha Palavra."*
>
> *(Jo8:43)*

Não eram capazes porque nada mais da Verdade perdurava em seus corações, e Jesus lhes falava justamente dela: "É porque digo a Verdade que não me acreditais" (Jo8:45). A quantos fariseus de hoje Jesus repetiria essa sentença?...

Jesus deixa claro que a intenção dos fariseus de assassiná-lo era algo abominável, e afirma que Abraão, a quem eles chamavam de pai, jamais faria isso:

> *"Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão! Agora, porém, vós pretendeis matar-me, a mim, um homem que vos comunicou a Verdade que recebi de Deus. Isso não o fez Abraão!"*
>
> *(Jo8:39,40)*

Na sequência, Jesus diz que o intuito deles em matá-lo provinha na verdade do diabo, que por ser assassino desde o princípio era o verdadeiro pai deles. Era, pois, desejo do diabo – nunca de Deus – que Jesus fosse morto:

> *"Se Deus fosse vosso pai, ter-me-íeis amor, pois é de Deus que eu saí e vim. (...) Vós tendes por pai o diabo, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi assassino desde o princípio, e não esteve pela Verdade, porque nele não há Verdade."*
>
> *(Jo8:42,44)*

Foi pelas mãos dos judeus daquele tempo, o povo eleito, que a humanidade inteira "negou o Santo e Justo, e matou o Autor da Vida" (At3:14,15). Com isso os seres humanos tornaram-se "traidores e assassinos do Justo" (cf. At7:52), "crucificado que foi por mãos de iníquos" (At2:23).

Aos verdadeiros cristãos, ainda capazes de refletir por si mesmos, bastaria se desvencilharem por apenas alguns instantes dos grilhões da fé cega para constatarem quão absurda, quão incrivelmente absurda é essa concepção da morte indispensável de Cristo. Aqui e ali ainda se vê alguns exemplos disso, reações de cristãos ainda vivos em si, inconformados com esse dogma abominável de um assassinato indispensável de Jesus:

- Um ex-seminarista brasileiro, filósofo e teólogo, extravasa amargamente seu repúdio aos dogmas eclesiásticos, particularmente ao da morte necessária do Filho de Deus: *"Hoje, as ideias centrais da teologia cristã nada significam para mim: são cascas de cigarra, vazias. Não fazem sentido. Não as entendo. Não as amo. Não posso amar um Pai que mata o Filho para satisfazer Sua Justiça. Quem pode? Quem acredita?"*
- Duas teólogas americanas, Joanne Brown e Rebecca Parker, se manifestam sobre esse desvario com palavras bastante fortes, fruto de uma insatisfação perfeitamente compreensível para quem rejeita algemas dogmáticas de qualquer espécie: *"Se aceitarmos a visão de que a cruz fazia parte do plano divino de Deus, então Deus é uma divindade sádica. (...) O Cristianismo é teologia abusiva, que glorifica o sofrimento. É de se admirar que haja tanto abuso na sociedade moderna, quando a imagem predominante ou a teologia da cultura é de 'abuso do Filho divino' – Deus-Pai exigindo e levando a cabo o sofrimento e morte de Seu próprio Filho?"*
- O teólogo John Hick segue na mesma linha: *"A insistência de Deus no sangue, suor, dor e angústia envolvidos na crucificação do Filho inocente de Deus, parece suscitar dúvidas a respeito do caráter moral da divindade. (...) A ideia de que a culpa possa ser tirada de um transgressor, contanto que outro alguém seja punido em seu lugar, é grotesca em termos morais. E embora a focalizemos de modo à primeira vista mais favorável, sugerindo que Deus puniu a si próprio na pessoa do Deus-Filho, com o fim de ser capaz de perdoar justamente os pecadores, ainda assim estaremos lidando com o absurdo religioso de uma lei moral que Deus pode e deve satisfazer punindo o inocente em vez do culpado."*

- Outra teóloga, Anne Primavesi, lembra que o conceito da morte desejada de Jesus *"é assimilado logo em idade impressionável, e depois se torna aceitável mediante sermões e ritos que sintetizam a experiência cristã nestes termos."*
- O teólogo R. Bultmann, por sua vez, diz que a morte de Jesus na cruz havia sido um verdadeiro escândalo para os primeiros cristãos, só superado com as posteriores ideias da ressurreição: *"A comunidade precisou superar o escândalo da cruz e o fez na fé pascal."*
- O Dr. Gerd Theissen, que além de professor é autor do livro O Jesus Histórico, afirma: *"A compreensão da necessidade do sofrimento é pós-pascal. Todas as profecias da paixão, que já fazem o Jesus terreno declarar essa necessidade, podem ter sido conhecimentos posteriores apostos aos lábios do Jesus terreno."*
- O teólogo Rinaldo Fabris, coautor da monumental obra Os Evangelhos, tem uma opinião serena e não obstante categórica sobre a ideia de um "evento salvífico" relacionado à morte de Jesus: *"Deve-se dizer que no ambiente judaico contemporâneo de Jesus, a figura do Messias é incompatível com um destino de perseguição e morte. (...) Diante de toda palavra e gesto de Jesus relatado pelo Evangelho, pode-se suspeitar que na realidade se trata de uma interpretação subsequente por parte da tradição ou da comunidade primitiva."*

A verdade é uma só: a morte de Jesus na cruz foi uma tragédia desmedida que não precisava ter acontecido; foi um crime bárbaro, hediondo. E tão pavoroso, por tratar-se do Filho de Deus, que só mesmo uma humanidade apodrecida na alma seria capaz de consumá-lo. Assim, a humanidade, que já vinha pecando abertamente contra seu Criador há milênios, com o assassinato de Jesus sobrecarregou-se com uma nova culpa, de cuja amplitude ela nunca poderá inteirar-se totalmente. Todos os crimes praticados pela raça humana em toda sua existência de milhões de anos, juntos, não perfazem sequer uma sombra do ignominioso ato praticado contra o Filho de Deus em seu invólucro terreno. Não se igualam, em ignomínia, a um único espinho cravado na testa de Jesus Cristo, quando foi por ela coroado após lhe ter transmitido com todo Amor do mundo sua Palavra Sagrada.

"Está consumado!" (Jo19:30), foram as últimas palavras de Jesus na cruz. A gravidade que essas palavras encerram para a humanidade, ninguém por certo ainda pôde intuir.

Os seres humanos assassinaram o Filho de Deus! Aquele que veio lhes trazer a possibilidade de salvação através da sua Palavra! Essa é a verdade! E o peso dessa culpa descomunal recai integralmente sobre a humanidade agora, na época do Juízo, que com o ato da crucificação colocou-se resolutamente ao lado das trevas, em sua luta final contra a Luz. "A Luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a Luz; porque as suas obras eram más" (Jo3:19). A humanidade preferiu Barrabás a Jesus, escolheu Lúcifer como seu senhor e rejeitou o próprio Criador. Essa decisão, fruto do livre-arbítrio, selou o destino dos seres humanos.

Jesus, o Amor de Deus, foi crucificado. A Palavra de Deus que ecoou pela Terra foi silenciada. Com cravos foram perfurados as mãos e os pés do único que "tudo tem feito bem" (Mc7:37). Esse pesadelo inacreditável abalou profundamente os discípulos, de uma maneira tal que nem podemos imaginar. Quando conseguiu se recompor, Pedro acusou os judeus de terem agido assim "por ignorância" (At3:17), e reiterou seu repúdio com acusações recorrentes de assassinato: "Este Jesus, que *vós crucificastes* (…); *vós o matastes*, pregando-o numa cruz (…); aquele que conduz à vida, *vós o matastes* (…); Jesus Cristo, o Nazareno, a quem *vós crucificastes* (…); *eles o mataram*, suspendendo-o no lenho da cruz*"* (At2:36,23; 3:15; 4:10; 10:39). Seu amigo Paulo, por sua vez, foi ainda mais veemente ao informar os Tessalonicenses que "a morte dos profetas *e do Senhor Jesus* ***não agradaram a Deus****"* (cf. 1Ts2:15), e que, por causa disso, "a ira de Deus está prestes a cair sobre eles [os autores]" (1Ts2:16).

Essa declaração do apóstolo Paulo deve, inclusive, ter acalmado os nervos dos gregos de Tessalônica (atual Thessalonike), antiga capital romana da Macedônia, fundada em 300 a.C. no norte da Grécia, pois naquelas comunidades helenistas Jesus era conhecido como o *theios anēr* – homem divino – expressão já utilizada por Homero em seus poemas e também por Platão. O *theios anēr* Jesus era para eles um herói divino e milagreiro, cuja morte na cruz fora somente um final incompreensível, verdadeira "loucura para os pagãos" (1Co1:23). Sim, uma completa e tresvairada loucura, incompreensível para qualquer ser pensante, pagão ou não, daquela época e também da atual, pois a crucificação tinha um caráter tão humilhante e degradante, era tão cruel e horrenda, que se destinava apenas a escravos

amotinados, criminosos notórios, rebeldes e revolucionários, não podendo sequer ser aplicada a cidadãos romanos, aos quais não era permitido nem mesmo açoitar. Romanos culpados de algum crime eram executados à espada. A pena horrorizava gregos e romanos cultos, pois ainda era antecedida de uma flagelação para enfraquecer a resistência do condenado, tal como fez Pilatos em relação a Jesus (cf. Mt27:26). Flávio Josefo conta que em certas épocas se podiam ver nas estradas romanas extensas fileiras de cruzes nas margens, com os corpos crucificados de insurretos a servir de exemplo aos transeuntes. Segundo seu relato, as colinas ao redor de Jerusalém chegaram a ser totalmente desmatadas para se obter a madeira necessária para a confecção das cruzes. O próprio local do Gólgota ficava ao lado de uma estrada importante, para que todo mundo pudesse ver o que acontecia a quem desafiava a lei romana. A prática da crucificação, possivelmente adotada dos antigos fenícios, só foi abolida no Império Romano durante o reinado de Constantino, no século IV da nossa era.

Os pagãos de todos os tempos, que não se encontravam tolhidos pela crença cega cristã, jamais puderam aceitar voluntariamente nenhuma "teologia da cruz". Para eles isso sempre foi mesmo uma grande loucura, desde priscas eras até a idade moderna. Um exemplo: durante as infrutíferas tentativas de evangelizar o Japão, o governo daquele país publicou um édito, no ano de 1614, no qual acusava os cristãos de "disseminar uma lei maligna e depor a verdade", citando o apego dos missionários à cruz como indicativo de que aprovavam atos criminosos…

Um milênio e meio antes vemos uma atitude similar em Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo e sem dúvida um dos mais corajosos. Estevão nunca encarou a morte de Cristo como um evento necessário, e declarou prontamente aos integrantes do Sinédrio, o tribunal judeu: "Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles chegaram a matar os que anunciavam de antemão a vinda do Justo, este mesmo que agora *traístes e assassinastes!"* (At7:52). Portanto, segundo Estevão o Justo foi *traído* e *assassinado.* Foi, pois, no dizer de Estevão, *vítima* de um assassinato!...

Realmente, só mesmo a mais ilimitada arrogância, aconchavada com a mais mórbida autoilusão, ambas acobertadas pela mais rija indolência espiritual, podem afastar para longe da consciência cristã as evidências nítidas, constantes nos próprios Evangelhos, de que a morte de Jesus foi um ato contrário à Vontade de Deus. Um despertar para a realidade pode eventualmente surgir da análise, sem ideias pré-concebidas, de alguns aspectos referentes à atuação de Judas Iscariotes:[18]

- Por que Jesus diria que um dos doze o *trairia* (cf. Mc14:18), se a sua morte na cruz era um acontecimento previsto ou desejado? Diria, ao contrário, que um dentre eles *cumpriria* o que precisava ser feito, ou algo semelhante. E por que Satanás teria "entrado em Judas" (Lc22:3), se o que ele, Judas, iria fazer estava dentro dos desígnios do Altíssimo? Seria muito mais lógico que um anjo amoroso o auxiliasse a cumprir essa sua necessária missão de traição. No entanto, *"o diabo* pôs no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse Jesus" (Jo13:2). Quer dizer então que o diabo havia mudado de lado, cumprindo aí uma ordem divina?…
- E por que também Jesus diria: "Eu vos escolhi em número de doze, *contudo um de vós é o diabo"* (Jo6:70). Por que esse "contudo"? E como Judas podia ser chamado de diabo se estava prestes a cumprir uma incumbência divina de suma importância?
- E o que dizer da resposta que Jesus dá a Pilatos a propósito da autoridade? Disse: "Nenhuma autoridade terias sobre mim se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem" (Jo19:11). Judas foi, porém, foi o instrumento venal que entregou Jesus para ser julgado; como então poderia ter ele pecado se a sua traição era imprescindível?
- E a questão mais intrigante: Por qual mistério insondável Judas foi "tomado de remorsos" e disse aos sacerdotes judeus que o contrataram: "pequei, traindo sangue inocente", e em seguida jogou no santuário as moedas que recebera pela sua traição e foi se enforcar? (cf. Mt27:3-5). Por que tamanho desatino? Ele deveria é ter se regozijado de seu ato, pois com toda a justiça lhe caberia no panteão da História um lugar de honra, reservado a um verdadeiro herói da humanidade, por cujas mãos hábeis a Vontade divina fora cumprida na Terra…

[18] Ao leitor que desejar saber como e porquê se deu a inclusão de Judas no círculo dos discípulos, indica-se o livro Fatos Desconhecidos da Vida de Jesus, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

Confrontados com a incrível perfídia de Judas, alguns estudiosos se consolam mutuamente dizendo que a "psicologia dele permanece um mistério", e que sua traição faz parte de um "misterioso desígnio divino". Na realidade, não há mistério algum. A traição de Judas foi o que toda traição é: um ato da mais baixa vilania e covardia. E sendo praticada contra o Filho de Deus só poderia ser mesmo obra das trevas, conforme comprova esse comentário de Jesus dirigido aos chefes dos sacerdotes e da guarda do templo no momento em que vieram prendê-lo: "Esta é a vossa hora e o *poder das trevas"* (Lc22:53).

O príncipe dessas trevas, Lúcifer, acercou-se ainda uma vez de Jesus quando este agonizava na cruz. Foi no momento em que ele se assustou e bradou: "Meu Pai, por que me abandonaste?" A essas palavras o tenebroso desapareceu, e Jesus viu diante de si filas intermináveis de auxiliadores luminosos. Agora, mais uma pergunta: Por que Jesus teria lançado esse apelo se a sua morte na cruz era um acontecimento desejado por Deus? Alguém acredita mesmo que naquela hora ele demonstrou dúvidas quanto aos desígnios de seu Pai?…

A suposição pueril, presunçosa, arrogante, estúpida mesmo, de uma morte necessária de Jesus não resiste a uma análise imparcial. Além da asquerosa traição de Judas Iscariotes, a quem "melhor seria não haver nascido" (Mc14:21), e que por causa do seu crime "se transviou do apostolado" (At1:25), ainda outros fatos demonstram a incoerência dessa ideia grotesca de uma morte prevista para o Filho de Deus.

José de Arimatéia, por exemplo, era um "membro respeitável do Sinédrio" (Mc15:43), mas era igualmente "homem bom e justo, que *não tinha concordado* com o desígnio e a ação dos outros" (Lc23:50,51). Esse José, então, justamente por ser homem bom e justo, não havia concordado com as intenções malévolas dos outros integrantes do Sinédrio, que "procuravam um falso testemunho contra Jesus para fazê-lo condenar à morte" (Mt26:59). Ora, os adjetivos que designam José de Arimatéia teriam de ser, pois, exatamente o inverso: "mau e injusto", caso a morte de Jesus fosse, de fato, um evento desejado e previsto.

A própria mulher de Pilatos ainda tentou, no último instante, dissuadir o prefeito romano de condenar Jesus por pressão dos judeus. Quando Pilatos estava no tribunal, perguntando ao povo se queriam libertar Barrabás ou Jesus, ela mandou dizer-lhe: "Não te envolvas com esse justo, porque hoje, em sonho, muito sofri por teu respeito" (Mt27:19). Infelizmente, a premonição onírica da mulher de que Jesus era inocente, e a consequente advertência que fez chegar ao seu marido, visto não se tratar de um réu comum, não surtiram efeito.

Pilatos agiu como se não tivesse outra alternativa. Na tradição primitiva da Igreja ele foi até transformado em santo posteriormente, permanecendo como tal na Igreja Etíope. São Pilatos… Um santo sempre pronto a fazer o que era certo, desde que não lhe trouxesse prejuízos políticos. Sua atitude de lavar as mãos em sinal de isenção fez com que o julgamento perdesse sua formalidade segundo o direito romano, pois nesse caso o povo passava a ser o juiz supremo, com exclusão da figura do Estado. Esta é a razão de não haver nenhuma menção ao processo de Jesus nos registros romanos. Para o Império Romano o julgamento dele simplesmente não existiu.

Em sua Antiguidades Judaicas, Flávio Josefo confirma que Jesus foi condenado por pressão das autoridades religiosas: "Quando Pilatos, *por sugestão dos principais homens entre nós,* condenou-o à cruz, aqueles que o amavam não o abandonaram de início." Essa obra de Flávio Josefo, composta de vinte volumes e muito bem conceituada até hoje, narra toda a história do povo judeu até a sedição final contra Roma, que terminou com a destruição de Jerusalém, em 70 d.C.

Nos textos de Flávio Josefo e nos Evangelhos vemos nitidamente que nenhuma das pessoas próximas ao Mestre se mostrou conformada com sua morte. Quando, depois do assassinato na cruz, Jesus apareceu aos dois discípulos no caminho de Emaús, localidade situada a onze quilômetros de Jerusalém, e lhes perguntou sobre o que falavam, estes "pararam entristecidos" (Lc24:17), e responderam que estavam assim devido à odienta crucificação perpetrada pelos dignitários religiosos: "Os nossos sumos-sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram" (Lc24:20). Esses dois discípulos não estavam preparados para a morte de Jesus e nem a esperavam. Muito pelo contrário. Estavam *entristecidos,* abatidos ao extremo com o infausto acontecimento. Nem a eles, nem a nenhum dos outros seguidores de Jesus daquela época acorrera a ideia de uma morte prevista e necessária para o Messias, "conforme as Escrituras"… Quando Jesus foi arrancado brutalmente de seu convívio e morto pouco depois de uma forma tão horrorosa, eles todos

ficaram estupefatos, atônitos, completamente transtornados. Arrasados, viram o chão abrir-se sob seus pés.

Contudo, fechando obstinadamente os olhos a todas essas evidências de um assassínio da mais baixa espécie, abafando a voz de sua intuição tal como fez Pilatos, que no começo até "estava decidido a soltá-lo" (At3:13) pois "bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja" (Mt27:18), muitos cristãos gostam de citar especialmente o versículo a seguir, como prova de que Jesus desceu à Terra com a deliberada intenção de se deixar crucificar:

> *"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."*
>
> *(Jo3:16)*

Esses fiéis acham que o "dar" que aparece aí tem o mesmo significado de "mandar Seu Filho para a morte." Nada poderia estar mais terrivelmente longe da verdade.

O sentido correto é: o Amor do Criador é tão imenso, tão incomensurável, que Ele separou uma parte de Si mesmo e a enviou ao meio dos seres humanos terrenos, que se haviam transviado totalmente por culpa própria, com a finalidade de fazê-los retomar o caminho certo pela observância de Sua Palavra, para que mesmo essas criaturas tão insignificantes não precisassem se perder, como efeito final e automático das leis da Criação. Foi este o verdadeiro, o único e grande sacrifício de Amor do Pai celeste, que "não quer que pereça nenhum destes pequeninos" (Mt18:14). Foi esta a legítima e única graça oferecida por Deus-Pai aos seres humanos, por intermédio de Seu Filho: a "graça de Deus que vos foi concedida em Cristo Jesus" (1Co1:4), que consiste na *nova possibilidade de salvação,* da qual eles já haviam se excluído por inteiro.

Jesus suportou todo o sofrimento inenarrável das torturas e a pavorosa morte na cruz para com isso deixar claro quão sério, quão imensamente sério era para a humanidade seguir os preceitos contidos em sua Palavra, única possibilidade de escapar da condenação: "Pensai naquele que sofreu da parte dos pecadores tal oposição contra si, *a fim de não vos deixardes desacorçoar pelo desânimo"* (Hb12:3); "Cristo também padeceu por vós, deixando-vos *o exemplo, para que sigais os seus passos"* (1Pe2:21).

A crucificação de Jesus Cristo foi o sinal mais drástico que poderia ser dado sobre a necessidade absoluta, premente, de integração do ser humano à Palavra Salvadora, para que este não continuasse a pecar e, assim, ainda pudesse ser salvo. Seu "precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula" (1Pe1:19) impresso na cruz foi o selo de sua convicção, a marca da gravidade da resolução a ser tomada pelos seres humanos: viver ou não segundo sua Palavra salvadora. Com esse ato extremo ele sobrepujou as trevas: "Eu venci o mundo" (Jo16:33), proclamou ele diante dos discípulos.

O verdadeiro significado da morte de Jesus, da forma como ocorreu, deveria dar mais o que pensar aos cristãos.

Podemos dizer que em seu imenso amor Jesus se mostrou disposto, sim, a "dar sua vida em resgate de muitos" (Mt20:28; Mc10:45). Em resgate de *muitos,* bem entendido, e não em resgate de "todos", pois quem não se mostrasse disposto a viver estritamente segundo seus ensinamentos jamais poderia ser salvo. A salvação estaria reservada, única e exclusivamente, àqueles que se tornassem "consagrados pela Verdade" (Jo17:19), através da observância irrestrita da "Verdade que está em Jesus" (Ef4:21), que era sua Palavra Sagrada, a Palavra da Verdade. É *este* o único caminho aberto pelo Salvador para o perdão dos pecados. E é neste sentido que se deve entender essas palavras do Salvador:

> *"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando."*
>
> *(Jo15:13,14)*

Seremos amigos do Senhor Jesus, por quem ele se dispôs a dar sua vida, *se praticarmos* o que ele nos ordenou. *Somente assim* seremos seus amigos! Essas palavras são, pois, suficientemente claras e categóricas, a ponto de não se poder sofismar aí sobre nada. O mínimo que se poderia esperar dos cristãos depois da morte de Jesus é que estes, em obediência à Lei do Equilíbrio, se esforçassem em viver segundo seus ensinamentos. Outra coisa não era de se esperar deles. No entanto…

Quando João diz que "Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele" (1Jo4:9), fica então estabelecido que só poderemos alcançar a vida eterna se vivermos "por meio de

Cristo", ou seja, se vivermos segundo sua Palavra, que é ele próprio. É esse também o sentido dessa sentença de Jesus: "Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós" (Jo15:4).

A crucificação de Cristo, o Amor de Deus encarnado, jamais poderia reconciliar o Criador com Suas criaturas. Nunca. Como os cristãos podem ser tão cegos? Como alguém ainda pode acreditar em tamanho despautério?… Como, pergunto, a escuridão que cobriu toda aquela região no dia da crucificação, do meio-dia às três horas da tarde, e o terremoto que sacudiu violentamente a terra, a ponto de partir as rochas ao meio (cf. Mt27:45,51), podem ter sido sinais de uma reconciliação divina? Como?... Por que então "todas as multidões reunidas para este espetáculo, vendo o que havia acontecido, retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos" (Lc23:48)?... Essa cena não dá o que pensar? Como alguém ainda pode ver no véu do Santuário rasgado de alto a baixo, no momento da morte do Filho de Deus, o sinal de uma reaproximação da divindade com a raça humana? Pois é exatamente o inverso! O inverso!

Que estes prestem bem atenção nesse extrato do livro profético judaico Testamento dos Doze Patriarcas, escrito entre 137 e 107 a.C., encontrado junto aos Manuscritos do Mar Morto, e tirem suas próprias conclusões: "Um homem que renovará a Lei pela força do Altíssimo será para vós um corruptor, e finalmente será morto em meio ao ódio. Em nenhum momento será reconhecida a sua dignidade; assim permitireis que o sangue inocente recaia sobre vossa cabeça. (…) O véu do Templo rasgar-se-á, de sorte a não mais ocultar os vossos opróbrios."

Veremos mais à frente que o capítulo final do Evangelho de Marcos foi alterado e mutilado já no início da era cristã; contudo, um dos antigos manuscritos que sobreviveram apresenta uma versão desse capítulo acrescido de uma significativa sentença atribuída a Jesus. O leitor atente bem, mais uma vez, às palavras dessa sentença perdida: "Eu fui entregue à morte por aqueles que pecaram, *a fim de que se convertessem à Verdade, e para que não pequem mais*, a fim de que recebam a herança da glória de justiça espiritual e incorruptível que está no céu."

Sobre a imensa gravidade do crime praticado contra Jesus, Paulo disse aos Coríntios: "A sabedoria que Deus preordenou desde a eternidade não foi conhecida por nenhum dos poderosos deste século, porque se a tivessem conhecido *jamais teriam crucificado o Senhor da Glória"* (1Co2:7,8). Portanto, afirma Paulo, se os poderosos daquela época tivessem algum conhecimento da sabedoria de Deus ***jamais teriam crucificado Jesus! Jamais!*** Alguém pode entender isso em toda sua gravidade? Essas palavras do apóstolo não dão o que pensar aos cristãos?… Não retumbam em seus ouvidos como uma advertência gravíssima? Como podem ainda atrever-se a afirmar que Jesus morreu por eles e por toda a humanidade?

A morte de Jesus na cruz foi o maior crime de todos os tempos, cujo retorno recai agora com ímpeto avassalador sobre essa mesma humanidade. O acerto de contas do Gólgota chegou: "É o Dia da Vingança do Senhor, ano de desforra para a causa de Sião"(Is34:8). Só o saber de que uma tal concepção será esmigalhada no Juízo Final ainda concede algum alívio e consolo. O medo brotará agora nas almas das arrogantes criaturas. Indescritível em seu horror, extinguirá para sempre a vaidade nas hostes cristãs.

É, sim, absolutamente certo dizer que o Redentor veio ao mundo para salvar os pecadores, e também que morreu devido à nossa culpa: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores" (1Tm1:15); "Jesus, Senhor nosso, foi entregue por causa das nossas faltas" (Rm4:25); "Cristo morreu por nossos pecados" (1Co15:3). Ele morreu, portanto, *devido* aos nossos pecados, *por causa* da nossa culpa! Algo que não precisava e não devia acontecer! Jesus morreu, sim, devido à culpa da humanidade, contudo ele não morreu *pela humanidade!* Nunca!

Só mesmo a portentosa presunção humana, cuja magnitude roça o infinito, pôde conceber uma ideia tão infame como essa, de que a expiação de seu lastro de pecados pudesse se dar através do assassinato de um Filho de Deus. Todavia, há ainda uma passagem do Evangelho de Lucas que desmonta de vez essa teoria insustentável de uma morte prevista para Jesus. Basta que a respectiva pessoa, cuja intuição não esteja totalmente soterrada, atente um pouco, somente um pouco, nessas palavras da inavaliável intercessão de Cristo enquanto agonizava na cruz: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!"* (Lc23:34).

Filho de Deus e Filho do Homem

Muitas antigas profecias falam de um emissário de Deus que viria depois de Jesus Cristo. Nos Evangelhos, Jesus denomina este Emissário de "Filho do Homem". Os evangelistas, porém, que escreveram sobre as palavras de Jesus muito tempo depois de sua morte, supuseram que ele aludia a si mesmo com suas referências ao Filho do Homem, e simplesmente reproduziram essa expressão em certas passagens da sua vida. Isso foi um erro, pois Jesus sempre se referiu a si mesmo unicamente como *Filho de Deus,* e com a designação *Filho do Homem* indicava um outro emissário. Nas epístolas do apóstolo Paulo, escritas muito antes do primeiro Evangelho (várias décadas), situadas portanto muito mais próximas da época de Jesus e menos sujeitas a falhas, não há nenhuma menção a Jesus como Filho do Homem, mas tão-somente como Filho de Deus (cf. Rm1:4; 2Co1:19; Gl2:20; Ef4:13).

Essa confusão foi repassada à posteridade pelos evangelistas, e pode ser facilmente reconhecida em algumas passagens dos Evangelhos. Numa delas, no Evangelho de Lucas, Jesus teria dito que os discípulos "haveriam de comer e beber à minha mesa, no meu Reino" (mesa e Reino de Jesus), quando então se "sentariam em tronos" (cf. Lc22:29,30). A correspondente passagem no Evangelho de Mateus, porém, fala que isso acontecerá quando "o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória" (cf. Mt19:28). Numa outra situação, ocorre o inverso: Mateus reproduz uma sentença de Jesus e Lucas a liga com o Filho do Homem. As frases são as seguintes:

> *"Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós* ***por causa de mim****."*
>
> *(Mt5:11)*

> *"Felizes sereis quando os homens vos odiarem, expulsarem, insultarem e amaldiçoarem o vosso nome* ***por causa do Filho do Homem****."*
>
> *(Lc6:22)*

Não é por acaso que Jesus sempre aludia ao Filho do Homem na terceira pessoa do singular. Bem diferente da sua defesa, na primeira pessoa, em relação à acusação de blasfêmia, quando disse textualmente diante dos judeus: "Afirmei que sou o Filho de Deus" (Jo10:36). Em nenhuma situação um interlocutor de Jesus se dirige a ele como "Filho do Homem", e os próprios evangelistas também jamais o denominam assim. A expressão sempre parte de Jesus, e sempre na terceira pessoa.

Mesmo no Antigo Testamento há indícios bastante claros sobre a existência dos dois Filhos do Altíssimo, segundo o tipo de profecia que anunciava a vinda à Terra de cada um deles. Por exemplo: a anunciação sobre "aquele que vem" existente em Sl118:26 refere-se indubitavelmente a Jesus, já que ele próprio citou esse salmo na sua explicação aos discípulos sobre a parábola dos trabalhadores na vinha, com a menção à "pedra angular rejeitada pelos construtores" (cf. Sl118:22; Mt21:42), que era ele próprio. João Batista disse que não seria digno sequer de desatar o cadarço das sandálias "daquele que vem" (cf. Jo1:27). Os discípulos do Batista também perguntaram a Jesus se ele era de fato o esperado "aquele que vem": "És tu *aquele que vem* ou devemos esperar um outro?" (Mt11:3; Lc7:19), enquanto que Marta expressou textualmente sua convicção a respeito: "Sim, senhor, respondeu ela, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, *aquele que vem* ao mundo" (Jo11:27). Jesus também aludia a si mesmo quando pronunciou aquela conhecida passagem da profecia de Isaías diante do povo de Betsaida, no pequeno templo desse povoado: "Ele não quebrará a cana rachada, nem apagará o pavio que ainda arde fracamente. Em verdade ele ensinará e implantará o que é certo." (Is42:3).

Por outro lado, a profecia sobre o Filho do Homem existente no livro de Daniel é, nas palavras transmitidas pelo anjo Gabriel, uma "visão relacionada ao tempo do fim" (Dn8:17), referindo-se, por conseguinte, a um segundo enviado que viria após Jesus Cristo (cf. Dn7:13,14). Naquela visão, o Filho do Homem diz a Daniel que anunciaria a ele "o que está escrito no Livro da Verdade" (Dn10:21). Essa declaração mostra existir uma estreita correlação entre o Filho do Homem e esse anunciado Livro da Verdade. Este livro é o mesmo que o profeta Isaías, que escreveu bastante sobre o tempo do fim, chama de o "livro selado" (Is29:11).

Em todos os textos proféticos do Antigo Testamento sempre aparecem anunciações da vinda de um Juiz divino na consumação dos tempos, e nunca de uma segunda vinda do Messias e Salvador Jesus, com uma missão diferente da primeira.

Uma referência conjunta aos dois Filhos do Altíssimo aparece no livro de Zacarias, no esclarecimento do sonho que o profeta havia tido. Um anjo lhe explica que a imagem dos dois ramos que vertem azeite dourado por dois bicos de ouro, um de cada lado do candelabro, são "os *dois Ungidos*, que estão sempre de pé diante Daquele que é o Senhor da Terra inteira" (cf. Zc4:11-14). Em grego, a expressão é "os dois Cristos".

Jesus não aludia a si mesmo com a expressão Filho do Homem, ao contrário, sempre utilizava a expressão Filho de Deus para designar a si próprio e sua missão. Nos Evangelhos, Jesus é chamado de Filho de Deus trinta e duas vezes, e por várias personalidades: Marcos, João, João Batista, Pedro, Marta, Natanael[19] e os discípulos como um todo. No Evangelho de João, conforme já dito, Jesus declara expressamente em relação a si próprio: "Sou o Filho de Deus" (Jo10:36), uma afirmação que ele jamais repetiu utilizando a expressão Filho do Homem. Jesus é testemunhado como Filho de Deus pelo próprio Pai (Mc1:11;9:7; Mt3:17), é chamado assim pelo centurião junto à cruz (Mc15:39), pelo anjo Gabriel (Lc1:32,35), pelo tentador Lúcifer (Mt4:3) e até pelos "endemoninhados" (Mc3:11;5:7). Só os líderes religiosos não o reconheceram como tal. É de se perguntar quem eram os verdadeiros endemoninhados ali...

No Evangelho de Marcos o título "Filho de Deus" constitui o programa de todo o livro (cf. Mc1:1), sendo confirmado pelo próprio Jesus diante do sumo sacerdote: "O sumo sacerdote perguntou de novo: 'És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito'? Jesus respondeu: Eu o sou" (Mc14:61,62). João, no seu Evangelho, explica ter escrito sinais "para que creiais que Jesus é o Messias, o Filho de Deus" (Jo20:31). E, por fim, temos a confissão tão incisiva de Pedro: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo" (Mt16:16).

Em contrapartida, numa ocasião em que Jesus falava em Jerusalém sobre o futuro Filho do Homem, a multidão chegou a lhe perguntar diretamente: "Quem é esse Filho do Homem?" (Jo12:34). E noutra oportunidade, durante uma conversa com Nicodemos, Jesus disse:

> *"Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem que está no céu."*
>
> *(Jo3:13)*

Dessa passagem se deduz que o Filho do Homem já havia certa feita descido do céu, e para lá retornado. Como, então, Jesus poderia estar aí se referindo a si mesmo naquele instante, se afirma que o Filho do Homem *está no céu?* Se o Filho do Homem *estava no céu* naquele momento, não poderia naturalmente tratar-se de Jesus, que estava ali, em Jerusalém, falando diretamente com Nicodemos. E Jesus ainda confirmou posteriormente essa mesma situação, durante o interrogatório no Sinédrio: "Desde agora está sentado o Filho do Homem à direita do Todo-Poderoso Deus" (Lc22:69).

Esse trecho da conversa de Jesus com Nicodemos é tão desconfortável para a teologia tradicional, que andou sumindo de vários manuscritos… De uma maneira geral, as várias versões das atuais Bíblias ignoram olimpicamente o problema, como se não lhes dissessem respeito, ou, então, apresentam esse trecho entre colchetes, com a explicação seca de que "não consta de vários manuscritos". Mas, com o mesmo direito, se poderia argumentar que o aludido trecho consta, sim, de várias versões e manuscritos não alexandrinos[20], bem como de textos antiquíssimos dos primeiros Padres da Igreja. Segundo o pesquisador Julio Trebolle, os textos alexandrinos – onde não consta a passagem sobre o Filho do Homem estar no céu – não gozam hoje do caráter normativo de outrora, motivo pelo qual "a forma anterior e original do texto deve estabelecer-se através da análise pormenorizada de cada variante." Como forma anterior se entende os manuscritos definidos como do tipo ocidental, que é a forma mais antiga conhecida do texto do Novo Testamento. Por isso, muitos críticos consideram as demais formas apenas como reelaborações desse texto ocidental, que se supõe seja do século II.

---

[19] De Natanael, Jesus disse: "Este é um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade!" (Jo1:47). Essa pureza de Natanael o capacitaria a transmitir alguns séculos depois, quando novamente encarnado na Terra, uma doutrina de relevante conteúdo espiritual para um determinado povo.

[20] Há quatro "famílias" de manuscritos do Novo Testamento, assim designadas segundo a época em que surgiram e o tipo de variantes encontradas: o texto alexandrino, o ocidental, o cesariense e o bizantino.

Na Bíblia – Nova Versão Internacional, a passagem incômoda foi amputada e ajeitada da seguinte maneira: "Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do Homem". Muito engenhoso… Outras Bíblias modernas também apresentam soluções criativas para o enigma. Mas os exegetas que de algum modo tentam esclarecer satisfatoriamente o assunto, baseados na pressuposição de que Jesus seria o Filho do Homem, acabam deixando a emenda algo pior do que o soneto. É o caso, por exemplo, dessa nota de rodapé da Bíblia de Estudo de Genebra: "Poderia ser dito que Cristo, em sua natureza divina, continuava a habitar no céu, mesmo durante a sua vida na Terra." Realmente, é forçar demais a interpretação, torcendo o sentido original.

A indicação de que o Filho do Homem já havia descido uma vez do céu, explica também alguns aspectos pouco claros do Antigo Testamento, como os diversos encontros pessoais de Moisés com o Senhor na tenda do encontro. Moisés se encontrou, sim, pessoalmente com a terceira pessoa da Trindade Divina, o Espírito Santo ou Filho do Homem, que naquela época estava encarnado na Terra. A Bíblia afirma que Moisés contemplava a "forma do Senhor" e que Ele lhe falava de "viva voz" (cf. Nm12:8), ou literalmente *de boca em boca* no original hebraico, expressão que traduz um diálogo, um intercâmbio entre duas pessoas. Aqui, na Terra de matéria grosseira, uma conversa desse tipo só é possível entre duas personalidades encarnadas em corpos físicos. E os textos bíblicos ainda confirmam: "Nunca mais em Israel surgiu um profeta como Moisés, a quem o Senhor conhecia *face a face"* (Dt34:10); "O Senhor falava a Moisés *face a face,* como se fala de pessoa a pessoa" (Ex33:11); "Deu-lhe, *face a face,* os Mandamentos" (Eclo45:5).

Sobre a transmissão dos Dez Mandamentos, a Bíblia diz: "Tendo o Senhor acabado de falar desta sorte no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho feitas de pedra, e escritas pelo dedo de Deus" (Ex31:18). Na verdade, quando Moisés subiu ao monte Sinai, a terceira pessoa da Trindade Divina já havia deixado a Terra pouco antes. Mas lá em cima do monte, Moisés, o grande guia de Israel, recebeu a comunicação dos Dez Mandamentos e ele mesmo os transcreveu em duas pedras, sob orientação do Senhor (cf. Ex34:27).[21]

Foi também a presença na Terra naquele tempo da Vontade de Deus encarnada, que possibilitou o aceleramento dos efeitos da reciprocidade sobre os egípcios, os quais se mostraram na forma das conhecidas pragas, permitindo a libertação do povo israelita, conforme transparece nessas passagens: "A Tua Palavra onipotente, deixando os céus e o trono real, irrompeu como guerreiro impiedoso no meio da terra maldita, empunhando, como espada afiada, teu decreto irrevogável" (Sb18:15,16); "Desci para libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir desta terra para um terra boa e vasta" (Ex3:8). A terceira pessoa da Santíssima Trindade fora encarnada na Terra em atendimento aos angustiantes apelos do povo escravizado de Israel. O tirânico faraó da época era Ramsés II, conforme a Bíblia deixa antever ao narrar a construção pelos israelitas da cidade chamada "Ramsés", fundada por esse faraó (cf. Ex1:11).

Cabe salientar que as pragas que se abateram sobre o Egito não foram atos divinos arbitrários, mas sim o aceleramento de retornos cármicos sobre aquele povo. Se fosse concebível a prática de um ato arbitrário de castigo – algo de antemão impossível segundo as Leis perfeitas da Criação – então o Senhor poderia ter simplesmente paralisado o faraó e a soldadesca egípcia por algumas horas, permitindo uma saída tranquila do povo hebreu. A fuga teria sido muito mais fácil e tranquila.

Mas agora, na época atual, época do último Julgamento da humanidade, o Filho do Homem – o Espírito Santo de Deus – mais uma vez retornou à Terra, novamente desceu para promover um aceleramento dos efeitos recíprocos, porém desta vez sobre todo o gênero humano, processo este denominado Juízo Final:

> *"O Senhor sai da sua Morada para pedir contas dos crimes aos habitantes da Terra."*
>
> *(Is26:21)*

> *"Uma última vez farei tremer, não só a Terra mas também o céu. As palavras 'uma última vez' anunciam o desaparecimento de tudo quanto participa da instabilidade do mundo criado, a fim de que subsista o que é inabalável."*
>
> *(Hb12:26,27)*

[21] O leitor poderá saber mais sobre Moisés e a transmissão dos Dez Mandamentos no livro A Vida de Moisés, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

As Bíblias baseadas nos manuscritos alexandrinos incorporam um outro grave erro, constante no Evangelho de João. O texto correto, que aparece nas Bíblias não-alexandrinas é:

"Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?"

(Jo9:35)

Nesse trecho, o termo "Filho de Deus" é substituído por "Filho do Homem" nas Bíblias alexandrinas, ajudando a conservar o erro de que Jesus seria o Filho do Homem.

Tão tendenciosos como os manuscritos que omitem a passagem sobre o Filho do Homem estar no céu e que substituem "Filho de Deus" por "Filho do Homem", são os que trazem a expressão "Senhor Jesus" em lugar do simples "Senhor" original, quando aludindo ao Filho do Homem, tal como ocorre nesse trecho da segunda Epístola aos Tessalonicenses: "Então aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor *['Jesus']* destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda" (2Ts2:8). Não causa surpresa saber que o nome Jesus não existia originalmente nessa sentença, porque esse processo de atuação no Juízo está em ligação com o Filho do Homem, através de sua Palavra julgadora (o sopro de sua boca), e Jesus não é o Filho do Homem. Mas nesse caso, felizmente, são vários os manuscritos que trazem corretamente apenas a palavra "Senhor", de modo que um pesquisador mais atento não será iludido.

Conforme dito, outra passagem bastante aflitiva para os que insistem em considerar Jesus como sendo o Filho do Homem é a sua declaração diante do Sinédrio:

"Desde agora está sentado o Filho do Homem à direita do Todo-Poderoso Deus."

(Lc22:69)

Desde agora… Portanto, enquanto ele, Jesus, estava ali falando com os membros do Sinédrio, o Filho do Homem se encontrava à direita do Todo-Poderoso. Não podia, por conseguinte, tratar-se do próprio Jesus, que falava com eles naquele momento. Outro problema do mesmo tipo aparece nessa frase de Jesus dirigida aos doze:

"Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem."

(Mt10:23)

E então, como ficamos?... A melhor das explicações para o enigma é que a expressão *"até que venha o Filho do Homem"* nada mais é do que um modo de dizer: *"antes de nos reunirmos*". Quem quiser acreditar, esteja à vontade. A seguir, outra dissonância temporal:

"Todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus."

(Lc12:8)

Jesus está dizendo aqui que quem se declarasse por ele, o Filho de Deus, diante de outrem, *também* o Filho do Homem, ou seja, *também* o segundo enviado de Deus se declararia futuramente por aquela mesma pessoa diante dos anjos. Em sentido inverso, a promessa se repete:

"Aquele que, nessa geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos."

(Mc8:38)

Se alguém ali, na época de Jesus, naquela "geração adúltera" (expressão figurada para designar geração idólatra) se envergonhasse das palavras do Filho de Deus, então *também* o Filho do Homem – uma outra personalidade – se envergonharia dele no futuro. Aquela mesma criatura má, quando reencarnada na Terra, seria então rejeitada pelo Filho do Homem através de sua Palavra. Seria repelida por essa Palavra, não lhe permitindo encontrar nada nela.

Essas assertivas de Jesus sobre a atuação futura do Filho do Homem, sempre indicado por ele na terceira pessoa, são, pois, bastante nítidas e categóricas. Bem ao contrário das citações genéricas a ele atribuídas como Filho do Homem, que só surgiram da interpretação errônea de seus discípulos.

Confrontando esses dois tipos de menções qualitativamente tão díspares entre si, um conceituado teólogo dogmático saiu-se com essa: "Jesus talvez não tenha querido identificar-se desde o começo de maneira explícita com o Filho do Homem, mas só *de maneira enigmática e obscura."* Ah, sim? Então Jesus quis ser enigmático e obscuro para com seus ouvintes e toda a posteridade? Ele, que instou seus discípulos a serem "simples como as pombas" (Mt10:16), e que se esforçava ao máximo em tornar compreensíveis seus ensinamentos por meio das singelas parábolas?…

A respeito da confusão ainda hoje reinante sobre as denominações Filho de Deus e Filho do Homem, diz Abdruschin em sua obra Na Luz da Verdade, dissertação "Fenômeno Universal":

> "Errada é cada tradição que afirma haver Jesus, o Filho de Deus, se designado como sendo simultaneamente também o Filho do Homem. Tal falta de lógica não se encontra nas leis divinas, nem pode ser atribuída ao Filho de Deus, como conhecedor e portador dessas leis.
>
> Os discípulos não tinham conhecimento disso, conforme se depreende de suas próprias perguntas. É só deles que surgiu o erro, que até hoje tem perdurado. Supunham que o Filho de Deus se designava a si mesmo com a expressão Filho do Homem, e nessa suposição propagaram o erro também à posteridade, a qual, da mesma forma que os discípulos, não se ocupou mais seriamente com a falta de lógica aí inerente, mas simplesmente passou por cima disso, em parte por temor, em parte por comodidade, apesar de que na retificação o Amor universal do Criador ainda sobressai mais nítido e mais poderoso."

Precisamos lembrar que Jesus não deixou nada escrito, e que os discípulos tampouco andavam de papel e lápis na mão para anotar o que ele dizia e fazia. O próprio Jesus, aliás, não deu nenhuma orientação a seus discípulos para que escrevessem qualquer coisa. Por isso, o texto dos Evangelhos e outros que fazem menção às suas palavras devem ser encarados como aquilo que realmente são: *tentativas de reprodução de passagens da vida de Jesus e frases suas.* Essas reproduções não podem ser consideradas como as palavras exatas que Cristo proferiu, não apenas por terem surgido através da lente de opiniões e conceitos próprios de quem as escreveu, mas também por terem sido elaboradas vários anos após sua morte, baseadas apenas em recordações de memória. Como Jesus não deixou nada escrito, não existe nenhuma doutrina proveniente diretamente dele, que se poderia talvez dar o nome de "Jesuísmo", mas sim apenas um conjunto de tradições consignadas pelos adeptos de Cristo, a qual recebeu o nome de "Cristianismo". E da forma como o Cristianismo se apresenta *hoje*, podemos afirmar categoricamente que Jesus Cristo jamais seria cristão…

Qualquer um de nós certamente terá dificuldades em relatar com precisão o que fez de importante no mês passado ou mesmo há uma semana. Teremos de fazer um esforço especial só para lembrar do que almoçamos no dia de ontem. O que faz pensar que com os evangelistas teria sido diferente? Por maior boa vontade que tivessem, por mais inspirados que fossem seus escritos, era-lhes impossível reproduzir com exatidão as palavras de Jesus e em muitos casos até mesmo o sentido delas, baseados, como aconteceu, apenas em lembranças e tradições orais. Isso, aliás, não é nenhum demérito, mas apenas uma contingência natural da dificuldade de se transmitir fielmente por escrito recordações verbais. Veja-se, por exemplo, as duas versões do Pai Nosso transcritas no Evangelhos de Mateus (Mt6:9-13) e no de Lucas (Lc11:2-4), tão distintas entre si. Jesus, obviamente, só pode ter dito essa oração numa única forma … É a mesma situação das palavras dele por ocasião da Ceia, onde nos deparamos com quatro relatos distintos (Mt26:26-29; Mc14:22-25; Lc22:19,20; 1Co11:23-26), e também as bem-aventuranças do sermão do monte, novamente muito diferentes nos Evangelhos de Mateus e de Lucas (Mt5:3-12; Lc6:20-23).

Essa dificuldade natural de reproduzir os fatos com exatidão já era conhecida por quem se ocupava da escrita desde o século V a.C. pelo menos, conforme atesta o historiador grego Tucídides em sua Introdução à Guerra do Peloponeso: "Para os discursos proferidos por personagens individuais antes da

guerra e durante a guerra, *era difícil para mim* – pelo que tinha ouvido pessoalmente e pelo que me referiam de diferentes lugares – *recordar com precisão absoluta o que tinha sido dito.* Eu, atendo-me o mais possível *ao sentido geral do que fora realmente dito,* escrevi os discursos como me parecia que cada um dos oradores teria mais ou menos expresso as coisas essenciais sobre as diversas situações." Essa constatação de Tucídides vale para a época dele, para a época de Jesus, para o tempo presente e para o tempo futuro.

De mais a mais, o registro de lembranças e tradições orais acabam condensando inevitavelmente o desenrolar dos fatos. Alguns especialistas calculam que, à exceção dos quarenta dias e quarenta noites passados no deserto, tudo o que segundo os registros dos Evangelhos teria sido dito e feito por Jesus parece não ter ocupado mais do que três semanas…

Mencione-se ainda que quando procuramos passar para o papel algo que vimos ou ouvimos, misturamos inconscientemente nesse processo conceitos próprios. Se pedirmos para dez pessoas descreverem uma mesma paisagem teremos dez relatos diferentes, tanto na forma como no conteúdo. Uma delas dará mais ênfase à cor das flores, outra à altura das árvores, uma outra aos ruídos dos pássaros e insetos. Poderá haver também uma narrativa com várias páginas e outra com um só parágrafo. Como exemplo bíblico disso, temos a figura de Paulo que sobressai de suas epístolas e aquela descrita por Lucas em Atos dos Apóstolos. A impressão que se tem é de que se trata de duas pessoas diferentes.

A mistura inconsciente de opiniões e estilos próprios pode ser nitidamente observada em várias passagens bíblicas relacionadas à vida de Jesus na Terra. Esses relatos não podem, em vista disso, ser considerados absolutamente fidedignos e, além do mais, omitem aspectos importantes relacionados às palavras proferidas por Jesus. A esse respeito, o professor de teologia Rochus Zuurmond apresenta algumas questões instigantes: "Suponhamos que a tradição nos tivesse transmitido literalmente uma sentença de Jesus (o que é sempre duvidoso, mas suponhamos): Qual teria sido, nesse caso, o contexto? Que expressão do rosto acompanhou a palavra? Que expressão do corpo todo? Que relação teve a sentença com experiências de Jesus não registradas em lugar algum? Que emoções profundas acompanharam a palavra? Que público era visado? Etcétera!"

Por fim, temos de considerar também as alterações involuntárias e mesmo intencionais das palavras de Jesus transmitidas pela tradição oral, conforme alerta o professor Gerd Theissen: "A transmissão das palavras de Jesus no Cristianismo primitivo é um problema sociológico, sobretudo pelo fato de Jesus não haver fixado suas palavras literariamente. Uma tradição oral *depende dos interesse de seus transmissores e destinatários;* sua preservação está ligada a condicionamentos sociais bem específicos." O luterano Rudolf Bultmann já sustentava que para se recuperar o núcleo permanente da mensagem do Novo Testamento era preciso libertá-la da linguagem mitológica própria da cultura daquele tempo, como: anjos e demônios, nascimento virginal, ressurreição, etc. Ele considerava esses textos como lendas cultuais ampliadas.

Os relatos dos Evangelhos devem, portanto, ser examinados sempre sob uma ótica de cautela prévia, se quisermos de fato tirar proveito do que ali está escrito. Antes de mais nada, conforme já dito, não se pode tomar ao pé da letra as frases reproduzidas, já que elas contêm um sentido eminentemente *espiritual,* como, aliás, quase toda a Bíblia.

Em várias profecias sobre o Juízo Final aparece, pois, uma figura estreitamente ligada a esse acontecimento. Essa personagem recebe diversas denominações nos textos proféticos, sendo geralmente designada como o enviado de Deus que traz o Juízo, chamado Filho do Homem, cuja missão é desencadear o Juízo Final estabelecido por Deus-Pai: "Ele estabeleceu um Dia para julgar o mundo com Justiça, pelo Homem a quem designou" (At17:31); "O Pai lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem" (Jo5:27); "Ele preparou seu trono para o Julgamento, e assim julgará o mundo com Justiça" (Sl9:8,9). Essa incumbência de julgamento futuro não seria do Filho de Deus, que até afirmou categoricamente: "Eu não julgo ninguém" (Jo8:15). A missão de Jesus não era julgar, mas sim sustentar as almas mediante sua Palavra até o Juízo, para que elas pudessem ser salvas no tempo do Julgamento: "Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele" (Jo3:17).

Outras profecias acrescentam que, além da missão de desencadear o Juízo Final, esse segundo enviado concederia auxílio e salvação aos que buscassem com sinceridade. O significado disso é que, da mesma forma que Jesus, o Filho do Homem também traria uma Mensagem de Deus-Pai para a

humanidade, para redenção dos que ainda pudessem ser salvos no Juízo. Quanto mais Jesus dava cumprimento à sua missão, tanto mais claramente via que, a despeito de seus esforços, a decisão da maioria da humanidade se inclinava para o falhar. A partir daí transformou suas alusões ao Filho do Homem em comunicados diretos: "Mas quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a Terra?" (Lc18:8).

As primeiras alusões de Cristo sobre a vinda do Filho do Homem estavam relacionadas ao Juízo. Para tanto, porém, não teria sido necessário que ele encarnasse na Terra. *Vindo pelas nuvens,* estando acima da Terra, poderia ter cumprido sua missão, conforme antevisto pelo profeta Daniel no século V a.C.: "Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, *vindo sobre as nuvens do céu,* um como Filho do Homem" (Dn7:13). A vinda propriamente do Filho do Homem à Terra, para anunciar aqui a Verdade, foi comunicada por João em seu Evangelho (cf. Jo16:12-15).

As antigas profecias do Antigo Testamento e a anunciação de João se cumpriram em nossa época. O Filho do Homem, a encarnação da Justiça de Deus, desceu à Terra e trouxe novamente para cá a Palavra da Verdade. Sobre essa Palavra da Verdade, sedimentada na Justiça, pode-se novamente dizer como o salmista: "O princípio da tua Palavra é a Verdade, tuas normas são Justiça para sempre" (Sl119:160). Essa Palavra trazida pelo Filho do Homem retifica todos os erros colocados por mãos humanas na Palavra de Jesus, abrindo assim à humanidade, mais uma vez, e pela última vez, a possibilidade de salvação.

A Palavra do Filho do Homem é una com a do Filho de Deus, Jesus. Nem poderia ser diferente, já que ambas provêm da mesma Fonte. A Palavra do Filho do Homem, porém, aparece numa forma ajustada à época atual, complementando a Palavra de Jesus e eliminando todas as inserções puramente humanas nela aderidas, assim como todas as falsas concepções e interpretações de até agora. A Palavra do Filho do Homem *corrige* os erros inseridos pela humanidade na outrora límpida Palavra do Filho de Deus. Com essa correção o ser humano tem novamente a possibilidade de conhecer o verdadeiro sentido da Vontade de Deus e de se reorientar por ela, e com isso também o ensejo de se salvar espiritualmente agora, na época do ajuste final de contas.

Tal como outrora a Palavra do Filho de Deus foi alimento para o espírito, a Palavra do Filho do Homem é agora também o pão da vida para os seres humanos da nossa época, o alimento que lhes permite nutrir seus espíritos e, por último, viver eternamente, conforme indicou Jesus nessa passagem:

> *"Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará, porque Deus, o Pai, o confirmou com o Seu selo."*
>
> *(Jo6:27)*

Jesus diz que o Filho do Homem *dará* (futuro) aos seres humanos a comida que subsiste para a vida eterna, a Palavra da Verdade. Ele foi confirmado com o "selo" do Pai. Esse selo é o sinal vivo da Verdade divina, a Cruz isósceles irradiante, que pertence integralmente ao Filho do Homem como outrora pertencia ao Filho de Deus. Voltaremos a falar sobre essa Cruz isósceles mais à frente.

Uma leitura atenta dos textos bíblicos, desprovida de ideias preconcebidas, permite reconhecer a verdade sobre a identidade e a missão do Filho do Homem. Prova disso é essa opinião do teólogo Rudolf Bultmann: "Jesus somente falou do Filho do Homem escatológico [do grego *skhatos-logos* – "tratado do fim"], que virá na Parusia sobre as nuvens do céu como Redentor escatológico. Não se identificou com ele, mas anunciou sua vinda. Foi a Igreja primitiva que fez aquela identificação e ampliou seu uso: depois da morte de Jesus e do fracasso da ideologia do Filho de Davi religioso-nacionalista, a Igreja primitiva identificou Jesus com o Filho do Homem escatológico, o Messias designado que aparecerá no futuro como Redentor. A própria Igreja pôs em seus lábios as sentenças sobre a morte e a ressurreição." De Bultmann também é essa complementação sobre a implantação do reino de Deus: "A chegada do reino de Deus é um acontecimento que será levado a cabo por Deus sozinho, sem a ajuda dos homens."

É extraordinário que Bultmann tenha chegado a conclusões tão acertadas apenas fazendo uso de pesquisas literárias, ao menos nesses aspectos. É de se supor que em seu aprofundamento ele tenha entrado em conexão com formas de pensamentos mais elevadas, que traziam consigo a verdade dos fatos. Realmente, para quem se aprofunda no sentido certo, a inspiração se assemelha a beber água cristalina de uma fonte: "Os pensamentos são águas profundas no coração do homem; o homem entendido delas haurirá" (Pv20:5).

O biblista John Mckenzie, por sua vez, complementa a concepção de Bultmann ao afirmar que uma parte da Igreja primitiva relacionava (acertadamente!) a personagem Filho do Homem com a figura apocalíptico-escatológica encontrada nos livros de Daniel e Enoch. Infelizmente, esse saber claro acabou por se perder com o tempo.

Outro seguidor de Bultmann é Vielhauer, que também assevera que Jesus jamais usou o título de Filho do Homem para si mesmo, e sim para uma figura apocalíptica do futuro.

O pesquisador W. Bousset chegou a uma conclusão parecida à de seus colegas. Segundo ele, a expectativa apocalíptica de um Filho do Homem, de um Juiz universal futuro, foi indevidamente transferida para Jesus: "A fé messiânica da comunidade primitiva não poderia assumir após a morte de Jesus outra forma senão a do ideal de um Messias transcendente. A esperança de que Jesus assumiria na Terra o papel de rei a partir da tribo da Davi fora destruída de uma vez por todas. Restou apenas a figura celestial, que foi vinculada ao nome do Filho do Homem."

Por fim, o professor Gerd Theissen é de opinião que o Filho do Homem é uma figura encarregada por Deus para julgar o mundo, que aparece em visões "como Filho do Homem", o que, segundo ele, torna historicamente irrealista a concepção de esta referir-se a Jesus. E se pergunta: "Será que Jesus realmente acreditou ser o futuro Juiz do mundo, onde ele absolutamente não aparece nesse papel?" O professor Theissen tem total razão em fazer essa pergunta. Em toda a Escritura judaica, que Jesus conhecia tão bem, não há uma única passagem que coloque o Julgamento do mundo nas mãos do aguardado Messias. É claro que Jesus sabia não ser ele o anunciado Juiz do Mundo, um papel que ele nunca, nem de longe, desempenhou em vida e nem tampouco em suas aparições pós-morte.

Quando, por exemplo, ele leu na sinagoga uma passagem do livro de Isaías e logo em seguida afirmou que naquele dia a profecia havia-se cumprido (cf. Lc4:21), era porque o trecho em questão se referia à sua vinda, com a missão de libertar espiritualmente os cativos, e fazer os cegos espirituais recuperarem a vista:

> *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação dos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor."*
>
> *(Lc4:18,19)*

Observe-se que Jesus interrompe a leitura antes do término do correspondente trecho do livro de Isaías, que fala do "Dia da vingança do nosso Deus" (Is61:2). Essa parte se refere ao Juízo Final, que não seria desencadeado por ele, o Filho de Deus, e sim pelo futuro Filho do Homem. A mistura aqui, como já sabemos, foi provocada pelo "Trito-Isaías", que cuidou de mesclar no livro do profeta duas profecias distintas, a da vinda e missão do Filho de Deus com a da vinda e missão do Filho do Homem. Aliás, nas únicas vezes em que Jesus menciona passagens do livro de Isaías, citando nominalmente o profeta, alude exclusivamente ao texto do legítimo Isaías, e não do "Dêutero-Isaías" ou do "Trito-Isaías" (cf. Mt13:14;15:7; Mc7:6).

Jesus, pois, sempre se referia a um outro enviado com suas alusões ao vindouro Filho do Homem.

As colocações dos pesquisadores reproduzidas acima testemunham sua própria autonomia; indicam que são personalidades não algemadas, pessoas que se movimentam espiritualmente em busca da verdade dos fatos. Contudo, referências claras sobre a identidade do Filho do Homem e sua época podem ser encontradas e reconhecidas em algumas passagens dos próprios Evangelhos. Vejamos as mais elucidativas:

> *"Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis; pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito."*
>
> *(Mc13:21-23)*

O surgimento de falsos profetas é um dos sinais da época do Filho do Homem. Observe-se que não está dito que a época dos falsos profetas passará e que depois virá o Filho do Homem, mas sim que ele virá exatamente na época desses falsos profetas. Portanto, o ser humano teria de estar vigilante para reconhecê-lo em meio à legião de falsos profetas em atividade. Teria de trazer sempre consigo azeite em quantidade suficiente para manter a lâmpada da sua intuição permanentemente acesa.

Essa passagem do Evangelho indica que a manifestação do Filho do Homem na época dos falsos profetas não terá nenhuma semelhança com estes. Ele não fará grandes sinais, procurando angariar adeptos, mas quem procurar com humildade e vontade séria encontrará a sua Palavra, e com isso obterá o reconhecimento de quem ele é e de como se deu a sua missão. Mas isso só acontecerá àqueles que realmente buscarem a Verdade de toda sua alma. Não para os demais. Estes últimos passarão pelo Filho do Homem sem reconhecê-lo, seguindo confiantes o círculo cada vez mais amplo dos falsos profetas.

E não é isso mesmo o que se assiste hoje? A agremiação dos falsos profetas de nossa época continua a angariar novos integrantes todos os dias, no mundo inteiro. Além dos tradicionais, vemos surgir continuamente novos guias, dos mais variados matizes escatológicos. Surgem de repente, por toda a parte, como cogumelos numa manhã úmida. Cogumelos grandes, coloridos, vistosos todos eles… e todos venenosos: "Surgirá uma multidão de falsos profetas e induzirão em erro muitos homens" (Mt24:11). Eles arregimentam um sem-número de incautos seguidores e vão logo cumprir, conscientemente ou não, mas sempre fielmente, as suas missões: desviar a atenção das pessoas boas, o mais possível, do significado real da incisiva transformação pela qual está passando o nosso planeta e toda a humanidade: o Juízo Final desencadeado pelo Filho do Homem. Um desvirtuamento de proporções armagedônicas, que vem já desde o início da nossa era. Do século II ao XVI foram registrados nada menos que 28 falsos messias, só entre o povo judeu… Dos demais surgidos em outros povos e raças não há nem uma contabilidade aproximada.

Como nos tempos antigos, eles promovem esse desvirtuamento através de ensinamentos e vaticínios desprovidos de verdade. Contudo, o que a grande maioria dos seres humanos deseja é isso mesmo, quer ser enganada com lisonjas, para não ter de se movimentar espiritualmente. Não querem ouvir as verdades de legítimos videntes, mas somente coisas agradáveis e ilusões: "Dizem aos videntes: 'deixem de visões!', e aos profetas: 'deixem de anunciar verdades!' Dizei-nos antes coisas agradáveis, profetizai-nos ilusões!" (Is30:10).

O grande profeta Jeremias também denunciou esse estado de coisas em seu tempo, ao reproduzir da parte do seu Senhor: "Visões mentirosas, oráculos vãos, fantasias e enganos do seu coração, eis o que profetizam! (…) Os profetas profetizam em nome da mentira, os sacerdotes embolsam tudo que podem, e Meu povo está satisfeito com isso!" (Jr14:14;5:31). Os leitores da Bíblia deviam atentar mais às várias advertências de Jeremias, pois ele foi um dos servos pré-natalmente escolhidos pelo Senhor, para cumprir uma missão na Terra: "Antes de formar-te no seio de tua mãe, Eu já contava contigo. Antes de saíres do ventre, Eu te consagrei e fiz de ti profeta para as nações" (Jr1:5).

Conforme já diz a própria denominação, falsos profetas são aqueles que transmitem falsos ensinamentos e predições. A maneira de desmascarar um falso profeta é até bastante simples: "Se o que o profeta disser em nome do Senhor não se realizar, não acontecer, então não terá sido uma palavra dita pelo Senhor. Por presunção é que o profeta a proferiu." (Dt18:22). Vemos então que já na época de Moisés havia falsos profetas dando indicações falsas, as quais o povo aceitava de bom grado porque era indolente, julgando tais profetas como enviados pelo Senhor e sua "Palavra" como plenamente autorizada em matéria de fé... Um conceito que se manteve nos milênios seguintes, imiscuídos em vários outros textos e ditos "inspirados" das Escrituras, como por exemplo a ideia de uma "salvação pela graça". Se essa salvação pela graça não se confirmar, então, segundo o livro do Deuteronômio, não se trata de uma palavra dita pelo Senhor...

Os falsos profetas não são necessariamente servidores conscientes das trevas. Ao contrário. A quase totalidade deles se consideram imbuídos dos mais elevados propósitos, encarregados de uma missão de suma importância, acreditando realmente estarem auxiliando a humanidade com suas atuações. Em sua maioria servem *inconscientemente* as trevas e se apresentam como lutadores em prol da Luz. Pouco importa se seu círculo abarca algumas poucas dezenas de adeptos ou centenas de milhões. Não se deve atentar ao que eles procuram aparentar, e sim ao que transmitem: "confessam que conhecem a Deus, mas o negam com seus atos" (Tt1:16); "conservarão uma aparência de piedade, mas negarão a sua essência" (2Tm3:5). Daí também a advertência tão clara: "Não julgueis pela aparência, mas julgais conforme a justiça" (Jo7:24). Não se deve levar em consideração os ritos e trajes que os envolvem, e sim suas palavras e seu proceder, provenientes do íntimo. É o *espírito* deles que tem de ser examinado com toda a seriedade: "Não acrediteis em qualquer espírito, mas *examinai os espíritos* para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo" (1Jo4:1). O que eles *oferecem* tem de ser

analisado, e com toda a objetividade e firmeza que uma pessoa é capaz de reunir. Hoje, mais do que nunca, é preciso distinguir pedras de pão.

Ao lado dos falsos profetas trabalham os não menos nocivos apaziguadores, que procuram colocar panos quentes em todas as advertências da época atual, na forma de tantas tragédias humanas e catástrofes da natureza. Essa casta de apaziguadores está prodigiosamente disseminada entre os clérigos de múltiplas tendências, e também junto aos cientistas. São eles os que "prodigalizam consolações ilusórias" (Zc10:2). Sobre essa gente, mais "cegos que guiam cegos" (Mt15:14), diz a mensagem do Senhor transmitida por Ezequiel e Jeremias: "Com efeito, eles desencaminham o Meu povo ao dizerem: 'paz', e não há paz" (Ez13:10); "Todos, profetas e sacerdotes, praticam a mentira. Pretendem remediar a desgraça do Meu povo dizendo levianamente: Tudo em paz! Tudo em paz!, quando não há paz" (Jr6:14).

O profeta Jeremias, mais uma vez, transmite várias advertências da parte do Senhor contra esses apaziguadores: "Os profetas que profetizam em Meu nome, sem que Eu os tenha enviado, e que proclamam: 'Não haverá espada nem fome nesta terra', tais profetas perecerão pela espada e pela fome!" (Jr14:15). E prossegue nas advertências contra outros semelhantes abutres: "Não queirais ouvir as palavras dos profetas que vos transmitem vãs esperanças. Proclamam as suas próprias visões, que não procedem da boca do Senhor. Eles dizem repetidamente aos que desprezam a Palavra do Senhor: 'Tereis paz!, 'Nenhum mal virá sobre vós!' (…) Não enviei estes profetas, e eles vieram a correr; não lhes falei, e eles profetizaram. Se assistissem ao Meu conselho, teriam transmitidos as Minhas palavras ao Meu povo, *tê-lo-iam convertido* do seu mau caminho e das suas perversas ações" (Jr23:16-22,26).

Os falsos profetas vaticinam a mentira… "Até quando haverá profetas que vaticinam a mentira, que profetizam os desvarios do seu coração?" (Jr23:26). A maioria das pessoas já se desencantou completamente das promessas dos políticos, pois suas mentiras são facilmente constatadas, já que não se efetivam em atos. Os políticos espirituais também mentem da mesma forma, porém suas mentiras dizem respeito ao âmago mais profundo do ser humano, ao seu próprio espírito, e por isso só podem ser percebidas por quem mantém viva a voz do espírito, a intuição. São esses mentirosos espirituais os maiores inimigos da humanidade, capazes de lançá-la inteira na perdição eterna, e foi contra eles que se dirigiu a advertência de Jesus:

> *"Digo-vos, pois, amigos meus: Não temais os que matam o corpo, e depois disso nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a este deveis temer."*
>
> *(Lc12:4,5)*

Esses falsos profetas, que detêm o poder de aniquilar espiritualmente um ser humano, não parecem tão perigosos aqui na Terra. Ao contrário. Suas palavras são suaves, doces, requerendo do incauto apenas uma inocente fé cega. No entanto, essa fé cega aparentemente inócua é uma isca poderosa, que atrai o espírito humano descuidado para uma armadilha fatal. São esses falsos profetas, portanto, que devemos temer, os lobos em pele de cordeiro:

> *"Cuidado com os falsos profetas: eles vêm até vós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes."*
>
> *(Mt7:15)*

O leitor deixe sempre falar sua intuição quando se defrontar com algo que diga respeito à sua vida espiritual, pois a esse respeito não se pode ser negligente: "Anda segundo os caminhos do teu coração, conforme o que teus olhos veem" (Ecl11:9), e nem ser indolente: "Sede diligentes, sem preguiça, fervorosos no espírito" (Rm12:11). Tudo com que se deparar pode, deve e tem de passar pelo filtro rigoroso da intuição espiritual. Não deve se entregar a uma crença qualquer por costume ou comodismo, a algo que não tenha absoluta convicção de corresponder à Verdade. Precisa ter coragem de ser verdadeiro em tudo quanto fizer: "Em tudo o que fazes, sê fiel a ti mesmo" (Eclo32:23).

Em relação ao Cristianismo de hoje, a mais letal das crenças falsas em vigor é supor que a morte de Jesus tenha livrado os fiéis cristãos de seus pecados e lhes garantido a salvação. Outro tipo de crença falsa muito perniciosa é justamente considerar Jesus como o Filho do Homem. Que devido a isso a maior

parte das pessoas ficará impedida de reconhecer o Filho do Homem, até a consumação do Juízo Final, fica patente nessas comparações de Jesus:

> *"Porquanto assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem."*
>
> *(Mt24:38,39)*

> *"Acontecerá como nos dias de Ló: comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e construíam. Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, Deus fez chover fogo e enxofre do céu e fez morrer todos. O mesmo acontecerá no Dia em que se manifestar o Filho do Homem."*
>
> *(Lc17:28-30)*

Jesus diz ainda que na época do Filho do Homem haverá grandes terremotos, maremotos, doenças e sinais nos céus:

> *"Haverá grandes terremotos e pestes e fomes em todos os lugares; aparecerão fenômenos pavorosos e grandes sinais vindos do céu. (...) Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas; e na Terra, as nações estarão em angústia, inquietas pelo bramido do mar e das ondas."*
>
> *(Lc21:11,25)*

E os poderes dos céus serão abalados:

> *"Mas naqueles dias, após a referida tribulação, o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então verão o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória."*
>
> *(Mc13:24-26; Mt24:29,30)*

A frase condicional de que *"então* verão o Filho do Homem" significa que muitos só reconhecerão que o Juízo Final foi desencadeado pelo Filho do Homem quando seus efeitos mais drásticos se efetivarem na Terra:

> *"O Sol ficará escuro, a Lua perderá sua claridade, as estrelas cairão do céu e as potências celestes serão abaladas."*
>
> *(Mt24:29)*

Eventos cósmicos abaladores não são prelúdios da vinda do Juiz, mas o sinal de que o Julgamento por ele já desencadeado se encontra em sua fase final. As pessoas desejarão covivenciar os dias do Filho do Homem na Terra, mas serão incapazes de reconhecê-lo em tempo certo: "Dias virão em que desejareis nem que fosse um só dos dias do Filho do Homem e não o vereis" (Lc17:22). Não poder ver o Filho do Homem ou não ser capaz de reconhecer a sua Palavra é a mesma coisa, pois ambos são um só. Elas serão incapazes de reconhecer a Palavra da Verdade no tempo certo. Sua atitude será idêntica à dos que estavam junto à cruz do calvário na época de Cristo, que somente depois do grande terremoto "ficaram apavorados e disseram: 'Este era verdadeiramente o Filho de Deus!'" (Mt27:54). Um reconhecimento vindo demasiado tardio. O mesmo reconhecimento atrasado se verá em relação ao Filho do Homem. E não só atrasado como ineficaz, pois dada sua índole tenebrosa, as pessoas se preocupariam antes de mais nada em querer saber mais sobre a *pessoa* do Portador da Mensagem da Luz e não sobre a própria Mensagem, o que unicamente lhes seria útil. Exatamente como aconteceu com o Filho de Deus e sua Mensagem de Salvação. A humanidade não mudou.

A indicação de que o Sol escurecerá e que a Lua não dará sua claridade refere-se ao deslocamento da órbita da Terra, ocasionado pelo Grande Cometa, que em breve será visível e causa de um pavor generalizado.[22] O Cometa do Juízo levará toda a família de planetas para o novo Sol, fazendo reinar escuridão na Terra durante vários dias. É o tempo antevisto pela vidente do Apocalipse quando disse que "o Sol se tornou negro com um saco de crina" (Ap6:12). No livro do Apocalipse, aparece uma estrela chamada Absinto, que cai do céu: "Caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha. O nome

[22] Veja mais informações a respeito desse Cometa na obra O Livro do Juízo Final, de Roselis von Sass.

da estrela é Absinto" (Ap8:10,11). Absinto é a designação genérica das muitas espécies de plantas de sabor intensamente amargo. Amarga será a experiência dos seres humanos terrenos durante os últimos acontecimentos do Juízo. Nessa ocasião, realmente "os poderes dos céus serão abalados e os homens desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo" (Lc21:26). Jesus ordena aos seus que *velassem e orassem* permanentemente, porque não saberiam quando seria esse tempo:

*"Estai de sobreaviso**, velai e orai,** porque não sabeis quando será o tempo."*

(Mc13:33)

Para subsistir na época futura do segundo enviado, o Filho do Homem, as pessoas também teriam de velar e orar, avisou Jesus:

"Velai, pois, orando continuamente, a fim de terdes força para escapar a tudo o que vai acontecer e aparecerdes firmes diante do Filho do Homem."

(Lc21:36)

O aparecimento do Grande Cometa, que provocará profundas alterações na geologia terrestre e a mudança de sua órbita, marcará também o início de uma nova era, a Era da Verdade! Em O Livro do Juízo Final, Roselis von Sass diz que no início do novo tempo a Terra estará vazia, pois a maior parte dos seres humanos terá desaparecido para sempre da superfície terrestre com todos os seus pecados, vícios, falsos profetas e falsas religiões. Essa situação também foi antevista pelo profeta Isaías:

"Os meus ouvidos ouviram ainda este juramento do Senhor dos Exércitos: 'Grande número de casas será devastado, grandes e magníficas herdades ficarão desabitadas.' (...) 'Vai, pois, dizer a esse povo: Escutai, sem chegar a compreender, olhai, sem chegar a ver.' (...) 'Até quando, Senhor?', disse eu. E ele respondeu: 'Até que as cidades fiquem devastadas e sem habitantes, as casas, sem gente, a Terra, deserta; até que o Senhor tenha banido os homens, e seja grande a solidão na Terra. Se restar um décimo (da população), ele será lançado ao fogo, como o terebinto e o carvalho. (...) Eis que o Senhor devasta a Terra e a torna deserta, transforma a sua face e dispersa seus habitantes. (...) Os habitantes da Terra são consumidos, um pequeno número de homens sobrevive."

(Is5:9;6:9,11-13;24:1,6)

A Lei da Reciprocidade foi acelerada no Juízo pela irradiação do Filho do Homem, fazendo retornar rapidamente a cada criatura humana tudo o que ela gerou em sua existência:

"Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; então retribuirá a cada um conforme as suas obras."

(Mt16:27)

Conforme as suas *obras*... e não acaso conforme a sua *fé*. Quando Paulo se queixou a Timóteo de que o ferreiro Alexandre tinha se mostrado mau para com ele, desabafou: "O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras" (2Tm4:14). Segundo as obras portanto, e não segundo a fé.

O Filho do Homem prometido por Jesus viria no futuro para julgar e retribuir a cada um segundo seu proceder, e não segundo sua crença pessoal. O retribuir conforme as obras indica o fechamento do ciclo de todos os acontecimentos no Juízo Final, pela atuação acelerada da reciprocidade, desencadeada pelo Juiz, o Filho do Homem. O Juízo se efetiva exatamente dessa forma: pelo recrudescimento dos efeitos das leis primordiais, que força o resgate de tudo quanto o ser humano produziu com sua vontade, seus pensamentos, palavras e atos, e que ainda não havia sido remido.

É como o movimento de uma esteira elétrica, que passa a girar cada mais vez mais rápido. A pessoa que está sobre a esteira tem de se manter em equilíbrio, condizente com a velocidade acelerada, do contrário cairá e se machucará. Ela mesma não tem nenhum controle sobre o movimento e a velocidade crescente da esteira da Criação, de modo que, caso tropece ou caia, terá de desenvolver esforços redobrados para retornar à posição de equilíbrio. Se não fizer isso será dilacerada pelo movimento da esteira, pois essa de maneira alguma reduzirá sua marcha devido à queda do usuário.

Realmente, não é preciso ser profeta nem vidente para constatar que o mundo não é mais o mesmo já há tempos, decorrência desse aceleramento contínuo dos efeitos do Juízo. Nas últimas décadas a humanidade tem sido assolada por um número crescente de tragédias e catástrofes, todas se superpondo

continuamente: terremotos, erupções, inundações, ciclones, incêndios, efeito estufa, buracos na camada de ozônio, explosões solares, doenças terríveis, fome, roubos, miséria, chacinas, guerras, revoluções, atentados terroristas, distúrbios coletivos, acidentes, drogas, crises econômicas, medo, depressão, degradação moral…

As notícias sobre esses acontecimentos, que se superpõem continuamente à nossa volta, são invariavelmente sempre piores. Em todos os sentidos. Os avestruzes espirituais que não querem de modo algum enxergar essa aglomeração contínua dos fenômenos da natureza, afirmam levianamente para si e seus companheiros de terreiro: "Tudo já aconteceu!". Eles não percebem, ou não querem perceber, que tudo já aconteceu sim, mas *isoladamente,* de modo que em outras épocas se falava e se comentava durante muito tempo sobre determinadas catástrofes da Natureza, justamente porque eram fenômenos raros. O profeta Zacarias, que escreveu seu livro entre 520 e 518 a.C., previu a seus ouvintes: "Fugireis *como na ocasião do terremoto do tempo de Ozias,* rei de Judá" (Zc14:5), aludindo a um sismo ocorrido no tempo do rei Ozias, que reinou de 783 a 742 a .C., portanto mais de dois séculos antes! No primeiro século da nossa era, Flavio Josefo também alude a um terremoto que teria feito grandes estragos no vale do Jordão, em 31 a.C. Os terremotos eram eventos tão inusitados e impressionantes que serviam de referência anos e até séculos depois de ocorridos. E hoje?... Hoje, o medo inconsciente leva os seres humanos a abafar tudo horas depois, em meio a divertimentos de todo tipo.

Mas o Juízo vai acordar a humanidade, quer ela queira quer não. A cada ano, a cada mês, a situação se deteriora mais e mais. Visivelmente. E muito mais ainda vai piorar no futuro. Os seres humanos serão arrancados violentamente de seu torpor espiritual, mediante o aceleramento dos efeitos recíprocos de seu falso atuar. Atualmente, todo o mal cultivado pela humanidade durante milênios está sendo forçado a se manifestar com a máxima intensidade, até se autoexaurir, se autoconsumir, levando consigo tudo e todos que a ele estejam aderidos e que não foram capazes de se desprender dele a tempo. Daí o crescimento colossal das tragédias humanas e catástrofes da Natureza, daí o incremento exponencial da maldade em nossa época, conforme Paulo já previra em sua Segunda Epístola a Timóteo: "Nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis. Os homens serão egoístas, ávidos de lucro, fanfarrões, orgulhosos, blasfemadores, rebeldes para com os pais, ingratos, sacrílegos, desapiedados, implacáveis, maldizentes, indisciplinados, cruéis, inimigos do bem, traidores, coléricos, obcecados pelo orgulho, mais amigos dos prazeres do que de Deus" (2Tm3:1-4). Os seres humanos maus terão de se mostrar como realmente são durante o Juízo, para serem julgados e suprimidos para sempre: "Se os infiéis brotam como a erva, se todos os malfeitores florescem, é para serem suprimidos para todo o sempre" (Sl92:8).

Estamos vivendo na época em que a cobra morde o próprio rabo, o tempo em que as trevas têm de se destruir mutuamente, através de todo o mal que elas próprias geraram e nutriram. É a época do temido Juízo Final! A paz fictícia já foi retirada da Terra pelo cavaleiro do Apocalipse, e as fúrias se espalham agora sobre a Terra inteira: "Ao que montava foi dado o poder de tirar a paz da Terra, para que se matassem uns aos outros" (Ap6:4). Tudo quanto está ocorrendo, e o que ainda vier em futuro próximo, testemunham esse evento descomunal. Nós *já estamos* dentro do grande e derradeiro Julgamento, já estamos no Juízo Final! Há vários anos! Não se trata acaso do fim do mundo, mas sim do fim de *um mundo,* um mundo errado e torto, triste e miserável, que a humanidade edificou para si mesma durante milênios.

As pessoas que veem a comprovação dessas tragédias e males na época presente, ou que já estão sendo obrigadas a constatá-los em seu ambiente mais próximo ou mesmo a vivenciá-los em si, são instadas dessa maneira a refletir seriamente sobre o que está ocorrendo de extraordinário no mundo e nelas próprias. Têm com isso ensejo de chegar a uma conclusão lógica: a de que tanto o sofrimento mundial como o individual só podem ser, na realidade, efeitos do atuar errado dos próprios seres humanos. A partir daí se lhes tornará clara também a necessidade inadiável de uma mudança interior, radical, de um completo *nascer de novo,* de um reenquadramento integral às leis inflexíveis que regem essa Criação, as quais só admitem um desenvolvimento no sentido do bem. Em suma, deverá procurar agora a justiça e a humildade em tudo, contingência incontornável para subsistir no Juízo: "Procurai a justiça, buscai a humildade: talvez assim acheis abrigo no Dia da Ira do Senhor" (Sf2:3).

O biblista Giuseppe Barbaglio chegou à conclusão muito acertada de que "o Juízo, de fato, não acontecerá tendo como base os critérios de caráter religioso ou confessional, mas segundo a medida expressa pelo mandamento do amor ao próximo." Opinião absolutamente correta, ainda mais quando se

sabe que "aquele Dia há de sobrevir *a todos os que vivem sobre a face da Terra inteira"* (Lc21:35), e de que "o Juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia" (Tg2:13).

É justamente nessa época da ceifa do Juízo Final que o joio é separado do trigo, por efeito conjunto das leis da Criação. Nada mais pode permanecer oculto, tudo é trazido à plena luz do dia para que se mostre como realmente é. Paulo aludiu a esse período em sua primeira Epístola aos Coríntios:

> *"Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não apenas trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações."*
>
> *(1Co4:5).*

O prazo concedido para o desenvolvimento da criatura humana expirou. O Senhor dos Exércitos, o Filho do Homem prometido, já veio à Terra para trazer à plena luz as coisas ocultas e os desígnios dos corações humanos. Ele é o "Senhor dos Exércitos, cuja sentença é a Justiça, que examina a mente e o coração" (Jr11:20).

Vivenciamos presentemente o período da colheita de tudo quanto foi semeado, a época do exame final. Ou o ser humano acorda ainda a tempo, retomando o caminho certo há muito perdido, através da observação irrestrita das leis instituídas por Deus em Sua Criação, ou se perderá no Juízo, perecendo espiritualmente, com o que seu nome será apagado do Livro da Vida por toda a eternidade. É a decisão final. A lembrança do justo será abençoada e permanecerá, mas o *nome* do mau desaparecerá e, com isso, também se apagará para sempre a luz espiritual que o incandescia: "A lembrança do justo é abençoada, mas o nome dos maus apodrecerá" (Pv10:7); "Para os maus não há futuro; a lâmpada dos ímpios de apagará" (Pv24:20). Esse mesmo conceito aparece nos livros de Jó e dos Salmos: "Sim, a luz do mau se apagará, e a flama de seu fogo cessará de alumiar. Sua lembrança perdeu-se na terra, seu nome já não consta do cadastro" (Jó18:5,17); "[Tu] exterminaste os ímpios, apagaste o seu nome para sempre" (Sl9:6).

Essa indicação do nome que se apaga, que é suprimido da Criação, significa a extinção do próprio espírito humano, pois na realidade nome e personalidade são uma só coisa. O ser humano não somente se chama assim como soa o nome, mas ele *é assim* como seu nome indica. Ele *é* aquilo que seu nome diz. Para um ser humano terreno, até mesmo o prenome que ele porta corresponde, em sentido amplo, à uma espécie semelhante. Isso não é difícil de constatar observando como soam os prenomes usuais nas várias raças e povos, e até mesmo em algumas comunidades. Para evitar dúvidas: quando digo "nome" estou me referindo ao que se conhece em português como "sobrenome", e quando falo de "prenome" é o que a língua portuguesa chama normalmente de "nome".

Os antigos escritores hebraicos conheciam o processo e sempre consideravam o nome como equivalente à própria pessoa. Acreditavam que primeiro se devia conhecer o nome de alguém, antes de se conhecê-lo pessoalmente. Por isso, entre o povo judeu daquela época, o ato da escolha do nome para uma criança era uma grande responsabilidade. Uma indicação disso foi o episódio envolvendo Isabel, mãe de João Batista. Os vizinhos e parentes queriam que o menino se chamasse Zacarias, mas Isabel protestou firme e disse que seu filho teria o nome de João (cf. Lc1:59,60). Um aspecto interessante, é que naquele tempo o nome podia ser alterado na fase adulta, normalmente a pedido da própria pessoa. Na Bíblia há relatos em que essa mudança foi simplesmente comunicada à respectiva pessoa. Jacó foi informado por um anjo da mudança de seu nome para Israel (cf. Gn32:28), e Jesus mudou o nome de Simão para Pedro (cf. Mt16:17,18). Com Paulo, que antes portava o nome de Saulo, essa mudança aconteceu de uma hora para outra, quando se encontrava na ilha de Chipre (cf. At13:9).

A correlação nome-portador também transparece nesse exemplo de uma pessoa pouco recomendável: "Meu senhor, não faça caso desse idiota, Nabal, pois ele é bem o que o seu nome indica: Nabal, louco. É isso o que ele é!" (1Sm25:25). O nome Nabal significava, de fato, louco, insensato, infame. Esse cidadão já trazia de outras vidas uma inclinação para o mal: "era grosseiro e mau" (1Sm25:3), o que se evidenciava pelo nome que portava naquela vida. Contudo, ele não precisaria ter voltado a agir erradamente. Se tivesse reconhecido seu pendor para o que é trevoso e lutado contra isso, teria se libertado de seu carma, e numa outra vida portaria um nome diferente, condizente com sua nova e mais elevada posição espiritual. Mas isso não aconteceu e Nabal teve de receber o retorno integral de seus atos malévolos através da Lei da Reciprocidade: "O Senhor fez cair sobre sua cabeça a própria maldade!" (1Sm25:39).

Uma indicação moderna da efetivação da Lei de Atração da Igual Espécie através do nome, agora no sentido positivo, pode ser reconhecida pelos nomes de família associados a características bem marcantes de seus membros, como é o caso notório de grandes musicistas. É a efetivação dessa lei que proporcionou tantos músicos extraordinários com sobrenomes Mozart, Strauss e Bach, só para citar alguns. Na família de Johann Sebastian Bach havia nada menos que cinquenta e dois músicos. Espíritos humanos de características elevadas também podem surgir numa mesma família, portando o mesmo nome, também como decorrência dessa lei.

O nome, portanto, designa seu próprio portador, e este só existe porque porta um nome. O Senhor Deus é Aquele "a quem toda família no céu e na Terra deve o seu nome" (Ef3:15), portanto a Quem devem sua *existência*, conforme indicam outras traduções igualmente corretas. Isso vale não somente para os seres humanos mas para tudo o mais que se encontra na Criação, e para ela própria até: "O que quer que exista, já foi chamado por seu nome" (Ecl6:10). O poema mesopotâmico Enuma Elish, de que já falamos, é chamado assim por causa das duas primeiras palavras do cântico: "Quando do Alto", conforme era usual nos escritos da Antiguidade. A primeira frase desse poema diz o seguinte: "Quando do Alto o céu *ainda não era denominado* e, embaixo, a Terra *não tinha nome…"* Esse modo de expressão quer dizer: "Quando o céu e a Terra ainda não existiam…" Tudo passou a existir quando recebeu um nome, e o que não puder conservar um nome após o Juízo terá sido extinto da Criação. O apócrifo Evangelho da Verdade expressa o mesmo conceito com essa sentença: "O que não existe não tem nome; realmente, como seria nomeado o não-existente? Mas o que existe, existe simultaneamente com o seu nome" (EvV39:11,16). Os antigos egípcios também conheciam essa propriedade da relação nome-portador, mas com sua propensão a exageros faraônicos, achavam que conhecer o nome de uma pessoa já significava ter poder sobre ela, e por isso escondiam seu verdadeiro nome para evitar influências externas.

Em relação a Jesus Cristo, o nome naturalmente se revestia de máxima importância. Os vários relatos de batismo "em nome de Cristo" existentes em Atos dos Apóstolos (cf. At2:38;10:48;19:5) indicam que os batizandos se comprometiam firmemente a viver como Jesus Cristo ensinara, em *seu nome* portanto.

Voltando ao Filho do Homem, é dele por conseguinte a Palavra futura que traria o Julgamento ao mundo, a qual é una com a do Filho de Deus, conforme Jesus esclarece nesse trecho do Evangelho de João:

> *"Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, porque eu não vim para julgar o mundo e sim para salvá-lo. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a própria Palavra que tenho proferido, essa o julgará no último Dia."*
>
> *(Jo12:47,48)*

Esse efeito da Palavra divina criadora que traz o cumprimento do que foi pronunciado, que já desencadeia propriamente o que foi dito, que já é *ação* por assim dizer, é descrito dessa maneira no Livro de Isaías: "Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a Palavra que sair da Minha boca: *não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei"* (Is55:10,11). É dessa maneira também que se desenrola o atual Juízo, segundo a Palavra decretada pelo Senhor: "A Terra será totalmente devastada, despojada, porque o Senhor assim o decretou" (Is24:3). E quem conhece a Bíblia sabe muito bem que "a Palavra do nosso Deus subsiste para sempre" (Is40:8), pois "Ele não retira Sua Palavra" (Is31:2), isto é, Ele nunca volta atrás no que determinou alguma vez. Por isso, *todas* as palavras advindas do Senhor se cumprem, sem exceção: "Assim fala o Senhor Deus: 'Todas as Minhas palavras se cumprirão. A palavra que Eu digo vai realizar-se'" (Ez12:28).

Em hebraico, o termo *dabar*, que designa palavra, indica simultaneamente o efeito relacionado à essa palavra. Por isso, também era do conhecimento dos antigos hebreus que até mesmo a palavra humana trazia em si um certo poder de realização… "Quanto mais não traria então a Palavra de Yahweh,

o Senhor!", diziam eles.[23] Em razão disso, na língua hebraica, os Dez Mandamentos, que aparecem nos livros de Êxodo e Deuteronômio (cf. Ex20:1-17; Dt5:6-21), são chamados literalmente de as "Dez Palavras" (*decalogos* em grego).

Para se reconhecer a vinda do Filho do Homem e o processo do Juízo Final, o "Dia do Senhor", é fundamental a vigilância de cada um, o azeite da lâmpada. Vamos relembrar aqui a analogia do ladrão, que não avisa quando vai chegar:

> *"Vós mesmos sabeis perfeitamente que o Dia do Senhor vem como um ladrão, durante a noite. Não estais nas trevas, de modo que este Dia vos surpreenda como um ladrão."*
>
> *(1Ts5:2,4)*

> *"Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a Terra e as obras que nela existem serão atingidas."*
>
> *(2Pe3:10)*

> *"Portanto, vigiai, porque não sabeis em que Dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos: porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá."*
>
> *(Mt24:42-44)*

A expressão Dia do Senhor nessas citações deve ser entendida como o tempo completo de efetivação do Juízo Final, isto é, os anos compreendidos entre o início e o fim do Julgamento. Mais duas lembranças sobre a chegada do ladrão escatológico:

> *"Se não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que horas te surpreenderei."*
>
> *(Ap3:3)*

> *"Olha: venho como um ladrão! Feliz daquele que vigia e guarda suas vestes."*
>
> *(Ap16:15)*

Por essas palavras vê-se que a vinda do Filho do Homem, contrariamente ao que é imaginado por muitos, se daria sem aviso prévio, sem alarde. Aquele que merecer, encontrará sua Palavra e o reconhecerá, porém ele mesmo não irá atrás de ninguém. Na última frase, a expressão "guardar as vestes" significa conservar limpas as vestes do espírito, ou seja, a alma. Temos, portanto, de cuidar de branquear nossas vestes para podermos fazer parte daqueles que "estavam de pé diante do trono e diante do Cordeiro, trajados com *vestes brancas"* (Ap7:9). A necessidade de se estar preparado para a vinda do Juiz – o Filho do Homem, com as vestes do espírito lavadas e limpas, se mostra de maneira ainda mais incisiva na passagem a seguir:

> *"Eis que venho em breve, e minha retribuição está comigo, para pagar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim. Felizes os que lavam suas vestes, para que lhes caiba o direito à árvore da vida."*
>
> *(Ap22:12-14)*

Felizes os que *lavam suas vestes*, que se dão ao trabalho para tanto!... O Alfa e o Ômega são a primeira e última letras do alfabeto grego. O Filho do Homem, o Senhor dos Exércitos, será sempre o Primeiro e o Último na Criação, pois ela se originou dele, que é a própria Vontade de Deus. Ele é o único elo entre o Criador e Sua obra: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eu sou o Primeiro e sou também o Último, fora de mim não existe Deus" (Is44:6). Nada existe de divino dentro da obra da Criação a não ser ele, que veio da própria Luz viva, atuando como medianeiro eterno entre Deus-Pai e a Criação. Deus está presente na Sua obra unicamente através do Filho do Homem.

[23] O reconhecimento da importância da palavra humana sobrevive até hoje no Judaísmo. O primeiro número da famosa Revista de Estudos Semíticos, surgida em 1955, trazia a seguinte frase: "A linguagem humana é um segredo, é um dom divino, um milagre."

Para melhor compreensão das expressões Alfa e Ômega, Primeiro e Último, Começo e Fim, em conexão com Imanuel, o Filho do Homem, reproduzo aqui um parágrafo da dissertação Os Planos Espírito-Primordiais II, da obra Na luz da Verdade, de Abdruschin[24]:

> "Jesus é o Amor de Deus; Imanuel é a Vontade de Deus! Por isso a Criação vibra em seu nome. Tudo quanto nela acontece, tudo quanto nela se realiza se acha inscrito nesse nome, o qual mantém a Criação, do menor ao maior fenômeno! Nada existe que não se origine desse nome e que não tenha de cumprir-se nele."

Sobre a inexorabilidade do último Julgamento e os acontecimentos a ele ligados, Paulo também faz uma advertência semelhante às anteriores (novamente com a analogia do ladrão) em sua primeira Epístola aos Tessalonicenses:

> *"Quando andarem dizendo: paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz, e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia, como ladrão, vos apanhe de surpresa."*
>
> *(1Ts5:3,4)*

Na passagem abaixo, Jesus fornece outras indicações sobre o tempo do Filho do Homem, as quais têm provocado considerável controvérsia entre os eruditos bíblicos:

> *"Aprendei da figueira esta parábola: quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. Da mesma forma também vós, quando virdes todas essas coisas, sabei que ele [o Filho do Homem] está próximo, às portas. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça."*
>
> *(Mt24:32-34; Mc13:28-30)*

Um desses eruditos é honesto o suficiente para expor sua perplexidade: "Não se tendo verificado o acontecimento escatológico suposto como iminente, não se pode evitar o espinhoso problema do erro de avaliação cometido por Jesus", confessa ele. Na realidade, não há erro algum, desde que tenhamos em mente que Jesus não é o Filho do Homem, e que ao proclamar que "esta geração não passará sem que tudo isso aconteça" está apenas indicando que aquelas pessoas que o ouviam naquela ocasião estariam reencarnadas na época da vinda do Filho do Homem, e que seriam testemunhas futuras daqueles acontecimentos.

Ainda em relação à geração de seu tempo, que estaria novamente encarnada na Terra no futuro, na época do Juízo Final, Jesus previu:

> *"A Rainha do Sul se levantará no Juízo com esta geração e a condenará, porque veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão."*
>
> *(Mt12:42)*

A Rainha do Sul é uma outra denominação para a Rainha de Sabá, a qual se encontrou de fato com Salomão[25]. Para as pessoas daquela época, na região da Palestina, ela tinha vindo realmente dos "confins da Terra", pois Sabá estava localizada bem longe deles, no sul da Arábia, no atual Iêmen. Pequenas tábuas de argila encontradas em escavações na cidade mesopotâmica de Mari fazem menção ao povo dos Iaminitas, que significa "sulistas". Daí o nome Iêmen. É curioso que o Iêmen tenha sido um dos lugares escolhidos para a busca do perdido Paraíso terrestre... Palestina é a adaptação grega do nome

[24] Para uma explicação mais detalhada do "Alfa e Ômega", ver a resposta de Abdruschin a essa questão no seu livro Respostas a Perguntas, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

[25] De Salomão, a Bíblia diz com acerto que "seu coração não era de todo fiel para com o Senhor seu Deus, como fora o de Davi, seu pai" (1Rs11:4). Já a descrição bíblica da visita da Rainha de Sabá a Salomão é muito tendenciosa, ao mostrá-la absolutamente encantada com a suposta sabedoria do rei (cf. 1Rs10:4-9; 2Cr9:3-8). Como consequência, uma pintura medieval a retrata ajoelhada diante do trono de Salomão, oferecendo-lhe seus presentes. A Rainha de Sabá também é mencionada no Corão, e na tradição árabe é conhecida pelo nome de Bilkis. Ao leitor que desejar conhecer a história de Biltis, a Rainha de Sabá, bem como a realidade sobre a mitológica sabedoria de Salomão, indica-se a obra Sabá – O País das Mil Fragrâncias, de Roselis von Sass.

Filistina ou Filisteia, a terra dos filisteus. E exatamente conforme predito por Jesus, a Rainha de Sabá esteve novamente na Terra agora, na época do Juízo, em cumprimento de uma missão de extrema importância para a humanidade.

No Evangelho de João, particularmente, há várias passagens sobre a vinda e a atuação do Filho do Homem. Nele, Jesus anuncia a vinda do Consolador ou Paráclito[26] – o Espírito da Verdade, uma outra denominação para o Filho do Homem, indicando que a sua missão se caracterizaria pela Verdade, da qual ele se origina e de que é Portador. Na passagem a seguir é muito nítida a indicação de Jesus referente a um outro enviado de Deus e à Palavra que ele novamente traria à Terra:

> *"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós."*
>
> *(Jo14:16,17)*

O Pai nos dará um *outro* Consolador, diz Jesus. Em grego, esse "outro" não é designado pelo termo *heteros,* e sim por *allos,* que significa "outro da mesma espécie", indicando que seria alguém da mesma origem que Jesus. A vinda do Consolador configura o atendimento do rogo de Jesus junto ao Pai, o efetivo cumprimento da promessa anunciada por ele: "Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu" (Lc24:49). O Consolador é o mediador eterno entre o Criador e Suas criaturas, e que portanto *estará sempre conosco.* Mais à frente, o Mestre explica que o Consolador, o Filho do Homem, é o próprio Espírito Santo, o qual em tempo certo relembrará os seres humanos dos ensinamentos já ministrados por ele, Jesus, a Palavra do Pai então encarnada na Terra:

> *"Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; e a Palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou. Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito."*
>
> *(Jo14:24-26)*

Vos fará lembrar... O Consolador *nos fará lembrar* o que Jesus já nos havia transmitido em sua época, a Verdade de Deus, a qual podemos ter ouvido dele próprio ou de algum de seus apóstolos. O que disso tivermos assimilado em nossa alma naquele tempo, ressurgirá em nossa consciência pelas palavras do Consolador.

No trecho a seguir Jesus confirma que, tal como ele, o Consolador provém diretamente de Deus-Pai. É novamente chamado por ele de Espírito da Verdade, porque o testemunho que dará dele, Jesus, estará na Palavra da Verdade que ele traria novamente à Terra:

> *"Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que Dele procede, este dará testemunho de mim."*
>
> *(Jo15:26)*

O Filho do Homem é, pois, o Espírito da Verdade que procede do Pai, "porque o Espírito é a Verdade" (1Jo5:6). Ele é o Espírito Santo, o Consolador que através de sua Palavra abriu agora novamente a possibilidade para que "a Terra se encha do conhecimento do Senhor" (Is11:9), conforme profetizado por Isaías. No trecho abaixo, Jesus fala da ligação do Consolador com o Juízo Final; também diz que retornará ao Pai e que o mundo não o verá mais:

> *"Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do Juízo: do pecado porque não creem em mim; da justiça, porque eu vou para o Pai, e não me vereis mais; do Juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado."*
>
> *(Jo16:7-11)*

O Consolador, que aparece apenas no Evangelho de João, *é* o Espírito Santo de Deus, *é* a terceira pessoa da Santíssima Trindade, *é* o segundo Filho de Deus-Pai, *é* o Filho do Homem Imanuel. Ele é

[26] O termo "Paráclito" é derivado do grego *parakletos,* indicando alguém que aconselha, conforta, incentiva e exorta.

também a Justiça viva e atuante de Deus, que como Senhor do Juízo convencerá o mundo do pecado, ao fazer retornar à humanidade, de forma acelerada, os efeitos do seu malquerer. O príncipe deste mundo que já está julgado e manietado é Lúcifer.

O sentido que transparece dessas palavras não deixa sustentar a tese, apregoada por muitas doutrinas cristãs, de que o Consolador seria a efusão do Espírito Santo sobre os discípulos reunidos. A efusão do Espírito Santo (cf. At2:1-3) não é, como se imagina, a realização da missão do Consolador sobre os discípulos. Os discípulos puderam vivenciar conscientemente o Pentecostes porque se encontravam reunidos em devoção no momento exato em que se dava o derramamento de forças do Espírito Santo sobre a Terra. O apóstolo Pedro, inclusive, dá detalhes até do horário, ao dizer que estavam reunidos na "terceira hora do dia" (At2:15), o que corresponde às 9h da manhã aproximadamente.

Na ocasião, Jesus dissera a eles que isso aconteceria "dentro de poucos dias" (At1:5). O derramamento de forças através do Espírito Santo, o Pentecostes, é um fenômeno que se repete regularmente em toda a Criação desde o início dos tempos, e não foi levado a efeito exclusivamente para os discípulos.[27] É a época do suprimento de forças para a Criação inteira, o tempo da renovação, sem a qual tudo quanto foi criado acabaria por definhar e desaparecer, conforme transcrito nas lendas sobre o Graal.

O rei Davi conhecia o fenômeno e o cantou nesse salmo: "Senhor, como são grandes as Tuas obras! A Terra está cheia das Tuas criaturas! Se lhes tira o alento, morrem e voltam ao pó donde saíram. Se lhes envia Teu Espírito, voltam à vida. E assim renovas a face da Terra" (Sl104:24,29,30). Que o Pentecostes não ocorreu só uma vez, exclusivamente para os discípulos, também fica claro nestas passagens de Atos dos Apóstolos:

> *"Pedro estava ainda falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam escutando a palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham vindo com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado também sobre quem era de origem pagã."*
>
> *(At10:44,45)*

> *"Podemos, por acaso, negar a água do batismo a estas pessoas, que receberam, como nós, o Espírito Santo? (...) Logo que comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles, da mesma forma como descera sobre nós."*
>
> *(At10:47;11:15)*

Os fiéis judeus daquela época ficaram admirados com o derramamento de forças do Espírito Santo sobre os pagãos porque não conheciam nada sobre a regularidade da renovação da força de Deus para a Criação inteira, tal como ficariam admirados também os fiéis de hoje de qualquer religião. Pedro já dissera aos seus ouvintes que o dom do Espírito Santo era para eles e seus filhos, assim como "para todos aqueles que estão longe" (At2:39). No Antigo Testamento vemos uma alusão a esse processo, completamente desconhecido dos israelitas, com a indicação de que "a glória do Senhor encheu o Templo do Senhor" (1Rs8:11).

O Pentecostes ocorre em toda a Criação, e por conseguinte também sobre toda a humanidade terrena. Basta ao ser humano estar de alma aberta, pleno de humildade, para recebê-lo numa bem determinada época do ano e usufruir as bênçãos da força do Criador, derramada pelo Espírito Santo. Esse estado de alma purificada e receptiva é pré-condição para se receber a força. Vemos que Pedro disse aos seus: *"Convertei-vos...* e *então* recebereis o dom do Espírito Santo" (At2:38).

O padre Raymond Brown, professor de estudos bíblicos na Union Theological Seminary de Nova Iorque, explica que o termo grego para esse "convertei-vos" – *metanoein* – tem o sentido de "mudai vossas mentes". Palavras do padre Brown: "Para os pecadores, mudar de ideia ou *re*-pensar envolve arrependimento e mudança de vida." Portanto, no entender do apóstolo Pedro *converter-se* significava *mudar a maneira de ser,* e não acaso filiar-se a alguma religião.

O Espírito Santo derrama a força de Deus, plena de Amor, sobre os seres humanos: "O Amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm5:5). O Espírito Santo

[27] Ver, a respeito, as seguintes dissertações da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin: "Indolência do Espírito" (Volume 1), "Efusão do Espírito Santo" (Volume 2).

não é literalmente doado ou derramado, mas sim ele difunde a força de Deus-Pai sobre a obra da Criação, sem o que esta não poderia continuar a existir. Quando se diz que "o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem" (Lc11:13), então isso significa que estarão aptos a receber a efusão de forças do Espírito Santo, dom do Amor de Deus, todos aqueles que se apresentarem com a alma descerrada diante desse acontecimento, que portanto *pedirem por isso* com o coração puro e alma plenamente receptiva. Assim é visto pela Luz. Pedro explicou esse assunto ao demais apóstolos nesses termos: "Deus, que conhece os corações, lhes prestou uma comprovação [aos pagãos], dando-lhes o Espírito Santo como o deu a nós" (At15:8).

Em Atos dos Apóstolos, o evangelista Lucas descreve o *vivenciar* do Pentecostes sobre os discípulos reunidos em devoção, mas não o processo em si, que tanto ele como os demais desconheciam. Naquele dia, os discípulos estavam pensando em seu Mestre Jesus, que havia ascendido e lhes prometera enviar a força do Espírito Santo:

> *"Recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra. Depois de dizer isto, Jesus elevou-se à vista deles."*
>
> *(At1:8,9)*

A narrativa de Lucas informa que os discípulos se reuniram justamente no dia de Pentecostes. O acontecimento da efusão de forças do Espírito Santo nesse dia de Pentecostes calculado na Terra, indica que, naquele ano, a reunião dos discípulos coincidira exatamente com o fato real, que se processa em alturas inimagináveis da Criação. É o seguinte o relato de Lucas:

> *"Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo."*
>
> *(At2:1-4)*

Poder "ficar cheio do Espírito Santo" é ser capaz de assimilar em toda plenitude a força por ele derramada na Criação no dia de Pentecostes. O Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade divina, é o mesmo que, como Filho do Homem, desencadeia o Juízo e transmite a Palavra Sagrada de seu Pai a todos quantos se mostrarem dignos dela. O Filho do Homem tem autoridade para julgar porque recebeu essa prerrogativa do Pai, e ambos "tem vida em si mesmo":

> *"Assim como o Pai tem vida em si mesmo*[28]*, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem."*
>
> *(Jo5:26,27)*

E que nós *já estamos* vivendo na época desse Julgamento levado a efeito pelo Filho do Homem, a assim chamada "grande tribulação", fica especialmente claro nos extratos a seguir:

> *"Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isso é o princípio das dores. (...) Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais."*
>
> *(Mt24:7,8,21; Mc13:8,19)*

Jesus exortou continuamente os seres humanos a se livrarem do pecado, para que quando estivessem vivendo naquele tempo futuro tão grave, se encontrassem lá com seus corações purificados, limpos, interiormente prontos e preparados:

[28] Para compreensão dessa passagem, de que o Pai "tem vida em si mesmo", ver a dissertação "A Vida", no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin.

"Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que os vossos corações fiquem sobrecarregados [pesados] com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele Dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço."

(Lc21:34)

Como um laço… um Dia totalmente inesperado… Assim será o Dia da prestação de contas, o Dia da Ira. Ai de nós se nesse tempo ainda estivermos portando o antigo, pesado e impenitente "coração de pedra". Essa advertência foi especialmente acentuada por Paulo aos Romanos:

"Por causa de teu endurecimento e de teu coração impenitente, estás acumulando ira para ti mesmo no Dia da Ira, quando se revelará o justo Juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras."

(Rm2:5,6).

O Dia a que Jesus e Paulo se referem significa, como já esclarecido, o tempo compreendido entre o início e o fim do Juízo, que é contado em *décadas,* portanto o período total de sua efetivação. Paulo ainda deu várias outras indicações sobre essa época, como nessa passagem de sua primeira epístola dirigida aos Coríntios: "A obra de cada um se manifestará; na verdade, o Dia a aclarará, porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará qual seja a obra de cada um" (1Co3:13).

Não é tão difícil assim perceber que essas palavras indicam acontecimentos que se efetivam durante um razoável período de tempo. No entanto, muitas pessoas que já leram ou ouviram falar algo a respeito do Juízo Final e que acreditam no seu desencadeamento, esperam que esse evento se dê no espaço de um dia terreno, mais uma vez por força de uma interpretação literal. Frequentemente a imagem que têm disso é a do Juiz descendo no meio das nuvens, separando os seres humanos à sua direita e à sua esquerda. Os da direita – as ovelhas – voltarão com ele para o céu, e os da esquerda – os cabritos – serão lançados no inferno. E tudo isso no espaço de vinte e quatro horas.

É preciso novamente lembrar aqui que as narrativas bíblicas e as profecias milenares a respeito do Julgamento Final sempre tiveram um sentido *espiritual*. Não podem e não devem ser tomadas ao pé da letra, comprimidas no estreito âmbito da percepção terrena. Um acontecimento tão incisivo não pode, em obediência às leis da Criação, acontecer no espaço de um dia terreno. Se assim fosse, muitas almas que têm anseio pela Luz e que não obstante ainda trazem um carma pesado de outras vidas, não poderiam salvar-se. Não haveria tempo para isso. Cabe lembrar o esclarecimento constante na segunda Epístola de Pedro: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns julgam demorada, pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe3:9).

Assim, o aludido evento do Juízo Final descrito no Evangelho de Mateus não deve ser entendido como ocorrendo no espaço de umas poucas horas, e sim de vários anos terrenos:

"Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à sua esquerda."

(Mt25:31-33)

As leis da Criação são perfeitas. E tudo quanto provém delas também tem de ser perfeito. Assim é com o acontecimento denominado Juízo Final. Este apresenta um tempo determinado para efetivar-se. Tem início, meio e fim. Várias décadas já se passaram desde o início do Juízo Final. Agora estamos vivendo a última fase… Chegamos ao *término absoluto* do período de desenvolvimento concedido aos seres humanos.

Os que subsistirem ao Juízo não sofrerão a morte espiritual e poderão então viver no futuro Reino do Milênio, o reino do Filho do Homem. Destes farão parte alguns dos que conviveram com Jesus em sua época:

"Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira alguma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino."

(Mt16:28)

Após o Juízo um reino de paz será implantado na Terra, o tão ansiado reino áureo de mil anos ou Reino do Milênio, onde "toda corrupção e justiça desaparecerão" (Eclo40:12). É o reino onde "haverá paz sem fim, estabelecido e firmado sobre o direito e a justiça, desde agora e para sempre" (Is9:6), na época em que o "dragão estará acorrentado por mil anos, para não mais seduzir as nações" (cf. Ap20:2,3). Será o tempo da "renovação de todas as coisas, quando o Filho do Homem tomar assento no seu trono de glória" (Mt19:28). Os acontecimentos do Juízo são, portanto, o sinal de que este reino está prestes a ser implantado, conforme transparece nesse trecho do Evangelho segundo Lucas:

"Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, sabei que está próximo o Reino de Deus."

(Lc21:31)

Esse Reino de Deus trará então, finalmente, paz sobre a Terra.

Paz sobre a Terra! Uma paz que será *imposta*, não acaso concedida por graça, não presenteada, como tantos esperam em relação à chegada da Nova Era. Quem agora ainda pretender se mostrar como um perturbador da paz, não será capaz de viver nessa nova época. E perturbador da paz é todo aquele que, consciente ou inconscientemente, vive de modo desarmonioso na Criação.

A intervenção se dá presentemente através de uma Vontade superior, contra a qual a criatura humana é de todo impotente. Uma Vontade que não mendiga uma conversão para o bem, mas que a exige. Aquele que não quiser se curvar, terá de quebrar. A palavra grega para reino significa "domínio", já indicando Quem manda de fato no tempo do Reino de Deus.

Para a humanidade, que sempre insistiu em fazer o papel de areia no mecanismo da engrenagem universal, só existem agora dois caminhos na longa estrada de sua existência, uma última bifurcação à sua frente: "o caminho da vida e o caminho da morte" (Jr21:8); diante dela só se apresentam agora essas duas possibilidades: "a vida e a felicidade, ou a morte e a infelicidade" (Dt30:15).

Estamos todos "diante da bênção e da maldição: a bênção se cumprirmos os Mandamentos do Senhor, a maldição se não cumprirmos os Mandamentos do Senhor, nosso Deus." (Dt11:26-28). Todos nós estamos agora diante dessa derradeira decisão, "multidões e multidões no vale da decisão, porque o Dia do Senhor está perto, no vale da decisão!" (Jl4:14). A criatura tem de escolher agora entre viver ou morrer para sempre: "Diante do homem estão a vida e a morte, o que ele escolher, isso lhe será dado" (Eclo15:17). Vida ou morte, qual será a nossa decisão?... "Escolhe, pois, a vida, para que vivas!" (Dt30:19), exorta o Senhor.

A certeza sobre a chegada, num futuro remoto, de uma era de ouro de mil anos após um necessário período de purificação, ficou indelevelmente gravada nas almas das pessoas que receberam essa notícia em algum ponto de sua existência, nos últimos milênios. Agora, na época presente, a época do Juízo, tudo quanto estava aderido às almas aflora impetuosamente, chegando pôr fim à consciência. Estamos vivendo o Dia do Juízo, o tempo em que "todo o encoberto é revelado, e todo o oculto passa a ser conhecido" (Mt10:26), quando "Deus pedirá contas, no Dia do Juízo, de tudo o que está oculto, quer seja bom quer seja mau" (Ecl12:14).

Daí tantas pessoas manifestarem anseio e mesmo convicção sobre a chegada iminente dessa Nova Era, esperando intimamente por uma Terra renovada sob um novo Sol: "novos céus e nova terra, onde habitará a Justiça" (2Pe3:13), na qual "nenhuma nação pegará em armas contra a outra, e nunca mais se treinarão para a guerra" (Is2:4). É a almejada época em que "o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído" (Dn2:44), onde "Amor e Verdade se encontram, Justiça e paz se abraçam" (Sl85:11). Um reino constituído de "Justiça e paz e alegria no Espírito Santo" (Rm14:17); a Era do Milênio, na qual "da Terra germinará a Verdade e a Justiça se inclinará do céu" (Sl85:12).

É o tempo em que o ser humano terreno viverá exclusivamente para a alegria do seu próximo, e este em relação a ele. Uma esperança milenar de paz e de uma paz milenar, compartilhada não apenas por escritos judaicos como estes, mas registrada também na antiga literatura grega e até mesmo na pouco expressiva tradição romana, onde já se falava indistintamente da chegada de uma Idade de Ouro. A antiga mitologia persa também aludia ao "poder do mal acorrentado por mil anos", e no advento da Idade de Ouro após um inverno catastrófico que se abateria sobre toda a Terra. Essa esperança de uma futura era dourada ficou gravada nas almas das pessoas que tomaram conhecimento das muitas profecias relativas ao Reino do Milênio.

Grande parte delas se sentem compelidas agora a abandonar as concepções religiosas e científicas tradicionais e procurar outros caminhos, nos quais essa ansiada era de paz não é encarada como uma utopia fantasiosa ou uma heresia descabida, mas sim aguardada com certeza absoluta. Só não é possível prever a época terrena exata em que essa era estará definitivamente implantada, pois sobre isso Jesus já dissera: "Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com Sua própria autoridade" (At1:7).

Cada ser humano ainda vivo espiritualmente tem diante de si a possibilidade de salvar-se no Juízo, caso mude em tempo sua sintonização interior, procurando viver daí por diante em conformidade com a Vontade de Deus. E, para tanto, os efeitos retroativos de suas vidas terrenas anteriores, que agora se precipitam sobre ele, só o auxiliam, se ele reconhece suas falhas de outrora e redireciona seu modo de vida de até então. Seus pensamentos, palavras e atos assim modificados são a prova de que ele efetivamente *renasceu* dentro de si, ou que "nasceu de novo" (Jo3:3), tornando-se "*nova criatura* em Cristo" (2Co5:17). Com isso adaptaram-se voluntariamente à sentença do Juiz que ecoa pela Criação durante o último Julgamento: "Eis que faço novas todas as coisas!" (Ap21:5). Já os outros… os outros não nasceram espiritualmente de novo. Seus pensamentos permaneceram vazios e seu coração tornou-se cada vez mais obscurecido pelas trevas que os circundavam, eles "perderam-se em seus pensamentos fúteis, e seu coração insensato se obscureceu" (Rm1:21).

Não se quer dizer com isso que devemos fazer força para se conseguir bons pensamentos. Seria então um esforço antinatural da mente e pouco proveito traria, como qualquer coisa empreendida unilateral e artificialmente. Quem desejar nascer de novo precisa, sim, fazer um grande esforço para mudar sua maneira de ser. Um esforço contínuo, perseverante, até se tornar uma pessoa de tal modo boa que nem lhe seja mais possível gerar maus pensamentos. Nesse ponto terá se tornado, realmente, uma nova criatura, livre de todos os sentimentos de opressão e de tristeza, os quais não são naturais para as criaturas de Deus. Com efeito, "a tristeza do coração abate o espírito" (Pv15:13) e o que abate o espírito nunca é o certo, pois "se o espírito se abate, quem o sustentará?" (Pv18:14).

Não são dogmas religioso-científicos nem contorcionismos místico-ocultistas que podem habilitar uma pessoa a transpor um Juízo de Deus e fazê-la ingressar na prometida era de paz. Só existe um caminho para lá, o mais simples e por isso mesmo o mais desprezado pelo ser humano hodierno, escravo que é das concepções restritas do seu raciocínio. Esse caminho, exaustivamente repetido pelos profetas dos tempos antigos e posteriormente explicado pelo próprio Filho de Deus, é *o viver em conformidade com as leis que regem a Criação, sintonizando todo o querer no sentido dessas leis primordiais*. Quem hoje cumpre isso demonstra querer se desenvolver de modo certo, como trigo e não como joio. Por essa razão, o modo correto de viver constitui também o único bote apto para a travessia do Juízo Final, capaz de enfrentar as terríveis tormentas que se avizinham, e de aportar com segurança no Reino do Milênio. Para este ser humano, somente para este, o anúncio do reino terá sido de fato uma *boa nova…*

E então, quando o ser humano remanescente volver o olhar para trás não terminará de menear a cabeça. Nessa época, as criaturas humanas terão uma visão clara de como fora errada sua vida de até agora, e sentirão asco de si mesmas: "Então vos lembrareis dos vossos maus caminhos e das vossas ações, que não eram boas, e sentireis asco de vós mesmos em virtude das vossas maldades e abominações" (Ez36:31).

A Promessa da Segunda Vinda

Um ponto que ao longo dos séculos se transformou numa fonte inesgotável de controvérsias acaloradas e esperanças ardorosas é o da aguardada segunda vinda de Cristo no final dos tempos, ou no final desta era conforme preferem alguns. É perfeitamente compreensível o ardor com que muitos acalentam sua fé num retorno glorioso de Jesus, que viria purificar o mundo. É uma imagem bela, sem dúvida, porém não corresponde à verdade. A verdade, na verdade, é muito mais bela do que esse quadro quer indicar.

Nos Evangelhos, a expressão "vinda", supostamente relacionada à volta de Jesus, aparece unicamente no texto de Mateus:

*"No Monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão essas coisas, e que sinal haverá de tua **vinda** e da consumação do século."*

(Mt24:3)

No esclarecimento subsequente de Jesus, essa mesma palavra *vinda* aparece outras duas vezes, e depois não é mais citada no Evangelho:

*"Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a **vinda** do Filho do Homem. (...) Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a **vinda** do Filho do Homem."*

(Mt24:27,37)

Jesus explica aos discípulos como se dará a vinda do Filho do Homem por ocasião do Juízo. Conforme visto no tópico anterior, Jesus não está se referindo aí à vinda dele próprio, o Filho de Deus, como pensaram aqueles discípulos, mas sim à vinda do prometido Filho do Homem, a quem ele se refere na terceira pessoa.

O termo "vinda" é uma tradução do original grego *parousia*, que tanto pode significar "presença", como "chegada", ou também "vinda". Existe um antigo texto grego, em papiro, no qual uma mulher fala da necessidade de sua *parousia* num certo lugar, afim de tratar de assuntos referentes à sua propriedade. Essa palavra também designava a visita oficial de um príncipe a uma região qualquer, porém nunca esteve associada a uma segunda e última aparição dessa personalidade. Tanto é assim, que o apóstolo Paulo faz uso dessa expressão *parousia* em outras situações, não relacionadas à pretendida segunda vinda de Cristo, como nesses casos: "Alegro-me com a *vinda* de Estéfanas, e de Fortunato e de Acaico" (1Co16:17); "As cartas, com efeito, dizem, são grandes e fortes; mas a *presença* pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível" (2Co10:10). Os cristãos, porém, acabaram adotando esse termo para corroborar a crença numa segunda vinda gloriosa de Cristo à Terra, em carne e osso, de modo que com o tempo a palavra Parusia (ou Parúsia) passou a significar exatamente esse conceito.

No Antigo Testamento não há nenhuma indicação, uma única profecia sequer sobre uma suposta segunda vinda terrenal do Messias. Segundo o biblista François Vouga, o termo *parousia* só aparece cinco vezes na Escritura veterotestamentária, e novamente apenas "em seu sentido clássico, político e profano, para designar a entrada jubilosa de um soberano ou de uma personalidade numa cidade ou em seu campo (cf. Ne2:6; Jt10:18; 2Mc8:12;15:21; 3Mc3:17)."

Apesar disso, no início do Cristianismo, era crença geral de que a Parusia de Cristo estava iminente, e mesmo o apóstolo Paulo achava que todos já estavam vivendo o "final dos tempos" (cf. 1Co10:11). Como essa esperança do retorno de Jesus não se concretizava, logo surgiu um certo desânimo nas comunidades cristãs em formação e os fiéis daquela época foram obrigados a postergar o evento tão ansiosamente aguardado. O biblista Rinaldo Fabris explica o que aconteceu: "Essa expectativa frustrava-se: o mundo e a história humana continuavam como dantes. Então, os cristãos da segunda geração tiveram de retificar sua interpretação da história do mundo e deslocar a um fim remoto a vinda de Jesus, para deixar espaço à história presente." Podemos constatar esse fato já na segunda Epístola de Pedro, com sua alusão aos escarnecedores dos últimos dias: "O seu tema será: Em que ficou a promessa da sua vinda? De fato, desde que os pais morreram, tudo continua como desde o princípio da Criação" (2Pe3:4).

A expectativa dos primeiros cristãos numa segunda vinda iminente de Jesus também explica, em parte, o motivo de os escritos sobre sua passagem pela Terra terem levado tanto tempo para começarem a ser redigidos. Como todos achavam que Jesus voltaria em breve, não se via necessidade de consignar seus ensinamentos por escrito. Os autores desses textos só deram início ao trabalho quando se tornou patente que Jesus não voltaria assim tão rápido.

Nos tempos atuais, a crença numa segunda vinda terrena de Cristo e a implantação do Reino do Milênio, que estaria ou não ligada a esse acontecimento em particular, deu origem a três facções básicas entre os cristãos: a dos pré-milenistas, dos pós-milenistas e dos amilenistas. Os primeiros acham que os mil anos mencionados em Ap20:1-7 ocorrerão após a segunda vinda pessoal de Cristo. Os segundos creem que o Milênio – entendido por eles de maneira não literal – será um período de triunfo do Cristianismo na Terra, onde Cristo governará sem estar fisicamente presente. Essa concepção ficou

fortemente abalada no século XX devido às múltiplas tragédias humanas, particularmente as duas guerras mundiais, que deram a todos o recado claríssimo de que o mundo não estava "sendo ganho para Cristo". Alguns pós-milenistas acreditam que esses mil anos compreendem alegoricamente o espaço de tempo entre a primeira e a segunda vindas de Jesus. Por fim, os amilenistas advogam que não haverá absolutamente nenhum reino futuro de Cristo aqui na Terra, e que o reino do Milênio deve ser entendido em sentido metafórico. Também se ouve falar vez por outra de um "pan-milenismo", em que no fim "tudo vai dar certo"... Os que creem numa segunda vinda pessoal de Cristo ainda se dividem nos pré-tribulacionistas, tribulacionistas e pós-tribulacionistas, respectivamente se esta deva ocorrer antes, durante ou após a assim chamada *grande tribulação* mencionada nos Evangelhos.

Contudo, nos próprios Evangelhos sinóticos não há, como visto, nenhuma menção explícita a uma segunda vinda de Jesus Cristo. Essa esperança está sedimentada com muito mais propriedade em algumas epístolas, particularmente nas duas cartas que Paulo escreveu aos Tessalonicenses, muito embora haja dúvidas sérias sobre a autoria paulina da segunda carta. De qualquer modo, supõem-se que essas duas epístolas constituam os textos mais antigos do Novo Testamento, tendo sido escritas numa época em que se acreditava que o retorno de Jesus era iminente. As passagens são as seguintes:

> *"Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? (...) A fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos. (...) O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo."*
>
> *(1Ts2:19;3:13;5:23)*

> *"Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor."*
>
> *(2Ts2:1,2)*

Ao contrário de outras passagens do Novo Testamento, onde há menções indistintas à vinda do Senhor, Paulo fala aqui claramente sobre essa vinda de Jesus Cristo, e na segunda carta aos Tessalonicenses até os tranquiliza, dizendo que a época do Juízo realmente ainda não havia chegado. Para entender como se fundamenta essa certeza do apóstolo, vamos retomar algumas palavras de Jesus transcritas no Evangelho de João:

> *"Já pouco tempo vou ficar convosco, pois irei para Aquele que me enviou. (...) Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai. (...) Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros. Ainda um pouco e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis. (...) Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis. Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar. (...) Eu vou, mas voltarei a vós. (...) Quando ele vier [o Espírito da Verdade] convencerá o mundo do pecado, da justiça e do Juízo: do pecado porque não creem em mim; da justiça, porque eu vou para o Pai, e não me vereis mais. (...) O Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós."*
>
> *(Jo7:33;16:28;14:18,19;16:16,22;14:28;16:8-10;14:17)*

Aparentemente Jesus faz declarações conflitantes aqui. Diz que os discípulos *não o veriam mais*, pois assim como ele tinha vindo do Pai e entrado no mundo, estava deixando o mundo e *voltando para o Pai*. Por outro lado, afirma que não os deixaria órfãos e que *voltaria passado um pouco*, que os *veria novamente* e os discípulos a ele, e para tanto alude à vinda do Espírito da Verdade, que eles conheciam porque habitava com eles. Como conciliar essas aparentes discrepâncias? O evangelista João informa que mesmo os discípulos não entenderam o que Jesus lhes queria dizer:

"Então alguns de seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco e não mais me vereis, e outra vez um pouco e ver-me-eis; e: Vou para o Pai? Diziam, pois: Que vem a ser esse 'um pouco'? Não compreendemos o que quer dizer."

(Jo16:17,18)

Quando Jesus assevera que os discípulos o veriam novamente, é porque estes o reconheceriam, ele, a Palavra de Deus encarnada, na própria Palavra do Filho do Homem, o Consolador que seria enviado por Deus em nome dele: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome…" (Jo14:26). Isso seria possível porque as duas Palavras, a do Filho do Deus e a do Filho do Homem, são na realidade uma só, visto que a Fonte da qual ambas provêm é a mesma. Essa Fonte da Palavra é a Verdade, conforme asseverou Jesus ao dirigir-se ao Pai: "A Tua Palavra é a Verdade" (Jo17:17).

Assim, os discípulos nunca mais veriam Jesus pessoalmente, pois este estava prestes a se reunificar ao Pai; no entanto, tornariam a vê-lo no futuro, a reconhecê-lo nitidamente na Palavra da Verdade do vindouro Filho do Homem, o Espírito da Verdade, que segundo o próprio Jesus os faria "lembrar de tudo o que vos tenho dito" (Jo14:26).

"Em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor."

(Lc13:35)

Quando no futuro, numa outra vida terrena, aquelas pessoas reconhecessem o segundo enviado e sua Palavra, passando a clamar intimamente em suas almas: *"Bendito o que vem em nome do Senhor",* tal como já haviam feito em relação a Jesus (cf. Mt21:9; Mc11:9; Jo12:13), estariam então visualizando novamente Jesus, a Palavra de Deus encarnada, na Palavra de Imanuel – o Filho do Homem, o qual igualmente... "é chamado pelo nome de Palavra de Deus" (Ap19:13). O próprio Jesus, pessoalmente, estaria junto de seu Pai nessa época: "Naquele dia vós sabereis que eu estou em meu Pai" (Jo14:20).

As expressões "Santo" e "Bendito", para designar a atuação pessoal da Vontade de Deus, era conhecida no antigo Israel, e por isso bastante claras para os ouvintes da época de Jesus. As sentenças seguintes, extraídas da antiga exegese judaica conhecida como Midrash ou Midraxe, atestam o fato: "O Eterno nos fez sair do Egito, não por um anjo, nem por um serafim, nem por um mensageiro; mas foi o Santo, Bendito seja, em sua glória, pessoalmente."; "O Santo, Bendito seja ele, devolve na mesma medida."

Vimos no tópico anterior – Filho de Deus e Filho do Homem – que foi a terceira pessoa da Trindade divina, encarnada na Terra, que atuou naquele tempo para permitir a Moisés libertar o povo hebreu do jugo dos egípcios. A frase do Midraxe judaico comprova isso ao afirmar que foi o "Santo, Bendito seja" que realizou essa tarefa *pessoalmente*. Esse Santo era o Espírito Santo, a Vontade de Deus, o Filho do Homem, que os judeus denominam de "Bendito" no Midraxe.

As sentenças de Jesus atestam que seus ouvintes saberiam, no futuro, que a Palavra dele, do Messias, fora gravada em suas almas numa vida passada, em cumprimento da promessa do Senhor ao profeta Jeremias: "Imprimirei a Minha Lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu coração (Jr31:33). Saberiam que a Lei do Senhor fora cunhada neles permanentemente, porque haviam assimilado realmente, no íntimo, a Palavra da Verdade trazida por Cristo, reconhecendo nele seu legítimo Portador: "Nele, também vós ouvistes a Palavra da Verdade" (Ef1:13). Saberiam finalmente que, não fora assim, não teriam podido reconhecer o Filho do Homem prometido, igualmente Portador da mesma Palavra da Verdade. Com esse reconhecimento, aquelas pessoas reencarnadas futuramente na Terra estariam ao mesmo tempo, tal como o Filho do Homem, dando um testemunho da missão de Jesus, conforme ele próprio lhes prometera:

"O Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio."

(Jo15:26,27)

Jesus iria se reunificar ao Pai e ninguém mais poderia encontrá-lo. Isso é um fato lógico, pois "ninguém jamais viu a Deus" (Jo1:18), visto que o Senhor dos Mundos "habita numa Luz inacessível,

que nenhum homem viu nem pode ver" (1Tm6:16). É impossível a qualquer criatura contemplar o Todo-Poderoso, posto que "ninguém poderia vê-Lo e permanecer vivo" (cf. Ex33:20). Tão-somente aquele que provém do próprio Deus já O viu: "Ninguém viu o Pai, a não ser aquele que vem de Deus; este sim, viu o Pai" (Jo6:46). Ver o Pai, por conseguinte, só é possível a dois: ao Filho de Deus e ao Filho do Homem, visto que somente ambos se originaram Dele mesmo. Sobre isso, Jesus afirmou: "Eu O conheço, porque venho Dele e foi Ele que me enviou" (Jo7:29). Em relação ao Filho do Homem, Daniel diz que ele "foi levado à Sua presença" (cf. Dn7:13), indicando que também teve acesso direto ao Todo-Poderoso.

O ser humano, por seu turno, jamais poderá ver o Onipotente, mas terá de se contentar para sempre em saber que *Deus é!: "Ele é* antes da eternidade até a eternidade" (Eclo42:21), conforme Moisés também já aprendera ao querer saber mais sobre o Todo-Poderoso: "Disse Deus a Moisés: Eu sou *Aquele que é"* (Ex3:14). O sempiterno Criador é o Único que traz a Vida em si, *Aquele que é* "desde toda eternidade, antes que se formassem as montanhas, a Terra e o Universo" (Sl90:2). O livro da Sabedoria afirma que quem não tiver o conhecimento de Deus, não será capaz de "conhecer *Aquele que é"* (Sb13:1). No Judaísmo da época helenística, o tetragrama inefável YHWH, que deu origem ao nome Yahweh, também já fora interpretado como sendo *"Aquele que é",* porque o nome se origina do hebraico *hawah,* que significa "ser". Jesus, o Filho de Deus, utiliza a expressão para si mesmo como confirmação de sua origem divina: "Eu sou" (Jo8:58), e identicamente o faz o Filho do Homem.

O período do Juízo Final encontra-se em plena efetivação em nossa época, correspondendo à chamada "grande tribulação" (Ap7:14), aos "dias de punição" (Lc21:22). Por isso, os fiéis cristãos que esperam com mal disfarçado orgulho o dia em que Jesus voltará em seu "corpo físico ressurreto" para buscá-los, fariam melhor em se libertar dessa ideia, que como tantas outras assemelhadas é tão-só resultado de tentativas de assimilar acontecimentos espirituais com o limitado raciocínio atado à Terra. Fariam melhor também em procurar viver segundo os ensinamentos de Cristo, ao invés de contemplarem os céus com candentes expectativas, aguardando ansiosos o tempo em que serão arrebatados *terrenalmente* "entre nuvens, para um encontro com o Senhor nos ares" (1Ts4:17).

A *segunda vinda* propriamente dita de Jesus, o Filho de Deus, foi de caráter transcendente, e ocorreu num determinado momento que antecedeu o desencadeamento do Juízo, quando ele transmitiu sua missão ao Filho do Homem. Cito aqui, especialmente, um trecho da dissertação Fenômeno Universal, da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin:

> "Seguindo as pegadas do Filho de Deus, isto é, tomando e prosseguindo sua missão, o Filho do Homem, como enviado de Deus-Pai, irá de encontro à humanidade, a fim de arrancá-la de volta, pela anunciação da Verdade, do trajeto de até então e, de voluntária decisão, levá-la a uma outra sintonização, que desvie dos focos de destruição que agora a aguardam."

CAPÍTULO 6
OS ALICERCES DA BOA NOVA

O Cânon Bíblico

A palavra "cânon" deriva do grego *kanon*, originado do hebraico *qameh*, que designa uma espécie de vara delgada e reta utilizada para medição, como uma régua. O termo aparece no livro do profeta Ezequiel, na descrição do homem que trazia na mão uma "vara de medição" (Ez40:3). Esse sentido de medida acabou se expandindo com o tempo, passando a incluir a ideia genérica de gabarito, regra, preceito. Paulo já emprega o termo *cânon* para designar os "limites demarcados" para a comunidade de Corinto (cf. 2Co10:13) e a "norma de conduta" estabelecida para os Gálatas (cf. Gl6:16). Assim, um Evangelho canônico é tido como um Evangelho que se insere dentro das regras de fé estipuladas pela Igreja, sendo por essa razão considerado legítimo.

Os quatro Evangelhos constantes no Novo Testamento, os de Mateus, Marcos, Lucas e João, são ditos canônicos, isto é, inspirados e autorizados, em contraposição aos textos apócrifos e pseudoepígrafos, que não são reconhecidos como verdadeiros.

A expressão "apócrifo" advém do grego *apokryphos*, que originalmente indicava aquilo que é oculto, secreto. Segundo a Introdução ao Novo Testamento da Tradução Ecumênica da Bíblia, esse termo era "reservado para um certo número de obras que, apesar de certa semelhança com os escritos canônicos do Novo Testamento, eram consideradas como transmissoras de ideias estranhas às da Igreja e, em geral, secretas ou latentes, isto é, reservadas para um ambiente 'sectário', único a poder dispor delas para nelas haurir um 'verdadeiro conhecimento', ou *gnose*. Esses livros, embora fossem em certos casos recomendados à leitura individual por seu caráter edificante, deviam permanecer ocultos no decorrer da prática litúrgica pública."

No início do Cristianismo houve vários movimentos distintos da linha hoje dominante, em especial os chamados "gnósticos", em que os membros procuravam o aperfeiçoamento pessoal através da gnose (do grego *gnosis* – conhecimento). Depois que o imperador romano Constantino convocou o Concílio de Niceia, em 335, o Cristianismo passou a ser a religião oficial do Estado, mais exatamente a linha do bispado de Roma. A partir daí as outras florescentes correntes cristãs foram sistematicamente anatematizadas em sucessivos concílios. Tudo o que não rezasse literalmente pela cartilha romana era tido como heresia. Nesse contexto, o gnosticismo foi considerado pela Igreja uma heresia como qualquer outra, e tratada como tal. Muitos textos evangélicos produzidos nos séculos III, IV, e V foram eliminados por estarem permeados de conceitos gnósticos. De fato, muita coisa ali era completamente *incognoscível* para o cristão de outrora e também de hoje, como a sabedoria grega e a reencarnação. Uma boa parte desses textos antigos foi descoberta em 1947 na localidade egípcia de Nag Hammadi, e conservados, ou melhor dito escondidos numa biblioteca de escritos gnósticos. Alguns desses manuscritos utilizam e citam o Evangelho de João... Parece que esse Evangelho era de fato o preferido no início do Cristianismo, pois temos cinco cópias preservadas dele do século III, e apenas uma cópia de cada dos outros Evangelhos nessa mesma data.

Quem primeiro cunhou o termo "apócrifo" explicitamente no sentido de não-canônico foi Jerônimo, o tradutor da Vulgata, no ano 405. Com o tempo, essa expressão acabou adquirindo um sentido marcadamente pejorativo, passando a significar toda e qualquer obra herética, espúria, não pertencente ao cânon. Agostinho afirmava que esses livros "contêm alguma verdade, mas, por causa das muitas coisas falsas, não gozam de nenhuma autoridade". Teólogos do nosso tempo explicam que os textos apócrifos "estão repletos de inexatidões histórico-geográficas e de anacronismos".

Os textos chamados "pseudoepígrafos", por sua vez, são escritos que circulavam sob o nome de um autor fictício, surgidos no período compreendido entre os séculos III a.C. e I d.C. Os judeus denominam esses textos de "extracanônicos", enquanto que os cristãos preferem a expressão "literatura intertestamentária". Na terminologia protestante, os apócrifos também são designados de pseudoepígrafos.

Conforme veremos a seguir, existem apócrifos e apócrifos... Alguns, inclusive, deram origem a dogmas do catolicismo, enquanto que outros, como o 4º livro de Esdras, são verdadeiros tesouros extracanônicos esperando ser descobertos e aproveitados. Sobre essa segunda espécie de livros apócrifos faço coro a um escritor judeu do século I da nossa era, segundo o qual "neles se encontra a origem da compreensão, a fonte da sabedoria e o rio do conhecimento." Também é interessante que o termo *apócrifo* apareça, em seu sentido original, nessa sentença da carta aos Colossenses: "Nele [conhecimento do mistério] estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl2:3).

Outro texto apócrifo que poderia entrar na categoria boa é o "Livro Secreto de João". Esse livro, que tal como o apócrifo Poimandrés inicia com o introito *"Era uma vez…",* faz uma menção do Criador (chamado ali de "Pai da Totalidade") como *um olho solitário sobre um meio luminoso,* evocando a imagem do "olho que tudo vê", e terminando com uma exortação à raça humana para que *acorde e possa ser salva.* Alguns desses livros ensinam outros conceitos igualmente corretos, como o de que o "eu" individual pertence ao mundo espiritual. Um deles diz que o conhecimento comum de que dispomos nada mais é do que *"raciocínio desacompanhado do saber de Deus."* Muitos outros ensinamentos úteis poderiam ser obtidos dessa classe de livros apócrifos, ditos gnósticos, desde que adequadamente filtrados de toda bobagem mística. Aliás, esse critério deveria ser usado para qualquer texto, canônico ou não. Segue abaixo uma pequena amostragem selecionada em tradução livre:

Livro secreto de João

- O Pai da Totalidade existe na Luz incontaminada, a qual nenhuma vista pode contemplar.
- A serpente ensinou-os a consumir a imperfeição consistente na semeadura do desejo de corrupção, de modo que Adão se tornasse acostumado com isso. E ela sabia que ele era desobediente por causa da luz do pensamento posterior que habitava dentro dele.
- Ele [o Salvador] nos disse que este [nosso] reino foi cunhado no molde daquele reino incorruptível.
- O gênero humano envelheceu sem ter nenhum descanso, e morreu sem descobrir nenhuma Verdade ou sem ter conhecido o Deus da Verdade. E assim foi toda a Criação perpetuamente escravizada, desde a fundação do mundo até o tempo presente.

Revelação de Adão

- Toda a multidão de forma modelada [corpo terreno] que veio à existência habitará sob a autoridade da morte. Mas aqueles que pensam em seus corações sobre o conhecimento de Deus, o Eterno, não perecerão.

Saturnino

- Cristo veio para a salvação daqueles que poderiam ser persuadidos por ele, e estes são os que têm a centelha da vida dentro deles.

Setianos

- O que não é de Deus florescerá por algum tempo, mas não durará para sempre.

Zostrianos

- A alma, intelecto e corpo das pessoas que pertencem a coisas mortais, estão todos mortos.

Poimandrés

- Por que, ó habitantes da Terra, vos entregastes à morte apesar de terdes a capacidade de partilhar da imortalidade? Arrependei-vos, ó vós que viajastes com o erro e participastes da falta de saber! Renunciai à luz sombria, partilhai da imortalidade, abandonai a corrupção!

Tratado da Ressurreição

- O verdadeiro repouso obtivemos de nosso Salvador, nosso Senhor – o Bondoso, quando alcançamos o conhecimento da Verdade e colocamos nossa confiança nela.

O Maior Mal Humano

- Para onde vos precipitais, tendo bebido o puro raciocínio do desconhecimento? A imperfeição que provém do desconhecimento está inundando a Terra inteira, corrompendo a alma junto com o corpo que a encerra, e impedindo-a de entrar nos portos de segurança. Não sede arrastados pela corrente geral! A veste do desconhecimento, a túnica, o inimigo que vestiste, receia que, ao erguer os olhos e contemplar a beleza da Verdade e o bem que reside nela, passes a odiar sua imperfeição.

Realidade dos Governantes

- O gênero humano [foi lançado] em grande confusão e numa vida de labuta, a fim de que o gênero humano deles ficasse ocupado com as atividade temporais, e não tivesse a oportunidade de se devotar ao Espírito Santo.
- Ora, quando Ialdabaōth [Lúcifer] o viu nesse grande esplendor e nessa altura, invejou aquele Ser. E a inveja gerou a morte, e a morte gerou seus filhos e designou cada um deles para o encargo de seu céu. Mas o sopro de Zoē, a filha da Fé-Sabedoria, tornou-se um anjo de fogo para ela, e esse anjo atou Ialdabaoth e lançou-o no Tártaro, no fundo do abismo.
- Você pecou com sua boca, e isso retornará a você.

Evangelho dos Egípcios

- A Verdade é a fonte da semente de vida eterna e de todos que vão perdurar por causa do conhecimento de sua emanação. E eles estão armados com um poder invencível, incorruptível, com uma armadura consistindo de conhecimento da Verdade.

Evangelho de Filipe

- Todo aquele que semeia no inverno colhe no verão. Inverno significa o mundo [material], verão significa o outro reino. Vamos semear no mundo a fim de que possamos colher no verão.
- A Verdade, a qual existia desde o princípio, é semeada por toda a parte. E há muitos que a veem sendo semeada, mas poucos são os que a veem sendo colhida.
- "Quem não come da minha carne e não bebe do meu sangue não tem vida nele." O que quer dizer isso? Sua carne significa a Palavra.
- Quem dá sem amor não tira proveito nenhum daquilo que deu.
- Se uma pessoa cega e uma que enxerga estão ambas nas trevas, não são diferentes uma da outra.
- Não tenham medo da carne e nem a amem. Se você tem medo dela, ela o dominará; se você a ama, ela o engolirá e o estrangulará.
- Enquanto a raiz do mal estiver oculta, ele é poderoso. Mas assim que ela é reconhecida, ele morre, e assim que ela aparece, ele deixa de ser. Que cada um de nós, também, escave procurando a raiz do mal que está dentro de nós, e arranque a raiz de seu coração. Ele será erradicado quando for reconhecido.
- As pessoas que dizem que primeiro morrerão e depois ressuscitarão estão enganadas. Se não receberem ressurreição primeiro, enquanto estão vivos, depois de mortos não receberão nada.
- Antes do Ungido [Cristo], certos seres [sementes espirituais vindas da plenitude] vieram de um reino no qual não podiam reentrar, e foram para um reino do qual não podiam todavia sair. Então veio o Ungido: ele conduziu para fora os que tinha entrado e conduziu para dentro os que tinham saído.
- Nenhum daqueles que vivem da Verdade está morrendo. Desse reino veio Jesus, e ele trouxe alimento de lá. E ele deu vida a quem quer que a desejasse, a fim de que não morressem.
- Quem possui conhecimento da Verdade é livre, e a pessoa livre não peca, pois quem comete pecado é escravo do pecado. Se tivermos conhecimento da Verdade, encontraremos os frutos da Verdade dentro de nós.

Evangelho de Tomé

- Jesus disse: Não mintais, e não façais o que odiais. Porque todas essas coisas estão descobertas diante do céu.
- Jesus disse: Minha alma estava aflita por causa dos seres humanos, pois estão cegos em seus corações e não podem ver. Pois vazios entraram no mundo, e de novo vazios procuram sair do mundo.
- Jesus disse: As pessoas boas produzem bondade do seu cabedal. As pessoas más produzem coisas más do mau cabedal de seu coração, e dizem coisas más.
- Jesus disse: Se vós fazeis render o que está em vós, o que tendes vos salvará.
- Jesus disse: Os viventes do que está vivo – oriundo do Único que é vivo – não verão a morte.

Livro de Tomé

- Então o Salvador respondeu: Bem-aventurada é a pessoa prudente que buscou a Verdade. Depois de tê-la encontrado fiou-se nela para sempre, e não temeu aqueles que desejam causar perturbação.

Evangelho da Verdade

- A proclamação da Verdade é uma alegria para aqueles que receberam a graça do Pai da Verdade, para que possam aprender a conhecê-Lo mediante o poder da Palavra, a Palavra – que é dita o "Salvador". A Palavra do Pai é uma manifestação exterior de Sua Vontade.
- O Filho falou o que estava no coração do Pai, pois Ele produzira a Palavra que não tem defeito. E Luz proclamou de sua boca, e sua voz deu à luz a vida.
- Jesus Cristo iluminou aqueles que estavam nas trevas, por causa do esquecimento. Ele os alumiou e lhe deu um caminho, e o caminho é a Verdade, sobre a qual ele os instruiu. Ele se apresentou e pronunciou a Palavra como um Mestre.
- É mediante o saber que todos se purificarão, consumindo como fogo a matéria dentro de si mesmos, e a escuridão mediante a Luz, e a morte mediante a vida.
- Falai da Verdade com aqueles que procuram, e de saber com aqueles que pecaram por meio de sua incorreção.

O fato de informações tão valiosas como essas não estarem na Bíblia, indica que a composição desta contou essencialmente com o intelecto humano, tanto na definição dos textos do Antigo como do Novo Testamento. O critério que guindou os livros bíblicos à categoria de canônicos foi exclusivamente humano, mais exatamente do raciocínio humano, baseado em concepções reinantes nas várias épocas e não necessariamente no valor espiritual dos textos.

Do mesmo modo, foi tão-só o crivo humano que cunhou de apócrifos os mais de 60 Evangelhos conhecidos, como os de Tomé, de Pedro, de Filipe, de Matias, de Bartolomeu, de Nicodemos, de Barnabé, de Gamaliel, de Maria Madalena, dos Ebionitas, dos Hebreus, dos Nazarenos, da Verdade, dos Essênios, dos Egípcios, etc. Particularmente, os Evangelhos dos Nazarenos e dos Hebreus seriam muito parecidos com os canônicos atuais a julgar pelas citações feitas pelos primeiros Padres da Igreja, também chamados Pais ou Patriarcas da Igreja. O Padre da Igreja Clemente de Alexandria, do século II, cita em seus trabalhos o Evangelhos dos Hebreus e também o dos Egípcios. O Evangelho de Barnabé também era muito bem quisto pelas igrejas de Alexandria até o século IV. Depois dessa época, a Igreja determinou que todas as cópias desse Evangelho fossem destruídas, e que qualquer um que fosse pego com o texto deveria ser morto... Tamanha truculência tem uma explicação. Nesse Evangelho Jesus diz que "a pessoa que leva uma vida sem pecado é redimida, porém uma outra que não se arrepende com sua disposição, não se modifica."

Houve muitos Evangelhos e evangelistas… O próprio Evangelho canônico de Lucas, endereçado a um certo Teófilo[29], diz em seu prefácio que "muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram" (Lc1:1). Em Atos dos Apóstolos, Filipe, autor do

[29] Em razão de ser direcionado a uma personalidade específica, o Evangelho de Lucas, a rigor, deveria ser classificado como epístola.

Evangelho apócrifo que leva seu nome, é textualmente chamado de "o evangelista" (At21:8). Também é significativo que Paulo inste seu colaborador, Timóteo, a "fazer o trabalho de um *evangelista"* (2Tm4:5), justamente depois de ter ministrado a ele ensinamentos "segundo *meu Evangelho"* (2Tm2:8).

Em sua obra Tradição Sinótica dos Padres Apostólicos, H. Koster demonstra que a tradição oral e escrita sobre Jesus, independentemente dos Evangelhos escritos, era normalmente utilizada ainda na primeira metade do século. Realmente. Inclusive os atuais quatro Evangelhos canônicos, que se acredita terem sido inspirados pelo Espírito Santo, sequer eram aceitos como tais nos primórdios da Igreja. Segundo Julio Trebolle, durante o século II da nossa era ainda se discutia em algumas igrejas a aceitação de um ou outro dos que não chegaram a entrar no cânon. Uma discussão, por sinal, que ainda continua nos dias de hoje, meio por baixo do pano…

É o caso notório do Evangelho de Tomé, cuja versão mais completa consta de um papiro descoberto no Egito em 1945 e que traz nada menos que 114 ensinamentos de Jesus em língua copta (derivada da egípcia), um após o outro. Esse Tomé seria o mesmo Judas que escreveu a epístola canônica que leva seu nome, pelo menos é assim que aparece num dos fragmentos gregos do texto. Alguns pesquisadores das Escrituras se perguntam se parte dos ensinamentos contidos no Evangelho de Tomé não poderiam ser mais autênticos do que certas palavras atribuídas a Jesus, existentes nos Evangelhos canônicos… Os que fazem uso da chamada *crítica da forma* asseveram que em alguns casos o Evangelho de Tomé preserva melhor que o de Mateus e de Lucas as formas originais dos ditos de Jesus. O historiador Gerd Theissen sustenta que esse Evangelho é o que com mais probabilidade conservou tradições antigas e autônomas. Há, inclusive, uma escola que advoga ser esse escrito mais antigo que os Evangelhos sinóticos, e muitos até o consideram como sendo o quinto Evangelho. Digno de nota é que faltem nele quaisquer referências à morte de Jesus e à sua ressurreição corpórea… Bem diferente dos Evangelhos sinóticos, que dão uma pequena amostra dos ensinamentos de Jesus e uma avalanche de informações sobre sua paixão, morte e ressurreição. Outro ponto de destaque no Evangelho de Tomé é a clareza em relação à condição de morto ou vivo espiritualmente, conforme indica esse trecho da 11ª sentença: "Esse céu passará e o que está acima dele passará. Mas quem estiver morto não viverá, e aquele que estiver vivo não morrerá!"

Também digno de nota, mas muito digno mesmo, é esse outro trecho do apócrifo Evangelho dos Nazarenos, também conhecido como Evangelho da Vida Perfeita: "Mas eis que um maior que Moisés está aqui, e ele vos dará a mais alta Lei, e esta Lei obedecerás. (…) *Aqueles que acreditam e obedecem salvarão suas almas, e aqueles que não obedecem as perderão.* Pois digo a vós, a não ser que a vossa justiça sobrepuje a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino do céu" (EvNz25:10). Esse trecho é muito semelhante à passagem correspondente no Evangelho de Mateus (cf. Mt5:20), com exceção da frase em itálico, justamente a mais importante. O descobridor desse Evangelho, o reverendo irlandês G. J. Ousley, escreveu um assombroso prefácio para a edição original inglesa de 1880, onde se lê: "Os primeiros Padres cristãos fizeram bem seu trabalho de destruir as fontes e registros dos quais reuniram informação e dados colocados por eles na Bíblia. Mas falharam em destruir todos. Alguns escaparam, e como é descoberto aqui e ali por pesquisadores pacientes. É surpreendente ver como o mundo foi enganado pelos Padres cristãos." Um pequeno extrato desse Evangelho, contendo algumas palavras atribuídas a Jesus, esclarece o motivo dessa destruição sistemática de fontes levada a efeito pelos primeiros dirigentes cristãos:

> *"Porém, tempo virá quando trevas cobrirão a Terra e obscurecerão pesadamente o povo, e os inimigos da Verdade e da Justiça regerão em meu nome, e estabelecerão um reino desse mundo, e oprimirão os povos,… colocando por minhas doutrinas opiniões dos homens, e ensinando em meu nome o que não ensinei, e obscurecendo muito o que por suas tradições tenho ensinado. Porém, sejam de bom ânimo, porque tempo também virá quando a Verdade que esconderam será manifestada, e a Luz brilhará, e as trevas serão afastadas, e o verdadeiro reino será estabelecido nesse mundo."*

Vemos uma situação análoga no Evangelho de Tomé, naquele dia em que os irmãos e a mãe de Jesus vão procurá-lo: "Teus irmãos e tua mãe estão de pé do lado de fora. Ele lhes disse: 'Aqueles que estão aqui e que fazem a Vontade de meu Pai é que são meus irmãos e minha mãe. *Eles é que entrarão no reino de meu Pai'*." A parte em itálico, a mais importante desse pronunciamento de Jesus, não consta do mesmo episódio narrado nos Evangelhos canônicos (cf. Mt12:47-50; Lc8:20,21).

O Evangelho dos Essênios também traz uma passagem bastante desconfortável para a ordem teológica atual:

> *"Um dia, Jesus sentou-se entre as pessoas que ouviam suas palavras maravilhadas. Ele disse: 'Não procure a Lei nas escrituras, pois a Lei é vida, enquanto a escritura é morte. A Lei é a Palavra viva do Deus vivo aos profetas vivos para os homens vivos. Em tudo que há vida, está escrita a Lei. Você a encontra na grama, nas árvores, no rio, na montanha, nos pássaros do céu, nos peixes do mar, mas busque-a principalmente em si mesmo. Deus não escreve a Lei em livros e sim no coração e no espírito."*

Uma prova indireta de que os ensinamentos originais de Jesus foram alterados pela nascente Igreja do ocidente, é que coisas muito distintas dos dogmas eclesiásticos foram encontradas em países não cristãos, registradas em papiros da época do início do Cristianismo.

No ano de 1890, o viajante russo Nicolas Notovitch sofreu um acidente (quebrou a perna) durante uma travessia pela região da Caxemira indiana. Impossibilitado de prosseguir viagem, foi tratado pelos médicos da região e resolveu aproveitar o tempo para conhecer um mosteiro do lugar. Lá ele se deparou com um papiro escrito em caracteres tibetanos, que narrava aspectos da vida de Jesus. Durante meses ele tomou ciência do que o papiro dizia, auxiliado por um lama. Posteriormente, publicou um livro sobre o assunto, não sem antes ter sido severamente advertido por um cardeal de Roma, a quem inadvertidamente falara do seu achado. O papiro tibetano narra vários episódios conhecidos da vida de Jesus, alguns concordes com os Evangelhos e outros nem tanto. Abaixo, algumas passagens mais interessantes:

> *"Uma criança maravilhosa nasceu na terra de Israel. O próprio Deus falava pela boca dessa criança. A criança divina começou desde cedo a falar sobre um Deus único e invisível, exortando as almas daqueles desencaminhados ao arrependimento e à purificação dos pecados dos quais eram culpados."*

O modo do nascimento da criança divina e o aspecto principal de sua missão é narrado de uma forma particularmente bela:

> *"O Espírito Eterno, residindo em local de completo repouso e suprema beatitude, acordou e separou-se por período indefinido do Ser Eterno, para mostrar dali em diante, disfarçado sob a forma humana, os meios de autoidentificação com a divindade e a obtenção da felicidade eterna. E para demonstrar, por seu exemplo, como a humanidade pode obter pureza moral, e pela separação de sua alma da espiral mortal, atingir os degraus da perfeição necessária para entrar no reino do céu, que é imutável, e onde os reinos de felicidade são eternos."*

Em relação à morte do Messias, o papiro afirma que se tratou de um crime bárbaro:

> *"A terra tremeu e os céus lamentaram, porque* ***um grande crime*** *foi cometido na terra de Israel. Pois eles* ***torturaram e mataram o grande e justo,*** *que encarnou na forma de simples mortal para fazer o bem e destruir os espíritos malignos."*

O destino no Juízo dos que desencaminham os seres humanos com crença falsa já está traçado:

> *"Honre o Dia do Julgamento, pois Deus infligirá uma terrível punição sobre aqueles que desencaminharam Suas crianças."*

O papiro também apresenta o seguinte dito atribuído a Jesus que, embora inexistente na Bíblia, se coaduna perfeitamente com a verdadeira doutrina dele:

> *"Aquele que recuperou a pureza original morrerá obtendo a remição dos pecados. Da mesma forma que um pai age com suas crianças, também Deus julgará os homens após a morte, de acordo com as leis de Sua compaixão."*

Um antigo manuscrito chinês também traz informações sobre os ensinamentos de Jesus. O instigante extrato abaixo foi obtido pelo pesquisador indiano Fida Khan, com auxílio de um grupo de especialistas e tradutores:

> *"Yesu* [Jesus] *proclamava-se o Salvador do Mundo. Ordenou que os discípulos observassem os Dez Mandamentos, entre os quais se incluem a proibição de homicídios e a obtenção de alegria eterna por meio de boas ações. Pregou que as ações demoníacas mergulham o indivíduo no inferno, onde*

o tormento e a miséria são eternos. Um pecado cometido conscientemente não pode ser tolerado nem perdoado."

Essa última sentença é uma explicação clara e singela do significado do "pecado cometido contra o Espírito Santo", já abordado.

Para tentar descobrir o que mais foi banido da doutrina original do Mestre, resta-nos recorrer aos textos não canônicos que chegaram até os nossos dias, mas sempre submetendo-os ao prisma severo e implacável da lógica e da justiça, para limpá-los de toda nódoa de fantasia e misticismo.

O mencionado Evangelho de Tomé é um desses textos mais conhecidos, mas vários outros Evangelhos apócrifos também comportam aspectos interessantes, que despertam a argúcia de pessoas espiritualmente despertas. No Evangelho de Pedro, por exemplo, chama atenção não haver ali nenhum indício de uma pretensa salvação pela cruz. No Evangelho de Maria Madalena, a protagonista explica a Pedro que a origem do pecado é culpa exclusiva do ser humano, conforme lhe teria sido revelado pelo próprio Mestre: "Somos nós que fazemos existir o pecado, quando agimos conforme nossa natureza idolátrica", diz Maria Madalena. O Cristianismo oficial da época rejeitou esse Evangelho porque considerava um total absurdo uma mulher ser depositária da sabedoria de Jesus… O Evangelho dos Ebionitas, por sua vez, opõe-se decididamente à doutrina da concepção virginal de Jesus, afirmando sem meias palavras que ele foi gerado de sêmen humano. Os Elquesaítas, outro grupo cristão contemporâneo dos Ebionitas, também rejeitavam a doutrina do nascimento virginal, asseverando que Jesus "nasceu como os outros homens".

É verdade que vários outros relatos dos Evangelhos apócrifos são, ao contrário destes, registros fantasiosos, grotescos mesmo, sem nenhum compromisso com a realidade.[30] Mas também é verdade que a escolha dos quatro Evangelhos canônicos não teve nenhuma influência divina como a Igreja quer fazer crer, tendo sido pautada exclusivamente em concepções doutrinário-teológicas. O teólogo Rochus Zuurmond, professor de Teologia Bíblica da Universidade de Amsterdã, esclarece: "Sem dúvida, a Igreja estabeleceu seu cânon *com base em determinadas suposições dogmáticas*, frequentemente em consciente polêmica contra grupos que invocavam a autoridade de escritos cuja autenticidade reivindicavam."

Vejamos o que diz o pesquisador Raul Branco a respeito do portentoso Concílio de Niceia: "A maior sistematização dos textos ocorreu por ocasião do Concílio de Niceia, convocado e presidido pelo imperador Constantino, em virtude de crescentes dissensões sobre questões de fé que tinham importantes implicações políticas. Graças a autoridade do imperador, que seguidamente tinha que moderar discussões entre bispos exaltados e arbitrar soluções para questões doutrinárias sobre as quais quase nada conhecia, foi possível selecionar aqueles textos que viriam formar a base dos Evangelhos a serem incluídos na Bíblia, os quais, mais tarde, ainda sofreram modificações. Constantino, que tratava as questões religiosas somente do ponto de vista político, assegurou a unanimidade banindo todos os bispos que não quiseram assinar a nova profissão de fé."

Como se vê, foi graças à atitude de um imperador romano e não a de um papa ou qualquer outro clérigo, que os Evangelhos canônicos consolidaram sua entrada na Bíblia, num Concílio não muito conciliatório. Todavia, os argumentos em favor de uma ratificação divina da autenticidade dos quatro Evangelhos continuaram a se propagar, sob diferentes formas, ao longo dos ulteriores períodos do Cristianismo. Um exemplo: no início do Evangelho de Lucas, lemos: "A mim também pareceu conveniente escrever-te" (Lc1:3). Certos copistas simplesmente acrescentaram em seus manuscritos uma referência ao Espírito Santo nessa frase, e a nova versão inspirada ficou assim: "A mim *e ao Espírito Santo* também pareceu conveniente escrever-te". A menção ao Espírito Santo deveria dar uma legitimidade inatacável ao seu Evangelho. No livro de Atos nos deparamos com a mesma estratégia: "Pois decidimos, *o Espírito Santo e nós*, não vos impor nenhum fardo" (At15:28).

Apesar dos esforços paroxísticos dos dirigentes cristãos de todos os tempos em tentar comprovar uma diretriz divina na escolha dos textos canônicos, os fatos históricos demonstram que o tão agitado

[30] Um dos textos mais fantásticos pode ser degustado no chamado "Evangelho Árabe da Infância". Lá, dentre inúmeras outras peripécias sobrenaturais, vemos um menino Jesus de sete anos fazendo prodígios espetaculares diante de coleguinhas embasbacados. Ele plasma figuras de pássaros que se tornam vivas e voam alegremente a uma ordem sua. Num outro texto apócrifo, um jovem Jesus também modela uma pomba de barro, sopra em suas narinas e imediatamente a ave alça voo. São estórias que não passam de lendas, produtos de fantasia desregrada, meras invenções de algum fanático religioso.

cânon bíblico só foi sedimentar-se após uma sucessão infindável de discussões acaloradas, contendas mui pouco fraternas e rixas nada inspiradoras entre os dignitários eclesiásticos. E isso tanto para o Antigo como para o Novo Testamento. O Apocalipse, por exemplo, demorou a entrar no cânon devido à imensa desconfiança da Igreja em relação a esse gênero de literatura. No Concílio Constantinopla I, no ano 360, o livro não aparece na lista canônica de então. Mas, como depois a opinião era de que parecia ter sido mesmo escrito por São João, acabou sendo aceito. O Concílio Toledo IV, em 633, fez uma declaração de legitimidade do livro com base na autoria de São João.

Em relação ao Antigo Testamento é digno de nota o caso do Cântico dos Cânticos de Salomão, uma coletânea de versos licenciosos que foi guindada à canonicidade. Se esse Cântico dos Cânticos é parte integral da Palavra Inspirada, como asseguram ainda tantos teólogos, porque será então que, já no início da era cristã, o famoso rabino Aqiba excluía da ressurreição quem ousasse declamar trechos desse livro durante os banquetes? Por que será que os outros rabinos o interditavam para menores de trinta anos? E porque será que sua divulgação pública, no ano de 1570, granjeou ao imprevidente frei Luiz de Leon, célebre professor da Universidade de Salamanca, cinco anos de cárcere? Um frei preso por divulgar trechos da Palavra divina?…

Na Bíblia judaica, o Cântico dos Cânticos (cujo significado em hebraico é "o melhor cântico") pelo menos só aparece na terceira parte do cânon – os Escritos, porém na Bíblia grega e na Vulgata latina ele é estranhamente classificado como um dos livros sapienciais. Na Vulgata recebe o elegante nome de Cantares (cantigas), e pelo fato de Salomão ser mencionado no primeiro versículo é conhecido como Cantares de Salomão.

A respeito desse Cântico dos Cânticos "canônico", talvez seja útil inteirarmo-nos da opinião do Dr. Andrew Greeley, renomado estudioso da Bíblia. Além de sacerdote da diocese de Chicago, Greeley é sociólogo, jornalista, doutor em filosofia e autor de mais de cem trabalhos acadêmicos e 60 livros. Vejamos alguns comentários do padre Greeley sobre o Cântico dos Cânticos em seu livro A Bíblia e Nós: "A despeito das metáforas que temos dificuldade em entender, juntamente com certas traduções terríveis (e às vezes desonestas), a natureza erótica do Cântico dos Cânticos é patente. Muita gente fica imaginando o que o Cântico dos Cânticos está fazendo na Bíblia[31]. Alguns cristãos simplesmente eliminaram-no. Outros, especialmente os católicos, resolveram a questão do erotismo do Cântico dos Cânticos simplesmente deixando de comentá-lo. Na maior parte da história dos judeus e dos cristãos, o problema do erotismo gritante do Cântico dos Cânticos foi tratado com alegorias. (…) O Cântico dos Cânticos foi colocado no cânon da Sagrada Escritura por ser muito apreciado pelo povo israelita; parecia um bom lugar para conservá-lo. (…) O Cântico dos Cânticos é poesia erótica (alguns poderiam considerá-la libertina) escrita por uma mulher muito desinibida (também alguns podendo considerá-la libertina), que considera o relacionamento metafórico entre dois amantes um motivo para entregar-se até com mais prazer às delícias do amor humano. (…) Os professores e educadores religiosos evitam o Cântico dos Cânticos por ser excessivamente vívido, realista e sensual. Talvez viesse a provocar maus pensamentos nas pessoas… Por isso, fingimos que ele não existe ou fazemos uma tradução em que toda a sensualidade contida nele seja suprimida."

Já foi constatado que esse Cântico dos Cânticos possui inegáveis paralelos com antigas canções de amor egípcias. Provavelmente originou-se delas. Apesar de uma certa resistência, o livro foi aceito como parte do cânon judaico durante o Sínodo de Jamnia (alguns chamam de Concílio), em 90 d.C., não porque fosse considerado uma alegoria, mas sim devido à sua popularidade. E, posteriormente, como já aparecia tanto na Bíblia hebraica como na versão grega da Septuaginta, passou sem maiores dificuldades para o cânon cristão.

De qualquer maneira, para os que não precisam fingir nada para ninguém, inclusive para si mesmos, o diagnóstico lúcido do padre Greeley constitui uma pá de cal na ideia de uma "inspiração divina" para a escolha dos livros canônicos. O critério de escolha do cânon inteiro foi sempre exclusivamente humano, sujeito a todos os erros, falhas e falta de discernimento dos sacerdotes judeus e cristãos, capazes, sim, de ver algo de útil nesse lascivo Cântico dos Cânticos e rejeitar uma preciosidade como o Livro de Enoch, de que tratarei mais à frente.

[31] A Tradução Ecumênica da Bíblia faz exatamente esse questionamento na Introdução ao livro: "Este cântico é profano ou sagrado, está no seu lugar na Bíblia ou entrou por engano?"

Devido a esse critério de escolha exclusivamente humano das Escrituras, e por isso mesmo restrito, a própria Epístola de Tiago por um triz também não foi excluída do Livro dos Livros. Justamente essa epístola tão importante, apresentada em estreito paralelo com o modo de pregação de Jesus, toda feita de conselhos e exemplos, que em linguagem franca exorta as pessoas o tempo todo a transformarem em ação sua boa vontade, justamente ela esteve a ponto de ser condenada. O que a salvou, e isso só no século IV, foi o fato de a Igreja ter percebido que seu autor fora, com toda a probabilidade, o meio-irmão de Jesus, distinguindo-o de dois apóstolos homônimos: Tiago filho de Alfeu e Tiago filho de Zebedeu.[32] Essa opinião de autoria já fora manifestada no século II por Clemente de Alexandria e Orígenes. Ainda outros documentos atestam o parentesco de Tiago com Jesus. O historiador Flávio Josefo fala em sua obra Antiguidades Judaicas sobre *"Tiago, o irmão de Jesus que é cognominado o Messias",* e o historiador Hegesipo, do século II, também alude a *"Tiago, o irmão do Senhor"*, afirmando ainda que ele era conhecido por todos como "Tiago, o Justo". Paulo também fala de Tiago como irmão do Senhor em sua carta aos Gálatas: "Decorridos três anos, então subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas, e permaneci com ele quinze dias; e não vi outro dos apóstolos senão *Tiago, o irmão do Senhor."* (Gl1:18,19). Desta vez, o malfadado conceito de família acabou ajudando indiretamente a posteridade, ao lhe garantir a autenticidade da Epístola de Tiago…

É claro que também pesou o alto conceito que Tiago desfrutava entre os apóstolos, como se depreende dos episódios em que Pedro manda avisá-lo assim que sai do cárcere (cf. At12:17), e em que Paulo aceita os conselhos dele (cf. At21:18-26). O Evangelho de Tomé também não deixa dúvida sobre a reputação de que Tiago gozava naquele tempo, confirmando o epíteto de "Justo" mencionado por Hegesipo: "Os discípulos disseram a Jesus: 'Sabemos que nos deixareis. Quem será o nosso líder? Jesus lhes respondeu: 'Não importa aonde chegueis, é para *Tiago Justo* que devereis ir." Interessante notar que a Tiago, que conviveu estreitamente com o Senhor, não adveio nenhuma ideia de uma morte salvífica na cruz e de uma ressurreição física para o meio-irmão... Em nenhum momento sua epístola faz qualquer alusão à morte expiatória de Cristo e à sua ressurreição.

Os critérios para se determinar o que era ou não canônico nunca foram critérios propriamente, mas uma balbúrdia só. O próprio Livro de Daniel só conseguiu entrar na lista de livros canônicos (aparentemente por volta de 165 a.C.) porque sua autoria foi atribuída a um profeta bastante conhecido, Daniel, que o teria escrito em 537 a.C. Contudo, por não ter desempenhado formalmente o cargo de profeta entre os israelitas, seu livro consta apenas da terceira divisão da Bíblia hebraica – os Escritos, ao invés da segunda – os Profetas, como seria de se esperar. No entanto, foram encontradas oito cópias desse livro entre os manuscritos do Mar Morto, em Qumran, o que demonstra a importância do texto para aquela comunidade do deserto. No Novo Testamento, o livro de Daniel foi avalizado por Mateus quando este reproduziu a expressão "abominação da desolação" utilizada pelo profeta (cf. Dn9:27; Mt24:15).

Eclesiastes foi outro livro que entrou para o cânon pela tangente por assim dizer. Julio Trebolle diz que pesava sobre a obra a acusação de conter passagens que tocavam a heresia. Já em relação ao livro de Ester, se reprovava a narração da história do matrimônio entre uma heroína judia e um pagão estrangeiro, sem aparecer nenhuma crítica contra um fato assim tão condenável… O livro de Ezequiel também não era muito bem-visto até o século I da nossa era, pois o Judaísmo oficial considerava perigoso a ideia de o profeta ter visto o trono de Yahweh fora da Palestina... (cf. Ez1:26;10:1). O livro nunca era lido na sinagoga.

Entre os textos que quase conseguiram passar no rigoroso vestibular canônico, mas acabaram sendo barrados na última hora, temos ainda: Epístola de Barnabé, Primeira Epístola de Clemente, Pastor de Hermas e Doutrina dos Doze Apóstolos. Isso, apesar de esses textos (e mais de uma dúzia de Evangelhos não canônicos), serem normalmente citados como Escritura Sagrada pelos Padres da Igreja nos primórdios do Cristianismo. Hermas era, ele próprio, um desses Pais Apostólicos, e sua obra Pastor

[32] A Epístola de Tiago foi aceita como parte das Escrituras nos Concílios de Roma em 382 e de Cartago em 397. Muitos pesquisadores a consideram um dos escritos mais antigos do Novo Testamento. Na Vulgata, a Epístola de Tiago aparece com o nome de *Epistula Iacobi*. Tiago, ou Jaime, é um nome derivado de Jacob. Tiago é o mesmo James das bíblias inglesas, Jacques das bíblias francesas, Giacomo das bíblias italianas e Jakobus das bíblias alemãs. O livro Jesus, o Amor de Deus, da Editora Ordem do Graal na Terra, narra diversos episódios reais envolvendo Jakobus, filho de José e irmão do Senhor por parte de mãe.

era muito bem-vista. Nela, ele afirma ter sido um escravo que enriqueceu, e numa alusão muito clara à Lei da Reciprocidade diz que perdeu tudo devido aos seus "pecados interiores". Em relação à Epístola de Barnabé, o bispo Eusébio de Cesareia sustentava em seu tempo, sem êxito, que deveria fazer parte do conjunto de livros canônicos, visto Barnabé ter sido muito próximo do apóstolo Paulo...

E assim aconteceu que esses antigos e conceituados escritos acabaram sendo barrados… Mas, como uma espécie de prêmio de consolação, o antiquíssimo e respeitadíssimo códice *Sinaiticus* exibe em seu austero corpo canônico os textos integrais da Epístola de Barnabé e do Pastor de Hermas, além da Primeira e Segunda Epístolas de Clemente, enquanto que o não menos antigo e respeitado códice *Vaticanus* estranhamente não comporta os quatro primeiros capítulos de Gênesis e cerca de 30 salmos. Por sua vez, o códice *Regius* do século VIII inova ao contemplar salomonicamente os dois trechos finais existentes para o Evangelho de Marcos: as conclusões curta e longa. Já o famoso compêndio *Cânon Muratori*, que teria sido estabelecido pela Igreja de Roma nas últimas décadas do século II, e foi descoberto pelo bibliotecário Muratori na Biblioteca Ambrosiana de Milão, marca sua presença por não trazer a Epístola de Tiago, a dos Hebreus, uma das de João e nenhuma das de Pedro, mas comporta a apócrifa Sabedoria de Salomão e um inusitado Apocalipse de Pedro, sobre o qual o compilador anônimo desse cânon registra, preocupado, que "alguns de nós não querem que seja lido na Igreja". Por fim, ainda nos quedamos atônitos, catatônicos, ao contemplar antigas Bíblias da Igreja Armênia exibindo orgulhosamente a Terceira Epístola de Paulo aos Coríntios…

Seria bom, aliás, que as pessoas soubessem que a apócrifa Epístola de Barnabé é avalizada pelo famoso códice *Sinaiticus*, pois aí talvez se interessassem em conhecê-la mais amiúde. E então veriam, surpresas, que nela o termo "Filho do Homem" aparece em claro contraste com a expressão "Filho de Deus" (cf. EpBr12:10), indicando de maneira inequívoca tratar-se de duas personalidades distintas.

Também seria ótimo se os crentes conhecessem melhor a obra do Padre Clemente do século II, pois ele ensinava com justeza que na encarnação do Filho de Deus o Verbo unira-se a uma alma humana, que em sua preexistência se mantivera pura. Verbo, como se sabe, é o mesmo que Palavra. Em "Um Hino ao Salvador", Clemente denomina Jesus Cristo de Palavra Eterna e Luz Eterna. A sua mencionada Primeira Epístola, apócrifa como a Segunda, traz a reprodução de uma fala de Jesus muito semelhante ao sermão do monte, e sobre a qual não se pode tecer nenhuma crítica de autenticidade, tamanha sua clareza em relação à Lei da Reciprocidade: "Antes de tudo queremos nos lembrar das palavras do Senhor Jesus que ele ensinou como mestre da mansidão e da paciência. Pois ele disse assim: 'Sede misericordiosos para alcançar a misericórdia; perdoai para serdes perdoados. Como fazeis, assim vos será feito; como dais, assim vos será dado; como julgais, assim sereis julgados; e, como sois bondosos, assim vos será feita bondade; com a mesma medida que medis, sereis medidos'" (1Clem13:1,2). Essa frase, de sentido tão verdadeiro, não se encontra na Bíblia porque o escrito que a comporta não é considerado canônico. Talvez a causa da rejeição de Clemente resida no tipo de ensino que ele e seu colega Orígenes ministravam numa das primeiras escolas cristã, pois ambos ensinavam que dos três significados possíveis dos textos das Escrituras: o literal, o moral e o espiritual, o mais fundamental e imprescindível era o *espiritual*…

Outra sentença de Jesus citada pelos primeiros Padres e que não entrou na Bíblia é esta: "Como sois encontrados, assim sereis conduzidos para o Juízo". Nesta frase está declarado tacitamente que, no Juízo Final, não contaria mais o que o ser humano fora no passado, em outras vidas, mas sim como ele *seria* no presente, isto é, durante o tempo do Julgamento! Uma frase de importância capital, desconhecida dos cristãos porque não é canônica.

Também é costume dizer nos meios teológicos que os textos mencionados nas Escrituras que não chegaram até nós não poderiam mesmo ser canônicos, do contrário o Espírito Santo com certeza não deixaria que se perdessem (!). É o caso, por exemplo, de uma antiga e desconhecida carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, mencionada em 1Co5:9. Por esse critério, também temos de considerar como não canônica a perdida Epístola aos Laodicenses, mencionada em Cl4:16, enquanto que o bilhete particular dirigido pelo apóstolo a seu amigo Filemon, com apenas um capítulo de 25 versículos (totalizando 335 palavras em grego), tratando de um assunto particular e corriqueiro, por não ter sumido nas dobras do tempo… é canônico! Pelo mesmo motivo também é canônica a minúscula terceira carta de João, que embora comportando algumas frases interessantes, é dirigida ao seu amigo Caio para discussão de um assunto exclusivamente pessoal.

Para termos uma melhor noção do tamanho da confusão gerada na formação do cânon bíblico, vamos lembrar inicialmente que a tradução grega da Bíblia feita no século III a.C. – a Septuaginta, já contemplava vários livros não existentes no antigo cânon hebraico (a Tanak judaica[33]), e que durante o século I a.C. essa versão grega ainda foi objeto de diversas recensões. Naquela época havia o Cânon dos Hebreus Helenizados, que incluía os livros extras, e o Cânon Palestinense, que os excluía. Quando os cristãos assumiram a organização do Antigo Testamento, acharam por bem rejeitar alguns dos escritos aditivos existentes na Septuaginta, a saber: Salmos de Salomão, Odes, Primeiro Livro de Esdras, Terceiro e Quarto Livro dos Macabeus. A Igreja passou a denominar os livros extras remanescentes de "deuterocanônicos", isto é canônicos em "segunda (dêutero) instância". São eles: Judite, Primeiro e Segundo Livro dos Macabeus, Tobias, Eclesiástico (Sirácida ou Ben Sira), Baruc (com Epístola de Jeremias), Sabedoria, fragmentos gregos adicionais ao Livro de Ester (cerca de cem versículos) e alguns acréscimos no livro de Daniel. Esse catálogo oficial de livros do Antigo Testamento foi promulgado no ano 393 no Concílio de Hipona (África do Norte), sendo posteriormente confirmado pelo Concílio de Cartago em 419, em contraposição, aliás, ao que fora discutido anteriormente no Concílio de Laodiceia, por volta do ano 360, onde os deuterocanônicos haviam sido rejeitados. Mas o Concílio de Trulico, em 692, se encarregou de embaralhar tudo de novo ao ratificar tanto o cânon de Laodiceia como o de Cartago. Em relação ao Novo Testamento a situação não era melhor, pois a Igreja síria se recusava a incluir no seu cânon o livro do Apocalipse, as três epístolas de João, as duas de Pedro, a de Judas e a de Tiago, enquanto que a Igreja do Ocidente, por sua vez, não considerava canônica a Epístola aos Hebreus. Mais tarde, após a reforma protestante, as Igrejas ortodoxas do Oriente se dividiram, com algumas delas aceitando os livros deuterocanônicos dos católicos e outras não, ao passo que a Igreja etíope, na contramão da polêmica, resolveu acrescentar mais oito livros ao seu cânon. Por essa época, Lutero havia retomado a questão do cânon do Antigo Testamento, excluindo dele todos os deuterocanônicos (embora aconselhasse sua leitura), e propondo como critério escriturístico unicamente "o que leva a Cristo e comunica Cristo", o que fez alguns argumentarem que nesse caso haveria então "um cânon dentro do cânon". Sem se importar muito com isso, os reformadores passaram a denominar de apócrifos os antigos livros deuterocanônicos dos católicos, causando uma previsível confusão com os textos apócrifos previamente existentes. Em vista disso, o Concílio de Trento decidiu, no ano de 1546, republicar oficialmente, sob pena de excomunhão, o cânon da Bíblia católica. O decreto do Concílio afirmava que "a verdade cristã está contida nos livros sagrados *e na tradição da Igreja"*, e que "a Bíblia deve ser interpretada *segundo as diretrizes da Igreja".* A partir daí, os católicos passaram a ser obrigados a aceitar esses livros como "sacros e canônicos, integralmente, com todas as suas partes, conforme lidos na Igreja Católica e contidos na edição latina universalmente divulgada." Essa edição latina era a Vulgata, obra que o citado Concílio decretou ser "texto autorizado em matéria de fé e de vida", e sobre a qual o inquisidor espanhol León de Castro declarou em 1576: "Nada se pode mudar que discorde da edição latina da Vulgata, nem um único período, uma única conclusão ou uma única cláusula, uma única palavra de expressão, uma única sílaba ou ponto." Todavia, em 1590, constatou-se que a edição dessa Vulgata intangível e universalmente divulgada, levada a efeito sob os auspícios do papa Sixto V, estava eivada de erros, além de trazer em seu bojo, como apêndice, três livros apócrifos: Oração de Manassés, 1Esdras e 4Esdras. Em vista disso, seu sucessor imediato, Clemente VIII, providenciou uma edição revisada do texto autorizado, a chamada Vulgata Sixto-Clementina de 1600, declarada oficialmente (e novamente) irreformável. Em 1943, o papa Pio XII explicou que a autenticidade da Vulgata então vigente era jurídica, e não crítica, garantindo que era "autêntica pelo seu longo uso por parte da Igreja", ratificando estar livre de erros de fé e de moral. Porém, tão logo encerrou-se o Concílio Vaticano II, em 1965, a Igreja Católica publicou uma outra versão dessa Vulgata livre de erros. Foi mais uma versão reformada, denominada agora "Nova Vulgata", trazendo alterações substanciais em relação à versão anterior. E assim, para encurtar a estória, o Antigo Testamento da Bíblia Cristã aparece hoje em dois cânones bastante modificados ao longo do tempo: o chamado "amplo" dos católicos e o "restrito" dos protestantes. Ambos sujeitos ainda a controvérsias sobre o que é "inspirado" e o que é "revelado", pois argumenta-se aí que se a inspiração produz livros sagrados, a revelação é o atestado de uma verdade. Alguém, por acaso, consegue ver em toda esse imbróglio algum sinal de condução divina?…

[33] Tanak é a sigla das três partes das Escrituras hebraicas: ***T***orá (Pentateuco), ***N***eviim (Profetas) e ***K***etuvim (Escritos).

Se todos os livros bíblicos foram escritos sob inspiração do Espírito Santo, então os egípcios também foram igualmente inspirados, porque boa parte dos ditados constantes no livro de Provérbios (de Pv22:17 a Pv24:22) são transcrições do documento egípcio *Instrução de Amenemope*, escrito por volta de 1200 a.C., portanto mais de duzentos anos antes do reinado de Salomão, a quem se atribui a autoria dos provérbios. Além de egípcias, também se constatou influências acadianas nesse livro.

Mencione-se ainda que há quem faça uma diferenciação entre livro canônico e inspirado; assim, todos os livros inspirados seriam canônicos, mas nem todos os canônicos seriam inspirados. O livro canônico de Eclesiastes, por exemplo, não é considerado inspirado por alguns biblistas. Aliás, o termo "inspiração", tão exaustivamente repetido pelos teólogos em suas justificativas canônicas, não aparece em lugar nenhum da Bíblia. O mais próximo que temos disso é a repisada frase: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para argumentar, para corrigir..." (2Tm3:16).

Antes de mais nada, não existe nada "inspirado" diretamente pelo sempiterno Deus, porque Ele, o Senhor, se encontra a uma distância inconcebível de Suas criaturas mais perfeitas, quanto mais de um simples ser humano. O que existem são escritos *indiretamente inspirados*, de pessoas para isso agraciadas, que se sintonizaram acertadamente na *Vontade* de Deus, a qual perflui toda a Criação. O Espírito Santo é a Justiça e a Vontade viva de Deus. Só um texto que se ajuste inteiramente a essa Justiça e Vontade, sem lacunas, pode, talvez, ousar atribuir a si a condição de indiretamente inspirado. E dessa espécie não faz parte "toda Escritura" absolutamente. Conforme alguns estudiosos imparciais já constataram, a tradução correta da afamada sentença da Segunda Epístola a Timóteo é: "Cada Escritura que é inspirada por Deus é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir..." Uma simples reordenação, que faz toda a diferença entre o falso e o verdadeiro. Isso, sem falar que o termo "inspirada" que aparece na frase não tem nada a ver com inspiração propriamente, significando apenas "Escritura revestida de autoridade", conforme explica o especialista B.B. Warfield. O Dr. Warfield é insuspeito para dar essa opinião, pois foi um dos mais ardorosos defensores da inspiração inerrante da Bíblia.

Certos partidários da inerrância bíblica afirmam que a Igreja primitiva, absolutamente, não decidiu quais livros deveriam entrar no cânon sagrado, tendo apenas confirmado aqueles que o povo de Deus já reconhecia como Sua Palavra. Que esse povo tenha escolhido ao longo dos séculos textos adulterados, cuja interpretação o desobrigasse da indispensável movimentação espiritual, escamoteando tudo o mais, não tem a menor importância para eles. Nem são mais capazes de compreender que o onipotente Criador jamais poderia ser autor de tantos absurdos e que, devido a isso, chamar indistintamente esses textos das Escrituras de Palavra de Deus – *Vox Scriptura, Vox Dei* – não passa de uma enorme, de uma colossal blasfêmia. E também nunca poderão apresentar aí nenhuma desculpa de um desconhecimento qualquer, pois a ignorância nessas coisas só decorre também da crônica indolência de seus espíritos.

A Composição dos Evangelhos

A palavra "Evangelho" provém do grego *euaggelion*, a qual deu origem ao vocábulo latino *evangelium*, cujo significado é "boa nova", "alegre anúncio", "feliz notícia". Originalmente esse vocábulo designava a recompensa dada a um mensageiro portador de boas notícias; desse modo aparece, por exemplo, nos escritos dos gregos Homero e Plutarco. Também anunciava, por vezes, uma vitória militar, um nascimento importante ou a subida ao trono de um novo imperador. Com o advento de Jesus a palavra passou a identificar o anúncio da redenção do mundo, e assim, por volta do século II o termo *Evangelho* passou a designar a boa nova da mensagem da salvação. O termo aparece 76 vezes no Novo Testamento, 60 das quais nas cartas do apóstolo Paulo.

Em relação aos Evangelhos canônicos, os estudiosos são unânimes em afirmar que Mateus escreveu para os judeus, Marcos para os romanos, Lucas para os gregos e João para a comunidade cristã de então. Os três primeiros Evangelhos canônicos são designados de "sinóticos" (de sinopse – visão conjunta), porquanto apresentam uma visão mais ou menos comum da vida de Cristo. Essa classificação foi estabelecida em 1776, quando um pesquisador das Escrituras, o teólogo protestante Johann Griesbach, dispôs os três Evangelhos em colunas paralelas a fim de estudar as interdependências e diferenças mútuas, dando a esse seu trabalho o título de *Sinopsis*.

Esse trabalho só foi possível porque nessa época a Bíblia já estava dividida em capítulos e versículos, na forma como encontramos hoje. A divisão em capítulos, tal como a conhecemos, foi feita no século XIII pelo arcebispo de Canterbury, Stephan Langton (1150 – 1228), com a finalidade de facilitar as referências. Tratou-se do rearranjo de uma primeira tentativa de classificação surgida em manuscritos do século V, que deixaram Mateus com 68 capítulos, Marcos com 48, Lucas com 83 e João com 18. No século XIII, os livreiros de Paris editaram a "Bíblia Parisiense", a primeira com a divisão em capítulos. A divisão em versículos data de 1551, elaborada pelo tipógrafo parisiense Robert Estienne e seu filho Henrique. No ano de 1555 surgiu a primeira Bíblia com as atuais divisões em capítulos e versículos.

O quarto Evangelho, o de João, ficou fora da classificação sinótica, porque sua narrativa é totalmente distinta da dos outros três. Há, de fato, diferenças marcantes, tanto de ordem geográfica como cronológica. Um estudo recente apontou 153 características exclusivas do texto, e no início chegou-se mesmo a pretender negar o título de Evangelho a esse livro. Um especialista das Escrituras, inclusive, admitiu que se o Evangelho de João surgisse agora, na época presente, lhe pareceria profundamente herético… A constatação de traços de gnosticismo no Evangelho de João foi a causa da demora de sua admissão no cânon bíblico, ainda mais que o primeiro comentário registrado do Evangelho é de Heracleon, um conhecido gnóstico do século II. Em virtude dessa suspeição, foi admitido nas Escrituras somente depois dos três Evangelhos sinóticos, não controversos. Contudo, nem sempre foi assim. Em alguns antigos manuscritos o Evangelho de João vem em segundo lugar, e não em quarto...

Apesar das suspeitas da Igreja, o Evangelho de João se evidencia como o mais profundo dos quatro, ao apresentar os conceitos de Luz, Verdade e Vida como ideias interligadas, e do mesmo modo unindo os conceitos de trevas, falsidade e morte. É com justiça conhecido como o Evangelho Espiritual[34]. Já no século II, Clemente de Alexandria afirmou que João havia composto um Evangelho essencialmente espiritual, onde por 14 vezes Jesus é referido como "a Palavra". Outros termos de relevo em sentido espiritual são também preponderantes em João. Enquanto Marcos e Lucas usam "verdade" quatro vezes cada um e Mateus duas, em João essa palavra é usada 46 vezes. Nesse Evangelho vemos, por 25 vezes, a fórmula associada a ensinamentos fundamentais do Mestre: "Em verdade, em verdade, vos digo...". Essa expressão não se encontra nos outros Evangelhos. A palavra "vida" é outro caso: aparece quatro vezes em Marcos, cinco em Lucas, sete em Mateus e 35 vezes em João; nenhum outro livro da Bíblia emprega mais vezes essa palavra do que o Evangelho de João. A recorrência do termo "luz" também chama a atenção: aparece uma vez em Marcos, sete vezes em Mateus e Lucas, e 27 vezes em João.

Já foi dito que os três Evangelhos sinóticos são "fotografias da vida de Jesus tiradas de ângulos diferentes", enquanto que o quarto Evangelho seria "um retrato feito por um pintor dotado de um estilo marcadamente individual". Na verdade, essa estória de "fotografias diferentes" para designar os sinóticos é apenas um eufemismo para encobrir discrepâncias acentuadas entre os textos, que os levam a serem designados de "segundo" este ou aquele evangelista. As divergências são múltiplas, não se restringindo apenas à forma mas também ao conteúdo de vários versículos, havendo inclusive disparidades notórias na cronologia dos fatos. São raros os ditos idênticos existentes em apenas dois dos três Evangelhos sinóticos. No mais das vezes se observa um perfeito acordo em meros detalhes e diferenças profundas em assuntos importantes. Não vamos nos ater aqui na análise dessas dissonâncias, porque isso foge ao escopo deste livro, e também porque são bem conhecidas. Entretanto, essas falhas servem para ratificar a necessidade de encararmos os Evangelhos canônicos como aquilo que realmente são: tentativas de reprodução das palavras e Jesus, e não propriamente a Palavra viva que ele proferiu.

A boa nova dos Evangelhos e a Palavra viva de Jesus não são, portanto, uma só coisa. Trata-se de uma verdade tão incontestável essa, que mesmo grandes estudiosos bíblicos são forçados a confessá-la de uma maneira ou de outra. A Introdução do Novo Testamento da Tradução Ecumênica da Bíblia admite: "A transmissão dessas obras, desde a Antiguidade até nossos dias, implicou certo número de contingências, *que não isentaram o texto de alterações* (…); verificam-se entre os manuscritos *divergências que afetam o sentido de passagens inteiras."*

A Introdução aos Evangelhos sinóticos da católica Bíblia de Jerusalém segue na mesma linha de justificativa prévia. Nela podemos ler: "As leis inevitáveis de todo testemunho humano e de sua

[34] O livro Jesus, o Amor de Deus, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra, traz o Evangelho de João em sua forma original.

transmissão *dissuadem de esperar tal exatidão material,* e os fatos corroboram essa advertência, pois vemos que o mesmo relato ou a mesma palavra é transmitida de modo diferente pelos diversos Evangelhos. (…) É forçoso reconhecer que muitos fatos ou sentenças evangélicas *perderam sua relação primitiva com o tempo e lugar,* e muitas vezes seria erro tomar em sentido rigoroso certas conexões redacionais."

É inacreditável, mas alguns exegetas de hoje não têm nenhum escrúpulo em lançar sobre o Espírito Santo a responsabilidade pelas muitas incongruências bíblicas. Quando os autores do Novo Testamento citam passagens do Antigo para corroborar suas opiniões, alterando e torcendo seu sentido, a explicação para isso é, mais uma vez, que o Espírito Santo assim quis, já que ele é o autor da Bíblia inteira e pode dar a ela o sentido que bem entender, na hora que quiser, através de profetas escolhidos para isso… Ninguém tem nada a ver com isso, e incorre em pecado quem levantar alguma objeção.

Bem, é consenso hoje que nem Lucas nem Mateus foram testemunhas oculares dos acontecimentos que descrevem nos seus Evangelhos. Em relação a Marcos, ainda há muita controvérsia se ele era ou não contemporâneo de Jesus, e quanto a João, a maioria dos especialistas acredita ser ele realmente o "discípulo que Jesus amava", do qual ele mesmo fala na terceira pessoa (cf. Jo20:2), portanto um seu contemporâneo. Os próprios Evangelhos, porém, nada afirmam de maneira explícita sobre seus autores.

Em relação à composição dos quatro Evangelhos canônicos, é incontestável que foram escritos muito tempo depois da morte de Jesus. Supõe-se que o mais antigo deles, o de Marcos, tenha surgido entre os anos 50 e 70 d.C, mas muitos sustentam que todos os quatro devem ter sido elaborados após a destruição de Jerusalém pelos romanos, em 70 d.C. As próprias epístolas apostolares (cartas)[35] são bem anteriores aos Evangelhos, e se estima que a mais antiga dela, a primeira Epístola aos Tessalonicenses, tenha sido escrita pelo apóstolo Paulo no mínimo vinte anos após a morte de Jesus.

A suposição de que o Evangelho de Marcos é o mais antigo dos três sinóticos decorre de ser esse o texto com menos material exclusivo, devendo, portanto, ter servido de base para a redação dos demais. O Evangelho de Lucas é o que tem maior quantidade de material inédito dentre os três, o que leva a crer ser ele o texto mais recente. O Evangelho de Mateus, por sua vez, fica a meio termo dos outros dois nesse quesito, parecendo ser mais uma edição revista e aumentada de Marcos.

Muitos estudiosos atribuem as similitudes entre Mateus e Lucas a uma fonte comum muito antiga, que teria se perdido. Os dois evangelistas teriam se baseado em Marcos e nesse manancial perdido para compor seus Evangelhos. A essa fonte desconhecida eles deram o nome de "Q" (do vocábulo alemão *Quelle* – fonte). Ninguém pode comprovar se essa misteriosa fonte Q existiu mesmo, como um documento autônomo e real do Cristianismo primitivo, porém é indubitável que os Evangelhos canônicos não são mais do que retratos secundários e terciários de tradições orais, e possivelmente escritas, que se haviam desenvolvido ao longo de décadas. Uma antiga descrição a respeito de Lucas, que veremos mais à frente, faz menção à existência de fontes desconhecidas, nas quais o evangelista teria se baseado.

Comparando-se os Evangelhos de Mateus e Lucas, verifica-se que eles coincidem na ordem dos relatos somente quando seguem o padrão do Evangelho de Marcos. Os trechos comuns não concordes cronologicamente foram atribuídos a essa fonte Q, e assim foi possível reconstituir esse suposto antigo compêndio de relatos sobre Jesus. O que chama a atenção na reconstituição desse depositário ancestral de narrativas sobre Jesus e suas palavras, é não haver nele nenhuma referência à sua ressurreição e muito menos à ideia de um martírio expiatório... Coincidentemente, os apócrifos Evangelhos de Tomé, Filipe e Maria Madalena também não trazem uma linha sequer sobre a paixão de Cristo.

Outro aspecto interessante é o resultado da tradução do grego nos trechos que compõem a fonte Q desvinculada da influência de textos adjacentes, que teriam sido acrescidos para compor os Evangelhos. O professor de Novo Testamento Burton Mack fez um exaustivo trabalho de reconstrução da fonte original Q, com apoio do *Internacional Q Project,* sediado na cidade de Claremont, e dentre outras descobertas chegou à seguinte forma para o relato da atuação da Lei, segundo o dito de Jesus: "É mais fácil passar o céu e a terra do que um único golpe da Lei perder a força." Essa nova forma transmite de

[35] Há quem faça uma distinção entre carta e epístola. A carta seria um escrito específico, destinado a um determinado grupo de pessoas, enquanto que a epístola teria um caráter mais abrangente, sendo destinada a um vasto círculo de leitores. Com base nisso, alguns teólogos católicos denominam as epístolas paulinas de "encíclicas", como se já existisse um correio apostólico naquele tempo.

uma maneira particularmente clara a absoluta inflexibilidade da Lei da Reciprocidade. Também a exortação de João Batista aos fariseus adquire uma clareza não pressentida nas traduções usuais: "Mudem seus modos de agir, se é que mudaram mesmo seus modos de pensar!"

As evidências históricas do tempo decorrido entre a morte de Jesus e o aparecimento dos Evangelhos deveriam servir como um alerta a mais às pessoas espiritualmente livres, para que olhassem esses textos não como a reprodução exata das palavras de Cristo, mas apenas aproximada. Nas palavras sem subterfúgios do teólogo John Hick, "as memórias originais e de primeira mão acerca de Jesus foram *peneiradas, desenvolvidas, distorcidas, aumentadas e embelezadas* de várias maneiras por meio da interação de muitos fatores, inclusive a tendência universal de exaltar cada vez mais a figura do próprio líder." Na sua obra "A Vida de Jesus Examinada Criticamente", publicada em 1835, o biblista David Friedrich Strauss já afirmava que o Novo Testamento continha elementos míticos inventados pela Igreja primitiva *para embelezar a vida de Jesus.* Cabe acrescentar aqui também o comentário do teólogo católico Giuseppe Barbaglio, especificamente sobre o Evangelho de Mateus: "As palavras [do Senhor] foram recordadas e transmitidas com cuidado, *embora nem sempre na sua exatidão material e segundo seu significado original."*

Ademais, nenhum dos Evangelhos originais, escritos de próprio punho pelos evangelistas, chegou até a nossa época. Nenhum! Os textos originais em papiros, denominados "autógrafos", se perderam já nos primeiros tempos, e as cópias então existentes foram sendo reproduzidas e difundidas à medida que o Cristianismo se expandia, tendo sofrido múltiplas alterações ao longo do tempo. As tentativas de harmonização de passagens paralelas, verificadas nas cópias dos Evangelhos sinóticos, constituem uma indicação clara disso. Alguns especialistas, inclusive, temem que se porventura forem descobertos fragmentos de algum manuscrito do primeiro século da era cristã, isso vai acabar ampliando, e não reduzindo, as áreas de incerteza sobre os textos. Apareceriam mais problemas do que soluções…

Outro ponto a considerar é que Jesus falava em aramaico, ao passo que todo o Novo Testamento foi escrito em grego, sendo portanto já uma tradução das palavras originais de Cristo. E não era o grego culto, mas sim o chamado grego *koiné,* uma mistura de diferentes dialetos, com uma sintaxe irregular e uma morfologia modesta. O termo *koiné* significa "língua comum". Como os escritores cristãos queriam que seus textos se espalhassem rapidamente por toda a parte, preferiram utilizar esse grego comum, falado em todo o Império Romano, ao invés do rico grego clássico. Vários especialistas já demonstraram que as palavras de Jesus, conservadas no grego *koiné,* ganham uma nova força e muito maior clareza quando são revertidas para o aramaico original. Parece surgir até um ritmo poético... E para complicar um pouco mais a guerra, as posteriores traduções a partir desse grego mais restrito também acabam distorcendo, em grau maior ou menor, o sentido original.

Dos quatro Evangelhos, o mais prejudicado nas traduções foi certamente o de Mateus, que segundo Eusébio de Cesareia, Pápias, Orígenes e Jerônimo, teria sido escrito originalmente em hebraico. Nesse caso então a situação é a seguinte: Jesus falou em aramaico, Mateus escreveu em hebraico, alguém traduziu para o grego comum, daí surgiu a tradução para o latim, da qual advieram as versões vernáculas, todas elas objeto de inúmeras revisões ao longo do tempo. Pergunto: qual a chance de as palavras de Jesus nesse Evangelho terem chegado até nós exatamente como foram proferidas?… O fiel cristão de hoje está acostumado a pedir cópia autenticada com firma reconhecida em cartório para qualquer reprodução de um documento importante, mas em relação aos textos bíblicos, que atravessaram milênios passando de mão e mão, aceita qualquer coisa sem nenhum questionamento.

E é fato que esse grego *koiné* não poderia, nem de longe, conservar os ditos de Jesus com toda sua carga de seriedade e severidade. Já no século XIV, o humanista Erasmo de Roterdam verificou que o significado das palavras do grego *koiné* do Novo Testamento era bem diferente do apresentado pelo grego clássico, e que devido a isso a versão traduzida para o latim, a Vulgata, apresentava divergências notórias em relação ao sentido original.

Erasmo era uma personalidade ímpar, de uma envergadura espiritual que nos faz lembrar o herói Pelágio dos primeiros tempos do Cristianismo. Ele acreditava que as pessoas deviam ouvir o Evangelho em seu próprio idioma, ao invés de "murmurar salmos e padre-nossos em latim, sem entender as próprias palavras", e que, a respeito de muitos pontos da doutrina cristã, "cada qual deve seguir seu próprio julgamento". Erasmo queria alcançar o sentido original da Bíblia e torná-la útil para as pessoas simples de sua época, pois achava a linguagem das Escrituras um tanto obscura. Em sua obra Discussão do Livre-

Arbítrio, ele asseverou que o ser humano tinha de se valer de seus próprios recursos para obter a salvação. Por causa dessa posição de independência ele não recebeu apoio dos reformadores protestantes, fato que não o impediu de publicar a primeira edição crítica ao Novo Testamento grego. Ele ainda se empenhou pessoalmente contra as perseguições religiosas de seu tempo e, corajosamente, contra a própria Inquisição. A edição do ano 1612 do Index de livros proibidos da Igreja o classificava entre os escritores condenados – *"auctores damnati"* – o que significava que dali em diante não podia sequer ser chamado mais pelo nome de batismo, mas apenas de "alguém"… Essa sentença condenatória não impressionou muito o escritor inglês Thomas James, autor da obra Tratado de Corrupções das Escrituras, publicado nesse mesmo ano de 1612. Thomas, o primeiro bibliotecário da cidade de Bodley, consultou o Index pontificial justamente para se inteirar de quais livros deveria adquirir para sua biblioteca municipal... Certamente ele teria tido total apoio de um seu compatriota famoso, William Shakespeare, para quem herege não era quem ardia na fogueira, mas quem a acendia...

Que os textos evangélicos surgiram muito depois da morte de Jesus, ficando por conseguinte sujeitos a inúmeras falhas e inserções, já testemunha o lapso de tempo que levou para começarem a ser citados em outros antigos escritos religiosos. A própria denominação "Evangelho", utilizada para designar os relatos da vida de Cristo, aparece pela primeira vez somente no século II, nos escritos do filósofo Justino Mártir (100 – 165). Aliás, hoje em dia parece-nos bastante inadequado o título com que Justino designava os evangelhos em sua época: "Memórias dos Apóstolos".

A primeira vez que se fala do Evangelho de Marcos é uma referência ao nome do autor feita por Pápias, bispo da cidade de Hierápolis, na Ásia Menor, entre os anos 125 e 140, quando afirma que "Marcos era o intérprete de Pedro, e anotou cuidadosamente o que se lembrava do que havia sido dito ou feito pelo Senhor, *mas não na ordem certa; porque ele não havia ouvido o Senhor nem o havia seguido,* mas o seguiu mais tarde." Por isso, Pápias diz conhecer e aceitar os Evangelhos, embora "preferisse as tradições orais". Segundo o testemunho de um documento do século II, o livro de Marcos teria sido composto em Roma. Parece que nesse século II existiam pelo menos três versões diferentes desse Evangelho: uma de domínio público, uma outra reservada para uns poucos eruditos, e uma terceira utilizada por uma seita gnóstica. Nessa época, Clemente de Alexandria se queixava justamente das várias versões do Evangelho de Marcos que circulavam livremente… A sua Igreja de Alexandria teria conservado cuidadosamente a última versão, dita "secreta" ou "espiritual". A versão que se tornou canônica é atestada por manuscritos apenas a partir do século III, e o primeiro comentário latino completo de Marcos só vai surgir entre os séculos V e VI, de autoria de um ilustre desconhecido chamado Pseudo-Jerônimo.

Em relação ao Evangelho de Mateus, uma frase sua é citada pela primeira vez pelo bispo Inácio de Antioquia na Epístola aos Esmirneanos, numa data estimada entre os anos 80 e 130. Do bispo Pápias também é essa desalentadora informação sobre as ulteriores reproduções do Evangelho de Mateus: "Mateus compilou em hebraico os logia (dizeres) *e cada um os traduziu como pôde."*

Quanto ao Evangelho de Lucas, pelo que se sabe, é citado textualmente pela primeira vez pelo bispo Irineu, no ano 180. É dessa época a seguinte descrição sobre o evangelista, reproduzida num documento do século VIII: "Lucas, médico, depois da ascensão de Cristo, foi escolhido companheiro de suas viagens por Paulo; ele redigiu, sob sua própria responsabilidade, *mas baseando-se em outras fontes,* o Evangelho. Ele, porém, não viu o Senhor em pessoa e, então, narrou os acontecimentos *segundo as informações que lhe foi possível levantar,* começando a sua narrativa pelo nascimento de João [Batista]."

A primeira citação precisa que se tem do quarto Evangelho, o de João, aparece num fragmento de papiro com data estimada do ano 125, o qual traz umas poucas linhas do capítulo 18. Um papiro de Justino, aproximadamente do ano 150, também faz menção a esse Evangelho, e o livro apócrifo Odes de Salomão apresenta vários trechos aparentados a ele. O Evangelho de João é o último dos quatro, e devido a isso alguns supõem ter sido escrito em parte por um discípulo de João, que lhe teria acrescentado o capítulo 21. De fato, esse capítulo 21, completamente estranho ao restante do Evangelho, é aquele que narra as aparições de Jesus ressuscitado comendo peixe diante dos discípulos...

Desde a sua aparição, os Evangelhos hoje considerados canônicos ficaram sujeitos à concorrência de outros escritos e também a várias modificações perpetradas neles próprios. Sabe-se, por exemplo, que por volta do ano 140 um cristão chamado Márcion produziu um Evangelho que encurtava o de Lucas, de maneira a adequar-se às suas próprias concepções teológicas, as quais não admitiam nada que

lembrasse o Antigo Testamento e o Judaísmo. Esse Márcion simplesmente reescreveu cartas do apóstolo Paulo, modificando e omitindo trechos de que não gostava e eliminando também as epístolas a Timóteo e a Tito.[36] Atraiu um imenso séquito e acabou sendo excomungado pelo próprio pai, bispo da cidade turca de Sinope, tendo recebido ainda o título de "primogênito de Satanás". Suponho que não deva ter sido seu pai quem lhe agraciou com tal honraria...

Nessa mesma época, o bispo Pápias cuidava de escrever a sua "Interpretação das Palavras do Senhor", uma obra em cinco volumes que objetivava reunir as tradições orais sobre Jesus, colhendo declarações de pessoas que teriam conhecido os discípulos. Essa obra acabou se perdendo, mas alguns fragmentos dela foram transmitidos pelo bispo Eusébio de Cesareia em sua História Eclesiástica. Eusébio afirma que Pápias "recolheu por tradição oral *palavras estranhas* do Salvador e de outras doutrinas esotéricas"… Nesse período conturbado houve uma proliferação enorme de grupos sectários, cada qual cuidando de compilar sua própria lista de livros sagrados.

Quanto às modificações processadas nos textos, uma das mais nítidas indicações de que os Evangelhos estavam sofrendo alterações, já naquela época distante, é um protesto de Dionísio, bispo de Corinto, datado de 170 d.C. Segundo ele, suas cartas "vinham sendo adulteradas e falsificadas por outros cristãos, *assim como estes haviam modificado os próprios Evangelhos."* Isso nos faz lembrar a advertência de Pedro sobre torcer o conteúdo das palavras do apóstolo Paulo e de outros textos: "É verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes *torcem,* como fazem *com as demais Escrituras,* para a sua própria perdição" (2Pe3:16). Realmente, se os cristãos dos tempos antigos já haviam modificado os próprios Evangelhos, então, com muito mais razão ainda poderiam ter modificado trechos das cartas de Paulo, que são documentos bem mais antigos. Poderiam ter inserido nelas, por exemplo, algumas concepções de "salvação pela graça" …

O que não faltava naquela época remota eram hagiógrafos de múltiplos matizes, ansiosos por deixar sua marca nalgum lugar de destaque. Todo mundo estava escrevendo algum tipo de evangelismo, num frenesi sem tamanho. Ainda no ano 170, um tal de Taciano juntou os quatro Evangelhos num só e no texto assim coligido fez as alterações que lhe pareciam necessárias, incorporando também uma série de leituras extraídas de fontes apócrifas. Esse compêndio ficou conhecido com o nome de Harmonia ou Diatesseron (Através dos Quatro), tendo obtido ampla aceitação no oriente cristão e dado origem a numerosas traduções. Na Igreja da Síria, o Diatesseron permaneceu como texto oficial por mais de duzentos anos. Mais ou menos na época da composição desse texto de Taciano, o líder religioso Montano esforçava-se ao máximo para introduzir seus próprios livros e revelações na Escritura neotestamentária, sem contudo lograr êxito.

Por volta do ano 380, o padre e doutor da Igreja, Jerônimo (347 – 420), fez, a pedido do papa Dâmaso[37], uma tradução do texto hebraico da Bíblia para o latim que, como vimos, ficou conhecida com o nome de Vulgata. As versões latinas então existentes, como a *Vetus Latina,* das quais sobrevivem cerca de 44 manuscritos, não eram muito concordes entre si, o que gerava grandes problemas. A Vulgata de Jerônimo levou 25 anos para ser concluída e passou a ser a versão oficial da Igreja, fato que lhe granjeou uma fama considerável. Em vista disso, um rico hispano chamado Lucínio Bético lhe enviou seis copistas com a missão de transcrever algumas obras de sua autoria. A advertência que Jerônimo fez chegar a Lucínio mostra bem o despreparo e falta de cuidado dos copistas da época, que também tinham a incumbência de reproduzir os textos bíblicos: "Caso se encontrar algum erro ou omissão que contradiz o sentido, não se há de imputar isso à minha pessoa, mas a vossos servos. São fruto da ignorância ou descuido dos copistas, *que não escrevem o que encontram, mas o que eles consideram ser o sentido,* e não expõem senão os seus próprios erros quando tratam de corrigir os alheios."

[36] Existiram várias cartas de Paulo, que acabaram não chegando até nós. Conforme visto, existiu uma carta enviada aos Coríntios anterior à primeira epístola canônica dirigida a essa comunidade, como também houve uma epístola aos Laodicenses. Por sua vez, o bispo de Esmirna, Policarpo, ao escrever aos Filipenses fala de "cartas" (no plural) que Paulo teria enviado àquela comunidade. Supõe-se também que muitas das cartas de Paulo não foram escritas por ele mesmo, e sim por uma "escola paulina", originada de seu pensamento doutrinário. Na Bíblia, as cartas de Paulo foram dispostas por ordem de extensão, da maior – Romanos, à menor – Filemon.

[37] Dâmaso foi quem estabeleceu a missa rezada em latim, que até então era celebrada em grego.

E, de fato, observam-se erros na Vulgata. Uma dessas falhas acabou criando uma situação um tanto cômica. Trata-se do caso do rosto de Moisés. Quando Moisés desce do monte Sinai trazendo as Tábuas da Lei, a Escritura diz que seu rosto "resplandecia" (cf. Ex34:29,30,35). A tradução da Vulgata, porém, diz que a sua face era "cornuta", isto é, com chifres. O que aconteceu é que o correspondente termo hebraico – *keren*, tanto pode significar "chifre" como "irradiação de esplendor", dependendo do contexto. Assim, devido a essa tradução equivocada da Vulgata, muitas pinturas e estátuas passaram a representar Moisés com destacados chifres, dumas vezes bovinos e doutras vezes caprinos… A justificativa até parecia bem plausível. Moisés não estava prestes a destruir o *bezerro* de ouro? Então. Nada mais natural que descesse a montanha prontinho para chifrar o dito cujo… Alguns artistas da Renascença não conseguiram disfarçar seu constrangimento e trataram de encobrir os chifres mosaicos com oportunos raios de luz ou mechas de cabelo cuidadosamente revoltos.

Por alguma estranha razão, Moisés parece mesmo ter sido escolhido como alvo de blagues bíblicas. A ideia de que ele foi o único autor dos livros do Pentateuco desemboca numa impossibilidade quando o vemos descrever sua própria morte (cf. Dt34:5), não sem antes garantir de viva-voz que era "homem muito humilde, *o mais humilde dos homens que havia na Terra"* (Nm12:3). Uma declaração que não soa exatamente humilde, não é mesmo?

Esses poucos exemplos mostram que os escritos bíblicos, em particular os Evangelhos, ficaram sujeitos a alterações bem mundanas ao longo dos séculos, maiores ou menores, por boa ou má fé dos que detinham esses textos nas mãos. Um caso digno de nota especial é o trecho referente aos lírios do campo, que aparece no Evangelho de Mateus:

> *"E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer um deles."*
>
> *(Mt6:28,29)*

O texto original desse versículo, porém, dizia: "Olhai os lírios do campo: eles não cardam [desenredam] nem fiam". Não havia menção a como eles cresciam e nem a trabalho. A rigor, não havia nem mesmo lírios; essa palavra foi empregada como tradução livre do texto grego, porque a flor que deveria ser usada na analogia – uma *sternbergia* – estragaria a fluência do trecho. Quem descobriu essas discrepâncias foi o pesquisador T. C. Skeat, em 1938. Ele estava estudando o códice *Sinaiticus*, que juntamente com o códice *Vaticanus* (ambos do século IV) deram origem aos primeiros Novos Testamentos conhecidos. Examinando o trecho em questão sob luz ultravioleta, Skeat descobriu que as letras gregas originais haviam sido raspadas do manuscrito, tendo sido substituídas pelo texto que chegou à posteridade.[38] Hoje, inclusive, já se sabe que esse códice *Sinaiticus* sofreu várias outras modificações até o século XII. No capítulo 21 do Evangelho de João vemos claramente as correções anotadas em cima do texto original.

As evidências de manipulações e alterações dos Evangelhos são tão claras, que logo no início de sua Introdução aos Evangelhos Sinóticos a Tradução Ecumênica da Bíblia adverte: "O leitor moderno fica desconcertado à vista dessa literatura, que lhe parece desconexa, cujo plano carece de continuidade, cujas contradições parecem insuperáveis e que não logra responder a todas as perguntas que se lhe fazem." Também a Sociedade Bíblica Católica Internacional cuidou de fazer suas advertências na Introdução ao Evangelho de João da Bíblia de Jerusalém: "Notemos primeiramente que a ordem na qual se apresenta o Evangelho cria certo número de problemas: sucessão difícil dos caps. 4; 5; 6; 7:1-24; anomalia na colocação dos caps. 15–17 após o adeus de 14:31; situação fora do contexto de fragmentos, como 3:31-36 e 12:44-50."

Essas advertências procedem. Se observamos com atenção a despedida contida em Jo14:31, Jesus ordena aos discípulos: "Levantai-vos, vamo-nos daqui", mas ninguém se mexe. Logo em seguida ele faz um longo discurso nos capítulos 15 e 16, que é quase uma cópia do que já havia sido dito no capítulo 14, e a partida só ocorre em Jo18:1. Ouçamos o que a Bíblia de Jerusalém tem a dizer sobre isso: "É

[38] Ao contrário do papiro – descoberto no Egito por volta de 3.000 a.C. e feito da casca do junco *papyrus* – o pergaminho, que de acordo com o escritor romano Plínio foi inventado em cerca de 200 a.C. na cidade de Pérgamo (daí seu nome), podia ser reutilizado após a raspagem do texto original, visto ser confeccionado com peles de animais. O novo manuscrito que surge após a raspagem do pergaminho chama-se *palimpsesto* (raspado de novo).

possível que essas anomalias provenham do modo como o Evangelho foi composto e editado: com efeito, ele seria o resultado de uma lenta elaboração, incluindo elementos de diferentes épocas, *bem como retoques, adições, diversas redações de um mesmo ensinamento,* tendo sido publicado tudo isso definitivamente não pelo próprio João, mas, após a sua morte, por seus discípulos; dessa forma, estes teriam inserido no conjunto primitivo do Evangelho fragmentos joaninos que não queriam que se perdessem, e cujo lugar não estava rigorosamente determinado."

Hipóteses e mais hipóteses… E nenhuma voz para alertar que textos assim tão modificados não podem constituir nenhuma autêntica Palavra de Deus.

Por volta do século IV, a situação de erros e modificações intencionais no Novo Testamento já era de tal monta, de tal modo aflitiva, que surgiram as assim chamadas recensões (revisões). Conhecem-se hoje quatro dessas recensões: a de Alexandria, de onde se originaram os mencionados códices Sinaiticus e Vaticanus; a de Cesareia; a de Antioquia e Bizâncio, que deu origem ao texto oficial das igrejas orientais-ortodoxas utilizados até hoje; e a de Roma, que serviu de base para as primeiras traduções latinas anteriores à Vulgata de Jerônimo.

A recensão de Roma deu origem ao códice de Beza do século V, que traz várias diferenças em relação aos outros códices, particularmente em Atos dos Apóstolos. Esse códice, aliás, ficou conhecido justamente pelos numerosos acréscimos de palavras, frases e até de narrativas. Chama atenção o "acerto" que o copista tentou fazer em relação às genealogias de Jesus. Percebendo as discrepâncias marcantes entre as listagens de Lucas e Mateus, ele tentou igualar a de Mateus com a de Lucas; porém, como aquela apresenta menos nomes, ele simplesmente a preencheu com nomes suplementares, sem contudo lograr estabelecer um equilíbrio…

As modificações e ajustes nos textos neotestamentários foram tantos, que não se pode imputar com segurança os inúmeros erros remanescentes no texto bíblico atual ao próprio autor original. O Evangelho de Marcos, por exemplo, começa atribuindo a Isaías uma citação do profeta Malaquias (cf. Mc1:2 e Ml3:1). De onde se teria originado esse erro: do próprio Marcos ou de revisores de outras épocas?… Impossível saber.

O fato é que a forma do Novo Testamento, tal como a conhecemos hoje, só foi definitivamente aprovada e confirmada pelos antigos bispos da Igreja cerca de 300 anos depois da morte de Jesus. E mesmo esta chegou até nós na forma desses manuscritos que não são mais do que reproduções de cópias de cópias, os chamados "apógrafos", com diferenças marcantes entre si. Quando, logo após a invenção da imprensa, em 1454, se pensou em reconstituir o texto autêntico da Bíblia e dos Evangelhos, verificou-se que existiam 250 códices distintos em escrita uncial (maiúscula) e nada menos que 2.646 códices em escrita cursiva (minúscula). E dos códices unciais, que são os mais antigos, 63 deles haviam sido raspados e reescritos (os palimpsestos). Hoje, pode-se afirmar que a situação é objetivamente estarrecedora, para não dizer desesperadora, conforme deixa claro o estudioso bíblico Julio Trebolle:

"Conhecem-se cerca de cinco mil manuscritos gregos do Novo Testamento, aos quais é preciso acrescentar uns dez mil manuscritos das distintas versões antigas, assim como milhares de citações nos Padres da Igreja. Todo este material (manuscritos, versões e citações) contém um número de variantes (diferenças) calculado entre 150 mil e 250 mil, ou até maior. *Não existe uma só frase do Novo Testamento que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante*. O texto do NT contém mais variantes que qualquer outro tipo de literatura antiga. (…) Todos os manuscritos estão contaminados. Não existe, portanto, um tipo de texto puro. (…) O fato é que as variantes mais significativas *se devem à correção doutrinal* e a um trabalho editorial, no qual influem desde fatores políticos (como o triunfo do Cristianismo) até *teológicos* (apologética anti-herética). (…) A aplicação do método genealógico ao estudo do texto neotestamentário não permite ademais conclusões muito exatas, porque no NT as versões realizadas *devem-se mais à mudança deliberada que a erro ocasional.* (…) Os copistas não se interessavam, diferentemente dos escritos modernos, pela leitura 'original', mas pela leitura 'verdadeira' ou conforme à tradição eclesiástica. (…) Também é certo que a ortodoxia da Grande Igreja tendia a eliminar ou a modificar aquelas expressões que por alguma razão resultavam inaceitáveis, e a introduzir, ao invés, no texto, novos elementos *com o fim de apoiar uma determinada doutrina, prática litúrgica ou costume moral."*

O monge Agostinho já se queixava em seu tempo que, dada a enorme difusão dos manuscritos gregos e o conhecimento que dessa língua tinham muitos cristãos de fala latina, era grande o número

dos que se acreditavam autorizados a corrigir o texto latino, até o ponto em que "pareciam existir tantas versões quanto códices"… Que situação difícil!... Os copistas simplesmente não conseguiam resistir à tentação de demonstrar seu conhecimento do grego e faziam correções não só de ortografia e gramática, mas também de estilo. E quando a dúvida numa passagem qualquer envolvia algum aspecto doutrinal, aí é que se consideravam imbuídos de uma verdadeira missão divina corretiva! O biblista Lagrange afirma que "o copista, convencido de que estava fazendo uma boa obra, tomava a liberdade de fazer correções, acréscimos e supressões, e se tornava tanto mais ousado quanto mais pura fosse sua intenção."

Em vista disso, o professor de Novo Testamento, Uwe Wegner, diz que a "crítica textual nos mostra que não é mais possível ter absoluta certeza quanto ao teor original de todos os versículos que perfazem a Bíblia". Outro conceituado biblista, Oscar Cullmann, acrescenta a seguinte situação comum: "Um copista anota o texto à margem para explicar uma passagem obscura. O copista seguinte, pensando que tal frase que ele acha escrita à margem fora esquecida nessa passagem por seu antecessor, julga necessário reintroduzir essa anotação marginal no texto, e assim acontece que o novo texto às vezes se torna mais obscuro ainda." As conclusões desses estudiosos são muito úteis, porque refrescam as ideias de qualquer um que queira estudar a Bíblia com imparcialidade, sem se contaminar com dogmas ou exigências de interpretação literal.

Ao contrário da maioria dos textos introdutórios ao Novo Testamento nas várias Bíblias disponíveis, que tergiversam intencionalmente aí, a Introdução da Tradução Ecumênica da Bíblia é surpreendentemente esclarecedora a respeito do gigantismo do problema: "De fato, o texto do Novo Testamento foi, durante muitos séculos, copiado e recopiado por escribas mais ou menos competentes; nenhum deles, porém, isento das deficiências de toda a sorte que fazem com que *cópia alguma, por fiel que seja, se conforme plenamente a seu modelo.* A isto se deve acrescentar que certo número de escribas, animados das melhores intenções, tentaram por vezes corrigir passagens de seu modelo, que lhes pareciam eivadas quer de erros caracterizados, quer de alguma falta de precisão teológica. Ao agirem assim, introduziram no texto variantes inéditas, *quase sempre errôneas.* Pode-se finalmente acrescentar que o uso cultual que se fez de não poucas perícopes do Novo Testamento *provocou frequentes deslizes do texto, no sentido de embelezamentos litúrgicos ou de harmonizações favorecidas pela recitação oral.* Inevitavelmente, no decorrer dos séculos, as transformações introduzidas pelos escribas se somaram umas às outras, donde o texto ter finalmente chegado à época da imprensa *carregado de corrupções várias,* que se traduz pela presença de um número assaz considerável de variantes. (…) Algumas destas diferenças só concernem a pormenores gramaticais, ao vocabulário, ou à ordem das palavras; outras vezes, porém, verificam-se entre os manuscritos *divergências que afetam o sentido de passagens inteiras."*

No ano de 1966, a União das Sociedades Bíblicas resolveu pôr um ponto final nesse problema tão desgastante, e tentou publicar um texto padrão definitivo, em grego, do Novo Testamento. Para tanto, analisou cerca de duas mil passagens, colhidas de várias fontes alternativas consideradas de importância, e fez uma seleção entre elas. O resultado desse esforço descomunal é descrito da seguinte maneira pelo pesquisador R. L. Fox: "Além de esse texto grego ter precisado de duas revisões até 1975, porque até hoje nenhuma revisão demonstrou ser à prova de erros e de aperfeiçoamentos, a própria meta desse trabalho – uma versão padrão do texto – é enganosa e irrealista. Comparada com a variedade de que dispomos, qualquer versão padronizada envolve perdas: ela não traz, e nem pode trazer, exatamente o que Paulo e os evangelistas escreveram originalmente."

Resultado igualmente desalentador foi obtido pelo Seminário Sinótico da Sociedade para Estudo do Novo Testamento. Depois de doze anos de intenso trabalho, o relatório final registrava um único ponto de acordo: que seus membros não haviam concordado num único ponto sequer… Outro esforço conjunto na mesma linha foi o executado pelo Seminário de Jesus, que contou com cerca de duzentos exegetas bíblicos e teólogos. Depois de sete anos de exaustivo trabalho para "autenticar" as palavras de Cristo, o grupo chegou à seguinte conclusão: "Provavelmente mais de 80% das palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são autênticas, ainda que muitas pudessem expressar suas ideias." É bem verdade que os especialistas foram rigorosos ao estabelecer nada menos que 25 critérios para encontrar as verdadeiras palavras de Jesus… Na verdade, porém, bastariam dois: os ditos de Jesus não podem ser injustos nem ilógicos. Só isso. Naturalmente, seria preciso conhecer a Justiça e a lógica divinas, coisa impossível de se conseguir com ideias preconcebidas.

Um outro estudo enumerou recentemente 503 sentenças atribuídas a Jesus, extraídas dos documentos elaborados durante os primeiros séculos da nossa era, das quais menos de 10% poderiam ter alguma chance de serem autênticas...

São virtualmente infindáveis os livros e trabalhos acadêmicos que procuram avaliar a autenticidade das palavras de Jesus. Os seres humanos se afogam nesse mar de papel, sem obter o menor vislumbre do que seu Salvador quis realmente dizer, pois os antigos manuscritos não conservaram suas palavras originais.

Em relação aos Evangelhos canônicos, vários manuscritos não trazem um ou outro versículo ou mesmo trechos inteiros, fato que não impediu que se lhes providenciasse um fecho adequado. Um dos casos mais incríveis ocorre no Evangelho de Marcos. Os versículos de números 9 a 20 do último capítulo (cap. 16) simplesmente não constam dos dois primeiros e mais importantes manuscritos que deram origem ao atual Novo Testamento – os códices *Sinaiticus* e *Vaticanus* – e tampouco de diversos manuscritos em latim, siríaco, armênio e etiópico.

Segundo o biblista John Drury, colaborador do Guia Literário da Bíblia, a última palavra de Marcos no versículo 16:8 é um instigante "pois". O texto seria então: "E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro, e de medo nada disseram a ninguém, pois…" O que vinha após esse expectante "pois" perdeu-se ou foi removido, surgindo em seu lugar o texto que se vê hoje, o qual se imagina ter sido escrito por volta da primeira metade do século II. É bastante sintomático que esse trecho inserido, não original, trate justamente da pretensa ressurreição corpórea de Jesus.

Há quem levante a hipótese de Marcos ter deixado intencionalmente incompleto seu Evangelho, com o final em aberto. O porquê dessa charada, ninguém explica. Mas mesmo na forma original esse versículo 16:8 mostra uma incoerência que salta aos olhos: "… estavam possuídas de temor e de assombro, e de medo nada disseram a ninguém". Se essas mulheres que viram o sepulcro vazio nada disseram a ninguém, como foi que o evangelista Marcos ficou sabendo da história?…

Ressalte-se ainda que o vocabulário e o estilo do trecho alterado, que vai dos versículos 9 a 20, nem de longe correspondem ao restante do Evangelho de Marcos. O próprio Jerônimo, tradutor da Vulgata, admitiu que quase todas as cópias gregas de que dispunha para o seu trabalho (três versões) não traziam essa parte. Também o teólogo e padre da Igreja, Cirilo de Alexandria (376? – 444), desconhecia o trecho. Como se não bastasse, há pelo menos mais outros quatro finais diferentes para esse mesmo trecho, constantes de alguns manuscritos dos séculos IV ao VI. Cada um desses finais utiliza palavras não encontradas no restante do Evangelho. Contudo, apesar dessas evidências nítidas de inserção posterior, o atual trecho de Mc16:9-20 continua sendo considerado pelos adeptos bíblicos como mais uma verdade intangível.

Vamos, então, analisar mais detidamente algumas passagens marcantes desse capítulo inventado e não obstante tão bem considerado. O versículo 16 diz o seguinte:

"Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado."

(Mc16:16)

Se um isso pudesse ser verdade, então os bilhões de seres humanos que não professam a crença cristã já estariam todos previamente condenados por anátema, desde o nascimento. Nenhum deles precisaria se esforçar para tentar remediar sua situação, nem mesmo aqueles poetas gregos mencionados por Paulo (cf. At17:28). Semelhante aberração, porém, é frontalmente contrária à Lei da Reciprocidade, assim como ao mais elementar senso de justiça. O ser humano vale na Criação pelo que é intimamente, pela pureza de seu coração, e não pela crença que professa ou os ritos a que se submete. Unicamente pessoas de espírito livre, libertas dos sofismas da fé cega, "adoram o Pai *em espírito e verdade*, pois tais são os adoradores que o Pai procura" (Jo4:23). Pouco antes de morrer, o Salvador assegurou ao bom ladrão a seu lado que naquele mesmo dia ele "estaria no Paraíso" (Lc23:43); não consta, porém, que esse bom ladrão tenha tido tempo de ser batizado antes de morrer.

E para quem advoga ser o Paraíso uma espécie de "estação intermediária" das almas salvas até a gloriosa ressurreição em corpo terreno, desafio a convencer esse bom ladrão a sair de sua Pátria espiritual, a região dos bem-aventurados, onde está há quase dois mil anos, para descer à Terra e

ressuscitar em seu corpo terreno no final dos tempos. Se alguém conseguir essa proeza, dou a mão à palmatória. Podem descartar tudo o mais que está escrito neste livro. Fica o repto.

Que o conceito de salvação mediante alguma prática ritualística está em completo desacordo com a doutrina de Jesus, testemunham todos os seus ensinamentos, durante sua vida inteira. Em sua primeira epístola, João diz que "o Pai enviou seu Filho como *Salvador do mundo"* (1Jo4:14). Do *mundo* inteiro, e não só dos israelitas com sua religião. Os próprios reis magos eram estrangeiros, e não teriam se deslocado até Belém se não estivessem convencidos de que nascera o Salvador do mundo inteiro, portanto também de seus povos. Até mesmo os samaritanos, tão desprezados pelos judeus, sabiam que Jesus era o Salvador de todo o mundo e não apenas de um determinado grupo de pessoas: "Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o *Salvador do mundo"* (Jo4:42). O próprio Salvador disse que tinha outras ovelhas para cuidar: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil" (Jo10:16); disse também que o Templo de Jerusalém devia ser uma "Casa de Oração para *todos os povos"* (Mc11:17) e ainda encarregou seus apóstolos a ensinar "todas as gentes" (Mt28:19). Como testemunho extrabíblico, Flávio Josefo escreveu no primeiro século que "Jesus ganhou seguidores tanto entre muitos judeus, como entre muitos de origem grega."

Já no tempo em que Jesus era apenas um menino, o judeu Simeão proclamara essa verdade da salvação universal ao tomar nos braços o Messias profetizado e glorificar o Senhor: "Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o Teu servo, segundo a Tua Palavra, porque meus olhos viram a Tua salvação, que preparastes *em face de todos os povos,* luz para iluminar *as nações*" (Lc2:29-32). A salvação estaria reservada, portanto, *a todos os povos e nações,* independentemente da prática de rituais religiosos específicos, como é o batismo. Em Lucas, também vemos que a conversão seria anunciada a *"todos os povos,* começando por Jerusalém" (Lc24:47). Até os fiéis de origem judaica compreenderam isso e o confessaram a Pedro: "Deus também concedeu *aos pagãos* o arrependimento que conduz à Vida!" (At11:18).

A condição básica para a salvação sempre foi a de assimilar e cumprir o que a Palavra prescreve, independentemente da origem e costumes dos povos. Paulo anunciou a mesma coisa com essa sentença, dirigida aos judeus: "Esta salvação de Deus é enviada aos pagãos, e eles escutarão" (At28:28). Os pagãos, pois, *escutariam a Palavra da Salvação* e seriam salvos se a pusessem em prática em toda sua vida, como ocorre com qualquer pessoa, inclusive os romanos do tempo de Cristo. Já não era, pois, o "centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus"? (At10:22).

Pedro também tinha a mesma opinião de seu colega de apostolado: "Na verdade, eu me dou conta de que Deus é imparcial e de que, *em toda nação,* quem quer que O tema e *pratique a justiça* é acolhido por Ele. (…) A promessa é para vós e vossos filhos e para todos aqueles que estão longe, *todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar"* (At10:35;2:39). Esse chamamento do Senhor se dirige, pois, a *todos* os que praticam a justiça, a *todos* os que vivem segundo Suas normas, das quais não fazem parte os ritos particulares das religiões e seitas.

A sentença dogmática de Mc16:16 de uma pretensa salvação através de crença cega e batismo não difere em nada do que pregavam aqueles indivíduos sectários vindos da Judéia, no início do Cristianismo: "Se não vos fizerdes circuncidar segundo a regra de Moisés, não podeis ser salvos" (At15:1). É exatamente a mesma coisa, idêntico procedimento farisaico.

E também não cabe aí a alegação do intenso trabalho batismal desenvolvido por João Batista, pois este só concedia o batismo a quem se mostrava digno dele, isto é, a quem antes tivesse se comprometido em viver dali em diante de modo totalmente renovado: "Eu vos batizo na água, *em vista da conversão"* (Mt3:11), dizia ele. Quando Marcos afirma que João Batista proclamou "um batismo de conversão para o perdão dos pecados" (Mc1:4), estão fica demarcado que o perdão dos pecados *depende* dessa conversão prévia para o bem, cujo sinal visível de disposição íntima é o batismo.

Se o batismo, por si só, pudesse ajudar alguém de algum modo, então o feiticeiro Simão também teria sido salvo quando "se fez batizar e se tornou adepto de Filipe" (At8:13). No entanto, logo depois de ser batizado ele demonstrou seu verdadeiro caráter ao oferecer dinheiro aos apóstolos, para que estes lhe concedessem o poder da imposição das mãos (cf. At8:18,19). Dessa atitude de Simão derivou mais tarde o termo "simonia", que indica a compra e venda de benesses eclesiásticas.

O historiador Flávio Josefo, que viveu poucos anos depois de João Batista, nutria pelo profeta sincera admiração e diz o seguinte sobre ele e a prática do batismo em sua obra Antiguidades Judaicas:

"Um homem bom, que havia exortado os judeus a levar uma vida honesta, a praticar a justiça uns para com os outros e a piedade para com Deus e, *agindo assim,* receber o batismo. Na sua opinião, tratava-se de um *pré-requisito* para que o batismo fosse aceitável a Deus. Eles não deviam servir-se dele para obter o perdão de alguns pecados que tivessem cometido, mas como consagração do corpo, significando que *a alma já estava completamente purificada por uma justa conduta."* Essa singela e ao mesmo tempo profunda descrição de Flávio Josefo sobre o significado do batismo, deveria constar de todas as Introduções aos Evangelhos nas muitas versões modernas da Bíblia.

Só quem realmente *se convertesse* para o bem, produzindo os frutos correspondentes, seria digno do batismo, como sinal da disposição de angariar a vida eterna. Exatamente devido a essa necessidade de conversão interior, João Batista recusou asperamente o batismo aos saduceus e fariseus, os quais não haviam produzido antes os frutos que testemunhariam sua conversão: atos, e não palavras ocas, demonstrando com isso que não haviam se modificado interiormente:

> *"Vendo, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes: 'Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de conversão e não vos iludais a vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão!'"*
>
> *(Mt3:7-9)*

A conversão interior como pré-requisito para a bem-aventurança já fora anunciada pelo profeta Ezequiel, com a transmissão dessa exortação do Senhor: "Convertei-vos e vivereis!" (Ez18:32). João Batista exigia de seus ouvintes essa mesma conversão prévia, com pré-requisito para a possibilidade de obtenção da vida eterna. No século III da nossa era, o sempre atento Orígenes voltava a avisar os cristãos que o batismo, por si só, não garantia uma vida inocente a ninguém.

A palavra "batismo" provém do grego *baptizo,* que significa imergir ou submergir. O sentido da imersão na água é o de que a respectiva pessoa deseja purificar-se de todo erro e viver daí em diante de maneira inteiramente renovada. Mas o próprio batismo não pode purificar ninguém, não pode lavar nenhuma culpa, servindo tão-só como sinal externo de um compromisso do batizando em depurar, ele mesmo, a sua alma. Se assim não fosse, Jesus não diria que apenas os males que brotam do coração e saem da boca é que são capazes de contaminar o ser humano (cf. Mt15:11), e que, portanto, somente com a purificação do próprio coração, do íntimo do ser humano, é possível uma redenção. Se a função do batismo fosse limpar alguém de seus pecados, Jesus logicamente também não teria sido batizado, visto que ele "não cometeu pecado algum, nem se achou engano na sua boca" (1Pe2:22), pois era "santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores" (Hb7:26). E o próprio Jesus teria igualmente batizado os inúmeros pecadores que encontrou pela vida, coisa que nunca fez segundo os Evangelhos sinóticos.

Se algo espiritual pode ou não ser concomitantemente recebido durante o ato do batismo, então isso novamente depende da receptividade interna do batizando e, não por último, das condições de quem batiza, pois somente uma pessoa ligada à Luz é capaz de transmitir Luz. Uma tal capacidade, porém, não se consegue através de cursos universitários, estudos teológicos ou consagrações eclesiásticas, mas precisa tratar-se de alguém especialmente convocado pelo Alto, como outrora o foi João Batista.

O batismo relaciona-se com a água porque desde tempos imemoriais ela é o símbolo da pureza. Mesmo no Judaísmo antigo já se fazia menção a abluções e banhos de purificação. Segundo o comentário de Mc1:4 da Tradução Ecumênica da Bíblia, na comunidade de Qumran, depositária dos antigos Manuscritos bíblicos do Mar Morto, "os banhos cotidianos exprimiam seu ideal de pureza, *sem substituir a necessária conversão interior."*

Também para o antigo povo Inca a água tinha um significado especial, sempre relacionado à pureza. Uma das festas celebradas por esse povo extraordinário era a Festa dos Espíritos das Nascentes. Nela, um sábio Inca, seguido de vários participantes, se dirigia a uma nascente de água e proclamava a "pureza vibrante" da água. Em seguida, um grupo de dez participantes ajoelhados à beira d'água mergulhavam a mão direita na água cristalina e molhavam a testa, enquanto proferiam o seguinte juramento: "Prometemos, agora, nesta hora, que todos os pensamentos que saírem de nossas cabeças serão límpidos como essa água!" (citado de A Verdade Sobre os Incas, de Roselis von Sass).

Em tempos idos a água sempre esteve, portanto, relacionada à pureza, representando o ideal puro que o ser humano, por deliberação e empenho próprios, se comprometia a seguir. Esse era e continua

sendo o único solo adequado para o recebimento do batismo. A água só pode lavar o corpo. A alma tem de ser limpa dos pecados nela aderidos pelo próprio espírito humano.

Mas, infelizmente, essa verdadeira conceituação original já há muito não é reconhecida e muito menos seguida. Na verdade, já nos primórdios da era cristã o batismo se transmutara num mero rito de incorporação à comunidade em formação. Ao contrário de João Batista, que sempre exigia uma prévia conversão íntima para conceder o batismo, na geração seguinte já vemos que bastava "aceitar as palavras de Pedro" (At2:41) ou "crer na pregação de Filipe" (At8:12), para alguém ser batizado. A suposição de que o batismo pudesse lavar pecados também só surgiu bem depois, fundamentada na estória do chefe arameu Naamã, que se viu livre da lepra ao se banhar no rio Jordão, seguindo a orientação do profeta Eliseu (cf. 2Rs5:9,10,14). Se o mergulhar nas águas podia curar uma doença externa, então também podia curar o pecado interior...

As concepções de que rituais litúrgicos bastam para salvar uma alma humana irromperam, portanto, já no início da era cristã e propagaram-se incólumes através dos séculos, tornando-se cada vez mais rígidas. Nos primeiros séculos, era fato comum as pessoas reconhecidamente pecadoras adiarem o batismo até a hora da morte, para poderem passar ao Além com a alma livre de culpas... Os pecados cometidos até então durante a vida estariam automaticamente perdoados. O próprio Agostinho só foi se batizar com a idade de 32 anos. Mais precavido ainda foi o imperador Constantino, que só procurou o batismo no leito de morte.

Na truculenta Idade Média, a concepção redentora do batismo chegou ao paroxismo. No ano de 1497, o bispo de Algarve, Portugal, contou ter visto judeus convertidos sendo arrastados pelos cabelos até as fontes batismais… Acreditava-se que o batismo apagava nos convertidos "todos os pecados do povo hebreu." O judeu que não se sujeitasse ao batismo cristão era morto. O batismo do rito católico, especialmente, era o mais procurado. Relatos do século XVII informam que pais protestantes levavam seus filhos recém-nascidos para serem batizados nalguma igreja católica, porque "era mais seguro"… Na primeira metade do século XX ainda se registrava o costume, em alguns lugares da Europa, de a mãe só beijar o bebê depois de tê-lo batizado. Em nossa época tais concepções redentoras continuam em voga, apenas travestidas de uma abordagem mais palatável, como o é a ideia da extinção do pecado original mediante o rito batismal.

Mas o pior de todos os erros do Cristianismo ainda é, sem dúvida nenhuma, a conceituação de que a salvação plena do fiel cristão advém pela morte expiatória de Jesus na cruz. A declaração dos evangélicos no Congresso de Missão Mundial, reunido em Chicago em 1960, é significativa a respeito: *"Nos anos decorridos desde a Segunda Guerra Mundial, mais de um bilhão de almas passaram à eternidade, e mais da metade destas foram para o tormento do fogo do inferno sem nem mesmo ter ouvido a respeito de Jesus Cristo, de quem ele era e da razão por que ele morreu na cruz do Calvário."* Essas palavras demonstram o nível de presunção dos fariseus modernos, que se julgam agraciados pelo destino pelo simples fato de serem cristãos; mostra, sobretudo, um desconhecimento total da Justiça divina que rege a Criação. A sentença onipresente em seus lábios: "Temos por Salvador Jesus Cristo!", em nada difere da declaração de seus antigos mestres farisaicos: "Temos por pai Abraão!" (cf. Mt3:9). Triste, muito triste.

E, no entanto, bastaria que atentassem um pouco mais na Epístola de Paulo aos Romanos para verem que não é necessário, absolutamente, ser cristão para se cumprir plenamente a Lei de Deus:

> *"Há gentios que não tendo a Lei praticam, por inclinação natural, o que está na Lei; embora não tenham a Lei, para si próprios são a Lei. O que a Lei manda praticar está escrito nos seus corações, tendo ainda o testemunho da sua consciência, tal como dos pensamentos."*
>
> *(Rm2:14,15)*

Menciono aqui novamente um trecho da dissertação O Salvador, contida no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin:

> "Jesus anunciou a Verdade. Por conseguinte, suas palavras devem encerrar também todas as verdades de outras religiões. Ele não quis fundar uma igreja, mas mostrar o verdadeiro caminho à humanidade, o qual pode ser igualmente atingido pelas

verdades de outras religiões. Por isso é que se encontram em suas palavras também tantas consonâncias com as religiões já existentes naquele tempo.

Jesus não as tirou daquelas religiões, mas como ele trouxe a Verdade, devia encontrar-se nela também tudo aquilo que em outras religiões já existia de verdade.

Também mesmo quem não conhece as palavras de Jesus e almeja de modo sincero a Verdade e o enobrecimento, já vive muitas vezes inteiramente no sentido dessas palavras e por isso marcha com segurança também para uma crença pura e o perdão de seus pecados. Acautela-te, por conseguinte, de concepções unilaterais. Desvalorizam a obra do Salvador."

Vejamos mais uma passagem daquele burlesco capítulo 16 de Marcos. Os versículos 17 e 18 dizem textualmente: "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome expelirão demônios, falarão novas línguas, pegarão em serpentes, e se alguma coisa mortífera beberem não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados" (Mc16:17,18).

O teor desse trecho não resiste ao bom senso e nem a uma análise mais acurada:

- Ninguém pode "expelir demônios", ainda mais em nome de Jesus, porque essas configurações não tomam posse de ninguém. O que Jesus fez, como já dito, foi ajudar pessoas realmente possessas a se libertarem dos *espíritos* que as invadiram, conforme atesta a admiração dos que presenciaram aqueles fatos: "Com autoridade ele ordena aos *espíritos* imundos, e eles lhe obedecem!" (Mc1:27). Na cura do homem possesso e violento que andava entre os túmulos, Jesus ordenou: "*Espírito* impuro, sai deste homem!" (Mc5:8). Quando ele enviou os doze apóstolos às aldeias, dois a dois, "deu-lhes autoridade sobre *os espíritos* impuros" (Mc6:7). E quando os setenta discípulos voltaram de sua missão e vieram contar alegremente a Jesus: "Senhor, até os demônios nos são submissos em teu nome!" (Lc10:17), ele os corrigiu: "Não vos alegreis porque *os espíritos* vos são submissos, mas alegrai-vos porque vossos nomes estão inscritos nos céus" (Lc10:20). *Espíritos* portanto, e não demônios.
- Falar novas línguas ou idiomas sem nexo – a chamada *glossolalia* – é justamente um sintoma de possessão. Também pode ser apenas um embuste, pura e simplesmente. Sobre essa mania de falar em línguas incompreensíveis, Paulo já advertira os Coríntios: "Prefiro dizer cinco palavras inteligíveis, para instruir também os outros, do que dez mil em línguas. (…) Se toda a assembleia estivesse reunida e todos começassem a falar em línguas, os simples ouvintes ou descrentes que entrassem, não diriam que estáveis loucos?" (1Co14:19,23). Essa cacofonia multilíngue nada tem a ver com o dom da palavra que alguns agraciados daqueles tempos recebiam, e que realmente os capacitava a se fazerem entender por pessoas que falavam outros idiomas inteligíveis do mundo.
- Pegar em serpentes para demonstrar a legitimidade da crença em Jesus é algo absurdo. Será que alguém faria uma profissão de fé apalpando uma naja indiana?
- Quanto a um crente ingerir veneno e continuar milagrosamente incólume, francamente, dispensa comentários mais aprofundados. A lista de substâncias e compostos químicos capazes de matar uma pessoa, independentemente de sua fé, daria um catálogo volumoso.
- A cura de doenças por imposição das mãos, por sua vez, é um dom, que qualifica de convocada uma tal pessoa.[39] Contudo, não está absolutamente em conexão com a fé cristã nem com qualquer outra crença. Se o apóstolo Paulo pôde curar o pai do magistrado da ilha de Malta pela "imposição das mãos" (At28:8) é porque tinha esse dom, e não porque havia se tornado cristão. E isso também não indica um dom absoluto de cura em todos os casos e circunstâncias, pois Paulo não pôde curar seu dileto amigo Epafrodito (cf. Fp2:25-28).

Outro trecho inexistente nos códices *Sinaiticus* e *Vaticanus*, os mais antigos e de maior autoridade, é o da aparição do anjo no jardim do Getsêmani e a menção ao suor de Jesus que se transforma em sangue, constante no Evangelho de Lucas: "Então lhe apareceu um anjo do céu que o confortava. E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como em gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lc22:43,44).

[39] Ver, a respeito, a dissertação "Magnetismo Terapêutico", no segundo volume da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin.

Embora existam relatos de pessoas que, sob determinadas condições, secretam um suor sanguinolento, numa condição clínica chamada "hematidrose", nunca será possível que o próprio suor se transforme em sangue, porque um tal fenômeno não tem respaldo nas leis naturais. Assim, esse trecho se caracteriza como mais uma inserção posterior.

Além desses dois casos repassados de Marcos e Lucas, diversas outras passagens dos Evangelhos canônicos também não constam dos manuscritos mais antigos e confiáveis. As principais faltas são as seguintes:

- Frase atribuída a Jesus sobre a natureza de um "demônio" que acabara de expulsar de um menino: "Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum" (Mt17:21). Alguns renomados estudiosos sustentam que essa frase é autêntica, com exceção da menção ao jejum, que teria sido incluída pela Igreja primitiva devido à importância que se dava na época a essa prática.
- Frase atribuída a Jesus sobre a missão do Filho do Homem: "Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido" (Mt18:11). É consenso hoje entre quase todos os especialistas que essa sentença é um acréscimo tardio, o que não é nenhuma surpresa, visto que Jesus não se referia a si próprio com suas alusões ao Filho do Homem.
- Refrão do versículo 48 do capítulo 10 do Evangelho de Marcos, referente às condições reinantes no inferno: "Onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" (Mc9:44,46).
- Referência ao cumprimento das Escrituras, sobre Jesus ter sido contado entre malfeitores por ocasião da crucificação: "E cumpriu-se a Escritura que diz: E com os malfeitores foi contado" (Mc15:28). Essa tentativa tardia de inserção se baseia em Is53:12, no trecho referente ao "servo sofredor" inventado pelo Dêutero-Isaías, já mencionado. Que se trata de uma interpolação, já denuncia esse modo de aludir ao Antigo Testamento, completamente estranho no Evangelho de Marcos.
- Menção à atuação do Filho do Homem como se fosse Jesus: "Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las" (Lc9:56). Mais uma vez, não nos causa surpresa saber que essa frase não é um dito original de Jesus, visto que ele nunca referiu a si mesmo como Filho do Homem.
- Menção a um acontecimento que se verificará na época do Juízo: "Dois estarão no campo; um será tomado e o outro deixado" (Lc17:36).
- Menção sobre o motivo que levou Pilatos a ter proposto a soltura de Jesus: "E era-lhe forçoso soltar-lhes um detento por ocasião da festa" (Lc23:17). Quem conhece as tradições judaicas sabe que os judeus nunca tiveram o costume de libertar criminosos na Páscoa ou em qualquer outra época do ano.
- Explicação dos dois varões com vestes resplandecentes às duas mulheres que não encontraram Jesus no sepulcro: "Ele não está aqui, mas ressuscitou" (Lc24:6).
- Aparição de Jesus aos discípulos depois de morto, procurando provar-lhes que se tratava dele mesmo em carne e osso: "Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés" (Lc24:40).

Não é de estranhar que essas duas últimas frases tenham sido inseridas posteriormente no texto original do Evangelho de Lucas, visando justificar o falso conceito da ressurreição corpórea de Jesus e sua posterior ascensão aos céus em corpo físico.

Oportuno lembrar aqui a insuspeita observação do biblista e sacerdote católico Gianfranco Ravasi, membro da Pontifícia Comissão para os Bens da Igreja, prefeito da Biblioteca Ambrosiana e professor de exegese bíblica na Faculdade de Teologia da Itália Setentrional. Padre Ravasi explica que a imagem de Cristo se elevando sobre o sepulcro é ignorada pela arte cristã dos primeiros séculos, a qual só mostra o quadro das mulheres junto à sepultura. Somente a partir do século XI é que surge na pintura medieval o tema de Cristo ressurgindo do sepulcro e pairando no céu…

- Descrição dos fatos que se operavam num tanque de água, rodeado por uma multidão de enfermos, cegos, coxos e paralíticos: "[A multidão] esperava que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse" (Jo5:4).

É curioso como esse episódio parece não despertar nenhum vivo interesse entre os espectadores da época. Tem-se a impressão de que estavam lá só para cumprir um ritual de cura muito bem conhecido, um evento assim corriqueiríssimo na região. Parece que naqueles tempos idos não era nada de mais, nada de extraordinário, um anjo descer do céu para vir agitar a água de um tanque.

- Arrebatamento de Jesus ao céu na presença dos discípulos: "Ora, enquanto os abençoava, Jesus se apartou deles, sendo arrebatado ao céu" (Lc24:51).

Essa sentença só aparece em manuscritos bem mais recentes, e contradiz a informação de Atos de que Jesus apareceu aos apóstolos durante quarenta dias após sua morte (cf. At1:3).

- Menção ao sangue do Cordeiro no processo de lavagem das vestiduras: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida" (Ap22:14).

A frase original não apresenta a expressão "no sangue do Cordeiro", enfatizando somente a necessidade de o ser humano limpar sua alma para poder angariar a vida eterna. Essa expressão aparece apenas em Ap7:14. Abdruschin aborda esse ponto em seu livro Respostas a Perguntas.

No trecho a seguir do Evangelho de João, que descreve a vinda do Verbo à Terra, também é muito chamativo que a expressão "aos que creem em seu nome" seja omitida por muitos dos primeiros Padres da Igreja, que certamente tinham acesso a documentos mais antigos e confiáveis:

> *"Mas aos que o receberam, [aos que creem em seu nome], ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus"*
>
> *(Jo1:12)*

O texto original, portanto, dizia que quem recebesse o Verbo, isto é, quem *assimilasse a Palavra*, poderia tornar-se um "filho" de Deus, ao passo que o texto adulterado diz que isso acontece àquele que crê no seu nome. Uma diferença colossal! Uma tal incoerência não pode existir no atuar divino, porque este é perfeito e tudo quanto é perfeito exige a mais severa consequência lógica. A própria palavra "Verbo" se escreve *logos* em grego, de onde deriva o termo *lógica*. *Logos* também traz em si os conceitos de "Ação da Fala" e "Mensagem".

No livro de Atos dos Apóstolos também se observa a ocorrência de uma frase inexistente nos manuscritos mais confiáveis. Trata-se da resposta de Filipe à indagação do eunuco se poderia ser batizado: "É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus" (At8:37).

Mais uma vez aparece inserida a concepção posterior de que basta a "crença" em Jesus para se conseguir imediatamente a purificação do íntimo, condição necessária para o batismo segundo João Batista.

Erros Enuviantes de Tradução

Além de problemas de conteúdo, os Evangelhos também apresentam, como não poderia deixar de ser, erros vários decorrentes de tradução, os quais podem acabar dando um sentido completamente distinto do original. E cada uma das 2.233 línguas e dialetos[40] para os quais a Bíblia (ou partes dela) foi, com grande esforço, traduzida, apresentará seus próprios problemas particulares de tradução vernácula. Esses erros atuam como brumas mais ou menos densas sobre o verdadeiro sentido de muitas sentenças bíblicas.

Em alguns casos isso não decorre de nenhuma má-fé, mas apenas da impossibilidade de se encontrar nas línguas atuais termos que exprimam exatamente o sentido do texto original. Por exemplo, vemos que no livro do profeta Jeremias, Israel é comparada a uma esposa infiel, por não ter cumprido os preceitos dados. Num determinado trecho, o profeta diz: "Levanta os teus olhos ao alto, e vê onde não te prostituíste" (Jr3:2). A tradução está formalmente correta, mas nem de longe transmite a enorme

[40] Dados do "Relatório Sobre Línguas das Escrituras" até 1999, publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Em várias línguas a tradução da Bíblia é a primeira obra literária, e em muitas delas, a única.

severidade e o tom extremamente duro que emerge do original hebraico com o uso do verbo "prostituir", normalmente associado à idolatria.

Outro aspecto surpreendente são as diferenças marcantes entre textos bíblicos de um mesmo idioma, segundo o tipo de linguagem usada na tradução. Por exemplo, chama a atenção de qualquer um os títulos de algumas traduções disponíveis em língua inglesa, das quais foram feitas pelo menos setenta versões só no século XX: "O Autêntico Novo Testamento"; "O Novo Testamento em Inglês Básico"; "O Novo Testamento em Inglês Claro"; "O Novo Testamento Simplificado em Inglês Claro para o Leitor de Hoje"; "Cartas Inspiradas do Novo Testamento no Mais Claro Inglês".

Esses exemplos da língua inglesa valem para outros idiomas onde a Bíblia teve grande penetração. Observa-se principalmente que o adjetivo "novo" se distribui profusamente em quase todos os títulos recentes: *Nova* Bíblia do Capuchinhos, *Nova* Bíblia de Jerusalém, *Nova* Versão Internacional, *Nova* Tradução na Linguagem de Hoje, *Nova* Versão Padrão Revisada, etc. Isso confirma a inexistência de um padrão consensual nas traduções, tornando-as continuamente mutáveis no tempo, "novas" e "renovadas" o tempo todo.

Quero citar aqui especialmente a opinião do escritor inglês Gerrard Winstanley, transcrita de sua obra A Verdade Levanta a Cabeça Sobre Escândalos: "Há muitas traduções e interpretações que diferem bastante umas das outras. Como essas Escrituras podem ser consideradas a Palavra absoluta de Deus, visto que vós [o clero] a fizestes em pedaços dia após dia, através de várias traduções, inferências e conclusões?" O livro de Winstanley foi publicado em 1649, época em que declarações desse tipo equivaliam a garantir um lugar no cadafalso. E ele ainda acrescentou com destemor: "Não devemos deixar o clero ser o guardião de nossos olhos e conhecimento. Lede em vosso próprio livro, vosso coração!"

O que vemos hoje são múltiplos casos de traduções realmente tendenciosas, que procuram justificar um ou outro aspecto doutrinário da Instituição tradutora, mediante a escolha de palavras apropriadas e arranjos das frases originais. Isso nada mais é do que puxar a brasa bíblica para a sardinha de uma doutrina cristã específica. É um perigo não muito perceptível e praticamente impossível de se escapar, conforme atesta o linguista Luiz Sayão em seu livreto A Bíblia do Século 21: "Ainda que nem todas as pessoas tenham consciência disso, as diversas traduções da Bíblia sempre estão alinhadas com uma postura teológica e confessional. É praticamente impossível fazer uma tradução bíblica que não contenha pressupostos teológicos ou confessionais." Verdade cristalina essa.

Mas o pior é quando um desses trechos facciosos constitui uma das colunas mestras da fé. Nessa situação é mesmo impossível reconhecer o sentido original, pois qualquer nova tradução já estará de antemão contaminada pelo dogma. É o caso, por exemplo, do quadro da instituição da Ceia por Cristo, descrito no Evangelho de Lucas. As Bíblias vernáculas de hoje seguem o padrão da famosa bíblia inglesa do rei Tiago, a *King James Version,* também conhecida como *Authorized Version* (Versão Autorizada), do ano 1611.[41] Nelas, esse trecho aparece da seguinte maneira:

> *"E tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que de agora em diante não mais bebereis do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E tomando o pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós, fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós."*
>
> *(Lc22:17-20)*

Muitos manuscritos antigos, até anteriores aos códices *Sinaiticus* e *Vaticanus,* não trazem as três últimas sentenças. Pesquisadores imparciais alegam que a nova menção ao cálice no final do trecho, depois de Jesus já tê-lo citado no início (antes do pão), foi uma interpolação posterior, com vistas a adequar o texto à prática litúrgica de consagrar primeiro o pão e depois o vinho. Como essa sequência "comprova" a instituição da eucaristia por Cristo, as várias versões bíblicas adotam indistintamente essa forma, normalmente sem nenhum comentário ou nota explicativa. Uma das poucas Bíblias (senão a

[41] Essa versão foi o resultado de uma revisão ordenada pelo rei James ou Tiago da Inglaterra, em 1604, na qual trabalharam 54 eruditos. Com um pouco de atenção, já se nos torna patente que essa Bíblia comporta uma tradução demasiado "livre", para dizer o mínimo. Observa-se nela, por exemplo, o exagero de 1.700 referências a pedras preciosas.

única) a apontar o erro e mostrar a forma não corrompida é a inglesa Revised Standard Version (Versão Padrão Revista). Nela, o citado trecho está da seguinte forma:

> *"E tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que de agora em diante não mais bebereis do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E tomando o pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Este é o meu corpo."*
>
> *(Lc22:17-19)*

O mais significativo é que nessa versão mais curta, ao repartir o pão Jesus apenas diz: *"este é o meu corpo"*. Conforme vimos, o simbolismo desejado aí era de que seus discípulos deveriam assimilar integralmente em si a Palavra Sagrada, que era ele mesmo, Jesus, a encarnação do Verbo de Deus. Não havia nenhuma menção a "corpo oferecido" (inexistente também em Mateus e Marcos) e tampouco à "aliança de sangue derramado", fato que, mais uma vez, atesta que sua morte não era um acontecimento previsto e muito menos desejado pela Luz.

Vejamos mais alguns exemplos de traduções problemáticas. No início do sermão do monte, podemos ler a seguinte frase numa tradução adequada:

> *"Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus."*
>
> *(Mt5:3)*

Essa expressão *"humildes de espírito"* aparece em quatro versões das Bíblias em língua portuguesa listadas nas Referências Bibliográficas deste livro, e numa quinta está apenas "humildes". Em outras sete versões aparece, no lugar, a expressão *"pobres de espírito".*

O sentido de ambas as expressões é, porém, diametralmente oposto. Uma pessoa *humilde de espírito* é uma criatura simples, pura, intimamente preparada para haurir uma Mensagem de Deus e viver de acordo com ela, o que lhe trará como consequência última a vida eterna no reino dos céus. Segundo Giuseppe Barbaglio, trata-se de uma expressão que encontra seu correspondente mais próximo numa fórmula dos textos de Qumran, nos Manuscritos do Mar Morto: *anwê ruah*, que significa exatamente *humildade*. Nas palavras de Barbaglio, a expressão tem o significado de "curvar-se em sentido metafórico, referindo-se a quem se inclina diante do Senhor ao invés de erguer-se orgulhosamente." Já uma pessoa *pobre de espírito* é alguém que não se desenvolveu espiritualmente, trata-se de um ser humano arrogante, prepotente, orgulhoso do seu raciocínio e incapaz de assimilar ensinamentos espirituais.

Em duas das versões da Bíblia em português, a situação decorrente de tradução equivocada da expressão *humilde de espírito* é ainda pior, pois aparecem lá respectivamente as seguintes formas: "Felizes *os pobres de coração"* e "Bem-aventurados os que têm *um coração de pobre".* Quem entende corretamente que o termo coração se refere ao íntimo do ser humano, isto é, à sua vida espiritual, não pode compreender a primeira frase, enquanto que a segunda dá a impressão de que é preciso ser materialmente pobre para se alcançar a bem-aventurança. Mas a tradução mais desastrosa é indiscutivelmente a proposta pela versão dita "Na Linguagem de Hoje". Nesta, as originalmente belas palavras de Jesus ficaram assim: "Felizes as pessoas *que sabem que são espiritualmente pobres,* pois o Reino do Céu é delas". Basta dizer que o sentido correto é exatamente o oposto do que essa frase infeliz transmite ao leitor desavisado.

Essa versão da Bíblia, aliás, é pródiga em ajustar a seu modo os conceitos expressos nos textos bíblicos. É o caso, por exemplo, do trecho bem conhecido de Lucas que repete a indicação de Isaías sobre a atuação de João Batista: "Voz que clama no deserto" (Lc3:4; Is40:3). Na versão Linguagem de Hoje esse trecho ficou assim: "Alguém está gritando no deserto". Ao lermos essa frase não somos levados a pensar num profeta do Altíssimo, mas em algum maluco habitante do deserto. Outro exemplo de estiagem de bom senso da versão Linguagem de Hoje: os "pecadores" que aparecem em Mt9:10 e Lc6:32 são promovidos a "pessoas de má fama", como se não tivesse havido em todos os tempos pecadores bem afamados…

Vejamos mais alguns casos genéricos. No Evangelho de João podemos ler:

"Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha Palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida."

(Jo5:24)

Jesus diz aqui que aquele que cumpre a Palavra dele e tem convicção de que ele foi enviado por Deus-Pai, passará da morte para a vida, isto é, alcançará a vida eterna, portanto não sofrerá a morte espiritual. Assim está na Bíblia de Estudo Pentecostal, na Bíblia de Referência Thompson, na Bíblia Sagrada da Editora Riddel, na Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional, na Bíblia Maná e na Bíblia Sagrada – Edição Pastoral-Catequética. Também a Bíblia Viva, que procura apresentar as Escrituras numa linguagem mais atual, apresenta o sentido correto: "Eu digo sinceramente que todo aquele que ouve a minha mensagem e crê em Deus, que me enviou, tem a vida eterna, e *jamais será condenado* pelos seus pecados, mas já passou da morte para a vida." No entanto, as demais versões citadas nas Referências Bibliográficas traduzem o trecho *"entrará em condenação"* por *"entrará em juízo",* e com isso quem lê chega à conclusão errônea de que os que creem em Cristo não precisarão passar pelo Juízo Final.

Conforme verbete explicativo da Bíblia de Estudo Pentecostal, a palavra grega original é *krisis,* usada nesse trecho do Evangelho de João no sentido de condenação. Segundo o biblista Bruno Maggioni, a etimologia do termo grego implica um processo de discriminação, prevalecendo "o aspecto negativo, a condenação". Dois léxicos grego-inglês trazem as seguintes definições adicionais para *krisis: separação, diferenciação, resultado de um julgamento, condenação.* É nesse sentido condenatório que Pedro diz que o Senhor vai "reservar os ímpios para serem castigados no Dia do Juízo" (2Pe2:9). Um Juízo que se aplica sobre todos, bons e maus, e no qual os maus serão castigados.

O Juízo Final atinge a humanidade inteira, sem exceção. É um evento amplo, que age muito acima da vontade humana, no qual "o julgamento pertence a Deus" (Dt1:17). Julgamento realizado segundo a sagrada Justiça divina, a qual é completamente independente da opinião dos seres humanos. Uma Justiça ininfluenciável, absoluta e eterna, cuja lei é a Verdade: "Tua Justiça é a Justiça eterna, e Tua lei é a Verdade" (Sl119:142). O Julgamento divino sempre tem como base a Verdade: "O Julgamento de Deus se exerce segundo a Verdade" (Rm2:2). Quem cumpre a Vontade do Criador, quem vive conforme a Verdade, conseguirá passar pelo Juízo, mas quem isso não faz será condenado; em outras palavras: "os ímpios não ficarão de pé no Julgamento" (Sl1:5).

A mesma falha se repete no versículo 29 desse mesmo capítulo do Evangelho de João. A versão correta é:

"[Sairão] os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição da condenação."

(Jo5:29)

Os que leem as versões nas quais a palavra "condenação" é substituída por "juízo", ficam com a impressão (errônea novamente) de que só quem fizer o mal será levado ao Julgamento Final. Mas todos nós, sem exceção, estamos passando pelo Juízo Final, do qual subsistirão somente aqueles que *estão* em Jesus, isto é, os que vivem estritamente segundo os *verdadeiros* ensinamentos de sua Palavra. Para estes, realmente, não haverá então nenhuma condenação no Juízo: "Não existe mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus" (Rm8:1).

Ainda no Evangelho de João, podemos ler:

"A Deus jamais alguém O viu. O Filho unigênito, que é Deus e está no seio do Pai, foi ele quem O deu a conhecer."

(Jo1:18)

A Bíblia na Linguagem de Hoje substitui "Filho unigênito" por "Filho único", ajudando assim a conservar o erro de que o Filho de Deus e o Filho do Homem seriam a mesma personalidade. A Trindade divina, porém, é constituída de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O Filho é o "Filho de Deus" ou "Filho unigênito" de Deus, enquanto que o Espírito Santo é o "Filho do Homem" ou "Filho extragênito" de Deus. A palavra "unigênito" provém do grego *monogenēs,* que tem o sentido de *unigerado,* significando que o Filho de Deus foi gerado unicamente da divindade do Pai. O Filho do Homem

também provém de Deus-Pai, mas foi ainda ligado ao mais puro espiritual, de modo a poder permanecer como eterno mediador entre o Criador e Suas criaturas. Ao contrário do Filho de Deus ele não se reincorporou ao Pai, devido ao espiritual nele aderido que atua como âncora, mas permanece eternamente como Rei da Criação, colocado nela como Seu Filho extragênito.

Ao contrário do Filho do Homem, o Filho de Deus não desceu à Terra com fortes invólucros protetores, de modo que sua essência divina pôde irradiar mais intensamente entre os seres humanos. Isso se evidenciou especialmente durante a chamada transfiguração, episódio que os evangelistas procuraram relatar segundo sua compreensão. O circunspecto Lucas diz que "enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura" (Lc9:29); o entusiasmado Mateus fala que "o seu rosto resplandecia como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz" (Mt17:2); com sua linguagem singela, Marcos conta que "suas vestes se tornaram resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavadeiro na Terra as podia alvejar" (Mc9:3).

A expressão "Filho", usada para designar os dois Filhos do Altíssimo, não tem o mesmo sentido de "filho" para nós, seres humanos. Na linguagem humana, um filho é completamente independente do pai, e ambos só podem ser considerados unidos se desenvolverem uma atuação conjunta. Em relação ao Criador é diferente: Pai e Filho são um só, e somente na atuação podem ser considerados separados. O Pai atua *por meio* de Seus Filhos, *através deles,* e por isso Jesus *efetivamente* "fala as palavras de Deus" (Jo3:34). A espécie da atuação dos dois Filhos de Deus é distinta, mas será sempre *segundo o Pai*, visto que Pai e Filho são um só, de modo que "o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai, porque tudo o que este faz, o Filho também faz" (Jo5:19). Jesus também afirmou não ter vindo à Terra por deliberação própria: "Eu não vim por conta própria; foi Ele que me enviou" (Jo8:42).

Vejamos mais um caso equivocado. Na Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo entoa a certa altura um verdadeiro hino ao amor, muito belo mesmo:

> *"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que eu entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará."*
>
> *(1Co13:1-3)*

O bronze que soa e o címbalo que retine... Se um ser humano possuísse tudo e *não* tivesse amor, não passaria mesmo de um metal soante, de um chocalho tilintante.

No original grego, Paulo utiliza a palavra *agape* para designar a ideia de amor. Posteriormente, essa palavra foi traduzida como *caritas* para o latim, porque a tradição já considerava a caridade como virtude máxima do fiel cristão, acima até das outras duas – fé e esperança – que compõem o trítono teologal da salvação. Na Bíblia de Jerusalém e na Bíblia de Estudo Pentecostal a palavra amor foi efetivamente trocada por "caridade", desvirtuando por completo o sentido que Paulo quis transmitir no citado trecho. Os tradutores nem se ativeram à incoerência que isso acarreta no final do texto, onde fica estabelecido que "de nada me adianta distribuir meus bens aos pobres se eu não tiver caridade" (?!).

Um outro exemplo de tradução equivocada, é a importantíssima exortação de Jesus para "nascer de novo", constante no Evangelho de João:

> *"Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus."*
>
> *(Jo3:3)*

Se uma pessoa nasce de novo é porque morreu antes, ou, melhor dito, fez com que morresse antes dentro de si todo o antigo, todos os velhos erros aderidos à sua alma. E depois de ter sepultado suas faltas, ela então *redirecionou* seu íntimo para o bem, para objetivos nobres e belos, tendo com isso de fato nascido de novo espiritualmente, transformando-se num ser humano completamente renovado, cuja vida pode ser chamada de agradável a Deus. Essa vida renovada se mostra pela modificação do pensar, do falar e do agir.

Já nos tempos antigos o salmista ansiava nascer de novo, aspirava poder reviver mediante a Palavra do Senhor: "Senhor, faze-me reviver segundo a Tua Palavra" (Sl119:107). Em sua primeira epístola,

Pedro afirma que esse nascer de novo se dá através da Palavra de Deus, do seu cumprimento: "Nascestes de novo, não de uma semente corruptível, mas incorruptível, mediante a Palavra de Deus viva e permanente" (1Pe1:23). Nascer de novo através da Palavra de Deus ou através de Cristo, a Palavra encarnada, é a mesma coisa; por isso, Paulo também disse aos Coríntios que "se alguém *está* em Cristo, é *nova criatura:* as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." (2Co5:17). Somente essa nova criatura, renascida no espírito, poderá subsistir ao Juízo e ingressar um dia no eterno reino espiritual, o Paraíso. O resto são elucubrações terrenas, tão sem importância hoje como já o eram, por exemplo, as circuncisões naquela época, "pois nem a circuncisão é coisa alguma nem a incircuncisão, *mas o ser nova criatura"* (Gl6:15).

Nessa sentença sobre nascer de novo João quis justamente dar o sentido de renovação íntima, portanto uma exortação de suma importância para todos. Mas na católica Bíblia de Jerusalém, que de modo geral realmente prima pela fidelidade aos textos originais, a expressão "nascer de novo" foi substituída por "nascer do alto", e com isso o sentido original dessa grave exortação de Cristo se perdeu completamente. Uma nota de rodapé dessa Bíblia esclarece que "do alto" é melhor que "de novo". Melhor por quê? Melhor para quem?… Sei muito bem por quê e para quem. É que a Igreja teme que a expressão "nascer de novo" possa ser entendida como uma apologia à reencarnação.

Na obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin, encontramos a seguinte passagem sobre esse assunto, na dissertação "Natureza":

> "Os seres humanos, pois, *têm* de ser arrancados de sua comodidade espiritual, que eles próprios escolheram, e que é capaz apenas de adormecê-los, ao invés de vivificá-los de modo fortalecedor, como Jesus já disse outrora com a exortação de que só aquele que nascer de novo dentro de si poderá entrar no Reino de Deus, e também com as suas repetidas referências de que *tudo* tem de se tornar *novo,* a fim de poder persistir perante Deus!
>
> E também os próprios seres humanos sempre falam dessas graves palavras, com entonação enfatuada, decorrente da mais sincera convicção sobre a verdade daquilo que elas encerram. Mas quando a eles se apresenta a exigência de que eles próprios *primeiro* têm de se tornar novos no espírito, então proferem um queixume atrás do outro, pois nunca tinham pensado em si mesmos nesse sentido!"

Vejamos outras situações. No Evangelho de Mateus está dito que o reino dos céus é "tomado *por esforço,* e os que *se esforçam* se apoderam dele" (Mt11:12). Trata-se de um esforço espiritual, no sentido do aperfeiçoamento interior. No entanto, como essa movimentação espiritual se contrapõe à plácida pedagogia da graça gratuita em vigor há séculos na cristandade, algumas traduções bíblicas torcem incrivelmente o sentido, como nesses exemplos:

"O reino dos céus é assaltado com violência; são violentos os que o arrebatam."
"O reino dos céus sofre violência, e os violentos procuram arrebatá-lo."
"O reino dos céus tem sido objeto de violência e os violentos apoderam-se dele à força."
"O reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam."
"O reino dos céus sofre violência, e os que fazem violência são os que o arrebatam."

Se os violentos pudessem tomar o reino dos céus à força, ele seria o próprio inferno. Essas sentenças testemunham um desconhecimento completo das leis da Criação por parte dos tradutores, além de evidenciarem que a intuição espiritual não tem nenhuma vez em seus trabalhos. Nenhum tipo de violência é possível no reino do espírito, nem mesmo a mínima impetuosidade. Só poderá adentrar nele quem conseguir chegar até lá, sozinho e por mérito próprio, jamais "à força". Violência e força bruta só são possíveis em regiões muito afastadas do espiritual, como é o âmbito da matéria, assim como somente aqui, na materialidade, é possível existir culpa e castigo. Essas coisas não podem medrar nos planos espirituais, onde todas as criaturas que lá vivem cumprem integralmente a Vontade de seu Criador.

Outro aspecto que precisa ser mencionado são as traduções abertamente direcionadas, que procuram convalidar este ou aquele ponto de alguma doutrina. Certamente não será preciso esclarecer o motivo de o termo "sumo sacerdote" que aparece na Epístola aos Hebreus ter sido traduzido por

"pontífice" na Bíblia católica Boa Nova. O resultado ficou uma obra-prima de apologética romanista: "Em verdade, todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados" (Hb 5:1).

Nas católicas Bíblia de Jerusalém e Bíblia Sagrada da Editora Riddel observa-se a existência de outros termos exclusivos da teologia católica, como nesse trecho da Epístola de Paulo aos Romanos: "Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como *hóstia viva,* santa e agradável a Deus" (Rm12:1). Desnecessário dizer que o texto grego não faz nenhuma alusão à hóstia eucarística. O sentido original, conforme aparece na Tradução Ecumênica da Bíblia, é: "oferecerdes a vós mesmos em *sacrifício vivo".* Um sacrifício de cunho espiritual, diga-se, tal como Pedro esclarece à sua comunidade da Ásia Menor: "Também vós, como pedras vivas, formai um *edifício espiritual,* a fim de oferecerdes *sacrifícios espirituais,* agradáveis a Deus" (1Pe2:5). Um sacrifício espiritual só pode ser levado a cabo, evidentemente, pelo próprio espírito humano, e não mediante ritos externos. Para o cristão, isso se traduz numa mudança de orientação interior, no sentido do desenvolvimento espiritual, algo que para ele sempre foi mesmo, infelizmente, um sacrifício e tanto. E "pedras vivas" significam que os cristãos precisam ter a idêntica convicção de rocha manifestada por ele, Pedro, sobre a missão de Jesus, a ponto de ter merecido aquele comentário elogioso do Mestre (cf. Mt16:16).

A chamada "Tradução do Novo Mundo" da Bíblia contêm igualmente várias passagens do Novo Testamento numa efetiva nova tradução, de modo a corroborar, ou pelo menos não desmentir, aspectos doutrinais da respectiva denominação cristã patrocinadora, contrários ao conceito de Trindade divina e outros assuntos de fé. Mas essa versão é tão atacada pelas demais facções evangélicas que me parece desnecessário explicitar trechos específicos. Deixemo-las em seu embate particular. Só gostaria de deixar registrado que, malgrado as falhas de compreensão dos textos originais – que de resto ocorrem em maior ou menor grau com todos os tradutores e adeptos da Bíblia – o idealismo desse agrupamento de crentes é algo inquestionável. Eles constituíram o único grupo cristão que se opôs tenazmente ao nazismo desde o início, com base unicamente em suas convicções religiosas, a ponto de seus integrantes serem assinalados nos campos de concentração com uma cruz roxa bordada no uniforme, para diferenciá-los dos demais prisioneiros. Heroísmo é heroísmo, em qualquer tempo e lugar.

Prosseguimos. Numa outra passagem do Evangelho, até hoje ainda não compreendida, Jesus diz para seus discípulos tomarem a cruz e seguirem-no:

"Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me."

(Mt16:24; Mc8:34; Lc9:23)

A expressão "renuncie a si mesmo" tem aqui o sentido de "esqueça a si mesmo". Esse esquecer a si mesmo é uma exigência fundamental para o exercício do discipulado, pois de um discípulo se espera um total compromisso com a Vontade de Deus. Em seu Evangelho, Marcos registra que os primeiros discípulos só foram chamados ao serviço depois da exortação de Jesus à conversão (cf. Mc1:14-20).[42]

A segunda parte, o "tome a sua cruz e siga-me" continua dando o que pensar a muitos estudiosos e especialistas bíblicos. No Evangelho de Lucas, o trecho correspondente ainda vem acrescido das palavras "cada dia" ou "dia a dia": "Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz *cada dia* e siga-me." (Lc9:23). Há os que supõem ser isso apenas uma referência à morte dos discípulos, mas… a cada dia? Outros tomam essa passagem como indicação de que os discípulos deviam "morrer" totalmente para as coisas do mundo; outros, ainda, de que os discípulos deviam obedecer a Jesus e identificar-se com ele até mesmo na morte. Já os intérpretes mais açodados garantem que, ao tomar sua cruz, o cristão se dispõe a lutar contra Satanás e os poderes das trevas, bem como a sofrer o opróbrio, o ódio e o escárnio do mundo.

[42] Discípulo deriva do latim *discipulus* – "aluno", "aprendiz". Apóstolo é uma palavra oriunda do grego *apostolous,* derivada da forma verbal *apostello* – "Eu envio". O apóstolo é, portanto, um escolhido, um discípulo enviado em missão especial. Dentre os muitos discípulos que Jesus possuía (mais de setenta segundo Lucas – cf. Lc10:1), foram escolhidos os doze apóstolos: "Depois que amanheceu, [Jesus] chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos" (Lc6:13). Apesar de não fazerem parte do grupo original dos doze apóstolos, Paulo e Barnabé também eram chamados "apóstolos" (At14:14), porque foram *"enviados* pelo Espírito Santo" (At13:4). Vê-se aí que o apostolado não estava restrito a uma indicação pessoal do Filho de Deus.

Na já mencionada versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje, o referido trecho aparece da seguinte forma: "Se alguém quer ser meu seguidor, que esqueça os seus próprios interesses, esteja pronto para morrer como eu vou morrer e me acompanhe." Se no texto original ainda havia alguma chance de se encontrar a verdade contida nessa sentença, caso a respectiva pessoa se empenhasse realmente numa busca sincera, com uma tal tradução inovadora a possibilidade cai a zero. Se não soubermos interpretar uma passagem bíblica qualquer será muito mais honesto sussurrar para nossos botões ou para os de outrem: *não sei,* tal como um analfabeto que recebe o livro selado de Isaías para ler: "O livro é então dado a quem não sabe ler, dizendo: 'Lê isto', e ele responde: 'Não sei ler'" (Is29:13). Essa é uma resposta digna. Se não soubermos algo, a resposta decente a dar é: "eu não sei", ou então permanecer calado.

Jesus não alude aqui absolutamente à cruz do sofrimento. A cruz romana da tortura só se tornou um símbolo cristão muito depois de sua passagem pela Terra. A Cruz a que Jesus se refere não é a cruz da morte, mas a Cruz da vida! A Cruz da vida é a Cruz da Verdade, a Cruz isósceles que ele, Jesus, trazia naturalmente em si mesmo, porque ele próprio veio da Verdade. No Evangelho de João, Jesus sempre começa uma explanação especialmente importante com as palavras introdutórias: "Em verdade, em verdade, vos digo…". Ele era a Palavra da Verdade encarnada, a Cruz viva de Deus de onde fluía a Palavra salvadora: "a Palavra proveniente da Cruz é poder de Deus e salva" (1Co1:18). Palavra proveniente *desta* Cruz da Verdade, que pertencia integralmente a Jesus! Agora torna-se compreensível a sequência das palavras de Jesus:

"Quem quiser salvar a sua vida a perderá, e quem perder sua vida por causa de mim a salvará."

(Lc9:24; Mt16:25; Mc8:35)

Quem quisesse conservar sua existência errada e pecaminosa de até então, acabaria por encontrar a morte espiritual, mas quem a lançasse fora pela obediência incondicional à Palavra do Senhor, o "Deus da Verdade" (Sl31:5), se salvaria. Esse tal estaria de fato seguindo Jesus, a encarnação da Palavra oriunda da Verdade, que "deixou-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos" (1Pe2:21). Seguir os passos de Jesus é "seguir a Verdade em amor" (Ef4:15). Significa, isso sim, *assimilar e cumprir* efetivamente essa Palavra proveniente da Verdade, cujo sinal é a Cruz isósceles, a Cruz de braços iguais. Esta *Cruz* é que é de fato *crucial* para a humanidade, pois unicamente por meio dela pode existir salvação. Paulo diz que os inimigos da Cruz de Cristo (inimigos da Verdade portanto) "só se interessam pelas coisas terrenas, e que o fim deles é a perdição" (cf. Fp3:18,19). Faz parte dessas coisas terrenas a preocupação com *a pessoa* de Cristo, deixando em segundo plano sua Palavra salvadora.

Jesus era o único Portador dessa Cruz viva e irradiante, a forma viva da Verdade, porque somente ele provinha diretamente da Fonte da Verdade, Deus-Pai. Assim, "por meio dele, a Verdade veio a nós" (cf. Jo1:17). Vindo da própria Verdade, Jesus estava pleno dela; ele era, pois, o "Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de Verdade" (Jo1:14).

Muitas antigas gravuras representando Jesus e seus discípulos mostram todos com as conhecidas auréolas em torno da cabeça, mas apenas na de Jesus se observa uma cruz isósceles circunscrita nela. Isso é sinal de que parte da realidade se conservou nesses quadros. Quando José estava prestes a morrer, viu sobre Jesus, que estava sozinho a seu lado no leito de morte, a irradiante Cruz isósceles e a Pomba.

A Cruz isósceles estava indelevelmente associada a Cristo, sendo mesmo uma parte dele, nada tendo a ver com a cruz do futuro Cristianismo. A cruz de braços iguais é um símbolo pré-cristão antiquíssimo. Há registros conservados dela de pelo menos dois mil anos antes de Cristo, conhecida hoje como cruz grega, mas na verdade ela é muito mais antiga do que a própria civilização grega. Variações dessa cruz grega de duas hastes iguais receberam denominações específicas ao longo do tempo, tais como: cruz de malta, cruz de São Luís, potenteia, cruz copta, cruz cantonada, cruz celta. De todas, merece menção especial a chamada cruz celta.

A cruz celta apresenta duas hastes simples, de igual tamanho, cruzando-se no centro em ângulo reto e envoltas por um círculo. Os celtas chamavam essa cruz de "eixo do mundo". Os antigos sábios da Caldeia também denominavam a cruz isósceles de "eixo do mundo", e isso há cerca de 6.500 anos, na época da construção da Grande Pirâmide do Egito. Para os celtas, o braço vertical representava o mundo celestial, e o horizontal o mundo material. O ponto de encontro das duas hastes indicava para eles a "unidade do todo", de onde emanava o "halo de unificação" representado pelo círculo.

O chamado Documento de Damasco, dos Manuscritos pré-cristãos do Mar Morto, também parece aludir a esse sinal, o qual estaria gravado em alguns essênios daquele tempo. A cruz isósceles ou equilinear chegou a ser conhecida dos primeiros cristãos, e isso até meados do século V. O teólogo Tertuliano, que viveu nos séculos II e III, diz que antes de enfrentarem um grande perigo os cristãos faziam o sinal da cruz isósceles na testa, e apenas na testa. Contemporâneo de Tertuliano, Orígenes afirmava que essa cruz estava efetivamente traçada na testa dos que eram fiéis…

Foi somente a partir do século V que o Cristianismo, já então irremediavelmente torcido, associou à sua teologia a outra cruz, a de *braços desiguais*, a cruz assimétrica do suplício de Cristo.

No primeiro volume da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal, Abdruschin esclarece o tema da Cruz da Verdade associada a Jesus na dissertação O Mestre do Universo:

> "A cruz já era conhecida antes do tempo terreno de Cristo. É o sinal da verdade divina! Não somente o sinal, mas também sua forma viva. E como Cristo foi o portador da genuína verdade divina, e emanou da verdade, estando em ligação imediata com ela, trazendo consigo uma parte dela, ela aderiu também vivamente a ele e nele! Ela é *visível* na Cruz viva, portanto luminosa e autonomamente *radiante!* Pode-se dizer que ela é a própria cruz. Lá onde se acha essa cruz radiante se acha também, por conseguinte, a verdade, porque essa cruz não pode ser separada da verdade; ambas são uma só coisa, *porque essa cruz mostra a forma visível da verdade.*
>
> (…) É a Cruz do Salvador! O Salvador, porém, é a Verdade para a humanidade! Apenas o conhecimento da Verdade e a decorrente utilização do que a Verdade encerra, ou do caminho apontado pela mesma Verdade, pode conduzir o espírito humano de sua atual escuridão e perdição para cima, rumo à Luz, libertando-o e salvando-o da situação atual. E como o Filho de Deus, enviado, e o Filho do Homem, já a caminho, são os únicos portadores da Verdade límpida, e a trazem em si, ambos têm de trazer consigo, de modo natural e inseparável, também a cruz; portanto, são portadores da cruz radiante, portadores da Verdade, portadores da salvação que reside para os seres humanos na Verdade. Trazem a salvação pela Verdade para quantos a acolherem, isto é, para os que seguirem o caminho apontado. — Que vale aí todo o palavreado astuto dos seres humanos? Desvanecer-se-á na hora da angústia.
>
> Por isso o Filho de Deus disse aos seres humanos que tomassem da cruz e o seguissem, isto é, portanto, que recebessem a Verdade e vivessem de acordo com ela! Que se adaptassem às leis da Criação, e aprendessem a compreendê-las direito e que só se utilizassem delas por meio de seus efeitos automáticos para o bem."

A cruz é a forma visível da Verdade. No livro Revelações Inéditas da História do Brasil, Roselis von Sass informa que quando Cabral aportou nas costas brasileiras viu, juntamente com o astrônomo da frota, João Matias, uma cruz isósceles refletida na fulguração vermelha do Sol poente. Esse signo da cruz nos céus do Brasil indicava que este país fora escolhido para divulgar a Verdade na época do Juízo.

Assim como aconteceu com Jesus, o Filho de Deus, também o Filho do Homem trouxe em si mesmo a Cruz isósceles irradiante, como algo natural. É ela "o selo com que Deus, o Pai, confirmou o Filho do Homem" (Jo6:27). Nessa mesma dissertação, Abdruschin diz que a Cruz do Filho do Homem – o Mestre do Universo, seria o sinal visível de sua missão:

> "Atrás desse *legítimo* Mestre do Universo se encontra, como outrora se deu com Cristo, radiante e visível aos *videntes puros*, a grande *Cruz do Salvador!* Pode-se dizer também *'Ele porta a Cruz'!* Todavia, isto nada tem a ver com o sofrimento e o martírio.
>
> Esse será um dos sinais de 'vivo fulgor' que nenhum mago ou charlatão, mesmo o mais esperto, conseguirá imitar, e mediante o qual se reconhecerá a absoluta legitimidade de sua missão!"

Enquanto os condenados trazem a marca de uma cruz entortada nas testas de suas almas – uma espécie de X – o estigma de Lúcifer, os servos do Senhor também trazem o Seu selo – a cruz isósceles

– gravada em suas testas, o sinal da Verdade. São esses últimos os que foram "guardados para a salvação que deve revelar-se nos últimos tempos" (1Pe1:5), tendo sido "selados pelo Espírito Santo de Deus para o Dia da Redenção" (Ef4:30). Eles foram selados na fronte durante a época do Julgamento com o selo do Deus vivo, antes dos acontecimentos mais drásticos do Juízo Final:

> *"E vi outro anjo que subia do Oriente, trazendo* ***o selo do Deus vivo.*** *Com voz forte ele gritou aos quatro anjos encarregados de fazer dano à terra e ao mar: Não façais dano à terra e ao mar, nem às árvores, até que tenhamos* ***marcado com o selo a fronte*** *dos servos do nosso Deus."*
>
> *(Ap7:2,3)*

No livro do Apocalipse, observamos que os servos do Senhor recebem o selo de Deus na fronte pouco antes de o anjo abrir o sétimo e último selo do livro do Cordeiro, que assinala a última fase do Juízo Final (cf. Ap8:1), a qual se encerrará com o lançamento das "sete últimas pragas, com as quais o furor de Deus se ia consumar" (Ap15:1). Os que não portassem esse selo de Deus na fronte sofreriam integralmente o efeito da reciprocidade durante os terríveis acontecimentos no Juízo, como exemplificado na praga de gafanhotos (as fúrias, já abordadas no primeiro volume deste livro):

> *"Foi-lhes dito que não danificassem a erva da terra, toda a verdura e todas as árvores, mas tão-somente os homens que não tivessem* ***o selo de Deus na sua fronte****."*
>
> *(Ap9:4)*

O livro do Apocalipse indica que durante a época do Juízo estavam previstos 144 mil selados aqui na Terra: "Então ouvi o número dos que foram selados: 144 mil" (Ap7:4). Seriam 144 mil selados que, com sua vida exemplar, deveriam dar o exemplo do viver correto durante o tempo do Juízo, como primícias de uma nova humanidade, em estrita concordância com as Leis instituídas pelo Pai e os posteriores ensinamentos dados por Seu Filho:

> *"O Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião, e com ele os 144 mil que trazem inscritos em suas frontes o nome dele e o nome do Pai. (...) Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes, e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os 144 mil que foram comprados da Terra. Estes são os que seguem o Cordeiro por toda a parte. Foram resgatados, como primícias da humanidade, para Deus e para o Cordeiro. Na sua boca não se achou mentira: são irrepreensíveis"*
>
> *(Ap14:1,3,4).*

São eles igualmente a "assembleia dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus" (Hb12:23). Deles fazem parte alguns dos que outrora conviveram com Paulo, os quais, disse o apóstolo, seriam "filhos de Deus sem mancha, fontes de Luz no mundo e portadores da Palavra da Vida" (cf. Fp2:15,16).

O significado da expressão "filhos de Deus" já nos é claro. Os previstos 144 mil também seriam fontes de Luz porque se tornariam capacitados, pelo conhecimento adquirido da Verdade, a transmitir Luz para o mundo com sua maneira correta de viver. O livro da Sabedoria registra isso com as palavras: "No tempo da intervenção de Deus, os justos resplandecerão e propagar-se-ão como centelhas através da palha" (Sb3:7). A expressão "portadores da Palavra da Vida", usada por Paulo, significa que eles seriam os "guardiões da Palavra da Verdade"; a eles estariam alegoricamente confiadas no futuro as chaves recebidas por meio das palavras do Filho do Homem.

Os mencionados *anciãos* são assim chamados por serem eternos, capazes de levar uma vida autoconsciente no limite da esfera divina, em redor do trono: "Ao redor do trono havia outros vinte e quatro tronos; neles estavam sentados vinte e quatro anciãos, todos eles vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça" (Ap4:4).

Sobre o selamento, é justo mencionar que alguns textos apócrifos falam que uma pessoa *recebe o saber quando é selada.* No livro secreto de João também podemos ler que o selado fica livre da morte espiritual, pressuposto que mantenha sua vida na direção correta: "Eu levantei e selei essa pessoa, a fim de que daqui em diante a morte não tenha poder sobre ela" (LsJ31:22). Em sua segunda Epístola aos Coríntios, Paulo ratifica que haviam sido selados por Cristo, como penhor do Espírito Santo: "Ele que nos marcou com *um selo* e colocou em nossos corações o *penhor do Espírito"* (2Co1:22). Aos Efésios,

Paulo esclarece que a condição para esse selamento é a assimilação da Palavra da Verdade trazida por Cristo: “Nós, que previamente pusemos nossa esperança em Cristo. Foi nele, ainda, que vós ouvistes a *Palavra da Verdade*. Foi nele ainda que acreditastes e fostes marcados com *o selo do Espírito Santo prometido”* (Ef1:12,13).

Este selo do Senhor marcado na testa da alma é o mesmo descrito pelo profeta Ezequiel, quando fala do “homem vestido de linho” que, por ordem do Senhor, faz uma marca de cruz na fronte das pessoas que estavam injustamente sofrendo abominações:

> *“Então a glória do Deus de Israel elevou-se acima do querubim sobre o qual estava, em direção à soleira do Templo. Chamando o homem vestido de linho, o Senhor lhe disse: ‘Percorre a cidade, a saber, Jerusalém; e assinala com uma* ***cruz*** *a testa dos homens que estão gemendo e chorando por causa de todas as abominações que se fazem no meio dela’.”*
>
> *(Ez9:3,4)*

No original hebraico está literalmente: “assinala com um *tav* a testa dos homens”. Esse *tav* era uma letra do antigo alfabeto hebraico, que tinha exatamente a forma de uma cruz isósceles. O linho com que se veste o homem que sela também tem um significado espiritual. No Apocalipse vemos que os sete anjos “estavam vestidos de linho puro e brilhante” (Ap15:6), e a explicação para isso é que “o linho brilhante e puro significa obras justas” (cf. Ap19:8). Uma roupa de linho quer, portanto, indicar uma alma pura e justa, que é a vestimenta do escolhido espírito humano atuante. Bem ao contrário dos trapos portados por espíritos preguiçosos: “A indolência os vestirá de andrajos” (Pv23:21). Isso, aliás, jamais poderia acontecer com os povos enteais, porque esses seres agem sempre em estrita observância à Vontade de Deus, de modo que nunca poderão estar com as vestes sujas ou rasgadas. Suas vestiduras serão sempre imaculadas, puras também como o linho, tal como aparece na imagem dos “exércitos do céu” que acompanham o Filho do Homem durante o Juízo: “Os exércitos do céu o acompanham, montados em cavalos brancos, *com roupas de linho branco e puro”* (Ap19:14).

CAPÍTULO 7
ADVENTO E MISSÃO DO FILHO DO HOMEM

Profecias Extrabíblicas

Muitos escritos antigos fazem alusão à vinda do Filho do Homem e ao desencadeamento do Juízo Final a isso ligado. Todos nós que vivemos hoje aqui na Terra já tivemos notícia, em algum marco da nossa existência – que abrange várias vidas – desses dois acontecimentos de importância capital para a humanidade.

A primeira indicação sobre um futuro Juízo e o Juiz foram transmitidas por volta de 4500 a.C. quando da construção da Grande Pirâmide, conhecida hoje por Pirâmide de Quéops, edificada por ordem do Senhor como altar e futuro sinal para o Senhor dos Exércitos: "Naquele dia haverá um altar do Senhor no meio da terra do Egito. (…) Servirá de sinal e de testemunha ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito" (Is19:19,20).[43] Esse altar do Senhor é conhecido como "a profecia em pedra", porque traz gravadas as épocas dos principais acontecimentos da humanidade, reconhecidas através de medidas dos corredores e salas. A Pirâmide foi uma obra edificada por ordem do Altíssimo, na qual Suas indicações ficaram totalmente resguardadas de intervenções humanas, como sumiços de papiros, erros de copistas e traduções tendenciosas. Nisso sim se reconhece um ato da Providência divina, que preserva integralmente as legítimas orientações do Onipotente para Suas criaturas humanas...

Desde a época da construção da Grande Pirâmide a humanidade vem sendo advertida de tempos em tempos para mudar de rumo, a fim de poder subsistir na época do Julgamento. Essa missão coube em primeira linha, conforme já dito, aos profetas dos tempos antigos e aos Preparadores do Caminho, os Precursores do Filho do Homem. Mas, além desses, alguns espíritos preparados também advertiram e exortaram seus respectivos povos sobre os acontecimentos futuros, de modo que reminiscências dessas profecias e avisos ainda subsistem aqui e acolá.

O livro hindu Vishnu Purana, de uma época anterior aos textos bíblicos, traz um trecho de onde se depreende nitidamente, em meio a algumas alegorias, o fato principal do mal imiscuído no mundo e da chegada no fim dos tempos atuais de um Emissário que restabelecerá a Justiça e dará início a uma era de paz:

> *"Quando as práticas recomendadas pelos Vedas e as instituições da lei tiverem quase cessado, e o término da idade de Kali[44] esteja muito próximo, uma porção do ser divino que existe na própria natureza espiritual sob o aspecto de Brahma, que é o começo e o fim, e que abrange todas as coisas, descerá à Terra, (...) e se apresentará sob a forma de Kalki, dotado das oito faculdades sobrenaturais. Destruirá, por seu poder irresistível, todos os salteadores e os Mlechehhas, e todos aqueles cujo espírito esteja devotado à iniquidade. Restabelecerá a Justiça sobre a Terra, e os espíritos daqueles que vivem no fim da idade de Kali serão despertados e por tal maneira se tornarão transparentes, como o cristal. Os homens que assim forem transformados, pela virtude desta época particular, serão como as sementes dos seres humanos, e darão nascimento a uma raça que seguirá as leis da idade Krita ou da pureza."*

Os hindus aprofundados nas profecias de sua religião retratam a vinda dessa personagem como um magnífico jovem cavalgando um grande cavalo branco, munido de uma espada semelhante a um meteoro, desencadeando morte e destruição por todos os lados. A sua vinda restaurará a Justiça na Terra e promoverá uma era de pureza e inocência.

Uma outra profecia sobre o Juízo admiravelmente conservada até hoje é a dos Hopis, uma nação indígena orgulhosa e pacífica que habita no norte do Estado americano do Arizona. O mito Hopi faz menção à época do Juízo e à figura do Filho do Homem, englobando um ciclo da Criação que vai do início da nação Hopi até o tempo da "grande purificação", quando o "Grande Espírito virá". A seguir,

[43] A história da construção dessa Pirâmide e seu significado profético é narrada com riqueza de detalhes por Roselis von Sass na obra A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo.
[44] Os hindus denominam a era atual de "Kali-Yuga", a Idade Negra.

algumas palavras elucidativas de um ancião Hopi sobre essa época de depuração mundial: "A profecia afirma que se aproxima um tempo de muita destruição. Este é o tempo. Seja qual for a forma assumida pela terceira grande purificação, as profecias afirmam que ocorrerão vários sinais: as árvores começarão a morrer por toda a parte; lugares frios se tornarão quentes e lugares quentes se tornarão frios; terra afundando nos oceanos e o mar invadindo os litorais; e o surgimento de uma Estrela Azul."

Essa Estrela Azul corresponde ao Grande Cometa, ou Cometa do Juízo. Uma antiga profecia Maia também faz referência a vinda desse astro (citado da obra A Profecia Maia, de Alberto Beuttenmuller):

> *"Este grande corpo celeste passará próximo da Terra e causará danos aos terráqueos. A missão desse corpo celeste, contudo, será a de limpar o planeta de todas as impurezas, humanas e inumanas. (...) O astro fará a Terra tremer, os mares invadirem continentes, vulcões acordarem, territórios sumirem, prédios despencarem. Este corpo celeste não poderá ser evitado, pois este será seu destino jamais modificado. Atenta, pois, o Juízo Final não manda aviso."*

Além do Grande Cometa, a profecia também menciona o surgimento de um outro corpo celeste, a "pedra do céu", que se refere possivelmente ao novo Sol, o qual também está previsto para a era renovada. Essa profecia Maia ainda é especialmente severa para com o ser humano do final dos tempos, e prevê que as formas religiosas baseadas na fé cega sucumbirão:

> *"Não haverá mais tempo para aprender neste planeta. (...) Só o Conhecimento profundo poderá te tirar desse caos onde te meteste. O planeta Terra, tua casa por milênios, cansou-se de tuas fraquezas e de tuas promessas. Agora o tempo é zero. Não mais haverá condescendência para contigo. (...) Esgotaste teu tempo sobre a Terra. Só os eleitos viverão a plenitude da Nova Era de Paz e Fraternidade Universal. Nenhuma religião prevalecerá sobre o Conhecimento, todas sucumbirão. (...) O Novo Tempo será o fim da era da fé cega e da crença, e o início da Era do Saber e do Conhecimento. (...) A raça humana terá de buscar o caminho da iniciação na Terra e no Céu; só assim conseguirá vislumbrar a luminosidade do Grande Espírito."*

Examinando mais atentamente a profecia Maia, a qual é constituída de sete partes, encontramos outros pontos bastante interessantes. Lemos ali a seguinte exortação: "Para sermos felizes devemos nos localizar não no passado ou no futuro, mas no tempo presente." Uma indicação preciosa essa, de que devemos viver o presente, tal como fazem com toda a naturalidade os animais.

Também diz a profecia que na época da "grande transformação" que precederá a mudança dos tempos, haverá alterações na irradiação do Sol. No final dos tempos, continua a profecia, "cada ser humano será seu próprio juiz, quando ingressar no 'grande salão dos espelhos', para examinar tudo o que fez em sua existência; o ser humano viverá no céu ou no inferno, dependendo do seu comportamento, pois cada um decide seu próprio destino." Por fim, a profecia também afirma que não haveria maneira de evitar o domínio da "cruz desequilibrada", que alguns estudiosos atribuem à chegada do Cristianismo, na versão feroz dos colonizadores espanhóis.

A sabedoria que se patenteia nessa profecia Maia, na verdade, depõem contra sua presumida autoria. Apesar de terem tido boa vontade em aprender, os Maias nunca chegaram nem perto do saber espiritual alcançado pelos seus antecessores, o elevado povo dos Toltecas. Ao contrário. Assim como os Astecas, os Maias acabaram se degenerando espiritualmente, entregando-se à prática de cultos sangrentos e sacrifícios a "deuses maus". Os Maias usufruíram do saber dos antigos Toltecas, tomando para si o que já havia sido desenvolvido por esse povo, como é o caso do famoso calendário Maia. Por isso, a chamada profecia Maia muito provavelmente deve ter tido a mesma origem.

A doutrina de um dos Preparadores do Caminho, Zoroaster ou Zoroastro, conserva até hoje alguns fragmentos a respeito do Juízo Final e do Filho do Homem, denominado Saoshyant. No Dicionário das Religiões de John R. Hinnells encontra-se o seguinte esclarecimento sobre o assunto: "Os zoroastrianos não procuram 'o fim do mundo'. Em vez disso esperam o tempo em que ele será limpo de toda impureza desnatural com que o mal o tem afligido. (…) Nos livros pálavi, a história do mundo se divide em quatro períodos, cada um de 3.000 anos, o último dos quais, segundo se acredita, começou em Zoroastro (isto é, o tempo presente está 'nos últimos dias'). O Zoroastrismo espera, tradicionalmente, a vinda de um Salvador (Saoshyant; em pálavi Soshyant, nome que significa "Salvador Futuro"), que nascerá de uma virgem fecundada pelo sêmen do profeta Zoroastro, erguerá os mortos dos túmulos e promoverá o Julgamento Universal." Nos escritos que chegaram até nós, o Saoshyant também é chamado de Astvart-Arta, que significa "Ordem Encarnada" ou "Justiça Encarnada". Os relatos dizem que os acontecimentos

do começo do mundo serão reproduzidos no fim, em sentido inverso, uma imagem para indicar o fechamento de todos os ciclos no Juízo.

A passagem sobre a virgem fecundada pelo sêmen do profeta é, evidentemente, mais uma obra oriunda da fantasia humana, no mesmo patamar, por exemplo, da lenda que diz que Krishna teve um pai divino. Contudo, o conceito do Juízo Final e do Juiz que o instituirá é bastante claro, inclusive da ressurreição, não de mortos, mas de tudo quanto está morto no ser humano. O livro Zoroaster, publicado pela editora Ordem do Graal na Terra, traz um esclarecimento muito mais nítido sobre o Juízo Final e o mencionado Saoshyant, o Filho do Homem:

> *"Virá o dia em que o Saoshyant chegará do céu. Virá como criancinha e será o Filho do Supremo Deus. Crescerá e aprenderá os caminhos dos seres humanos. Ele lhes trará a Luz do Reino do seu Pai, para que reencontrem o caminho para cima. Ele cuidará deles, como o pastor de seu rebanho. Depois virá o último dia: o Juízo. Grande será o Saoshyant; não será mais um homem, mas sim, somente Deus. Os seres humanos terão medo, porque praticaram o mal. O Juiz Universal, porém, julgá-los-á conforme suas obras. Terão que transpor a ponte. Quem houver sido mau cairá e nunca mais voltará. Mas aqueles que transpuserem a ponte entrarão no Reino Eterno do Saoshyant."*

Não há de fato o que comentar sobre essa passagem, tão clara ela é. Essa ponte que precisa ser transposta é chamada Ponte *Chinvant* ou *Tschinvat*, que significa "Ponte do Retribuidor". Mencione-se ainda que o conceito de atravessar a ponte, que na doutrina de Zoroaster equivale a passar pelo Juízo, aparece também no Islamismo. No Dicionário de John Hinnells lemos o seguinte sobre o verbete Qiyama: "Ressurreição no Islamismo, seguida do Juízo Final. As almas julgadas cruzam uma ponte estreita, que se estende sobre o inferno; os pecadores cairão nas profundezas, mas os salvos entrarão no Paraíso."

Em sua História da Civilização, Will Durant transmite outros conceitos do Zoroastrismo, que novamente apresentam paralelos com um período de purificação do mundo seguido de uma era feliz, bem como o processo de ascensão ao Paraíso:

> *"O reino de Ahuramazda virá, e Arihman e todas as forças do mal serão exterminados; as almas dos bons começarão uma nova vida, em um mundo sem mal, sem trevas e sem dor. (...) As almas dos pecadores passarão para Arihman, para o castigo eterno, enquanto que as dos puros se salvarão através de sete esferas, perdendo em cada uma delas uma parte dos elementos que ainda contiverem e, assim, até serem introduzidas à plena irradiação do céu."*

O Arihman, cujo significado é "Espírito Destruidor" é Lúcifer, e Ahuramazda, nome que significa "Senhor Sábio", é o Criador. O rei persa, Dario I já havia se referido a Ahuramazda como o Criador do céu, da Terra e do homem (cf. Esd4:5). Outros ensinamentos sobre os efeitos da reciprocidade indesviável aparecem em algumas partes da obra conhecida como "Avesta", que teriam sido escritas por Zoroaster. Provavelmente não foram, mas vê-se que o conceito foi absorvido pelo adepto que a escreveu:

> *"Eu te reconheci benéfico, ó Senhor Sábio, vendo-Te no princípio, quando nasceu a existência, assinar um salário à ação e à palavra: retribuição má ao mau, boa ao bom, por Tua habilidade, na última curva da Criação. (...) Ensina-me, em Tua qualidade de Justiça, a posse do bom pensamento."*

No antigo Egito, a certeza sobre um julgamento individual também permaneceu, apesar das distorções que os adeptos de Rá inseriram no conhecimento primordial daquele povo. Os egípcios temiam o que chamavam de *segunda morte*, que seria a definitiva. Acreditavam que, após a morte, o coração era pesado numa balança diante do deus Osíris, e caso este pesasse mais que "a pluma da justiça de Maat", a deusa da ordem universal, o morto seria engolido por um monstro, o que acarretaria a morte definitiva do indivíduo. A literatura sapiencial egípcia, apesar das muitas distorções, sempre ensinou a responsabilidade pessoal dos atos da pessoa humana diante do Criador.

Os filósofos gregos também ensinavam, já no século V a.C., que após a morte as pessoas eram julgadas pelos seus atos, o que ocorria no tribunal dos lendários irmãos Minos e Radamanto. O mito helênico de Hermes apresenta a mesma imagem egípcia de um deus pesando as almas com uma balança, instrumento que teria sido inventado por ele próprio. Posteriormente, a iconografia cristã colocou o arcanjo Gabriel neste papel de avaliar as almas com ajuda de uma balança.

A ideia de um julgamento derradeiro, levado a efeito por um bem determinado Juiz, permeia a história de muitos outros povos. No livro Revelações Inéditas da História do Brasil, a autora Roselis von Sass apresenta um panorama muito detalhado das crenças dos antigos povos indígenas do Brasil. Diz a escritora: "Todos os antigos povos do Brasil veneravam um Ser Supremo: Deus. Os Tupis e Guaranis, que apesar de várias diferenças tinham uma doutrina uniforme de fé, denominavam esse Supremo Ser: 'Nyanderuvusu'. Além de Deus eles veneravam também uma 'Mãe Primária' ou 'Mãe Universal' e seus filhos gêmeos, 'Nyanderykey' e 'Tyvyry'! (Filho do Homem e Filho de Deus)."

Mais adiante a autora cita uma passagem do livro A Mitologia Heroica de Tribos Indígenas do Brasil, de Egon Schaden, e dá novos esclarecimentos: "No que se refere ao Juiz, Salvador, Herói (Filho do Homem), que matou o dragão, está descrito no livro de Egon Schaden como 'herói civilizador mítico' ou como 'herói civilizador', cuja vinda estará ligada a graves catástrofes da natureza… Existem no livro dele várias indicações, embora muito obscurecidas, a respeito do Juiz… Num capítulo onde se faz menção da vida religiosa de uma tribo guarani, podemos ler o seguinte: 'Quando Nyanderuvusu resolver a destruição da Terra, caberá a Nyanderykey retirar a cruz de madeira que a suporta. E a Terra desabará…' O texto correto, conhecido pelos Guaranis, dizia o seguinte: 'Quando Nyanderykey, o Salvador e Herói, vier como Juiz para as criaturas humanas, ele ordenará aos seus servos que derrubem a cruz de madeira, queimando-a. Pois a cruz de madeira foi implantada na Terra por Anyay (Lúcifer) como sinal de seu domínio na Terra…'." Mencione-se de passagem que Isaías faz uma alusão a isso em seu livro bíblico profético: "Mas naquele Dia, diz o Senhor dos Exércitos, a estaca, firme no lugar, será retirada: ela vai ceder e cair, e tudo o que nela estava pendurado virá ao chão – porque assim falou o Senhor" (Is22:25).

Os famosos Oráculos Sibilinos também fazem menção ao Filho do Homem e ao Juízo Final. Nesses Oráculos se diz que um Rei-Messias introduzirá o Reino eterno de Deus sobre todos os homens, e que todos os povos reconhecerão a Lei de Deus. Apesar de esses Oráculos terem chegado até nós bastante desfigurados devido a múltiplas interpolações cristãs, ainda é possível extrair deles algumas informações úteis, particularmente nos livros 3 e 4, que são os mais antigos. Neles se pode ler que o Senhor enviará um Rei do Sol para executar Seu Juízo, que as nações serão castigadas e que grandes sinais no céu e na Terra anunciarão sua aproximação. Também há um angustiante chamamento aos seres humanos para que se arrependam e mudem de conduta, do contrário Deus purificará o mundo pelo fogo. O primeiro trecho reproduzido a seguir descreve a vida dos homens piedosos (que continuarão existindo) e a Ira do Todo-Poderoso para com os idólatras; o segundo trecho narra como será a vida na Terra após o Juízo:

> *"A raça santa de homens piedosos continuará existindo, prostrados diante da Vontade do Altíssimo.(...) Eles não honram, movidos por vãos enganos, nem as obras dos homens, de ouro ou de bronze, de prata ou de marfim, nem as imagens de madeira ou de pedra de deuses já mortos, estátuas de argila pintadas de vermelho. (...) Pelo contrário, erguem ao céu seus braços santos, sem deixar de purificar com água sua pele desde que, madrugadores, abandonam o leito; e honram só o Imortal que eternamente nos protege. (...) O Imortal imporá a todos os mortais ruína, fome, sofrimentos e lamentos, guerra, peste e dores que causarão lágrimas, porque ao Imortal, Criador de todos os homens, não quiseram honrar com religiosa piedade, e honraram com veneração os ídolos."*
>
> *(OrSib3:573-605)*

> *"Terá lugar, então, o Juízo, em que o próprio Deus será novamente Juiz do mundo; a quantos por impiedade pecaram, outra vez a terra amontoada sobre eles os ocultará, e o Tártaro tenebroso e as profundezas horríveis da Geena. E quantos são piedosos novamente viverão sobre a Terra, porque Deus conceder-lhes-á, ao mesmo tempo, espírito e graça por sua piedade. Então todos se verão a si mesmos ao contemplar a agradável luz do brando Sol. Bem-aventurado o homem que nesse tempo chegar a viver sobre a Terra."*
>
> *(OrSib4:179-191)*

Pouco depois da época da Sibila de Cumas[45], no século I a .C., o poeta latino Virgílio elaborou um poema onde exaltava o nascimento de uma criança, à qual se vinculava uma nova Idade de Ouro, "quando a natureza reassumirá sua forma paradisíaca e a serpente perecerá".

Os textos conhecidos como "Documentos de Sadoc", descobertos numa sinagoga do Cairo em fins do século XIX, têm sua autoria atribuída aos essênios. Neles aparecem igualmente narrativas sobre uma batalha final que ocorreria entre o bem e o mal no mundo. Segundo os pesquisadores, os essênios acreditavam na preexistência da alma e sabiam da reencarnação, mas negavam a ressurreição da carne. A serem verdadeiras essas informações, esse grupo teria sido um dos mais evoluídos daquela época. Flavio Josefo certamente devia ter suas razões para elogiar os essênios no século I da nossa era: "Os essênios são as pessoas mais honestas do mundo; são tão boas como as suas palavras", garantiu o historiador. Um aspecto notável é a profunda reverência para com o nome do Criador. Pronunciar o santo nome era uma transgressão passível de expulsão da comunidade.

Sobre os chamados Manuscritos de Qumran, ou Manuscritos do Mar Morto como são mais conhecidos, encontrados em 1947 e cuja autoria também se atribui aos essênios, é significativa a menção de permanente luta entre o bem e o mal até o "Dia derradeiro", em que se assistirá ao triunfo do Príncipe da Luz sobre o Anjo das Trevas. Os essênios aguardavam a vinda de um Messias que seria ao mesmo tempo rei e sacerdote.

Os Manuscritos de Qumran falam sobre a "diferente retribuição dos que buscam a Verdade, que se levantarão para o Julgamento e serão recompensados por toda a eternidade, e dos filhos da iniquidade, que desaparecerão completamente." O Príncipe da Luz é designado também de "Filho de Deus" e "Filho do Altíssimo", a quem são atribuídas as funções de efetuar o Julgamento, libertar os cativos e estabelecer a Era da salvação. Os filhos da Luz são regidos por esse Príncipe da Luz; eles "trilham os caminhos da Luz e praticam a Verdade", enquanto os "filhos da iniquidade trilham os caminhos das trevas". João disse praticamente a mesma coisa em seu Evangelho (cf. Jo3:20,21).

A comunidade de Qumran esperava por dois messias distintos, onde o primeiro abriria caminho para a atuação do segundo: um Messias-real, descendente de Davi, e um Messias-sacerdote, que seria de máxima importância para o mundo. Mas nenhum dos dois tinha qualquer função expiatória de pecados... Os essênios de Qumran aguardavam a chegada de um dia crítico em que Deus interviria na História. Aliás, não somente eles, mas o povo judeu em geral acreditava que um dia o Senhor Deus iria interferir na História humana e manifestar Seu poder real diante de todo o mundo: era o "Dia do Senhor", vaticinado pelos profetas do Antigo Testamento. Todos esses textos de Qumran são muito antigos, alguns com data estimada de composição no século III a.C. Nesses escritos há especialmente duas passagens muito nítidas sobre o tempo do Juízo Final. A primeira diz o seguinte:

> *"Mas Deus, em Seus mistérios de inteligência e em Sua gloriosa sabedoria, pôs um termo à existência da perversidade; e no momento da visita Ele a exterminará para sempre. E a Verdade se instalará permanentemente no mundo; pois o mundo se enlameou nos caminhos da impiedade, sob o domínio da perversidade até o momento do Julgamento decisivo."*
>
> *(Regra, IV, 18-20)*

A frase "a Verdade se instalará permanentemente no mundo" indica a Palavra da Verdade trazida pelo Filho do Homem. O segundo trecho fala da chegada de uma personalidade especial no final dos dias, chamada de Mestre da Justiça:

> *"E o bastão (o Legislador) é o pesquisador da Lei… E os nobres do povo são aqueles que vêm para cavar o poço por meio dos preceitos que foram promulgados pelo Legislador, para que neles caminhassem todo o tempo da impiedade… até a chegada do Mestre da Justiça no final dos dias."*
>
> *(Escrito de Damasco, A, VI, 7-11)*

Os essênios acreditavam que o Mestre da Justiça viria para explicar a sabedoria de todos os profetas anteriores. Nesse mesmo manuscrito intitulado *Escrito de Damasco* está dito que o Mestre da Justiça será levantado por Deus nos últimos tempos "para mostrar à última geração o que Deus estava para fazer com a última geração" (Ed1:11). O derradeiro estágio da promessa ocorrerá quando Deus

[45] Em O Livro do Juízo Final, a escritora Roselis von Sass dá informações pormenorizadas sobre a autora dessa obra, a vidente Sibila de Cumas.

"revelar através dele novas instruções". Num outro manuscrito, que comenta o livro do profeta Habacuc, se diz que embora esse profeta soubesse o que iria acontecer nos últimos dias, foi somente ao Mestre da Justiça que "o tempo do cumprimento foi revelado", pois a ele "Deus fez conhecer todos os mistérios das palavras dos seus servos, os profetas".

Um outro fragmento desses Manuscritos é bastante elucidativo sobre a natureza e missão do Filho do Homem:

> *"Ele será chamado grande e designado com Seu nome. (...) Ele será chamado Deus, e eles vão designá-lo Filho do Altíssimo. (...) Seu reino será um reino eterno, e todos os seus caminhos serão em Justiça. Ele vai julgar. Vai julgar a Terra com Justiça, e todos vão fazer a paz."*
>
> *(4Q246)*

Os estudiosos se perguntam porque esse Filho do Altíssimo aparece aqui como um herói militar, numa descrição tão diferente de Jesus e seu ministério…

Por fim, temos mais essa significativa declaração extraída dos Manuscritos, cuja alusão à redenção efetivando-se através da Lei da Reciprocidade nem precisa de comentários, de tão clara: "Quanto a mim, minha justificação é com Deus. Ele apagará minhas transgressões por meio da Sua Justiça."

No século II da nossa era, o bispo Pápias escreveu sobre um tempo "em que a Criação, renovada e liberta, produzirá fartamente todos os tipos de alimentos, com o orvalho do céu e a fertilidade da terra". Nesse mesmo século, o teólogo Tertuliano parece ter vislumbrado uma sequência lógica para o estabelecimento da Justiça no mundo, cujo ápice seria dado pelo próprio Espírito Santo: "Tudo amadurece, a Justiça também. Em seu berço, ela não foi senão natureza e temor a Deus. A Lei e os profetas foram sua infância; o Evangelho, sua juventude; o Espírito Santo lhe dará sua maturidade." Tertuliano, que abominava o uso de imagens, era um cristão muito lúcido, pois para ele a morte de Cristo não tivera nenhum caráter expiatório, devendo servir apenas para levar o pecador ao arrependimento. Acreditava que, uma vez batizado, o cristão não poderia cometer mais nenhuma falta grave, sob pena de perder a salvação.

Por volta do ano 450 da nossa era, um asceta chamado Comodiano deixou consignada uma significativa profecia sobre a atuação do Filho do Homem, chamado por ele de "rei justo". Aqui, alguns extratos:

> *"Retornada a paz e suprimidos os males, o rei justo e vitorioso submeterá os vivos e os mortos a um julgamento terrível. (...) Aos justos ele concederá a paz eterna, reinará com eles nesta terra e fundará a cidade santa. E esse reinado dos justos durará mil anos."*

Na Idade Média também houve quem intuiu acertadamente o advento da época do Juízo e a posterior instauração do Reino de Mil Anos. Nos seus sermões pronunciados em Florença nos anos de 1490 e 1491, o dominicano Girolamo Savonarola (1452 – 1498) predisse que os inúmeros vícios da Igreja eram prenúncios da proximidade do Juízo Final. Savonarola, naturalmente, foi excomungado, preso, enforcado, e teve seu corpo reduzido a cinzas.

O abade calabrês Joaquim de Fiore (1130? – 1202), por sua vez, afirmava que passada a época das provações viria "o tempo do Espírito, a hora da compreensão espiritual". Após a travessia de um período trágico (Juízo Final), o mundo de miséria e injustiça se transformaria numa terra de felicidade. Nesse tempo, afirmava ele, não haveria mais necessidade de se escrever livros para explicar as Escrituras, porque o Evangelho segundo a letra seria substituído pelo Evangelho Eterno. Nessa época áurea, dizia o abade, "a Verdade nos será dada em sua simplicidade, e os fiéis contemplarão os mistérios em plena luz"; será "o tempo do Espírito, a hora da compreensão espiritual". A humanidade veria, então, a decifração da Mensagem divina. Esse "Evangelho Eterno" aludido pelo abade é seguramente o mesmo indicado no livro do Apocalipse, designado ali de "Mensagem a anunciar aos habitantes da Terra, a toda nação, tribo, língua e povo – um Evangelho Eterno" (cf. Ap14:6), que outro não é senão a Palavra da Verdade trazida pelo Filho do Homem. Eterno será porque escrito pelas próprias mãos dele, e não por terceiros décadas depois de sua passagem pela Terra.

Joaquim de Fiore anteviu uma época de profundo reconhecimento espiritual, designado por ele de "terceiro estado da humanidade", sob o domínio do próprio Espírito Santo. Segundo ele, depois do tempo da lei e da graça (Antigo e Novo Testamentos) viria o tempo da "maior graça", durante o qual a natureza se transformaria e se embelezaria, e a liberdade espiritual floresceria no mundo. Nessa idade de

plenitude, cessariam as preocupações e os sofrimentos. Essa época seria um novo Pentecostes, onde o Espírito Santo operaria a conversão e faria os seres humanos desejarem a felicidade eterna. O povo desse terceiro estado seria repleto do Espírito, sábio, pacífico e digno de amor. Joaquim de Fiore traça algumas metáforas para descrever os três períodos da humanidade que concebeu:

> *"O primeiro estava sob a luz das estrelas; o segundo é o momento da aurora; o terceiro será o do pleno dia. O primeiro era o inverno; o segundo, a primavera; o terceiro será o verão. O primeiro trouxe urtigas; o segundo traz rosas; o terceiro trará lírios. O primeiro produziu ervas; o segundo produz espigas; o terceiro fornecerá frumento."*

Numa outra parte de sua obra, Joaquim de Fiore reafirma objetivamente suas convicções sobre os três estados e a Verdade total que seria trazida pelo Espírito Santo, o segundo Filho de Deus-Pai, em cumprimento da promessa de Jesus:

> *"Sabei que o primeiro estado está relacionado ao Pai, o segundo ao Filho de Deus, e o terceiro ao Espírito Santo. (...) Assim como no primeiro período o Pai mostrou-se terrível e amedrontador, Deus-Filho, no segundo, mostrou-se cheio de piedade, mestre e doutor que manifesta a Verdade. (...) Mas, no terceiro estado, o Espírito Santo se mostrará e se oferecerá como a chama e o fogo do amor divino, como a adega do vinho espiritual, como a farmácia dos unguentos espirituais. Então, não apenas nossa inteligência verá na simplicidade a Verdade total da sabedoria do Filho encarnado e do poder de Deus-Pai, mas também o homem poderá experimentar, apalpar e saborear a promessa de Cristo: 'Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos ensinará toda a Verdade'."*

O franciscano José de Parma, discípulo de Joaquim de Fiore, escreveu uma obra intitulada Introdução ao Evangelho Eterno, que foi queimada pela Igreja no ano 1260. Os trechos a seguir, selecionados da compilação de um manuscrito sobrevivente, único no mundo, feita pelo escritor George Sand em 1837 e reproduzida por Jean Delumeau em sua obra Mil Anos de Felicidade, demonstram que o discípulo compreendeu muito bem seu mestre, e também esclarecem por que o destino do texto original foi a fogueira:

> *"A religião tem três épocas como o reinado das três pessoas da Trindade. O reinado do Pai se estendeu durante a lei mosaica. O reinado do Filho, isto é, a religião cristã, não deve durar para sempre. As cerimônias e os sacramentos, nos quais essa religião se envolve, não devem ser eternos. Deve vir um tempo em que esses mistérios cessarão, e deve então começar a religião do Espírito Santo, na qual os homens não terão mais necessidade de sacramentos, e prestarão ao Ser Supremo um culto puramente espiritual. O reinado do Espírito Santo foi predito por São João, e é esse reinado que vai suceder à religião cristã, como a religião cristã sucedeu à lei mosaica. (...) Essa religião não abjurará o espírito do Cristianismo, mas o despojará de suas formas."*

Além das concepções de Joaquim de Fiore e José de Parma sobre o advento do Reino do Milênio, sob o império do Espírito Santo encarnado, ainda encontramos aqui e ali outros textos medievais que fazem referências à época do Juízo Final. Os textos escatológicos que conseguiram sobreviver às chamas inquisitoriais da Idade Média são, via de regra, de difícil interpretação, dada a abundância de alegorias e metáforas, mas o cântico milenarista reproduzido a seguir, datado do ano 1419, constitui uma exceção pela sua clareza:

Vigia, chama sem descanso,
Tu que conheces a Verdade,
Monta a guarda.
Toma o vinho, a água, o pão.
Pois se aproxima tua hora,
E deles terá necessidade.
Anuncia o Dia em que virá teu Senhor,
Anuncia seu grande poder.
Em breve ele descerá à Terra,
E te ordenará que retornes à tua casa.
A Verdade governará,
A mentira será vencida eternamente.
Homem, presta bem atenção,
Guarda isto na memória.

Cabe destacar que ainda no século XIII circulou na Europa um documento escatológico anônimo intitulado "Reformation Kaiser Sigmunds" (Reforma do Imperador Sigismundo), que depois de afirmar que "o mundo está subvertido" e que "não há mais ordem", anunciava a vinda nos últimos dias de um rei-sacerdote de origem germânica. Este seria chamado de *Secundus Davi* – novo Davi, e *Lux Mundi* – Luz do Mundo, um título que Jesus também deu para si mesmo: "Enquanto estou no mundo, sou a Luz do Mundo" (Jo9:5).

A previsão da chegada de um enviado de origem germânica no final dos tempos também não é nenhuma obra do acaso. Os germanos descendem de um povo antiquíssimo, que por primeiro recebeu a revelação da existência de um grande e único Criador, e agora, no fechamento do ciclo de todo o existir, deveriam ter constituído a ancoragem para a transmissão da última Mensagem proveniente da Luz. O significado original da palavra *germânico* é: aquilo que é genuíno, puro, verdadeiro. Eram essas as qualidades que se esperava desse povo na época da vinda do Filho do Homem… Vários espíritos preparados atuaram nesse grupo humano, a fim de aparelhá-lo para sua missão nos últimos tempos, dentre os quais, Lutero. Além de ter contribuído para a eliminação dos dialetos então existentes na língua alemã, o Reformador também deu uma sacudida prévia nos germanos com seu "Apelo à Nobreza da Nação Alemã", de 1520, onde procurou lhes abrir os olhos contra os desmandos da Igreja na época. Referindo a seus patrícios alemães, o teólogo Schleiermacher dirigiu-lhes a seguinte exortação no início do século XIX: "Não é uma predileção cega pelo chão pátrio ou pelos que comigo compartilham constituição e língua que me faz falar assim, e sim a convicção interior de que vocês são os únicos capazes e portanto também dignos de que lhes seja estimulado o sentido para coisas sagradas e divinas."

No início do século XVI surgiu uma obra de um autor anônimo alemão intitulada O Livro dos Cem Capítulos. O historiador Jean Delumeau se deu ao enorme trabalho de organizar o texto, segundo ele bastante confuso. O foco é o anúncio de uma vingança divina em razão do desregramento religioso, moral e social que imperam na Terra. O texto descreve a vinda de um rei que restauraria a justiça, após um período de grande sofrimento, com desordem dos elementos, grandes tremores de terra e epidemias. O autor afirma que "ele será muito sábio e rigoroso em seus julgamentos", e que "Deus lhe concederá a coroa que dá o poder de submeter o mundo inteiro". Esse rei salvador iria regenerar e pacificar toda a Terra e estabelecer o milênio de felicidade.

Na época contemporânea, destacam-se certas frases de Jakob Lorber (1800-1864). São bastante significativas as passagens a seguir, extraídas de suas obras, sobre os acontecimentos concernentes ao Juízo Final: "E logo chegará a hora em que a estrutura social de sua sociedade, que vocês julgam eterna, desmoronará. (…) Horríveis cataclismos acontecerão, calamidades nunca vistas assolarão o planeta. Acidentes, doenças e catástrofes naturais precederão a grande destruição, e serão as últimas tentativas de salvação do que pode ser salvo. (…) O desenvolvimento dos acontecimentos não se dará de maneira abrupta, de uma só vez, mas sim gradativamente, como o verão transforma-se em outono e o outono em inverno. Ocorrerão grandes terremotos na Terra e tempestades no mar. Em muitas regiões o mar engolirá a costa e os homens ficarão apavorados, pensando nos desastres que ainda assolarão a Terra. (…) Muitos sinais nos céus e muitos videntes e profetas avisarão os seres humanos, mas poucos ligarão. (…) E assim vocês têm avisos e profecias mais do que suficientes."

Fundamentações Escriturísticas e Apócrifas

Conforme seria de se esperar num assunto de tamanha importância, as Escrituras do Antigo Testamento da Bíblia e sua literatura colateral – os textos apócrifos – também trazem muitas indicações valiosas a respeito do advento do Filho do Homem e sua missão.

O tempo do Juízo Final desencadeado pelo Filho do Homem é o terrível Dia de negror da colheita final, que mostra nitidamente a escuridão espiritual em que medra o ser humano por culpa própria: "Será Dia de trevas e escuridão, Dia de nuvens e negrume" (Jl2:2), "Dia nublado e tenebroso" (Sf1:15). A humanidade estará vivendo nesse período do fim totalmente mergulhada nas trevas. Será o tempo em que Deus esconde dela o Seu semblante: "Lembra-te da cólera nos dias do fim, do castigo, quando Deus afastar Sua face" (Eclo18:24); "Quando clamarem ao Senhor, este não lhes responderá; esconderá deles a face naquele tempo, por causa dos crimes que cometeram" (Mq3:4); "Disse o Senhor a Moisés: Esconderei, pois, certamente, o rosto naquele Dia, por todo o mal que tiverem feito, por se haverem tornado a outros deuses. Esconderei deles a Minha face" (Dt31:16,18;32:20). O Senhor deixa a humanidade entregue às trevas formadas por ela própria com tanto afinco, e o resultado disso é o pavor: "Escondes Tua face e eles se apavoram" (Sl104:29).

Vamos, pois, examinar inicialmente alguns textos escriturísticos que abordam o tema.

Comecemos com o livro de Isaías, cujo nome tem o sentido de "salvação de Yahweh". Ali se encontram várias passagens sobre o desencadeamento do Juízo Final pela atuação do Filho do Homem. Numa delas ele é chamado de Espírito de Justiça e Espírito Purificador:

> *"Quando o Senhor lavar a imundície das filhas de Sião, e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o Espírito de Justiça e com o Espírito Purificador."*
>
> *(Is4:4)*

O profeta dá um exemplo do que está reservado à Terra no Juízo pela mão do Filho do Homem, designado agora de Senhor dos Exércitos:

> *"Com a Ira do Senhor dos Exércitos, incendiou-se a Terra, e o povo virou lenha desse fogo."*
>
> *(Is9:18)*

Na passagem a seguir, Isaías dá vários qualificativos para o Espírito do Senhor, que "repousa" sobre o Juiz, e de sua atuação no Juízo. Não é difícil interpretar essas palavras se tivermos em mente que o Juiz é o próprio Espírito Santo. As alusões à "vara de sua boca" e ao "sopro dos seus lábios" indicam a Palavra que julga:

> *"Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. (...) Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da Terra; ferirá a Terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso."*
>
> *(Is11:2-4)*

Isaías diz que a Justiça e a Verdade estarão indissoluvelmente associadas ao Filho do Homem:

> *"A Justiça será o cinto que ele usa, a Verdade o cinturão que ele não deixa."*
>
> *(Is11:5)*

Isaías e Miquéias afirmam que, no fim dos tempos, o Filho do Homem habitará numa montanha, onde edificará um Templo, e que para lá acorrerão os povos em busca de reconhecimento espiritual. A altura da montanha deve ser entendida sob um significado espiritual, pois enquanto ele estivesse lá ela seria o local de onde afluiria o verdadeiro conhecimento das leis de Deus, o ponto culminante e mais importante para a humanidade:

> *"Acontecerá, nos últimos tempos, que a montanha da Casa do Senhor estará plantada bem firme, será a mais alta de todas e dominará sobre as colinas. Acorrerão a ela todas as gentes, virão muitos povos e dirão: 'Vinde! Vamos subir à montanha do Senhor! Vamos ao Templo do Deus de Jacó. Ele*

nos ensinará seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas.' (...) Ele julgará as nações e dará as suas leis a muitos povos. (...) 'Vinde, vamos caminhar à Luz do Senhor!' (...) Assim diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos: (...) 'Ninguém fará mal, ninguém pensará em prejudicar, na minha santa montanha.' Pois a Terra está repleta do conhecimento do Senhor, assim como as águas enchem o mar."

(Is2:2-5; 10:24;11:9; Mq4:1-3)

O rei Davi pergunta: "Quem poderá subir à montanha do Senhor e apresentar-se no seu Santuário?" (Sl24:3). E ele mesmo dá a resposta: "O que tem as mãos inocentes e o coração limpo, o que não ergue o espírito para coisas vãs nem jura pelo que é falso" (Sl24:4).

O livro do Apocalipse mostra que as alocuções do Filho do Homem, o Espírito Santo, Princípio da Criação de Deus, serão, como não poderia de outro modo, plenas de Amor severo, repreendendo e exortando os ouvintes à movimentação do espírito:

"Assim fala a Testemunha Fiel e Verdadeira, o Princípio da Criação de Deus: (...) 'Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Esforça-te, pois, e converte-te.' (...) Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz."

(Ap3:14,19,22)

Voltando a Isaías, vemos outras indicações claras sobre a época do Juízo Final, denominado Dia do Senhor, decorrente da atuação do Filho do Homem – o Senhor dos Exércitos:

"Está decidida a destruição que fará transbordar a Justiça, e decidido assim o extermínio; o Senhor Deus de todo o poder o executará no meio da Terra toda. (...) Estremecei, porque o Dia do Senhor está perto, virá como açoite do Todo-Poderoso. Eis que vem o Dia do Senhor, Dia cruel, com Ira e ardente furor, para converter a Terra em assolação, e dela destruir os pecadores. Portanto, farei estremecer os céus, e a Terra será sacudida do seu lugar, por causa da Ira do Senhor dos Exércitos, e por causa do Dia do seu ardente furor. (...) Porque Dia de alvoroço, de atropelamento e confusão é este da parte do Senhor, o Senhor dos Exércitos, no vale da visão: um derrubar de muros e clamor que vai até aos montes. (...) A Terra será toda arrasada, a Terra será sacudida violentamente, a Terra será fortemente abalada. A Terra cambaleará como um embriagado, ela oscilará como uma cabana. (...) Do Senhor dos Exércitos vem o castigo com trovões, com terremotos, grande estrondo, tufão de vento, tempestade e chamas devoradoras."

(Is10:23;13:6,9,13;22:5;24:19,20;29:6)

Quando o Senhor dos Exércitos tiver decidido o desencadeamento do Juízo, ninguém mais poderá impedir esse acontecimento:

"O Senhor dos Exércitos decidiu, quem mudará sua sentença? Sua mão está estendida, quem o fará retirá-la?"

(Is14:27)

Na sequência, vê-se que esse Senhor dos Exércitos, a quem "os clamores dos ceifeiros penetraram até os ouvidos" (Tg5:4), é o designado Espírito de Justiça mencionado anteriormente:

"Naquele dia o Senhor dos Exércitos será a coroa de glória e o formoso diadema para os restantes de seu povo; será o Espírito de Justiça para o que se assenta a julgar, e fortaleza para os que fazem recuar o assalto contra as portas."

(Is28:5,6)

Ele é o agente da indignação de Deus, prestes a cair sobre todas as nações:

"A indignação do Senhor está a cair sobre todas as nações, e o seu furor sobre toda a milícia delas."

(Is34:2)

A partir do capítulo 56 do livro de Isaías aproximadamente, o texto está contaminado em algumas partes pelas inserções do chamado Trito-Isaías, de quem já falamos. Os trechos selecionados a seguir, porém, foram conservados íntegros do livro original do profeta, pois as palavras são verdadeiras. Na passagem abaixo, o Filho do Homem é chamado de Espírito do Senhor:

"Temerão, pois, o nome do Senhor desde o poente, e a sua glória desde o nascente do Sol; pois virá como torrente impetuosa, impelida pelo Espírito do Senhor."

(Is59:19)

Na sequência, o Filho do Homem é chamado de Espírito Santo e atua pessoalmente contra os pecadores. Essa é a designação mais conhecida dos cristãos, que já há muito têm conhecimento da Trindade divina ou Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo:

"Mas eles foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo, pelo que se lhes tornou em inimigo, e ele mesmo pelejou contra eles."

(Is63:10)

Mais uma passagem clara sobre o Juízo Final pode ser observada no trecho a seguir:

"Porque, eis que o Senhor virá em fogo, e os seus carros como um torvelinho, para tornar a sua Ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo, porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em Juízo com toda a carne; e serão muitos os mortos da parte do Senhor."

(Is66:15,16)

Vejamos agora as indicações do profeta Jeremias, cujo nome tem o significado de "o Senhor funda", ou "o Senhor estabelece". Ele também falou da atuação do Filho do Homem no Juízo Final, chamado de Senhor-Nossa-Justiça e de Senhor dos Exércitos:

"Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei um Renovo justo, e rei que é, reinará e agirá sabiamente, e executará o Juízo e a Justiça na Terra. (...) E o nome que lhe darão será Senhor-Nossa-Justiça!"

(Jr23:5,6)

"Estende-se o tumulto até os confins do mundo, pois que o Senhor está em litígio com as nações. Entra em processo contra toda a carne. (...) Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: Eis que o flagelo vai estender-se de nação em nação. E dos confins da Terra vai desencadear-se violenta tempestade. Aqueles que o Senhor nesse Dia tiver atingido, de uma à outra extremidade da Terra, não serão chorados, nem recolhidos e sepultados, jazendo no solo qual esterco."

(Jr25:31-33)

A seguir, um quadro do fim do Juízo transmitido pelo mesmo Jeremias, relativo ao início do Reino do Milênio na Terra:

"Olhei para a Terra e ela havia se transformado em total confusão, completamente vazia. Olhei para os céus e estavam na mais completa escuridão. Olhei para as montanhas e elas tremiam; olhei para os morros e eles estavam sendo sacudidos. Olhei em volta procurando alguém, mas todos os homens haviam desaparecido; no céu não havia uma ave sequer; todas haviam fugido. Os vales de terra boa e produtiva haviam-se transformado em desertos; todas as cidades haviam sido derrubadas diante da presença do Senhor, por causa da Sua Ira, que queimava como fogo. A promessa de destruição feita pelo Senhor é para toda a Terra."

(Jr4:23-27)

Uma promessa de destruição que, tal como a prevista por Jesus para o Templo dos cambistas, não iria deixar "pedra sobre pedra" de toda a obra humana torcida: "Não ficará pedra sobre pedra. Tudo será destruído!" (Mc13:2). Essa situação de destruição generalizada só não amedrontará os poucos que nesse tempo estiverem firmes na Palavra do Senhor, que trouxerem em si a convicção de que nada pode acontecer sem a condução da Vontade divina. Terremotos, inundações, erupções, regiões inteiras destruídas... haja o que houver, nada poderá apavorá-los. O salmista expressou essa mesma confiança inabalável com os versos: "Deus é nosso refúgio e nossa força, um socorro sempre alerta nos perigos. E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no meio do mar; se as águas do mar estrondam e fervem, e com sua fúria estremecem os montes" (Sl46:2-4).

No livro do profeta Ezequiel também há muitas referências ao Filho do Homem e sua atuação como Juiz. Mas quando se lê a versão que chegou até nós, temos a impressão de que o Filho do Homem

seria o próprio profeta, o que não é correto, pois a função de Ezequiel, cujo nome significa "fortalecido por Deus", era naturalmente a de atuar como um porta-voz, um anunciador da Vontade do Senhor na Terra, e não como o próprio executante de Sua Justiça. Um leitor atento encontrará a confirmação disso nessa transcrição de um dito do Senhor no livro: "Ezequiel servirá para vós de *sinal:* fareis exatamente o que ele fez" (Ez24:24). De "sinal", ou seja, de exemplo de conduta, e não como o próprio Juiz. Em sua obra Os Livros Proféticos, o professor Abrego de Lacy, traduz com maestria o epíteto dirigido a Ezequiel como "Filho de Adão", e não como Filho do Homem. Feita essa ressalva, vejamos então algumas passagens desse livro referentes à atuação do Filho do Homem:

"Assim fala o Senhor Yahweh: o fim chegou! O fim para os quatro cantos da Terra. (...) Eis que a desgraça chegou, uma desgraça sem igual. Chegou o fim; ele desperta contra ti, ei-lo que chega! Chegou a tua vez, sim, para ti, habitante da Terra. O tempo está chegando, o Dia está próximo. Será a ruína e não mais os júbilos nos montes. Agora mesmo, dentro de um instante derramarei a minha Ira sobre ti e satisfarei em ti a minha cólera. Com efeito, hei de julgar-te segundo o teu comportamento, e farei vir sobre ti todas as tuas abominações. O meu olhar não se compadecerá; eu não pouparei, antes pagar-te-ei de acordo com o teu comportamento."

(Ez7:2,5-9)

Ezequiel descreve dessa maneira o aspecto do Filho do Homem:

"Então olhei e vi uma figura com aspecto de Homem. Do que parecia ser a cintura para baixo, era de fogo. Da cintura para cima, era como se houvesse uma claridade, como a do ouro brilhante."

(Ez8:2)

No trecho a seguir, fica claro que a maior parte dos seres humanos não reconheceria o Filho do Homem em sua Palavra:

"Filho do Homem, tu habitas no meio de uma casa de rebeldes, que têm olhos para ver, mas não veem, têm ouvidos para ouvir, mas não ouvem."

(Ez12:2)

As passagens seguintes destacam o desencadeamento do Juízo através da figura da espada, o gládio julgador do Filho do Homem:

"Assim diz o Senhor: Uma espada, uma espada foi afiada e bem polida! Para fazer carnificina, foi afiada, para lançar lampejos fulgurantes, foi polida."

(Ez21:13-15)

"Quanto a ti, Filho do Homem, profetiza, bate palmas para advertir! Que a espada se duplique, se triplique! É a espada do extermínio. A grande espada do massacre, que os cerca, para que desfaleçam os corações e sejam numerosas as vítimas. Junto de todas as portas coloquei a espada da chacina, feita para cintilar, polida para massacrar. Dá estocadas à direita, vira à esquerda, para onde quer que te voltares!"

(Ez21:19-21)

"Uma espada, uma espada foi desembainhada para a chacina, polida para o extermínio, para cintilar como raio, enquanto a teu respeito tinham visões falsas e adivinhações mentirosas para colocar a espada sobre a nuca dos infames e perversos, cujo Dia chegará na hora da liquidação de culpas."

(Ez21:33,34)

O livro da Sabedoria retrata dessa maneira a atuação do Filho do Homem como Juiz e Portador da Justiça divina:

"Vestirá a Justiça como couraça, como elmo porá o Julgamento inapelável, como escudo sobraçará a santidade invencível e, como espada, afiará a sua Ira implacável. O universo inteiro estará ao seu lado, combatendo os insensatos."

(Sb5:18-20)

Essa indicação do universo inteiro combatendo ao lado do Filho do Homem indica as forças enteálicas sob seu comando, conforme indicado na passagem a seguir com a designação "Criação":

> *"A Criação, pronta a servir a Ti, seu Autor, se retesa para o castigo dos injustos mas se distende para o bem dos que confiaram em Ti."*
>
> *(Sb16:24)*

O livro de Eclesiástico exorta sobre a premência da conversão, para o ser humano não ser aniquilado no Dia do Castigo:

> *"Volta ao Senhor sem demora e não adies de um dia para outro, pois a cólera do Senhor vem de repente e serás aniquilado no Dia do Castigo."*
>
> *(Eclo5:7)*

O Filho do Homem, como Rei da Criação, também foi anunciado pelo profeta Daniel. O nome Daniel significa "Deus é meu Juiz". O profeta afirma que o Filho do Homem foi levado diante do Criador, chamado "Antigo de Dias", o qual lhe deu um domínio eterno e um reino que jamais será destruído:

> *"Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Antigo de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído."*
>
> *(Dn7:13,14)*

Daniel diz que o tempo do Juízo será de uma desolação como jamais se viu, e da qual subsistirá somente quem tiver seu nome inscrito no Livro da Vida:

> *"Será uma época de tal desolação, como jamais houve igual desde que as nações existem até aquele momento. Só escapará, então, quem for do Teu povo, quem tiver seu nome inscrito no Livro."*
>
> *(Dn12:1)*

O profeta Malaquias, cujo nome significa "Meu mensageiro", se perguntava quem poderia suportar o Dia do Filho do Homem, quem conseguiria se manter de pé diante dele e de sua atuação purificadora, que como o fogo do fundidor separa o refugo do metal puro (joio separado do trigo):

> *"De repente, ele entrará no seu Templo, o Senhor que vós procurais, o Anjo da Aliança que vós desejais; ei-lo que vem, diz o Senhor de todo poder. Quem suportará o Dia da sua chegada? Quem se manterá em pé à sua aparição? Pois ele é como o fogo do fundidor, como a lixívia dos lavadeiros."*
>
> *(Ml3:2)*

Malaquias ainda retratou dessa maneira a chegada desse Dia e a promessa do Senhor dos Exércitos aos seus:

> *"Eis que vem um Dia abrasador como uma fornalha. Todos os soberbos e todos os que cometem a iniquidade serão como a palha; este Dia que vai chegar os queimará – diz o Senhor dos Exércitos – e nada ficará deles: nem raiz nem ramos. Mas, para vós que respeitais o meu nome, brilhará o Sol da Justiça, trazendo a cura nos seus raios."*
>
> *(Ml3:19,20)*

Novamente aparece a figura de um Livro no qual estão registrados os que pertencem ao Senhor:

> *"Diante dele foi escrito o Livro que conserva a memória daqueles que temem o Senhor e respeitam o Seu nome. Eles serão meus no dia em que eu agir – diz o Senhor dos Exércitos. Terei compaixão deles como um pai se compadece do filho que o serve. Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que não serve."*
>
> *(Ml3:16-18)*

O profeta Miquéias, por sua vez, é porta-voz de uma advertência para a Terra inteira e todos os povos, sobre as grandes catástrofes que se efetivam à passagem do Senhor. O nome Miquéias deriva do hebraico *Michayahu* que significa literalmente: "Quem é como Yahweh?" É bastante significativa, no livro de Miquéias, a indicação de que o Senhor irá sair da sua morada para pisar na Terra. O profeta refere-se aí à Vontade de Deus personificada, o Filho do Homem:

> *"Povos, ouvi todos! Esteja atenta a Terra e tudo o que ela contém! O Senhor Deus vai testemunhar contra vós, o Senhor desde o seu santo Templo. O Senhor vai sair da sua morada, vai descer e pisar as alturas da Terra. À sua passagem fundem-se os montes, e os vales derretem-se como cera diante do fogo, como as águas que escorrem por uma encosta."*
>
> *(Mq1:2-4)*

O Livro de Enoch, que vou abordar em detalhes logo mais, fala igualmente que nesse tempo "os picos mais elevados desabarão, derretendo-se como cera ao fogo". O profeta Daniel e o salmista reforçam essa imagem espiritual da atuação ígnea do Juiz: "De diante dele sai um rio de fogo" (Dn7:10), "Um fogo vai à sua frente e devora os inimigos que o cercam (Sl97:3). A imagem da Terra abalada e derretendo-se pela ação do Filho do Homem também aparece no Saltério:

> *"Então a Terra balançou e tremeu; vacilaram as bases dos montes, balançaram por causa da sua Ira. Nações rugiram, reinos se abalaram; ele ergueu a voz, e a Terra derreteu-se."*
>
> *(Sl18:8;46:7)*

O profeta Amós prevê alterações extraordinárias na mecânica celeste durante o Dia do Senhor, que são os efeitos da mudança da órbita da Terra (a longa noite cósmica):

> *"Sucederá que, naquele Dia, diz o Senhor, farei que o Sol se ponha ao meio-dia e a Terra se entenebreça em dia claro."*
>
> *(Am8:9).*

E diz que para obtermos a vida eterna e poder ter efetivamente o Filho do Homem ao nosso lado nessa época, é preciso escolher o bem:

> *"Procurai o bem e não o mal para poderdes viver, e para que assim, como dizeis, o Senhor dos Exércitos esteja do vosso lado."*
>
> *(Am5:14)*

Em algum ponto do século VIII a.C., o profeta Oséias vaticinou sobre a abertura do processo do Juízo contra os seres humanos terrenos:

> *"Yahweh vai abrir um processo contra os habitantes da Terra, porque não há fidelidade nem amor, nem conhecimento de Deus na Terra."*
>
> *(Os4:1).*

Em meados do século VII a.C. o profeta Joel também escreveu sobre o Dia do Senhor. O nome Joel significa simplesmente "Yahweh é Deus". Diz o profeta em seu livro:

> *"Ai, que Dia! O Dia do Senhor, com efeito, está próximo, e vem como um furacão desencadeado pelo Todo-Poderoso. (...) Estremeçam todos os habitantes da Terra, porque se aproxima o Dia do Senhor! Dia de trevas e escuridão, Dia de nuvens e sombras. O Dia do Senhor é grandioso e terrível. Quem o poderá suportar? (...) O Sol se transformará em trevas e a Lua em sangue quando vier o Dia do Senhor, grandioso e terrível."*
>
> *(Jl1:15;2:1,2,11;3:4).*

Por volta do final do século VII a.C., o profeta Habacuc descreveu o Filho do Homem e sua atuação no Juízo Final:

> *"A sua majestade cobre os céus e a sua glória enche a Terra. O seu esplendor é como a Luz, das suas mãos saem raios, está aí o segredo da sua força. Avança diante dele a calamidade, a febre caminha sobre os seus passos. Ele para e faz tremer a Terra, olha e faz trepidar as nações. Então*

desmoronam-se as montanhas eternas, desfazem-se as colinas antigas. (...) Na tua indignação marchas pela Terra, na tua ira calca aos pés as nações."

(Hab3:3-6,12)

Um pouco mais tarde, no século VI a.C., o profeta Sofonias, cujo nome significa algo como "o Senhor guarda", descreveu de uma maneira particularmente impressionante o Dia da Ira, ou Dia do Senhor:

"Vou destruir tudo sobre a face da Terra, diz o Senhor. (...) Cala-te diante do Senhor, porque o Dia do Senhor está perto (...). Castigarei também, naquele Dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores. (...) Eis que se aproxima o grande Dia do Senhor! Ele se aproxima rapidamente. Terrível é o ruído que faz o Dia do Senhor; o mais forte soltará gritos de amargura nesse Dia. Esse Dia será um Dia de Ira, Dia de angústia e de aflição, Dia de ruína e de devastação, Dia de trevas e escuridão, Dia de nuvens e de névoas espessas, Dia de trombeta e de alarme, contra as cidades fortes e as torres elevadas. Mergulharei os homens na aflição, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor. Seu sangue será derramado como o pó, e suas entranhas como o lixo."

(Sf1:1,7,9,14-17).

Esses excertos de Sofonias serviram de inspiração na Idade Média para composição das muitas canções terrificadas e terrificantes sobre o Juízo, em especial a ira e a vingança do *dies irae, dies illa.*

Também no século VI a.C., o profeta Abdias, cujo nome significa "servo de Yahweh", escreveu o seguinte em seu livro, o mais curto dos textos proféticos do Antigo Testamento:

"Sim, próximo está o Dia do Senhor, Dia ameaçador para todas as nações."

(Ab15)

Nessa mesma época, o profeta Ageu transmitiu dessa maneira a atuação no Juízo Final desencadeado pelo Senhor dos Exércitos, o Filho do Homem:

"Assim diz o Senhor dos Exércitos: Daqui a pouco abalarei o céu, o mar e a terra firme."

(Ag2:6)

Ainda nesse mesmo período, o profeta Zacarias escreveu:

"Eis que vem o Dia do Senhor, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti."

(Zc14:1).

Sobre a atividade do Filho do Homem durante o Juízo, Zacarias apresenta a seguinte imagem:

"O Senhor será visto lutando contra eles, suas flechas saindo como raios; o Senhor Deus toca a trombeta, e avança o vendaval que vem do sul."

(Zc9:14)

O "toque de trombeta" indica os últimos avisos que chegam para a criatura humana no Juízo, para que acorde em tempo de seu sono espiritual e possa subsistir.

A sensação atual de medo, de culpa, de tempo se esgotando, não são delírios da mente. São sentimentos reais. Intuições provenientes do espírito, que pressente, sim, que *sabe* estar caminhando para o aniquilamento e que por isso clama por socorro. O desespero é apenas *aparentemente* infundado, porque sua causa não é reconhecível no corpo de matéria grosseira. Diz respeito àquilo que de mais terrível pode atingir o espírito humano: a extinção de sua autoconsciência, a morte espiritual, a condenação eterna. É contra isso, contra esse fim terrível no Juízo que a alma humana luta; daí os sentimentos de pavor e desespero.

É no íntimo de cada um que o Juízo se efetiva da forma mais dramática. Em nossa época, cada um de nós já está sendo atingido pelos raios julgadores do Juízo Final. Estamos vivendo o tempo em que a arrogância espiritual da criatura humana está sendo extirpada através do medo. Um medo atroz, imenso, que obriga o ser humano a prostrar-se de joelhos, totalmente vencido. *Assim* se cumprem as palavras do profeta Isaías: "A soberba dos homens será abatida e a arrogância humana será humilhada; só o Senhor

será exaltado naquele Dia. Porque o Dia do Senhor dos Exércitos será contra todos os arrogantes, contra todos os soberbos e presunçosos" (Is2:11,12). A respeito desse descomunal sentimento de medo na época do Juízo, diz Roselis von Sass em sua obra O Livro do Juízo Final:

> "Existe um sinal infalível de advertência, ou melhor dito, de alarme, que cada um deve mais cedo ou mais tarde sentir, queira ou não queira. E este é o medo. Esse medo não pode ser afastado com um sorriso, nem ser desmentido, pois ele é um sinal da época, um sinal do Juízo!
>
> A psicose do medo pesa hoje, com raras exceções, sobre toda a humanidade. Ela apodera-se de crentes e descrentes, de pobres e ricos, de materialistas e idealistas, de céticos e sacerdotes. Ela é também o motivo de os seres humanos estarem sempre como que em fuga de si mesmos, em fuga de seus próprios pensamentos e das deprimentes formas do medo.
>
> De onde vem agora esse medo que deixa estremecer os corações humanos, e que, como um fantasma de mil cabeças, gira em volta do globo terrestre?
>
> O medo provém dos próprios espíritos humanos. Ele é a voz acusadora da consciência, na qual se expressa a grande culpa contra Deus. E ele é também um som das trombetas do Juízo, que procura acordar os seres humanos, anunciando-lhes a sentença de Deus!"

Um som das trombetas do Juízo! As pessoas *precisam* acordar agora com esse som, elas *têm* de despertar e se movimentar espiritualmente para cima, *têm* de se esforçar em viver de acordo com a Verdade se quiserem subsistir no Juízo! Do contrário, elas mesmas se condenam:

> *"Se alguém escutar o toque da trombeta mas não lhe der atenção, e com isso for atingido pela espada, será responsável pela própria morte. Escutou o som da trombeta mas não deu atenção; é responsável pela própria morte. Se tivesse dado atenção, teria escapado com vida."*
>
> *(Ez33:4,5)*

Vejamos agora o livro do Apocalipse, o último do Novo Testamento, o qual trata exatamente do Juízo Final. Sua autoria é erroneamente atribuída ao evangelista João, mas já foi observado que o grego utilizado no texto é bastante diferente do de João. Houve até quem dissesse que o Apocalipse quase mereceria uma gramática específica, tal a quantidade de particularismos existentes… Já no século II, o bispo Dionísio apresentou vários argumentos contra a suposta autoria apostólica do Apocalipse, citando diferenças de estilo, vocabulário e expressões entre esse livro e as epístolas de João. De fato, em nenhum lugar do livro o autor diz ser um dos doze apóstolos, e até fala deles no pretérito (cf. Ap21:14). A vidente que recebeu as revelações do Apocalipse não conhecia a escrita, e por isso um adepto dos ensinamentos de Jesus anotou-as e passou-as adiante. Roselis von Sass diz que o nome da vidente, por seu próprio desejo, nunca foi mencionado, porque ela se considerava apenas um instrumento na mão de João Batista.

O Apocalipse afirma que o autor do livro é o "servo João" (Ap1:1), que "se encontrava na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus" (Ap1:9). Esse João não era o evangelista, e sim João Batista, que naquela época também não se encontrava num Patmos terrestre, mas numa região ainda mais elevada que o Paraíso, chamada Patmos, de onde recebeu a incumbência do Filho do Homem para transmitir as revelações para os sete Universos da parte material da Criação.

No 1º capítulo do livro, versículos 12 a 18, há uma descrição do Filho do Homem como Juiz. No entanto, o subtítulo comumente utilizado na apresentação desse trecho traz erroneamente os dizeres: "A visão de Jesus glorificado". Essa indicação já impede o reconhecimento daquele que aí é retratado, especialmente por parte de pessoas que não ousam pensar de modo diferente do que lhes é incutido por sua religião. Pior ainda é no final do livro, onde se lê: "Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Ap22:20). O texto grego original, porém, não fazia nenhuma alusão à vinda de Jesus. Apenas transpunha a fórmula aramaica *"Maraná ta",* que significa literalmente: "Senhor nosso, vem!". O Senhor aí anunciado é o Filho do Homem, Imanuel, e não Jesus, que obviamente também não disse nada parecido com "venho sem demora"… Aliás, passados mais de dezoito séculos desde a transmissão do Apocalipse, qualquer um já poderia ter constatado que esse venho-sem-demora nada mais é do que uma inserção espúria no texto original.

Dentre outros atributos, o Filho do Homem é chamado no Apocalipse de "o Santo, o Verdadeiro, Testemunha fiel e verdadeira, a Palavra de Deus" (cf. Ap3:7,14;19:13). A descrição do Filho do Homem como Juiz é a seguinte:

> *"Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a Filho do Homem, com vestes talares, e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o Sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém, ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas, eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mais eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno."*
>
> *(Ap1:12-18)*

Inicialmente, vemos que o Filho do Homem está no meio de *sete* candeeiros de ouro, e traz na mão direita *sete* estrelas. Ele é designado alegoricamente como "aquele que tem os *sete* espíritos de Deus" (Ap3:1), e concede essa explicação sobre os candeeiros e as estrelas: "As sete estrelas são os anjos das *sete* igrejas, e os sete candeeiros são as *sete* igrejas" (Ap1:20). Essas chamadas *sete igrejas* são, na realidade, os sete Universos que compõem a parte material da Criação: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia (cf. Ap1:10).

O fato de a Bíblia aludir às sete antigas congregações cristãs na Ásia, unidas por uma estrada circular, se deve ao fato de os tradutores terem relacionado esses nomes à Terra, com sua pequena capacidade de compreensão. Esse não é o único caso em que os seres humanos terrenos trouxeram para o planeta nomes relacionados a outras partes da Criação. O verdadeiro Olimpo, por exemplo, não é, como se supõe, o Monte Olimpo situado na Grécia, com seus 2.911 m de altitude, mas sim o ponto mais elevado da parte enteal da Criação, que se encontra acima da materialidade. Também a ilha de Patmos (cf. Ap1:9) não é a ilhota rochosa de mesmo nome situada no mar Egeu, distante menos de 240 km das sete congregações cristãs, mas sim, conforme dito, uma região situada acima do Paraíso, constituindo o primeiro degrau dos sete planos espírito-primordiais em sentido ascendente, de onde João Batista transmitiu o Apocalipse a uma vidente na Terra.

O planeta Terra e todos os bilhões de astros a nós visíveis pertencem ao sistema universal Éfeso[46]. Os sete anjos mencionados são os grandes regentes enteais de cada um dos sete Universos materiais. A Terra foi o primeiro planeta de Éfeso habitado por criaturas humanas. Por isso, a advertência do Filho do Homem a Éfeso reveste-se de especial gravidade para nós, seres humanos terrenos: "Converte-te e volta à tua prática inicial. Se, pelo contrário, não te converteres, virei e removerei o teu candelabro do seu lugar" (Ap2:5). Esse deslocamento do candelabro quer indicar uma renovação compulsória, de magnitude cósmica, onde nada do antigo poderá permanecer...

Sempre encontraremos essa divisão por *sete* onde age a *Vontade* de Deus, onde, portanto, se encontra a atuação do Filho do Homem, o Espírito Santo. O Gênesis diz que a Criação foi feita em *sete* dias de uma semana arquetípica. Na época dos reis de Israel, vemos que o Senhor reservou para Si *"sete* mil homens, os que não dobraram o joelho diante de Baal" (Rm11:4). Na explicação do sonho que o profeta Zacarias havia tido, o anjo diz que o candelabro com *sete* chamas são "os olhos do Senhor que percorrem toda a Terra" (cf. Zc4:10), indicando com isso Sua Vontade onipresente, que perflui toda a Criação e retribui a cada um segundo suas obras: "os olhos do Senhor estão em toda a parte, observando os maus e os bons" (Pv15:3). A Lei da Reciprocidade, com seus efeitos retroativos, pode realmente ser encarada como "o olhar do Senhor que percorre toda a Terra para ajudar os que estão com Ele de coração sincero" (2Cr16:9).

Continuando com o número sete, na visão de Daniel o povo teria de se regenerar dentro do prazo de "setenta *setes",* equivalente a setenta semanas (cf. Dn9:24). No Apocalipse, o livro na mão direita do Filho do Homem está "lacrado com *sete* selos" (Ap5:1), e "diante do trono do Senhor ardem *sete* lâmpadas de fogo" (Ap4:5). Há *"sete* anjos em pé diante de Deus, e lhes foram dadas *sete* trombetas"

[46] Para conhecer a vida no início do desenvolvimento espiritual humano na Terra, ver a obra Éfeso, publicada pela Editora Ordem do Graal na Terra.

(Ap8:2). Quando um anjo poderoso gritou, *"sete* trovões fizeram ouvir as suas vozes" (Ap10:3). A Ira de Deus estará consumada com as *"sete* últimas pragas" (Ap15:1), e "um dos quatro seres viventes entregou aos *sete* anjos *sete* taças de ouro, cheias do furor de Deus" (Ap15:7). Em todo o Apocalipse, o número sete aparece constantemente (cerca de meia centena de vezes) e o próprio livro se apresenta dividido em sete setenários: as cartas, os selos, as trombetas, os sinais do céu, as taças, as vozes, as visões do fim. O apócrifo 4Esdras, também de cunho apocalíptico e especialmente voltado para tudo o que se relaciona com o Filho do Homem, fala da existência de *"sete* altas montanhas, onde crescem rosas e lírios"... (4Esd2:19). O Paraíso é, de fato, constituído de sete esferas ou mundos, assim como a parte material da Criação é constituída de sete universos.

O número sete também aparece no Corão, em conexão com o ato criador divino. Na 2ª surata, versículo 2, lemos que o Criador "fez, ordenadamente, *sete* céus, porque é Onisciente". Ele também é chamado de "Senhor dos *sete* céus" (23ª surata – vers. 86), Aquele que criou os *"sete* firmamentos" (65ª surata – vers. 12), ou que criou os *"sete* céus sobrepostos" (67ª surata – vers. 3). A Vontade criadora de Deus aparece, portanto, relacionada ao número sete nesses versículos do livro sagrado do Islamismo.

Na matéria grosseira da Terra observamos resquícios da importância do número sete em algumas coisas, como a escala musical de sete notas e a refração da luz nas sete cores do arco-íris.

Retomando o tema principal, a mencionada espada afiada na boca do Filho do Homem é a sua *Palavra,* a "espada do Espírito que é a Palavra de Deus" (Ef6:17), a qual traz o Juízo para a humanidade: "A Palavra de Deus é viva, eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, junturas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração" (Hb4:12). Tudo quanto está latente na Criação, ou mesmo escondido, será iluminado por essa Palavra do Filho do Homem: "Não há criatura que se lhe esquive à vista, a seus olhos tudo está desnudo, tudo subjugado por seu olhar. A ela é que devemos prestar contas" (Hb4:13).

Essa indicação da Palavra que julga é também muito clara nesse outro trecho do Apocalipse:

> *"E vi a besta e os reis da Terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes."*
>
> *(Ap19:19-21)*

Aquele que está montado no cavalo (Filho do Homem) julga o mundo através da espada que sai de sua boca (a Palavra). A Palavra que julga é, porém, ao mesmo tempo, a Palavra da Salvação. Quem desejar viver segundo a Palavra, isto é, viver em conformidade com a Vontade de Deus, ou o que vem a dar no mesmo, de acordo com as leis da Criação, este encontrará a salvação através do *próprio esforço* em ascender espiritualmente. Mas os que recusarem a Palavra, último auxílio de Deus à humanidade, ou que se mostrarem indiferentes em relação a ela, condenam-se a si mesmos no Juízo. Estes últimos se juntarão àqueles que "recebem a marca da besta", isto é, os que têm gravado na testa de suas almas o estigma de Lúcifer, na forma de um X.

No trecho a seguir, o Juízo Final desencadeado pelo Filho do Homem está nitidamente expresso na imagem de uma colheita:

> *"Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do Homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da Terra já secou. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a Terra, e a Terra foi ceifada."*
>
> *(Ap14:14-16)*

Logo em seguida à descrição dos 144 mil eleitos, um anjo anuncia o Juízo juntamente com uma nova revelação para a humanidade, a Palavra da Verdade. Esse anjo proclama a existência de "um Evangelho Eterno a todos que habitam sobre a Terra" (Ap14:6), e anuncia que com isso também é chegado o tempo do Julgamento para os seres humanos:

"Temei a Deus e rendei-Lhe glória, pois ela chegou, a hora do seu Julgamento."

(Ap14:7)

Abaixo, uma outra visão do Filho do Homem e da Palavra que julga – a *espada afiada* que sai de sua boca. Nesse trecho, o Filho do Homem é chamado de Fiel e Verdadeiro, Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Verbo de Deus:

"Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece senão ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro, e pessoalmente pisa o lagar do vinho do furor da Ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES."

(Ap19:11-16)

O livro diz que a besta, juntamente com dez reis, lutarão contra o Filho do Homem no Juízo, e serão vencidos por ele e pelos que estiverem ao seu lado nessa época de contenda:

"Ele os vencerá, pois é SENHOR DOS SENHORES E REI DOS REIS, e com ele vencerão também os convocados, os eleitos e os fiéis."

(Ap17:14)

A passagem a seguir indica que o Filho do Homem, a Vontade de Deus, tudo renova com o Juízo; ele é o Alfa e o Ômega, a origem e o fim de toda a Criação, e tudo se julga nele. A fonte da água viva é a sua Palavra, que não apenas traz o Julgamento mas também salva aquele cujo espírito tem sede de vida eterna:

"Eu sou o Alfa e o Ômega, aquele que é, o que era e que há de vir. (...) Eis que faço novas todas as coisas! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte da água viva."

(Ap1:8;21:5,6)

Na passagem abaixo, temos um vislumbre do pavor que tomará conta das pessoas na última fase do Juízo, particularmente daqueles que se julgavam protegidos e intocáveis com seus poderes terrenais:

"Os reis da Terra, os grandes, os chefes, os ricos, os poderosos, todos, tanto escravos como livres, esconderam-se nas cavernas e grutas das montanhas. E diziam às montanhas e aos rochedos: 'Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que está sentado no trono da Ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da sua Ira, e quem poderá subsistir?"

(Ap6:15-17)

O Dia da Ira é a chamada grande tribulação (cf. Ap7:14) ou tribulações, a época do Juízo Final, que se encontra em plena efetivação. A esse respeito, é oportuno citar a interpretação de Rinaldo Fabris: "O termo 'tribulações' refere-se aos sofrimentos do tempo final, ou seja, as tribulações que afligem inclusive os justos e os fiéis e que prenunciam a irrupção do reino e do Julgamento de Deus."

Naturalmente, nenhum verdadeiro justo ou verdadeiro fiel pode ser atribulado se ele mesmo não tiver dado causa para isso. Tudo quanto atinge a humanidade de hoje e cada um individualmente é, sim, efeito retroativo, consequência de nossa nefasta atuação no passado e também no presente. Quer se trate de destruições provocadas por catástrofes da natureza ou alterações climáticas, descalabro econômico ou degenerescência moral, doenças terríveis ou crises de pânico, violência ou depressão, tudo é efeito do aceleramento desse retorno cármico coletivo, que traz de volta o mal semeado outrora, sempre na medida exata da contribuição de cada um, tanto na forma como no conteúdo, de modo que "cada um é punido por aquilo que peca" (Sb11:16).

Essa contingência de incondicional reciprocidade é a chave para a compreensão do processo de anunciação das grandes profecias dos tempos antigos. Assim como um astrônomo pode prever quando

e como ocorrerá um eclipse do Sol, visto que conhece as leis da mecânica celeste e sabe que elas são imutáveis, o conhecimento das leis universais da Criação, igualmente imutáveis, permite saber de antemão o que aguarda a humanidade como um todo no futuro, em decorrência de seu comportamento anterior. Desse modo, já há muito pôde ser previsto pela Luz o que os seres humanos da época atual teriam de enfrentar, em decorrência de sua própria atuação malévola de outrora. Daí se originaram as grandes revelações na forma de imagens. Esses agraciados foram instrumentos da Luz, utilizados para transmitir essas mensagens tão importantes, porém não eram "divinamente inspirados" nem foram "possuídos pelo Espírito Santo" para cumprir suas missões. Eram convocados, porém pessoas normais. Um astrônomo que vaticinasse a ocorrência de um grande eclipse junto a uma tribo de índios selvagens também seria considerado por eles como um "ser divino" ou algo semelhante, porque esses silvícolas não conhecem as leis nas quais o astrônomo se baseou para fazer sua previsão.

Agora, as testemunhas apócrifas. Conforme já dito, além dos textos das Escrituras veterotestamentárias, há várias outras menções sobre o Filho do Homem e o Juízo Final nos assim chamados livros apócrifos, que não constam da atual versão da Bíblia.

Maria Helena de Oliveira Tricca, compiladora da obra Apócrifos – Os Proscritos da Bíblia, diz: "Muitos dos chamados textos apócrifos já fizeram parte da Bíblia, mas ao longo dos sucessivos concílios acabaram sendo eliminados. Houve os que depois viriam a ser beneficiados por uma reconsideração e tornariam a partilhar o Livro dos Livros. Exemplos: o Livro da Sabedoria, atribuído a Salomão, o Eclesiástico ou Sirac, as Odes de Salomão, o Tobit ou Livro de Tobias, o Livro dos Macabeus e outros mais. A maioria ficou definitivamente fora, como o famoso Livro de Enoch, o Livro da Ascensão de Isaías e os Livros III e IV dos Macabeus."

É difícil entender que uma Palavra divina possa ser alterada assim tão fácil e impunemente por mãos humanas, que seus textos possam ficar na dependência de serem julgados bons ou maus, canônicos ou não, por juízes e dignitários eclesiásticos. Além disso, há menções a certos livros apócrifos, e mesmos trechos destes, nos próprios textos canônicos! Se os livros canônicos são inspirados, autênticos e infalíveis, então as citações que neles aparecem de alguns escritos apócrifos também legitimam necessariamente esses últimos. O caso mais interessante é o do Livro de Enoch, mas há outros.

Por exemplo: a conhecida expressão "muitos são chamados, mas poucos escolhidos" [*Multi sunt vocati, pauci vero electi*] (cf. Mt20:16;22:14) foi retirada do livro apócrifo 4Esdras, onde aparece por três vezes. Nesse livro, que tal como o Apocalipse de Baruc foi escrito na mesma época do canônico Apocalipse de João, há uma passagem em que se nota uma nítida semelhança com o Filho do Homem citado no Livro de Enoch. Trata-se da sexta visão, descrita dessa forma por L. Rost em sua obra Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudoepígrafos: "A sexta visão mostra um ser semelhante ao homem, que surge do meio do mar e luta sobre as nuvens – à frente de um grande exército e com torrentes de fogo – contra os seus inimigos, até que estes se convertam em fumo e pó." Este homem acaba então reduzindo a cinzas, com *o fogo de sua boca* (a Palavra julgadora), uma multidão que o combate:

> *"Eu vi, repara, esse Homem voou sobre as nuvens. E para onde virava o olhar, aí tremia tudo o que ele avistava. (...) E repara, quando viu o assalto da multidão, ele não ergueu a mão, não sacou da espada, nem de outra arma; vi apenas como ele expelia de sua boca algo como ondas de fogo, e de seus lábios um sopro flamejante. Isso caiu sobre a multidão afluente que estava preparada para o combate, e incendiou tudo, de modo que subitamente nada mais se via da multidão inumerável além de cinzas e cheiro de fumaça."*
>
> *(4Esd13:2,3,9-11)*

No trecho abaixo, extraído desse mesmo livro 4Esdras, aparecem as condições reinantes na tribulação, época relacionada ao Filho do Homem:

> *"Chegam os dias em que o Altíssimo libertará os que habitam a Terra; a confusão apoderar-se-á deles, proporão fazer guerras entre si, cidade contra cidade, nação contra nação e reino contra reino. Quando acontecerem essas coisas e se produzirem os sinais que vos anunciei, então será revelado meu Filho, aquele que viste como Homem surgindo do mar."*
>
> *(4Esd13:30-32)*

Nesse livro 4Esdras aparece distintamente a atividade do Messias ***e*** a do Filho do Homem, *uma após a outra…* O Filho do Homem é chamado textualmente de "Filho do Altíssimo" (4Esd13), sendo designado ainda como "o Ungido que o Altíssimo reserva para o fim". Por duas vezes Deus o chama de "Meu Filho".

É desconcertante o fato de esse livro ter sido considerado apócrifo, mesmo constando inicialmente do cânon de Jamnia (antiga cidade na fronteira de Judá). É desconcertante, visto trazer vários outros conceitos verdadeiros e muito importantes, como este: "Todo homem é responsável pela própria condenação eterna, e os justos não podem interceder em favor dos maus" (4Esd7:102-115). Nos antigos manuscritos da Vulgata, que ainda comportavam esse livro, um outro trecho, 4Esd8:36-105, foi simplesmente suprimido, porque descartava de modo explícito a ideia de "orações pelos mortos"… Os diálogos no livro sempre apresentam o pecado como a causa do mal no passado, no presente e no futuro, porque "o homem possui um coração mal", e ainda avisam que no Juízo "cada um arcará com a própria responsabilidade" (cf. 4Esd7:102-105). Cada qual é, portanto, o único responsável pela própria salvação, de acordo com o quarto livro de Esdras. Teria sido esse o motivo de o livro ter sido classificado pelo teólogo Boldenstein, no ano de 1520, como um dos livros "perigosos" dentre as duas categorias em que dividira os livros apócrifos: úteis e perigosos?… Sim, muito perigoso… para a indolência espiritual humana!

Outro ponto desconfortável abordado no livro 4Esdras é o do reduzido número de pessoas salvas: "Perecerão não uns poucos, mas quase todos os que foram criados" (4Esd7:48); "Muitos na verdade foram criados, mas poucos serão salvos" (4Esd8:3); "São mais numerosos os que se perdem do que os que se salvam, em tal proporção como o curso das águas é maior do que uma gota" (4Esd9:15). E a manifestação atribuída ao Senhor em relação a esse fato, também não se coaduna com a doce ilusão de um Amor condescendente que tudo perdoa: "Alegrar-me-ei com os poucos que se salvam; não me afligirei pela multidão que perecer" (4Esd7:61,62). O livro também diz que se cometermos pecado morreremos, uma morte do íntimo, do nosso "coração", deixando claro tratar-se da morte espiritual: "Nós que recebemos a Lei e pecamos, morreremos, assim como nosso coração que a recebeu" (4Esd9:37).

É uma lástima que esse livro não seja mais publicado, pois poderia dar um injeção de ânimo na mornidão das massas cristãs. Antes de ser sumariamente banido da Bíblia, 4Esdras era muito bem considerado entre os cristãos ativos de outrora, desfrutando de enorme popularidade na Igreja primitiva. Prova disso é a quantidade de idiomas em que foi traduzido: latim, siríaco, etíope, árabe, copta, armênio, georgiano…

Igualmente lastimável é que o Segundo Livro de Baruc também tenha sido carimbado de apócrifo, do contrário muita gente ficaria sabendo que "se o primeiro Adão pecou e trouxe a morte para todos os que ainda não existiam, todos os que dele nasceram, todavia, *prepararam para a própria alma os suplícios futuros;* (…) porque Adão não foi a causa única, sozinho; em relação a nós todos, *cada um é, para si mesmo, Adão"* (2Br54:15,19).

O apócrifo conhecido como Apocalipse de Abraão diz, no capítulo 29, que na última era do mundo haverá um Homem que reunirá os justos, trará o julgamento para os gentios e esperança para os outros; a ele se seguirão pragas terríveis. Nesse livro apócrifo também se discerne nitidamente a atuação do Juiz na última era da humanidade.

Outro livro apócrifo que aborda a vinda e a missão do Filho do Homem é o Salmos de Salomão. No capítulo 17, o autor roga ao Senhor para cingir o enviado com Sua força, para que ele (o Juiz) possa "esfacelar a substância dos pecadores com bastão de ferro, e aniquilar nações sem lei pela *Palavra de sua boca."* Uma outra passagem extremamente interessante desse mesmo capítulo é a seguinte:

> *"Com sua ameaça, o inimigo vai fugir de sua presença; e ele açoitará os pecadores pelos pensamentos dos corações destes."*
>
> *(SlSal7:26)*

O Juiz castigará os pecadores com os próprios pensamentos deles!… Essa visão da atuação do Juízo é absolutamente correta. Os pensamentos maus, desregrados, retornam agora no Juízo com toda a força sobre os geradores, muito robustecidos, efetivando-se correspondentemente. Outros trechos desse capítulo:

"[Ele] vai reunir um povo santo que conduzirá em Justiça. (...) Não permitirá que a injustiça continue a morar em seu meio, e nenhum homem que conheça o mal habitará entre eles. (...) Não haverá injustiça entre eles nos dias dele, pois todos serão santos, e seu rei é o Ungido do Senhor."

(SlSal7:27-30)

Esses eleitos referem-se a um povo que fora convocado para atuar no Juízo, como guia dos demais povos. O Filho do Homem é chamado de "Ungido do Senhor". É ele, pois, um dos dois Ungidos que já conhecemos do livro de Zacarias: *"os dois Ungidos,* que estão sempre de pé diante Daquele que é o Senhor da Terra inteira" (cf. Zc4:11-14). O outro Ungido do Senhor é Jesus, o Filho de Deus. Na tradição bíblica, o "Ungido" (*Messias* em hebraico e *Cristo* em grego) é aquele que recebe o sinal de uma missão divina.

O apócrifo Testamento dos Doze Patriarcas relata, com uma clareza ofuscante, o papel do Juiz no fim dos tempos:

"Saibas agora que o Senhor julgará os homens, e nesse momento as rochas se fenderão, o Sol se apagará, as águas secarão, o fogo gelará, toda criatura se angustiará e os espíritos invisíveis se desvanecerão. (...) O nome do Altíssimo será então exaltado, pois Deus, o Senhor, aparecerá sobre a Terra, para salvar pessoalmente os homens. Então serão esmagados todos os espíritos do erro. (...) Ele mesmo aparecerá na forma de um Homem, comendo e bebendo com os homens. E afogará a cabeça do dragão na água. (...) Ele acorrentará Belial, e dará aos seus filhos o poder de enfrentar os espíritos maus. (...) O próprio Deus se comunica, na forma humana. Dizei aos vossos filhos que sejam obedientes a ele!"

(3IV:1;2VI:2;3XVIII:4;10VII:2)

Numa outra passagem desse escrito, na parte referente ao "Testamento de Judá", lê-se o seguinte sobre o advento do Juiz e os que andarem ao seu lado:

"Depois disto se levantará em paz um astro da linhagem de Jacó e surgirá um Homem de minha semente como Sol justo, caminhando junto com os filhos dos homens em humildade e justiça, e não se encontrará nele nenhum pecado. Os céus se abrirão sobre ele para derramar as bênçãos do Espírito do Pai Santo. Ele mesmo derramará também o Espírito de graça sobre vós. Sereis seus filhos na Verdade e caminhareis pelo caminho de seus preceitos, os primeiros e os últimos."

(TestJud24:1-3)

O Livro Secreto de João diz que certas questões humanas importantes só se tornarão claras na época em que viver na Terra a "raça inalterável" (os salvos), cujo governante será o "Espírito da Vida" (Filho do Homem):

"[Serão reveladas] à raça inalterável, sobre a qual o Espírito da Vida descerá e habitará com poder. Eles alcançarão a salvação e se tornarão perfeitos. E eles se tornarão dignos de grandezas. E lá eles serão purificados de toda imperfeição e das angústias da maldade, estando ansiosos por nada, exceto pela incorruptibilidade, meditando daí em diante sobre isso sem raiva, inveja, má vontade, desejo ou insaciabilidade."

(LsJ25:18-30)

A chamada Revelação de Adão também fornece um quadro de como será a vida na Terra após o Juízo, dos seres humanos salvos:

Nada de abominável estará em seus corações, somente o conhecimento de Deus. Bem-aventuradas são as almas daquelas pessoas, pois tiveram conhecimento de Deus no conhecimento da Verdade. Elas viverão para todo o sempre!"

(RvA72:12;83:12-14)

O texto conhecido como Realidade dos Governantes traz um testemunho impressionante sobre a vinda do Filho do Homem e a vida após o Juízo. No texto, alguém pergunta quanto tempo ainda falta para que as pessoas sejam libertadas dos erros, e a resposta, dada por uma voz clara, é a seguinte:

Até o momento em que o verdadeiro ser humano, dentro de uma forma modelada, revele a existência do Espírito de Verdade, que o Pai mandou. Então este ser os instruirá sobre todas as coisas, e os ungirá com o unguento da vida eterna."

(Rg96:32)

Em seguida, a voz descreve como as pessoas se comportarão:

Então eles serão libertados de pensamentos cegos. E eles calcarão aos pés a morte. E eles ascenderão à Luz ilimitada. Então todos os filhos da Luz terão verdadeiramente conhecimento da Verdade, e do Pai da Totalidade e do Espírito Santo. Eles todos dirão a uma só voz: 'A Verdade do Pai é justa, e o Filho a preside à totalidade. E de cada um, por todos os séculos dos séculos, Santo, Santo, Santo!"

(Rg97:5,13-192)

Todas essas passagens são muito significativas. Contudo, de todos os apocalipses apócrifos, o mais claro, o mais explícito, o mais incisivo é, sem dúvida nenhuma, o Livro de Enoch. Esse livro era praticamente desconhecido até o século XVIII, à exceção de uns poucos fragmentos esparsos. Foi então que, no ano de 1773, o viajante inglês Bruce encontrou uma versão completa em versão etíope, a qual foi traduzida para o inglês em 1821, e a partir daí o interesse pelo texto naturalmente cresceu. Apesar de esse Livro de Enoch – escrito presumivelmente por volta de 110 a.C. (há quem estime o século III a.C.) – ser atualmente classificado de apócrifo, as evidências de sua legitimidade intrínseca são muitas, como veremos a seguir. Aliás, o livro só foi conservado íntegro em etíope justamente porque a Igreja da Etiópia o considerava canônico. Além da Igreja etíope, outros grupos cristãos manifestavam também clara tendência em reconhecer o caráter canônico do livro. O biblista John Mckenzie informa que o Livro de Enoch foi compilado por vários autores no século II a.C., tornando-se muito popular entre os cristãos nos três primeiros séculos da nossa era.

Observa-se inicialmente que Enoch, cujo nome significa "iniciado", e a quem o evangelista Lucas atribui a paternidade do célebre Matusalém (cf. Lc3:37; Gn5:21), gozava de grande prestígio nos tempos antigos. Na Epístola aos Hebreus, por exemplo, está dito que "Enoch obteve testemunho de haver agradado a Deus" (Hb11:5;). Quando chega a Enoch na lista que faz dos elogios aos homens ilustres, o autor do livro de Eclesiástico afirma que "Enoch agradou ao Senhor e foi arrebatado, exemplo de conversão para as gerações" (Eclo44:16), e que "ninguém na Terra foi semelhante a ele" (Eclo49:14). No Gênesis, Enoch é citado como aquele que "andou na presença de Deus, e a quem Ele tomou para Si" (Gn5:24). No original hebraico, a expressão literal é *caminhou com Deus,* cujo significado no Judaísmo antigo é "agiu de acordo com a Vontade de Deus".

Na comunidade de Qumran o Livro de Enoch também era considerado canônico. A popularidade que o livro desfrutava ali é atestada pelo grande número de cópias encontradas no conjunto dos Manuscritos do Mar Morto. A grande estima que o Livro de Enoch gozava na Antiguidade é confirmada por vários autores cristãos antigos, como: Clemente de Alexandria, Justino, Orígenes, etc. A mais antiga coletânea de textos do Antigo Testamento em grego, com idade atribuída ao século IV, descoberta em 1931 nas ruínas de uma igreja próxima de Mênfis, comportava várias partes do Livro de Enoch.

Vários pesquisadores também encontraram semelhanças muito grandes entre certos versículos dos Evangelhos de Mateus e de Lucas e trechos do Livro de Enoch. O teólogo italiano Luigi Moraldi, especialista em Ciências Bíblicas e professor de hebraico e línguas semitas comparadas, assevera que a resposta que Jesus dá ao tema apresentado pelos saduceus da mulher com sete maridos (cf. Lc20:27-33), tem como base justamente uma passagem do livro de Enoch, onde se diz que "a ressurreição será espiritual e que os justos ressuscitados serão como os anjos do céu". No livro deuterocanônico de Eclesiástico, o segundo versículo do primeiro capítulo, que trata do mistério da Sabedoria, aparece integralmente no livro de Enoch.

Por fim, cabe ressaltar que o autor, Enoch, é nominalmente citado e tem um trecho do seu livro reproduzido na epístola canônica de Judas, no Novo Testamento da Bíblia, o que de acordo com a própria concepção evangélica da *sola scriptura* o convalida insofismavelmente. Essa concepção é oriunda da doutrina denominada *autopistia* – autotestemunho bíblico – segundo a qual as Escrituras são plenamente suficientes para fundamentar sua própria autoridade, de modo que a Bíblia diz exatamente o que ela significa e significa o que ela diz. Quantas vezes não vemos estudiosos bíblicos justificarem essa ou

aquela passagem do Antigo Testamento com a alegação de que é citada por esse ou aquele autor do Novo Testamento? Não fazem isso até com o apócrifo Livro da Ascensão de Moisés, que tem um episódio seu citado na Epístola de Judas (cf. Jd9)? Essa prática faz parte do conceito que os reformadores chamavam de *scriptura scripturae interpres*, isto é, "as Escrituras interpretam as Escrituras". O trecho do Livro de Enoch reproduzido na Epístola de Judas, inclusive, alude ao Filho do Homem e ao Juízo Final:

> *"Quanto a estes foi que também profetizou Enoch, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer Juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios e pecadores proferiram contra ele."*
>
> *(Jd14,15)*

Segundo os pesquisadores, esse Judas, que não era o Iscariotes, poderia ser um dos meios-irmãos de Jesus (cf. Mt13:55; Mc6:3) e seguramente conhecia o apóstolo Pedro. Vamos então dar-lhe o crédito devido quanto à clara legitimidade que concede ao Livro de Enoch e examinar mais alguns trechos desse livro realmente valioso. Antes de mais nada é importante salientar que, no início do livro, fazendo referência a si mesmo e à época a que se refere suas visões, Enoch escreve: "Houve um varão justo, cujos olhos foram abertos por Deus, que teve visões santas e celestiais, visões que não são para essa geração, *mas para uma longínqua, que há de vir."* Essa geração longínqua que haveria de vir somos nós agora.

O texto a seguir foi transcrito da obra Cosmos, Caos e o Mundo que Virá, de Norman Cohn, e transcreve algumas passagens selecionadas do Livro de Enoch. Observa-se que é muito nítida a imagem de um Julgamento levado a efeito pelo Filho do Homem:

> *"Este chegará quando um número predeterminado de eleitos for alcançado. Então, o Senhor dos Espíritos tomará seu lugar no trono da glória, circundado pelas hostes angélicas e pela assembleia de anjos. Os 'livros dos livros' – os registros das boas e más ações de cada indivíduo – serão abertos e haverá o Julgamento. Esta será a tarefa do Filho do Homem: sentado com o Senhor dos Espíritos, em um trono de glória, ele pronunciará as sentenças sobre os vivos e os mortos. (...) Por meio de seus julgamentos o Filho do Homem realizará uma purificação da Terra. Não só os pecadores humanos, mas também os anjos decaídos, 'aqueles que desencaminharam o mundo', serão afastados de uma vez por todas – 'e todas as suas obras serão eliminadas da face da Terra'. Todo o mal desaparecerá, vencido pela força do Messias entronizado – 'e a partir de então não haverá nada sujeito à corrupção'. Por fim, o Senhor dos Espíritos transformará o céu e a Terra em 'uma luz e uma bênção eternas'. (...) O Filho do Homem viverá no meio deles, e com ele os justos irão morar, comer, dormir e se levantar, para todo o sempre. Eles próprios serão transformados. O Senhor dos Espíritos lhes proporcionará 'as vestimentas da vida', de modo que se tornem semelhantes a anjos. E serão imortais: 'os escolhidos permanecerão na luz da vida eterna; e não haverá fim para os dias de sua vida."*

Por que será que esse livro não está na Bíblia? Será por incompreensão? Por medo? Por ambos?…

Sobre os apocalipses apócrifos, a Tradução Ecumênica da Bíblia afirma: "Em certo número de apocalipses, o nome Filho do Homem designa, na realidade, uma figura essencialmente celeste, sem ponto de contato real com a humanidade e inacessível ao sofrimento." E acrescenta numa nota de rodapé: "Em vão se procuraria nas Escrituras um texto referente aos sofrimentos do Filho do Homem." Mas então isso é razão para que os livros que aludem abertamente ao Filho do Homem sejam considerados ilegítimos? Por mostrarem de maneira clara que o Filho do Homem não é Jesus? Que ele, tal como Jesus, não estava sujeito a nenhum sofrimento indispensável, e que se encontrava intimamente ligado ao desencadeamento do Juízo Final?…

Vamos examinar mais algumas passagens elucidativas do Livro de Enoch em relação ao Juízo Final e ao Filho do Homem, chamado ali também de Escolhido e Eleito. Os trechos reproduzidos abaixo mostram nitidamente demais o acontecimento do Juízo Final e a atuação do Juiz, o Filho do Homem:

"As mais altas montanhas hão de tremer e os picos mais elevados desabarão, derretendo-se como cera ao fogo. A Terra será desmantelada e tudo que sobre ela existe será supresso; e tudo será submetido a Julgamento."

(I.4)

"Em verdade! Ele virá com milhares de santos, para exercer o Julgamento sobre o mundo inteiro e aniquilar todos os malfeitores, reprimir toda carne pelas más ações tão iniquamente perpetradas e pelas palavras arrogantes que os pecadores insolentemente proferiram contra Ele."

(I.6)

O trecho acima (I.6) é o citado da Epístola de Judas (cf. Jd14,15).

"E o Senhor disse a Miguel: 'Aniquila todas as almas lascivas e os filhos dos vigilantes por terem oprimido os homens. Elimina toda a opressão da face da Terra, desapareça todo ato de maldade, apareça o rebento da Justiça e da Verdade, transformem-se suas obras em bênçãos e plantem com júbilo obras de Justiça e de Verdade eterna.'"

(X.15-17)

"Quando a comunidade dos justos se tornar visível, e quando os pecadores forem castigados pelos seus pecados e expulsos da Terra, quando o Justo aparecer diante dos olhos dos justos, cujas obras estão guardadas junto ao Senhor dos Espíritos, e quando a luz dos justos e dos escolhidos brilhar sobre a Terra, onde estará então o lugar dos pecadores? Onde será o lugar de repouso para os que renegaram o Senhor dos Espíritos? Oh! Melhor seria para eles se não tivessem nascido!"

(XXXVIII.1)

"Então, naquele tempo, os reis e os poderosos serão aniquilados e entregues nas mãos dos justos e dos santos. A partir daquele momento, nenhum deles poderá pedir perdão ao Senhor dos Espíritos, pois a sua vida terá chegado ao fim."

(XXXVIII.4)

"Lá eu vi aquele que possui uma cabeça de ancião, e essa era branca como a lã; e junto dele havia um outro, cujo aspecto era de um Homem, o seu rosto era cheio de graça, semelhante ao de um anjo santo. Perguntei ao anjo que me acompanhava, e que me revelava todos os segredos, quem era aquele Filho do Homem, de onde procedia, e por que estava com aquele que tem uma cabeça grisalha. Deu-me como resposta: 'Este é o Filho do Homem, o detentor da Justiça, que com ela mora e que revela todos os tesouros secretos, pois Ele foi escolhido pelo Senhor dos Espíritos, e o seu destino excede a tudo em retidão diante do Senhor dos Espíritos, por toda a eternidade. Este Filho do Homem que viste, arrancará reis e poderosos de seu sono voluptuoso, fá-los-á sair de suas terras inamovíveis, colocará freios nos poderosos, quebrará os dentes dos pecadores."

(XLVI.1-2)

"Naquele lugar eu vi o poço da justiça: ele era inesgotável, e ao seu redor havia muitos poços de sabedoria. Todos os que tinham sede bebiam deles e eram saciados de sabedoria, e moravam junto aos justos, aos santos e ao Eleito. E, naquela hora, o Filho do Homem era mencionado diante do Senhor dos Espíritos, e o seu nome era referido diante do Ancião. Antes que fossem criados o Sol e os signos, e antes que fossem feitas as estrelas do céu, o seu nome era pronunciado diante do Senhor dos Espíritos."

(XLVIII.1-2)

É bastante significativo o fato de Enoch informar nessa passagem que o Filho do Homem já existia – *"seu nome era pronunciado"* – antes de a obra da Criação posterior ser concluída. Mais uma evidência clara de que Jesus – o Amor de Deus, e o Filho do Homem – a Vontade viva e atuante de Deus, não são a mesma pessoa. No século II da nossa era, o cristão Justino ensinava que antes da Criação do mundo Deus estava sozinho, e não existia nenhum Filho. Quando Deus desejou criar o mundo, gerou outro ser divino para criar o mundo para Ele. Esse ser divino foi chamado "Filho" porque nasceu, e também foi chamado "Logos", palavra grega que, como vimos, tem o significado de "Ação da Fala". Quero intercalar aqui um trecho da dissertação "Deus", da obra Na Luz da Verdade, de Abdruschin:

> "Antes da Criação, Deus era um! Durante a Criação separou Ele uma parte de Sua Vontade, para que atuasse autonomamente na Criação, tornando-se assim dual. Quando se tornou necessário remeter um mediador à humanidade transviada, por ser impossível qualquer ligação direta entre a pureza de Deus e a humanidade que se acorrentara por si, separou Ele, movido de Amor, uma parte de Si mesmo para a aproximação temporária aos seres humanos, a fim de novamente poder se tornar compreensível à humanidade, e com o nascimento de Cristo tornou-se *triplo!*"

O Filho de Deus é o depositário do Amor divino, "o Amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm8:39), no qual temos de "nos manter" (Jd21). Ele é o "Filho Unigênito que Deus enviou ao mundo, para que, por meio dele, tenhamos a vida" (1Jo4:9).

O Filho do Homem, por sua vez, é a personificação da "boa, agradável e perfeita Vontade de Deus" (Rm12:2), a qual devemos "cumprir de coração" (Ef6:6). Nossa disposição deve ser de conservarmo-nos sempre "perfeitos e convictos em toda a Vontade de Deus" (Cl4:12), vivendo "não de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a Vontade de Deus" (1Pe4:2). Se não agirmos assim, seremos como os fariseus, que menosprezavam ambos – a Justiça e o Amor divinos, que atuam em uníssono: eles "desprezavam a Justiça e o Amor de Deus" (Lc11:42).

A vida em comum dos justos com o Filho do Homem, mencionada no versículo acima do Livro de Enoch, apresenta um paralelo muito nítido com esse trecho do livro da Sabedoria: "Os que nele confiam compreenderão a Verdade, e os que são fiéis no amor permanecerão com ele (...). E o Senhor reinará sobre eles para sempre." (Sb3:9,8).

Vamos prosseguir com extratos do Livro de Enoch:

> *"Ele será um bordão para os justos, para que nele possam apoiar-se e não cair; ele será a luz dos povos e a esperança dos aflitos.(...) Para esse propósito ele foi escolhido e mantido oculto junto dele, antes que o mundo fosse criado; e ele será para todo o sempre. E a sabedoria do Senhor dos Espíritos revelou-o aos santos e aos justos."*
>
> *(XLVIII.3-4)*

> *"Naqueles dias, os reis da Terra e os poderosos que possuem a Terra ficarão com o semblante abatido por causa das obras das suas mãos; no dia da angústia e privação não poderão salvar a alma. Eu os entregarei então nas mãos do meu Escolhido; eles arderão como palha ao fogo na presença dos justos e submergirão como chumbo na água diante dos santos, e não se encontrará mais sinal deles. No dia da sua tribulação estabelecer-se-á a paz sobre a Terra; cairão na presença deles e não mais poderão levantar-se. Ninguém então se apresentará para tomá-los pela mão e reerguê-los, porque eles negaram o Senhor dos Espíritos e o Seu Ungido."*
>
> *(XLVIII.5-6-7)*

> *"Pois a sabedoria derramou-se como água, e a sua glória não cessará por toda a eternidade. Pois ele é poderoso em todos os mistérios da Justiça; e a injustiça desaparecerá como uma sombra e não mais subsistirá. O Eleito está diante do Senhor dos Espíritos, e a sua glória permanece de eternidade em eternidade e o seu poder de geração em geração. Ele porá à luz as coisas ocultas, e diante dele ninguém poderá apresentar uma mentira, pois ele está diante do Senhor dos Espíritos, escolhido por seu beneplácito. Ele é justo no seu Julgamento, e diante da sua glória nenhuma iniquidade subsiste."*
>
> *(XLIX.1-3, L.4)*

A indicação de que ele porá à luz as coisas ocultas é a ratificação da sentença do Evangelho de Lucas: "Nada há de oculto que não haja de manifestar-se, nem escondido que não venha a ser conhecido e revelado" (Lc8:17). Continuando:

> *"Naqueles dias o Eleito sentar-se-á sobre o seu trono, e de sua boca emanarão todos os segredos da sabedoria e do conselho; pois isto lhe é outorgado pelo Senhor dos Espíritos, que também o exalta."*
>
> *(LI.2)*

A indicação de que naquele tempo os segredos da sabedoria emanarão de sua boca, refere-se à Palavra da Verdade que o Filho do Homem traria à Terra.

> *"Naqueles dias, instaurar-se-á o castigo do Senhor dos Espíritos, e Ele abrirá todos os reservatórios de água que estão no alto dos céus, e todos os poços que estão debaixo da terra. E estes [os seres humanos], após reconhecerem que praticaram a iniquidade sobre a Terra, serão aniquilados por causa dessa mesma iniquidade."*
>
> *(LIV.5-7)*

Os mortos espirituais serão despertados à força no Juízo, para que reconheçam sua culpa, antes de desaparecerem para sempre.

> *"Mas quando se aproximar o Dia da força, do Julgamento e do castigo, o Dia preparado pelo Senhor dos Espíritos para aqueles que não reconhecem a Justiça da lei, mas antes a renegam e abusam do Seu santo nome, então estará preparado esse Dia; e esse Dia será uma dádiva para os escolhidos, mas uma desgraça para os pecadores."*
>
> *(LX.5)*
>
> *"Nesse dia, erguer-se-ão os reis, os poderosos e eminentes, e os que possuem a terra, e verão e saberão que ele se senta em seu trono glorioso e que em sua presença faz-se Justiça aos justos, e que não existe palavra vazia que diante dele se diga. Sentirão dor como a mulher que está em trabalho de parto e lhe é difícil parir. (...) Olharão uns para os outros consternados, cabisbaixos e encolhidos de dor. (...) Porém, este Senhor dos Espíritos forçá-los-á a saírem rápido de Sua presença. (...) Os justos e os eleitos serão salvos e já não verão o rosto dos pecadores e dos iníquos. O Senhor dos Espíritos habitará neles; com o Filho do Homem morarão e comerão, deitarão e se levantarão pelos séculos dos séculos."*
>
> *(LXII.2)*
>
> *"Ele assentou-se sobre o trono da sua glória; então foi confiado a Ele, o Filho do Homem, a condução do Julgamento, e fez com que desaparecessem da Terra os pecadores e os perversos do mundo. Eles serão postos em grilhões e encerrados no lugar comum da sua destruição; todas as suas obras desaparecerão da Terra. De agora em diante, o corruptível deixará de existir, pois aquele Filho do Homem apareceu e assentou-se sobre o trono da sua glória, e diante da sua face todo o mal se dissipa e desaparece. E a voz daquele Filho do Homem se fará ouvir e será poderosa diante do Senhor dos Espíritos."*
>
> *(LXIX.15-16)*
>
> *"Então o ancião veio, com Michael, Gabriel, Phanuel e mil vezes mil e dez mil vezes dez mil anjos, em número incontável. Ele aproximou-se de mim, saudou-me com sua voz e falou-me: 'Este é o Filho do Homem, que haverá de nascer para a Justiça. A Justiça habita nele, e a Justiça do ancião não o abandona. (...) Todos os que andam nos seus caminhos – pois a Justiça nunca mais os abandonará – terão nele a sua morada e sua herança, e dele nunca mais se afastarão por toda a eternidade. E, assim, encontrar-se-á vida perene junto ao Filho do Homem, e os justos então gozarão paz e caminharão pelas veredas retas, para todo o sempre."*
>
> *(LXXI.7-9)*
>
> *"E os 70 pastores foram julgados, mostraram-se culpados e também foram atirados ao abismo de fogo. Vi, naquele instante, que se abria um abismo como o anterior, no meio da Terra, cheio de fogo. Trouxeram as ovelhas cegas e foram todas julgadas. Foram condenadas, foram atiradas naquele redemoinho de fogo e começaram a arder."*
>
> *(XC.24-27)*

Essa imagem mostra que serão condenados tanto os que ensinam a fé cega (os 70 pastores), como os que a acolhem sem nada questionar (as ovelhas cegas). É uma outra maneira de dizer que quando um cego guia outro cego caem ambos no abismo (cf. Mt15:14; Lc6:39).

> *"Mas quando em todos os atos aumentarem o pecado, a injustiça, a blasfêmia e a violência, e quando crescerem a apostasia, a prepotência e a contaminação, então sobrevirá na Terra um grande castigo do céu, e o Senhor aparecerá com ira e indignação, para realizar o Julgamento da*

Terra. Naqueles dias a prepotência será extirpada, e serão cortadas as raízes da injustiça e da fraude, sendo então eliminadas da face da Terra."

(XCI.4)

"Com o fim deles [os pecadores], os justos herdarão moradas, graças à sua retidão, e será erigida uma grande casa para o Rei excelso na sua glória, para sempre. Depois, na nona semana, será conhecido o Julgamento justo, e todas as obras dos ímpios desaparecerão da Terra; o mundo dos maus será atirado à ruína, e os homens todos haverão de buscar o caminho da retidão."

(XCI.7)

"Ai daqueles que constroem as suas casas sobre pecados! Pois serão arrancados dos seus fundamentos e perecerão pela espada; e aqueles que se apoiam no ouro e na prata serão instantaneamente reduzidos a nada no Julgamento."

(XCIV.4)

Há aqui uma correlação muito nítida com a seguinte passagem do livro de Ezequiel, referente à inutilidade das riquezas como porto seguro no Juízo Final: "Atirarão às ruas a sua prata; o seu ouro será tratado como imundície; a sua prata e o seu ouro não poderão salvá-los no Dia do furor de Yahweh" (Ez7:19).

"Ai de vós que praticastes o mal contra o vosso próximo. Ser-vos-á dada a paga segundo vossas obras. Ai de vós, línguas mentirosas, e ai daqueles que se atreveram a praticar a injustiça! Pois num instante chega a desgraça."

(XCV.3)

"Que quereis fazer, pecadores? Para onde desejais fugir naquele Dia do Juízo, quando ouvirdes em voz alta as orações dos justos? Na verdade, acontecer-vos-á como àqueles a quem se aplica esta palavra como testemunho: 'Vós fostes cúmplices dos pecadores!' Naqueles dias, a oração dos justos chegará ao Senhor, e os dias do vosso julgamento vos colherão de surpresa. Todas as vossas palavras ofensivas serão apresentadas diante do Grande e Santo; então vossa face enrubescerá de vergonha, e Ele condenará todos os atos que se fundaram sobre a injustiça."

(XCVII.2-3)

"Por faltar-lhes o conhecimento e a sabedoria, perecerão com todos os seus tesouros, magnificência e honras, pelo assassinato e no opróbrio, e serão lançados na maior miséria em fornalha ardente. Juro-vos, pecadores: Assim como nenhuma montanha foi ou será um escravo, e assim como nenhuma colina se converterá em escrava de uma mulher, da mesma forma o pecado não foi enviado a esta Terra, mas sim foi obra dos homens por si mesmos; e grande condenação atraem sobre si os que o cometem."

(XCVIII)

Essa última sentença é mais uma comprovação de que todo mal e toda culpa estão circunscritos à materialidade. São coisas geradas unicamente pelos decaídos seres humanos terrenos.

"Uma vez mais vos juro, pecadores, que o pecado fica reservado para um Dia de interminável derramamento de sangue. Adorarão as pedras, as imagens de ouro, de prata e de madeira, os espíritos imundos, os demônios e todos os ídolos dos templos, mas não obterão nenhuma ajuda. Seus corações tornar-se-ão estúpidos à força de impiedade, e seus olhos serão tornados cegos pela superstição. Nos sonos e visões, serão ímpios e supersticiosos, serão mentirosos e idólatras. Perecerão todos!"

(XCIX.4-5)

"Mas naqueles dias, felizes serão aqueles que tiverem recebido a Palavra de Sabedoria, que tiverem procurado e seguido as vias do Altíssimo, que caminham nas sendas da Justiça e não nas rotas da impiedade, pois serão salvos."

(XCIX.6)

Essa Palavra de Sabedoria é a Palavra da Verdade trazida pelo Filho do Homem, nos dias do Juízo.

"Ai de vós, pecadores, ao morrerdes na plenitude dos vossos pecados, enquanto os vossos cúmplices dizem: 'Felizes são os pecadores, viveram bem todos os dias de suas vidas. Morreram na felicidade e na riqueza; não conheceram na sua vida nem aflição nem derramamento de sangue; morreram honrados, e nenhum julgamento aconteceu contra eles ao longo a sua vida.' Então não sabeis que as suas almas foram mandadas ao mundo inferior para, então, serem presas de grande aflição? O vosso espírito será entregue às trevas, aos grilhões e às chamas do fogo, no Dia em que se verificar o grande Julgamento. Ai de vós! Não conhecereis a paz."

(CIII.3-4)

Esse trecho mostra, de maneira muito clara, que o ser humano vai encontrar suas obras depois da morte.

"Aguardai tão-somente; virá o tempo do completo desaparecimento do pecado! Os nomes dos pecadores serão apagados do Livro da Vida e dos livros santos, ficando seus descendentes para sempre eliminados. Seus espíritos serão derrubados por terra. Gritarão e imprecarão num lugar imenso e deserto, ardendo no fogo; e isso não terá fim."

(CVIII.2)

"Abandonai a impiedade do vosso coração! Não mintais! Não deturpeis as palavras da Verdade, não desvirtueis com mentiras as palavras do Santo e Altíssimo! Afastai-vos da adoração dos vossos ídolos! Pois todas as vossas falsidades e apostasias não conduzem de forma alguma à retidão, mas sim a um grande pecado."

(CIV)

Dentre as muitas advertências contra a idolatria existentes na Bíblia, essa exortação do profeta Ezequiel se coaduna muito bem com as advertências de mesmo teor do Livro de Enoch: "Voltai, desviai-vos dos vossos ídolos imundos, desviai os vossos rostos de todas as vossas abominações" (Ez14:6). *Não mintais!...* Com essa incisiva exortação de Enoch, terminamos nosso apanhado sobre seu livro extraordinário.

Vamos agora falar de Baruc, cujo nome significa "abençoado". Assim como Enoch, Baruc é outra personalidade controvertida no que concerne à canonicidade dos seus escritos. Dois livros apócrifos e um deuterocanônico levam seu nome, mas há dúvidas se de fato são de sua autoria, no todo ou em parte. A indisfarçável confusão do cânon estabelecido por mãos humanas, de que já tratamos, fica espelhada de maneira ainda mais desalentadora nos escritos de Baruc. Seu livro principal não é encontrado na Bíblia hebraica, no entanto aparece na Septuaginta e consta do cânon do Concílio de Trento, de modo que faz parte integrante da Bíblia católica, aparecendo depois de Lamentações.

O assim chamado Apocalipse de Baruc é um texto apócrifo que faz menção explícita ao Juízo Final e ao Juiz. Baruc era escriba de Jeremias, e foi nominalmente citado por este várias vezes em seu livro canônico, do qual foi o provável redator, o que demonstra o alto conceito que gozava junto ao grande profeta: "Jeremias recorreu a Baruc, filho de Neriá, que escreveu num rolo, conforme Jeremias ia ditando, todas as palavras que o Senhor lhe tinha dirigido" (Jr36:4). O trabalho de redação de Baruc é comprovado em muitas passagens desse livro, onde se fala de Jeremias na terceira pessoa.

O prestígio de Baruc naquele tempo era tal, que chegou a ser considerado por muitos como o verdadeiro fornecedor dos oráculos de Jeremias. Baruc era um *sofer*, uma espécie de secretário de estado, quase um chanceler. O livro profético que leva seu nome também era lido para o rei Jeconias e todos os hebreus cativos da Babilônia.[47] Segundo Julio Trebolle, a diáspora judaica utilizava o livro de Baruc para leitura na Festa dos Tabernáculos. Todavia, nenhuma dessas credenciais impressionantes bastaram para que seu Apocalipse fosse considerado canônico. Vamos, pois, retirar Baruc desse injusto ostracismo e analisar alguns trechos do seu livro tão especial, onde há igualmente menções à atuação do Filho do Homem e à época do Juízo Final:

[47] O leitor encontrará uma imagem única da vida na Babilônia no livro A Desconhecida Babilônia, de Roselis von Sass, publicado pela Editora Ordem do Graal na Terra.

"Mas preparai os vossos corações e semeai neles os frutos da lei, para estardes protegidos no tempo em que o Todo-Poderoso haverá de abalar toda a Criação."

(XXXIII)

"Eis que é chegado o momento da tribulação. Ela virá e o seu ímpeto será avassalador; ela propagará o desespero em meio a constantes ataques de ira. Naqueles dias, todos os habitantes da Terra revoltar-se-ão uns contra os outros, pois não saberão que é chegada a hora do meu Julgamento. Naqueles dias será pequeno o número dos sábios, e poucas serão as pessoas conscientes do que se passará. (...) As paixões acometerão os pacíficos e muitos serão arrebatados pela cólera e ferirão muitos. Exércitos incitar-se-ão ao derramamento de sangue, e finalmente todos conjuntamente perecerão. A mudança dos tempos será, naqueles dias, clara e patente para todos, porque nos dias passados encheram-se de contaminação, praticaram a fraude, seguindo cada um os seus caminhos, relegando ao esquecimento a Lei do Todo-Poderoso. Por isso, as chamas devorarão os seus intentos; os seus pensamentos secretos serão provados pelo fogo. O Julgador virá, e ele não hesitará."

(XCVIII)

"Dias virão em que os tempos estarão maduros: próxima estará a colheita da boa e da má semeadura. Então o Todo-Poderoso espalhará a confusão da mente e as angústias do coração sobre a Terra, sobre os seus habitantes e os seus príncipes. Então eles se odiarão mutuamente e armar-se-ão uns contra os outros para a guerra; os que estiverem em inferioridade intrometer-se-ão com os próceres, e os exíguos considerar-se-ão iguais aos potentados."

(CXX)

"O Altíssimo apressará os seus tempos; os seus tempos estão próximos. Com certeza Ele julgará os habitantes do seu mundo, e a todos provará em Verdade, segundo as obras de cada um, mesmo as mais secretas. (...) O fim dos mundos desvelará o grande poder Daquele que os governa, pois tudo será levado a julgamento. (...) O que hoje é saúde converter-se-á em doença, o que agora é vigoroso, será frágil. O que agora é força, será fraqueza. E todo o vigor da juventude se transformará em debilidade senil e em morte. E toda a admirável beleza de hoje será flacidez e feiura. O poder arrogante tornar-se-á humilhação e vergonha. Toda a celebridade orgulhosa de hoje converter-se-á em opróbrio e olvido. Toda a vanglória e toda a pompa de hoje serão ruína e mudez. O que agora é gosto e delícia será roedura de traças, e nada mais. Toda a ruidosa gabolice de hoje converter-se-á em poeira e silêncio."

(CXXXIII)

"A juventude do mundo já passou, a plenitude das energias da Criação há muito chegou ao fim; a vinda dos tempos últimos está quase presente, e quase já passou. Pois o cântaro está próximo da fonte, o navio próximo do porto, a caravana próxima da cidade, a vida próxima do fim. Preparai-vos, para que possais estar tranquilos quando fordes embarcados no navio, para não serdes sentenciados depois de partir! Porque quando o Altíssimo tudo isso tornar realidade, não haverá nova oportunidade de arrependimento, nem um novo fim dos tempos, nem duração das horas, nem mudanças de caminho, nem ocasião para orações ou para súplicas, nem busca do entendimento, nem doação por amor, nem mais ocasião de compunção da alma, nem a intercessão pelos pecados, nem a interpelação dos patriarcas, nem as lamentações dos profetas, nem o auxílio dos justos."

(CXXXV)

"Depois que no mundo ele tiver tudo submetido a si, e em paz duradoura se assentar sobre o seu trono real, instalar-se-á o bem-estar e sobrevirá a paz. Então, como o orvalho, descerá a saúde e as doenças se afastarão. E na vida dos homens desaparecerão as preocupações, os suspiros e as tribulações; a alegria se estenderá sobre toda a Terra. Ninguém morrerá antes do seu tempo e nenhuma adversidade ocorrerá repentinamente. Litígios, queixas, desavenças, atos de vingança, derramamentos de sangue, cobiça, inveja, ódio e coisas semelhantes, dignas de condenação, tudo será extirpado por completo. Pois foram essas coisas que encheram o mundo de maldades, e por causa delas é que sobreveio toda a desordem na vida dos homens."

(CXXIII)

Vamos tratar agora de um outro texto apócrifo, cuja autoria é atribuída ao profeta Isaías. Isaías dispensa apresentações. É o maior dos grandes profetas do Antigo Testamento e seu livro principal, escrito em meados do século VIII a.C., é conhecidíssimo. Contudo, a obra conhecida como Livro da Ascensão de Isaías, que traz o seu nome no título, foi recusada. Isso apesar (ou em virtude) de fazer alusões muito claras ao Filho do Homem, chamado num dos trechos de Bem-Amado:

> *"Pois nos últimos tempos o Senhor descerá ao mundo e será chamado o Cristo, quando descer e vir a vossa forma; e se fará carne e será um homem. (...) E então a voz do Bem-Amado rejeitará com violência este céu e esta Terra; as montanhas e as colinas, as árvores e os desertos, e o setentrião e o anjo do Sol, e a Lua e todos os objetos deste mundo, testemunhas do poder e da manifestação de Belial. E todos os homens ressuscitarão e serão julgados nestes dias. E o Bem-Amado fará sair um fogo devorador que consumirá todos os maus, e estes serão como se nunca tivessem sido."*
>
> *(IX.13;IV.18)*

Conforme já explicado, "Cristo" é a tradução grega para "Ungido", e já vimos que o Filho do Homem é um dos "dois Ungidos" mencionados pelo profeta Zacarias em sua visão (cf. Zc4:14). O termo ressuscitar significa aqui "despertar". Os seres humanos que dormem espiritualmente acordarão realmente no Juízo, aqui na Terra ou no Além, pois "não há trevas nem sombras espessas onde possam esconder-se os malfeitores" (Jó34:22). Serão assim forçados a reconhecer a culpa com que se sobrecarregaram, antes de serem aniquilados para sempre. Belial é um outro nome para Baal, o principal servo de Lúcifer.

Mais um trecho do livro:

> *"E dará a paz e o descanso àqueles que encontrar com vida na Terra, aos zelosos servidores de Deus, e o Sol se tingirá de vermelho."*
>
> *(IV.14)*

Aqueles que o Filho do Homem encontrar com vida na Terra são os que naquela época estariam vivos espiritualmente. Somente estes contam, pois Deus "não é Deus de mortos, e sim de vivos" (Mt22:32).

O Filho do Homem é "o Filho a quem o Pai confiou todo o julgamento" (Jo5:22), que "julga os mortos, para dar galardão aos seus servos" (Ap11:18). Os seus servos são os *espiritualmente vivos,* que recebem o galardão da vida eterna. Já os *espiritualmente mortos* são os "mortos, grandes e pequenos, que foram postos diante do trono para serem julgados, um por um, segundo as suas obras" (Ap20:12). A época do Filho do Homem é o tempo em que os vivos andarão entre os mortos, o tempo presente. Vivos espiritualmente e mortos espiritualmente, pois outros não há. São estes os mortos que irão acordar no Juízo. A estes se refere indicação de que ele virá para julgar os vivos e os mortos: "Mas eles terão de prestar contas àquele que está pronto para julgar os vivos e os mortos" (1Pe4:5).

Em breve a ceifa do Filho do Homem estará consumada e assim, finamente, "os justos herdarão a Terra" (Sl37:29). E então, tal como os animais sapientes junto ao trono do Todo-Poderoso, todos eles saberão que *Santo é unicamente Deus:* "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, Aquele que era, que é e que há de vir" (Ap4:8).

A Palavra da Verdade

Não obstante trazerem belas e elucidativas passagens sobre a vida de Jesus na Terra, os Evangelhos canônicos não constituem eles próprios, como vimos, a legítima Palavra de Deus, permanecendo apenas como tentativas de reprodução dessa Palavra. Sendo assim, surge nas pessoas de espírito livre uma pergunta perfeitamente pertinente: Se os Evangelhos não são a própria Palavra que Jesus trouxe, como então reconhecer acertadamente os seus ensinamentos?

A resposta a essa pergunta está no próprio Evangelho de João, no seguinte trecho:

> *"Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a Verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de*

receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar."

(Jo16:12-15)

Jesus anuncia a vinda do Espírito da Verdade, que nos "guiará em *toda* a Verdade". A Verdade *integral* nos seria dada então por esse segundo enviado de Deus-Pai. O biblista Bruno Maggioni diz que o sentido da expressão grega é *"guiar para e dentro da plenitude da Verdade".*

O Espírito da Verdade é, porém, o Consolador prometido por Jesus (cf. Jo16:7-11). E, conforme já vimos no tópico Filho de Deus e Filho do Homem, o Consolador é o próprio Espírito Santo, o Filho do Homem, que no futuro desencadearia o Juízo Final e traria novamente a Palavra da Verdade à Terra, em cumprimento da promessa feita por Jesus.

O Filho do Homem, a Vontade de Deus, esteve na Terra. Nasceu em nosso planeta na época prevista para isso, para em tempo certo desencadear o Juízo Final.

E as provas? Como provar que o Filho do Homem passou pela Terra? Apesar de essas perguntas serem uma repetição daquelas formuladas pelos fariseus a respeito de Jesus, as provas da vinda do Filho do Homem e do desencadeamento do Juízo Final estão diante de cada um. Os sucessivos efeitos do Juízo são a maior prova da passagem do Filho do Homem pela Terra, pois ninguém, a não ser ele, poderia desencadear o Juízo, já que ele foi a própria Vontade de Deus encarnada.

O Juízo Final teve início no ano de 1929, conforme explica Roselis von Sass em O Livro do Juízo Final: "Quando expirou o prazo do desenvolvimento, o relógio do Universo deu o sinal, e com esse sinal começou ao mesmo tempo o Juízo Final. Quando isso aconteceu, contava-se na Terra o ano de 1929." De lá para cá, os efeitos crescentes do Juízo se mostraram com clareza ofuscante para qualquer um que tenha atentado mais seriamente nos acontecimentos mundiais, no comportamento dos seus semelhantes e em si próprio.

No entanto, para todos os demais, para os que insistem em permanecer alheios a todos os graves acontecimentos da época presente, iludindo a si mesmos com a política do avestruz, a interpretação dos sinais dos tempos lhes permanecerá vedada até o fim. Desse tipo de gente só se pode dizer: "O aspecto do céu sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos não podeis" (Mt16:3). Não só não podem como não querem. Agem exatamente como o rei Joaquim, de Judá, que mandou queimar a profecia de Jeremias porque ela advertia sobre a invasão do rei da Babilônia (cf. Jr36:21-23), ou como o rei Acab, de Israel, que mandou encarcerar o profeta Micaías e o deixou a pão e água, porque ele havia previsto infortúnios para a nação (cf. 1Rs22:17,18,27). Quem age como um avestruz espiritual demonstra ter as mesmas características desse pássaro, conforme elucida o livro de Jó: "Deus o privou [o avestruz] da sabedoria e não lhe deu inteligência" (Jó39:17).

Jesus também não foi reconhecido pelos fariseus, mesmo com a Verdade que trazia e com os milagres que praticava. O que poderia fazer pensar que com o Filho do Homem seria diferente? Também lhe pediriam como prova "um sinal no céu" (Mc8:11), que igualmente lhes seria negado: "Por que esta geração procura um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será dado" (Mc8:12). Jesus também não se precipitou do pináculo do templo apenas para mostrar às criaturas humanas como Deus o protegia, tampouco fez algum sinal diante de Herodes como este lhe pedira (cf. Lc23:8,9). O sinal do Filho do Homem para os seres humanos será ele próprio, reconhecível em sua Palavra: "Assim como Jonas se tornou um sinal para os habitantes de Nínive, o Filho do Homem será um sinal para essa geração" (Lc11:30).

De nada adiantaria falar dos aspectos terrenos da passagem do Filho do Homem pela Terra. Só a afirmativa categórica de que ele esteve aqui, junto aos seres humanos da época atual, já provocará sorrisos de incredulidade. É absolutamente desnecessário despender qualquer esforço para convencer esses tais. Não devemos esquecer a sentença que proíbe "atirar pérolas aos porcos" (Mt7:6). O fato de apenas pouquíssimas pessoas terem-no reconhecido só demonstra a profundeza abissal em que se encontra espiritualmente a humanidade de hoje. Sim, mais uma vez "a Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam" (Jo1:5). Não a receberam porque "todo o que pratica o mal odeia a Luz e não se aproxima da Luz" (Jo3:20).

Da época de Jesus até hoje a humanidade não evoluiu, pelo contrário, só regrediu espiritualmente. Os fariseus de outrora estão todos aí novamente. Com a única diferença de que ao invés de se agarrarem

a falsos conceitos das antigas Escrituras, aferram-se à rigidez dogmática de suas crenças cegas, às concepções restritas da ciência e aos malabarismos do ocultismo e do misticismo.

Os próprios efeitos abaladores do Juízo, seja em nível pessoal ou coletivo, darão testemunho cada vez mais acentuado da passagem do Filho do Homem pela Terra, os quais já estão trazendo em ritmo acelerado a reciprocidade que compete a cada um. Por isso, é errado querer ser um agente da reciprocidade segundo o entendimento terreno: "Não digas: 'como ele me fez vou fazer a ele, pagar-lhe-ei com a mesma moeda!' Não digas: 'hei de vingar-me!' Põe tua esperança no Senhor e ele te livrará" (Pv24:29;20:22). A nenhum ser humano cabe o papel de agente pessoal da Vontade de Deus nos efeitos da reciprocidade, senão ao próprio Filho do Homem, visto que unicamente a ele "pertencem a vingança e a retribuição a seu tempo" (Dt32:35). "A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei" (Rm12:19; Hb10:30), diz o Filho do Homem.

O Filho do Homem, o Juiz enviado pelo Senhor dos Mundos, já esteve entre os seres humanos da Terra. Com isso cumpriram-se muitas profecias e a anunciação feita por Jesus, o Filho de Deus. Conforme fora prometido, ele desencadeou o Juízo Final e nos legou a Palavra da Verdade, última possibilidade de salvação concedida aos seres humanos. Quem ansiar por essa Palavra de todo coração, quem sentir intensa fome de vida e de Verdade, este a encontrará, pois assim está na Vontade do Senhor, conforme já asseverava o profeta Amós: "Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a Terra, não de pão, nem de sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor" (Am8:11). Nessa época, muitos dos até então espiritualmente surdos e cegos, em razão de uma nova e acertada movimentação interior, se tornarão capazes de ouvir a Palavra do Livro da Verdade e divisar a realidade tal como ela é: "Naquele tempo os surdos ouvirão as palavras de um livro, e livre da obscuridade das trevas os olhos dos cegos verão" (Is29:18).

O apóstolo Pedro, repetindo a predição feita pelo profeta Joel (cf. Jl3:1), diz que nos últimos dias as pessoas sobre quem o Senhor derramar Seu Espírito se tornarão videntes:

> *"Acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas serão profetas, vossos jovens terão visões, vosso anciãos terão sonhos."*
>
> *(At2:17)*

Essa profecia quer indicar que no tempo do fim toda a carne sobre a qual o Espírito for derramado, isto é, a parcela da humanidade que tiver assimilado o saber outorgado pelo Espírito Santo de Deus se tornará vidente. Essa vidência, porém, não tem relação com capacidades ocultas ou clarividência, mas sim significa que essas pessoas terão *compreensão,* terão obtido o reconhecimento.

Silenciosamente escoa a última possibilidade de graça concedida aos seres humanos, como silenciosamente se deu a própria vinda do Filho do Homem à Terra. Sem alarde. Sem nenhuma tentativa de aliciar as indolentes criaturas. Ele realmente veio "como um ladrão, à hora em que não cuidais" (Lc12:40). Sua vinda foi, de fato, tão inesperada "como de repente o relâmpago sai do oriente e reluz até o poente" (Mt24:27).

A Palavra da Verdade deixada pelo Filho do Homem aguarda a humanidade, mas não corre atrás dela. E o tempo disponível para que ela, finalmente, se decida a movimentar-se espiritualmente, dando início à tão necessária evolução ascendente do espírito, é cada vez mais exíguo. Já estão deslizando os últimos grãos de areia na ampulheta que mede o tempo concedido para o desenvolvimento humano… Assim jurou anjo do Apocalipse: "Já não haverá mais tempo!" (Ap10:6).

Quando Jesus, o Amor de Deus, esteve na Terra, a Palavra da Verdade que ele trouxe foi *oferecida* à humanidade. Veio ao encontro dos seres humanos como que com os braços abertos, ensinando, auxiliando, advertindo… Os seres humanos, porém, assassinaram essa Palavra, a Palavra de Deus encarnada, forçando assim para si mesmos sua própria e inevitável destruição. Agora, no fim, eles é que têm de ir novamente ao encontro da Palavra, caso ainda quiserem se salvar. Com humildade e vontade séria têm de provar que, apesar de tudo, ainda anseiam realmente de todo coração pela Palavra de Deus, a fim de viverem de acordo com a Vontade Dele, reconhecendo ser essa a única possibilidade de se salvarem no Juízo. Eles, "que quiseram apartar-se de Deus, têm de pôr agora dez vezes mais zelo em procurá-Lo" (Br4:28).

Todavia, como muita gente acredita que o Criador Todo-Poderoso precisa correr atrás da humanidade, os seres humanos terão novamente de aprender a temer a Deus nos efeitos da reciprocidade,

reconhecendo a Sua Vontade expressa nos Mandamentos. Agora, mais do que nunca, vale a sentença: "Teme a Deus e observa Seus Mandamentos, eis o que compete a cada ser humano" (Ecl12:13). Para alguns, esse aprendizado poderá ser o começo da verdadeira sabedoria: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Pv1:7). Com esse temor reavivado, surgirá ao mesmo tempo uma distância natural da criatura em relação ao Criador, como já havia outrora, antes da queda. Antes da queda significa muito antes do período de composição dos livros do Antigo Testamento, que com suas absurdas imagens antropomórficas do Senhor cuidaram de apagar os últimos traços de legítima veneração e profundo respeito dos seres humanos para com seu excelso Criador.

O reconhecimento do Filho do Homem e de sua Palavra não podem ser obtidos de fora para dentro. Só podem brotar de dentro para fora, através do paulatino amadurecimento interior, que se caracteriza por uma busca incansável da Verdade e uma prontidão contínua.

Em Isaías aparece a anunciação do nascimento do Filho do Homem na Terra:

> *"Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Imanuel."*
>
> *(Is7:14)*

Nas bíblias latinas, a palavra Imanuel aparece quase sempre grafada como "Emanuel" neste versículo, decorrente da tradução da Vulgata, que utilizou a forma "Emmanuhel". As bíblias alemãs e inglesas utilizam a forma "Immanuel". Contudo, a grafia correta é mesmo **Imanuel**, do original hebraico *imanû'el*. Imanuel é o nome do Filho do Homem, a Vontade de Deus. Abdruschin diz o seguinte sobre isso em Na Luz da Verdade, dissertação "Os Planos Espírito-Primordiais III":

> "Jesus é o Amor de Deus; Imanuel é a Vontade de Deus! Por isso a Criação vibra em seu nome. Tudo quanto nela acontece, tudo quanto nela se realiza se acha inscrito nesse nome, o qual mantém a Criação, do menor ao maior fenômeno! Nada existe que não se origine desse nome e que não tenha de cumprir-se nele."

A anunciação de Isaías não se referia, portanto, ao nascimento de Jesus, como Mateus tentou esclarecer no seu Evangelho com a explicação do significado da palavra Imanuel: "Deus conosco" (cf. Mt1:23). Consequentemente, a "virgem" citada nessa profecia de Isaías, na qual Mateus se baseou, também não se referia à mãe de Jesus – o Filho de Deus, e sim à mãe terrena de Imanuel – o Filho do Homem.

Sobre o nascimento de Imanuel e sua atuação, diz ainda Isaías: "Uma criança nasceu para nós, um filho nos foi dado. A soberania repousa nos seus ombros. Proclama-se o seu nome: Conselheiro Maravilhoso, Deus Forte, Pai para sempre, Príncipe da Paz" (Is9:5). Essas designações também não se referem, como pensam alguns, a Ezequias, filho de Acaz, que se tornaria um rei exemplar de Judá.

Jesus nunca se referiu a si mesmo como Imanuel. Nem ele nem ninguém mais em toda a Bíblia. No versículo 21 desse mesmo capítulo do Evangelho de Mateus, a anunciação do anjo no sonho de José é a seguinte: "Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de *Jesus,* porque ele salvará o povo dos seus pecados" (Mt1:21). José cumpriu fielmente a determinação do anjo: "Acolheu em sua casa a sua esposa, e não a conheceu até quando ela deu à luz um filho, ao qual ele deu o nome de *Jesus"* (Mt1:25). O nome do Salvador é, pois, Jesus, e não Imanuel. Em grego, o nome de Jesus é *Iesous,* transliteração do hebraico *Jeshû',* forma condensada de *Jehoshû'a,* que significa justamente "o Senhor Salva". Esse conceito não era desconhecido no tempo terreno de Cristo. O filósofo Fílon de Alexandria, contemporâneo de Jesus, deixou registrado numa obra sua que a palavra *Jesus* significa "Salvação do Senhor". Vemos então que o anjo instrui José a dar o nome de *Jesus* a seu filho justamente porque ele estava destinado a salvar o povo.

Imanuel, o Filho do Homem, desencadeou o Juízo Final na Terra e trouxe para cá a Palavra da Verdade, seu legado à humanidade. Ele não está mais entre os seres humanos terrenos, porém sua Palavra permanece como corda de salvação para todos os que tiverem a graça de encontrá-la e de reconhecê-la. Através dela poderão esforçar-se em ascender espiritualmente aqueles que se mostrarem dispostos a tanto, ou seja, os que realmente quiserem viver em conformidade com as leis instituídas pelo Criador, como trigo e não como joio. Somente estes serão tolerados no futuro dentro da Criação de Deus, a qual

será libertada agora do jugo insano a que foi submetida pelo ser humano desnaturado: "A Criação foi sujeita ao que é vão e ilusório, não por seu querer, mas por dependência daquele que a sujeitou. A própria Criação espera ser libertada da escravidão da corrupção" (Rm8:20,21). Por isso, a mão do Juiz trará por fim um imenso júbilo à Terra inteira:

> *"Que o céu se alegre! Que a terra exulte! Estronde o mar e o que ele contém! Que o campo festeje, e o que nele existe! As árvores da selva gritem de alegria, diante do Senhor, pois ele vem, pois ele vem para julgar a Terra: ele vai julgar o mundo com Justiça, e as nações com sua Verdade. Estronde o mar e o que ele contém, o mundo e seus habitantes; batam palmas os rios todos e as montanhas gritem de alegria, diante do Senhor, pois ele vem para julgar a Terra: ele vai julgar o mundo com Justiça, e os povos com retidão."*
>
> *(Sl96:11-13;98:7-9)*

Só a contingência do dever se esforçar para se salvar, já separa brincando o joio do trigo durante o tempo da purificação: "Se é a muito custo que o justo se salva, que sucederá ao ímpio e ao pecador?" (1Pe4:18). Em sua segunda epístola Pedro descreve a época do Juízo Final, e na sequência reforça essa necessidade de empenho pessoal para se obter a salvação: "Os elementos abrasados se dissolverão e a Terra e suas obras serão chamadas ao Julgamento. Se, pois, tudo isso deverá ser dissolvido, que homens deveis ser! Que santidade de vida! Que respeito para com Deus!" (2Pe3:10,11). Um respeito que se evidencia no esforço em viver segundo a Vontade do Senhor. Essa necessidade do esforço pessoal obedece à lei básica do Movimento na Criação, pois só aquele que se movimenta espiritualmente pode ascender espiritualmente. Só este angaria tal direito.

A Palavra da Verdade é o legado de Deus para a humanidade, transmitido por intermédio do Filho do Homem. Com sua passagem pela Terra ele ficou frente a todos os erros com que os seres humanos se sobrecarregaram durante milênios. Através dessas vivências indispensáveis ele pôde então indicar o caminho de auxílio na Palavra, para fora do labirinto de trevas. Ele nos seguiu em todos os nossos desvios e caminhos errados, a fim de nos alcançar e nos chamar, para então conduzir cuidadosamente de volta aqueles que ouvissem o seu chamado, uma vez que nós mesmos não éramos mais capazes de sair sozinhos do labirinto: "Lá haverá uma estrada, um caminho sagrado chamá-lo-ão. O impuro não passará por ele – pois o próprio Senhor abrirá o caminho – e os insensatos nele não vaguearão. Caminharão por ele os redimidos, voltarão os que o Senhor resgatou" (Is35:8-10).

Que essa jornada penosa do Filho do Homem para dentro do nosso labirinto de erros tenha sido um renovado sacrifício de Amor do Todo-Poderoso, tão imenso, fica patente se considerarmos que os caminhos e os pensamentos do Senhor não são os da criatura humana. Os caminhos de um enviado de Deus são muito maiores, muito mais amplos e mais claros que os nossos: "Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor, porque assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos" (Is55:8,9). Jesus já havia dito a mesma coisa com as palavras: "Vós sois daqui de baixo; eu sou do alto. Vós sois deste mundo; eu não sou deste mundo" (Jo8:23).

A Palavra deixada pelo Filho do Homem esclarece toda a Criação, dá resposta à cada pergunta do espírito humano, endireita tudo quanto foi torcido na doutrina de Jesus e mostra de que forma as pessoas podem sair do caos atual e viver em conformidade com a Vontade do Criador, único meio de poderem se salvar no Juízo. Tão-somente o Filho do Homem, o Espírito Santo de Deus, poderia esclarecer a Criação aos seres humanos, porque unicamente ele conhece os procedimentos criadores: "as coisas que são de Deus ninguém as conhece, a não ser o Espírito de Deus" (1Co2:11). O astrônomo Galileu, do século XVII, por certo não tinha ideia da profunda verdade que reside nesse seu depoimento, dirigido ao abade beneditino de Pisa: "A autoridade do Espírito Santo visa persuadir os homens sobre aquelas verdades que, sendo necessárias à sua salvação e superando qualquer discurso humano, não podem, por outra ciência nem por outro meio, ser conhecidas senão pela boca do próprio Espírito Santo."

Cada ser humano na Terra ainda vivo espiritualmente, que não procura abafar a voz exortadora da sua intuição, mas que se deixa guiar por ela e busca com sinceridade a Verdade, *terá de encontrar* a Palavra da Verdade. Não há nenhuma possibilidade de ocorrer uma falha nesse processo, pois "Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da Verdade" (1Tm2:4); Ele é "galardoador dos que O buscam" (Hb11:6). Mas, que soe bem claro, apenas dos que O *buscam* com

toda a vontade de seus espíritos vivos! O ser humano tem de persistir, tem de *perseverar* em sua busca da Verdade. Perseverar para encontrar, encontrar para discernir, discernir para se apoderar em seu coração da Verdade integral e mantê-la para sempre junto de si.

O espírito vivo *quer* encontrar a Verdade, anseia por ela, para poder livrar-se de seus lastros cármicos e ascender finalmente. Assim como as flores terrenas se voltam para onde vem a luminosidade, assim como os galhos de uma árvore crescem sempre para cima, em direção à luz do Sol, do mesmo modo o espírito humano não atrofiado se esforça naturalmente em ascender rumo à sua pátria luminosa, o reino espiritual.

A legítima Palavra de Jesus não foi escrita por ele. Ficou, porém, gravada nas almas daqueles que a aceitaram e procuraram viver em conformidade com os ensinamentos ministrados. As sentenças simples e bem cunhadas do Salvador acharam entrada no espírito de muitos, sendo inscritas indelevelmente em suas almas. A Palavra de Jesus, "poderosa para salvar almas, foi neles implantada" (Tg1:21), foi neles de fato semeada, pois "a semente é a Palavra de Deus" (Lc8:11). A Palavra da Verdade ficou, portanto, realmente *gravada* neles, em seus corações, em cumprimento da promessa do Senhor: "Diz o Senhor: 'Porei as Minhas leis na sua mente e as *imprimirei nos seus corações"* (Hb8:10). Figuradamente falando, eles realmente "ataram a Verdade ao pescoço e inscreveram-na nas tábuas do coração" (cf. Pv3:3). Isso pôde acontecer naqueles que ouviram a voz de Jesus com o coração, visto que já eram da Verdade, ou seja, a Verdade ainda subsistia em seus corações:

> *"Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da Verdade. Todo aquele que é da Verdade ouve a minha voz."*
>
> *(Jo18:37)*

Quem outrora ouviu, assimilou, conservou e pôs em prática a Palavra de Jesus, que nasceu e veio ao mundo para dar testemunho da Verdade, este reconhece hoje a Palavra da Verdade de Imanuel, visto que ambas têm a mesma origem, provêm da mesma Fonte: a eterna Verdade de Deus. Não importa se a respectiva pessoa assimilou a Palavra do próprio Jesus ou dos que a transmitiram com fidelidade por toda a parte: "Aqueles que se tinham dispersado iam por toda a parte levando a Palavra da boa nova" (At8:4). Jesus aludiu a esse processo de um reencontro futuro com a Verdade, como uma promessa aos que mantinham estrita observância à sua Palavra:

> *"Se permanecerdes na minha Palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará."*
>
> *(Jo8:31,32)*

Essa Verdade que no futuro traria a libertação espiritual definitiva prometida por Jesus, é a Palavra deixada pelo Filho do Homem – o Espírito Santo. Ele e sua Palavra da Verdade são um só. Por isso, é nessa Palavra que se encontra a liberdade espiritual: "O Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (2Co3:17).

Agora, ao encontrar a Palavra do Filho do Homem, Imanuel, ressurge nessas pessoas os verdadeiros ensinamentos de Jesus, e eles reconhecem novamente nessa época, assim como fizeram no passado, a Palavra da Salvação. Reconhecem-na claramente. Experimentam uma consonância absoluta entre o que foi gravado em suas almas, na época do Mestre, e aquilo com que se deparam agora. Vivenciam no presente, em si próprios, a sentença de que "a Palavra do Senhor permanece para sempre" (1Pe1:25). Mostram ser a "boa terra" na qual foi semeada outrora a Palavra de Jesus, que "tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a Palavra" (Lc8:15). Eles retiveram a Palavra da Vida em seus corações desde então, e agora ela frutificará neles "a cem, a sessenta e a trinta por um" (Mt13:23).

Contudo, os que numa outra vida já desprezaram a Palavra de Jesus, o Messias encarnado no povo eleito, o Santo de Israel, rejeitarão infalivelmente agora, mais uma vez, a Palavra de Imanuel, a Lei do Senhor dos Exércitos, com o que eles mesmos se condenam no Juízo: "Como a língua do fogo devora a palha e a erva seca se consome na chama, a raiz deles há de se desfazer em podridão e a sua flor dissipar-se-á com o pó, porque rejeitaram a Lei do Senhor dos Exércitos, e desprezaram a Palavra do Santo de Israel" (Is5:24).

Os fariseus que escutavam Jesus, como de hábito não compreenderam aquela assertiva fundamental de liberdade espiritual por meio da Verdade, pois com seu limitado raciocínio imaginaram

que ele se referia ao tempo deles e a uma libertação terrena, e por isso retrucaram: "Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes dizer: Vós vos tornareis livres?" (Jo8:33). Quantos desses fariseus de outrora não terão contribuído em vidas posteriores para torcer cada vez mais os ensinamentos de Jesus, comprimindo-os nos estreitos limites do entendimento do raciocínio e da fé cega?… Aqueles fariseus falavam de escravidão terrena, enquanto Jesus se referia à escravidão espiritual. Na dissertação "Despertai", da obra Na Luz da Verdade, Abdruschin diz:

> "O ser humano que permanece acorrentado interiormente será um eterno escravo, mesmo que seja um rei."

Só poderão compreender a frase acima, em toda sua profundidade, os que na época de Jesus assimilaram realmente a Palavra dele em seu íntimo.[48] Estes agora não se deixarão dopar pela fé cega, mas repelirão tudo quanto se mostra em desacordo com a Palavra da Vida, gravada indelevelmente no recôndito de suas almas. Utilizando a Palavra do Filho do Homem como guia, como luminar e bastão, reconhecerão com muita nitidez o que permaneceu puro nos Evangelhos e o que foi torcido por mãos humanas.

Novamente ecoa dentro deles a fórmula de saneamento que Jesus já repetira tantas vezes em relação à antiga doutrina fixa dos judeus: "Ouvistes o que foi dito", seguida da retificação salvadora: "Eu, porém, vos digo:…" (cf. Mt5:32,34,39,44). Jesus Cristo, com sua Palavra salvadora, fez outrora exatamente a mesma coisa que o Filho do Homem fez no presente, com sua Mensagem. Em sua época, Jesus conservou apenas o certo e rejeitou todo erro inserido por mãos humanas nas antigas Escrituras judaicas. Repeliu incisivamente a "tradição dos antigos" (Mc7:3,5) criada pelos antigos fariseus, a qual impedia o livre desenvolvimento espiritual. Do mesmo modo, na época atual, o Filho do Homem também trouxe à tona os verdadeiros ensinamentos de Jesus, descartando todas as concepções errôneas oriundas de cérebros farisaicos, que impregnaram a doutrina original de Cristo no curso dos últimos dois milênios.

A Palavra da Verdade trazida pelo Filho do Homem foi moldada para a época atual, para os seres humanos da época atual. A forma é diferente, pois naturalmente Jesus "expunha a Palavra conforme o permitia a capacidade dos ouvintes" (Mc4:33), portanto da maneira adequada para aquela época, para os seres humanos daquele tempo. O conteúdo de ambas, porém, é o mesmo. A Palavra do Filho do Homem se ajusta a tudo o que Jesus disse, com exceção daquilo que foi acrescido ou modificado por mãos humanas. Ela explica, de maneira clara e definitiva, o conteúdo da doutrina de Cristo, e amplifica para as criaturas humanas o saber sobre a Criação de Deus. Por isso, Paulo disse aos Coríntios: "O nosso conhecimento é imperfeito. Mas, quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co13:9,10). E complementa: "Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então conhecerei plenamente" (1Co13:12). Nos últimos tempos aquelas pessoas estariam reencarnadas na Terra, e receberiam o saber pleno e perfeito através da Palavra do Filho do Homem.

O Filho do Homem, a Vontade Perfeita de Deus, trouxe a Palavra da Verdade para a Terra, porém não fundou uma nova religião. Essa Palavra responde de forma categórica a todas as perguntas que a humanidade se tem feito há milênios, às quais nem a fé cega, nem o ocultismo fantasioso, nem a ciência restrita são capazes de responder. Quem somos? De onde viemos? Qual o propósito da vida? Qual a meta final do espírito humano? As respostas a essas questões são encontradas, sem nenhuma lacuna nem suposições, na Mensagem legada à humanidade pelo Filho do Homem.

Como o Filho do Homem veio das alturas máximas, ele trouxe também o saber completo da Criação inteira, de modo que o ser humano passa a conhecer de que ponto da Criação se originou, e também a meta final de sua peregrinação através dela. Não sobra nenhuma lacuna para o saber do espírito humano. A Palavra mostra sem rodeios como o ser humano tem de viver na Criação se quiser ser um hóspede benquisto nela, e assim adquirir o direito de *continuar a existir* dentro dela. Ele passa a conhecer como tem de se portar para levar uma vida que pode ser considerada do agrado de Deus, a qual o levará por fim aos portais do reino espiritual.

---

[48] Foi o caso de Fílon de Alexandria, que já no século I publicou os tratados "Todo Homem Mau é Escravo" e "Todo Homem Bom é Livre". Fílon dizia que a virtude é sempre *espiritual,* e que o vício é *físico*. Segundo ele, todos os patriarcas que alcançaram a perfeição possuíam três qualificações: *intuição,* instrução e prática.

A peregrinação bem sucedida do espírito humano através dos planos da Criação, até chegar ao Paraíso, assemelha-se a uma longa viagem cuidadosamente planejada. Também aqui na Terra, para se empreender uma viagem prolongada, é preciso primeiramente programar com cuidado todas as etapas, conhecer bem o destino, a rota, as leis de trânsito, etc. Não é diferente com a jornada espiritual. Por isso, o ser humano tem a obrigação de se esmerar em conhecer muito bem o percurso espiritual que tem de percorrer, se não quiser se perder durante a viagem ou tomar inadvertidamente um atalho que o fará desviar da meta.

O ser humano terreno se encontra a uma distância inconcebível do seu Criador. Inconcebível. Contudo, poderá reconhecê-Lo, mesmo aqui na Terra, através da Sua Vontade, claramente perceptível nos efeitos de Suas leis. O Senhor fala às Suas criaturas através das leis da Natureza. Conhecer essas leis é, portanto, fundamental para o ser humano poder saber como deve viver na Criação. Quem viver em conformidade com essas leis inflexíveis da Criação sobreviverá ao Juízo Final, quem se opuser a elas será desintegrado. Não existe meio-termo. Não há vacilação. Nenhuma postergação.

Mas quem possuir anseio legítimo, ardente pela Verdade, e trouxer em si a humildade em forma pura, este terá atingido também as condições necessárias para encontrar e reconhecer a Verdade nesta nossa época. Este terá efetivamente de encontrá-la. Os outros não. Passarão por ela sem vê-la nem reconhecê-la, pois não estão aptos para isso, mesmo que seu raciocínio tente persuadi-los do contrário. A Verdade integral está na Terra; cabe ao ser humano a tarefa de encontrá-la e reconhecê-la, livre de ideias pré-concebidas e paralogismos enganadores.

O ser humano precisa *procurar* a Verdade se quiser encontrá-la. Procurá-la realmente, sem deixar-se acomodar quando se depara com apenas algumas partículas de verdade aqui e acolá. Entretanto, a humanidade acha-se completamente embotada, cega e surda ante a necessidade, premente para ela, de encontrar a Verdade e viver de acordo com ela. Nesse grupo amontoam-se as muitas espécies de seres humanos: materialistas convictos, ocultistas, místicos, cientistas, fiéis fundamentalistas, filósofos das mais variadas correntes e tantos outros.

Todos eles estão absolutamente satisfeitos com aquilo que julgam ter nas mãos. Olham para seus semelhantes com ares de superioridade ou com terna complacência, cientes de estarem muito acima deles com seu saber. No entanto, o íntimo dessas pessoas, o seu espírito, não tem mais nenhum anseio pela Verdade; dorme profundamente, e afasta de si tudo quanto possa perturbar esse sono. Elas nem se dão ao trabalho de examinar com imparcialidade algo que soe diferente daquilo a que se apegaram. E por que o fariam? Sentem-se tão bem, tão elevadas com o que julgam possuir firmemente nas mãos, que não há razão para se perder tempo com coisas esquisitas e inferiores…

Uma pequena parcela da humanidade, porém, uma diminuta parte trava uma dura luta consigo mesma. Sentem que a sua religião, sua filosofia de vida, não lhes traz a tão almejada paz de alma. Falta algo! Algo que não sabem exprimir em palavras, mas que arde dentro de seu íntimo e que as impulsiona para a busca. Durante a busca, várias dessas pessoas mudam de religião ou de filosofia, procurando inconscientemente algo que se aproxime mais da Verdade. Mas, infelizmente, ao encontrarem alguma coisa que julgam mais acertada, acomodam-se na maioria das vezes nesse novo saber e suprimem aquele anseio inicial de busca. Apesar de terem assimilado algo que talvez se encontre mais próximo da Verdade, elas estacionam e deixam de procurar. Deixam de se movimentar.

Nenhum alpinista coloca a bandeira do seu país no meio da encosta de uma montanha, nem mesmo próximo ao topo. Ou ele finca a bandeira no cume ou ela não será hasteada. Ele tem, pois, de escalar a elevação até o final, num esforço contínuo e contíguo, se quiser atingir o objetivo a que se propusera antes da subida. Na escalada espiritual não é diferente. A paisagem pode, sim, ficar mais bonita à medida que se sobe, mas nem por isso deve-se acomodar nessa contemplação, desistindo do restante da subida. Se, na ascensão, a pessoa permanecer parada numa determinada altitude, ainda corre o risco de ser soterrada por uma avalanche. Ela só estará completamente protegida quando chegar ao topo. Subir alguns metros ou estacionar outros tantos abaixo do pico valem tanto quanto nada. O ser humano tem de escalar, sozinho, a montanha do reconhecimento espiritual até o fim, até conquistar a Verdade completa.

Durante essa escalada muitas pessoas boas vivenciam amargas decepções, não somente ao constatar lacunas nos novos conhecimentos que vão adquirindo, mas, principalmente, ao se defrontarem com os assim chamados adeptos dessas doutrinas, tendo de reconhecer quão longe muitos deles estão de

viver segundo alguma diretriz talvez realmente boa. Ou, ainda, que uma diretriz que supunham correta as levaram para alvos errados, muito diferentes dos ansiados por seus espíritos. Por último ainda são obrigadas a ouvir gracejos dos que se mantiveram parados, como se suas desilusões fossem motivo para risos. Quem não graceja se contenta em apontar o dedo e a bradar: "Não falei?!"

Nesse ponto, a maior parte desiste de vez. Chega até à conclusão de que aquilo por que anseiam não pode ser encontrado… Que não existe… Com essa atitude a própria pessoa coloca uma baliza final em sua busca. Desiste daquilo que lhe é mais sagrado e vai se juntar às legiões de seres humanos aconchegados em alguma crença falsa.

A esse respeito, diz Abdruschin em sua obra Na Luz da Verdade, dissertação "A Moderna Ciência do Espírito":

> "Os reveses no reconhecimento de caminhos errados se tornam armas afiadas nas mãos de muitos inimigos, os quais podem com o tempo incutir em centenas de milhares de seres humanos uma desconfiança tal, que esses, dignos da maior lástima, ao defrontarem a Verdade, não mais desejarão examiná-la deveras, receosos de nova ilusão! Taparão os ouvidos, que de outra forma teriam aberto, perdendo assim o último lapso de tempo que ainda lhes pudesse dar o ensejo de escalar rumo à Luz."

É um erro terrível do ser humano espiritualmente vivo interromper sua busca da Verdade em razão das decepções com que se depara. Teria sido então errado iniciar a busca? Claro que não! Pois a exortação de Jesus é muito clara: "Procurais, e encontrareis!" (Mt7:7; Lc11:9). Essas palavras não encerram um conselho, não são acaso uma sugestão, mas sim uma *exigência*, trata-se de uma *ordem* a ser cumprida! Diz o Livro da Sabedoria que ela, a Sabedoria, "se deixa encontrar pelos que a procuram" (Sb6:12), somente por estes! Estes, que procuram, cumprem automaticamente a exortação de não deixar endurecidos os ouvidos: "Eis por que assim declara o Espírito Santo: Hoje, se lhe ouvirdes a voz, não endureçais os vossos corações" (Hb3:7,8). Eles ouvirão e reconhecerão a voz do Filho do Homem em sua Palavra. A segunda sentença das 114 existentes no apócrifo Evangelho de Tomé, atribuídas a Jesus, diz: "Aquele que procura não cesse de procurar até que descubra. E quando descobrir ele ficará confuso, e da confusão surgirá um reconhecimento, e com isso saberá de tudo e não precisará temer a morte."

E agora, nessa época crucial da história humana, a mais crucial que já existiu, quando as estruturas formadas e nutridas pelo até então onipotente raciocínio estão ruindo por toda a parte, fragorosamente, quando cada um de nós tem de decidir sobre a sua própria subsistência como espírito humano, a Verdade se encontra novamente na Terra. Chegou até aqui moldada para a época atual, para os seres humanos do presente. Os requisitos para encontrá-la, porém, não mudaram, continuam exatamente os mesmos de outrora, como não poderia deixar de ser. É condição prévia uma determinada maturidade de espírito, que só pode ser obtida através de esforço ascensional próprio, exclusivamente pessoal, nada tendo a ver com estudos teológicos ou esotéricos. Somente a busca pessoal torna o anseio espiritual legítimo, vivo, e não a mera curiosidade mental ou mística.

A Verdade está brilhando no meio dos seres humanos, ela é como "uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o Dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações" (2Pe1:19). É a Palavra da Verdade deixada por Imanuel, que como Vontade viva de Deus é o único "eterno guardião da Verdade" (Sl146:6). Na época atual pode-se afirmar, finalmente, que "as trevas estão passando e já brilha a Luz verdadeira" (1Jo2:8). E essa Luz verdadeira, a Palavra da Verdade, precisa ser encontrada por aqueles que têm anseio por ela. Precisa ser encontrada porque é o único auxílio possível. Sem esse auxílio a criatura humana não conseguirá se libertar dos erros e das culpas que a agrilhoam, mesmo que, na sua habitual superficialidade, julgue isso possível com os sofismas de seu intelecto. Se não retirar de uma vez por todas os espessos óculos escuros do raciocínio, jamais conseguirá divisar o brilho da Verdade.

Existe ainda uma espécie de seres humanos que não quer examinar nada de novo por medo. Medo dos falsos profetas. Essa é também uma posição cômoda e covarde, pusilânime. Pois para saber se um determinado guia faz parte do grupo dos falsos profetas é preciso, evidentemente, conhecer o que ele tem a dizer!

Não é possível emitir um julgamento ou uma opinião sobre uma determinada doutrina ou filosofia sem conhecê-la, sem saber do que se trata. Naturalmente, esse julgamento pode ser rápido e infalível se o ser humano fizer uso de sua intuição. Mas ele tem de examinar tudo com que se depara, examinar com imparcialidade, livre de preconceitos e dogmas. Para a pessoa que se esforça realmente em ascender espiritualmente, poucas palavras ou linhas já bastam para reconhecer se algo novo tem ou não valor. A respeito dessa rejeição sistemática, sem análise, de tudo quanto é novo, com a menção aos falsos profetas, diz também Abdruschin em Na Luz da Verdade, dissertação "Fiéis Por Hábito":

> "Não é diferente com aqueles que procuram recusar tudo quanto é novo, fazendo referência à profecia sobre o aparecimento de falsos profetas! Nisso também nada há de diferente, do que mais uma vez a indolência do espírito, pois nessa profecia, a que eles se referem, é concomitantemente expresso de maneira clara que *o certo, o prometido,* virá exatamente nesta época do aparecimento dos falsos profetas! Como pensam então em reconhecê-lo, se para a sua comodidade simplesmente liquidam tudo de modo leviano com uma tal referência! Essa pergunta fundamental nenhuma pessoa ainda formulou para si mesma."

Também com as dificuldades que encontra em sua caminhada o espírito amadurece. Podem ser obstáculos inesperados que aparecem em seu caminho de busca da Verdade. Os obstáculos são constituídos em grande parte por entulhos que dificultam o caminhar para cima, os quais foram ali depositados logo no início do trajeto por muitos pretensos mestres, frequentemente na ilusão de estarem auxiliando a humanidade. Esses "mestres" apenas deram alguns passos na escalada e retrocederam, imaginando que o amontoado dos seus próprios entulhos já fosse o ápice da montanha.

Cada entulho traz, porém, o perigo de obscurecer a vista para o alto e desviar o andarilho do caminho reto para cima, levando-o imperceptivelmente para atalhos que não o fazem progredir, ao contrário, que o conduzem para baixo.

Contudo, se o ser humano for capaz de reconhecer um obstáculo como algo nocivo, pode então desviar-se dele ou até mesmo passar por cima, sem se incomodar com suas dimensões. Com seu firme propósito na escalada progressiva perceberá que esses estorvos vão se tornando cada vez mais raros, até desaparecerem completamente. Então poderá prosseguir com redobrada energia em direção ao alvo almejado. *Se ele próprio não retroceder nem se desviar desse caminho, alcançará o alvo!* Terá demonstrado a importância que dá à sua própria salvação através da *perseverança,* a qual suplanta todas as vicissitudes que encontra em sua passagem pela materialidade: "Aquele, porém, que *perseverar* até o fim, este será salvo" (Mt24:13). Terá se tornado então merecedor das promessas de salvação, porque ao lado de sua fé também se mostrou zeloso e perseverante na realização de suas esperanças, afastando de si toda preguiça espiritual: "Desejamos, porém, que cada um de vós mostre *o mesmo zelo* para a plena realização da sua esperança até o fim, de modo que *não vos torneis preguiçosos,* mas imiteis aqueles que, pela fé *e pela perseverança* se tornam herdeiros das promessas" (Hb6:11,12). A fé é o início do bom caminho, à qual se deve ir juntando, com aplicação, outras qualidades em escala ascendente, conforme explica Pedro: "Aplicai toda a diligência em juntar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio *a perseverança"* (2Pe1:5,6). Essas qualidades são o único antídoto contra a inutilidade e improdutividade de vida do cristão: "Se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos" (2Pe1:8).

Uma atitude bem diferente da imensa multidão dos entusiastas da "salvação gratuita", que passeiam sorridentes e de mãos dadas, despreocupadamente, pela confortável estrada larga da morte, pavimentada por tantas religiões e seitas, que nada mais exigem deles senão que sigam sem reflexão as setas indicadoras do caminho para baixo, sedimentadas cuidadosamente por elas mesmas.

Por isso, é preciso manter a vontade firme na busca, perseverar. Só assim o ser humano mostra-se digno de alcançar a Verdade. Sua determinação inabalável o fará suplantar todos os mencionados obstáculos. *A vontade sincera e a humildade de espírito são a chave para se encontrar, reconhecer e cumprir a Verdade.*

Vontade sincera e humildade de espírito! Duas premissas de um ser humano bom que se esforça realmente em fazer tudo certo, testemunhas do seu puro anseio pela Luz e pela Verdade. São elas também os fundamentos para a ascensão ao Paraíso, legitimados nesses apelos de Davi: "Dá-me a conhecer Teus caminhos, Senhor; ensina-me as Tuas veredas. Faze-me caminhar para a Tua Verdade. Mostra-me, Senhor, o Teu caminho, para eu caminhar na Tua Verdade" (Sl25:4;86:11). O mesmo rogo sincero se reconhece nessa outra sentença: "Envia a Tua Luz e a Tua Verdade, para que elas me guiem e me conduzam à Tua montanha santa, à Tua morada" (Sl43:3).

Esse trajeto de volta à montanha santa da pátria espiritual será possível àquele que encontrar, reconhecer e praticar a Verdade. Reconhecer a Verdade significa vivenciá-la, viver dentro dela e nela. Estar sob a Luz da Verdade é ter todas as dúvidas existenciais sanadas, significa conhecer integralmente a Criação até o ponto de origem do ser humano. Praticar a Verdade é continuar evoluindo espiritualmente, o que equivale a construir para si mesmo a escada da ascensão espiritual, pois "quem pratica a Verdade aproxima-se da Luz" (Jo3:21). E quem se aproxima da Luz cumpre da maneira mais natural a Vontade do Criador em relação às Suas criaturas humanas, podendo a partir daí contribuir conscientemente para o embelezamento contínuo da obra da Criação.

Essa possibilidade está ao alcance de cada um que ainda traga dentro de si um vislumbre de Verdade, uma fagulha de vida. Não é a erudição, não é o ocultismo nem o misticismo, não é a fé cega que conduzem à Verdade. O caminho para lá só pode ser encontrado pelo íntimo renovado do espírito humano, através de sua própria vontade tornada pura. Por nada mais no mundo.

> "Escutai, ó desalentados! Erguei o olhar, vós que buscais com sinceridade: O caminho para o Altíssimo se encontra pronto na frente de cada criatura humana! A erudição não é a porta que leva até lá!
>
> Escolheu Cristo Jesus, esse grande exemplo no verdadeiro caminho para a luz, os seus discípulos entre os cultos fariseus? Entre pesquisadores das escrituras? Tirou-os da singeleza e da simplicidade, porque eles não tinham que se debater contra este grande erro, que o caminho para a luz é difícil de aprender e árduo de seguir.
>
> Quem possui em si firme vontade para o bem e se esforça por outorgar limpidez a seus pensamentos, *este já achou o caminho para o Altíssimo!* E assim, tudo o mais lhe será concedido."

As palavras acima foram extraídas da primeira dissertação da Mensagem do Graal de Abdruschin – "Que Procurais?".

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abba, 45
Abdias, 130
Abdruschin, 9, 18, 20, 31, 33, 37, 39, 56, 68, 70, 71, 78, 102, 103, 105, 110, 113, 140, 149, 152, 154, 155, 156
Abel, 41
Abraão, 45
Adão, 39, 136, 139
Ageu, 130
Agostinho, 97
Além, 30, 36, 49, 60, 86, 98, 104, 105, 135, 146
alexandrino, 53
alma, 21, 31, 38, 47, 60, 76, 102, 109, 115, 133, 136, 141, 145, 153
Altíssimo, 41, 52, 119, 120, 135, 136, 143, 144, 145
Amor, 28, 33, 38, 50, 56, 148
amor ao próximo, 64
Amós, 129, 148
anjo, 48, 52, 103, 104, 114, 133, 140, 146, 149
Anselmo, 39
Antigo Testamento, 40, 41, 42, 43, 45, 52, 75, 86, 89, 95, 146
Antigüidade, 23
Antiguidades Judaicas, 49, 87, 100
Apocalipse, 22, 38, 62, 64, 86, 88, 89, 114, 115, 121, 131, 132, 133, 135, 136, 144, 148
apócrifo, 79, 135, 136, 138, 144, 146
Apolo, 25
arrogância, 48
ascensão espiritual, 156
Asklepios, 25
Atos dos Apóstolos, 17, 57, 82, 97

B

Baal, 146
Babilônia, 41, 144, 147
Bartolomeu, 82
Baruc, 89, 136, 144
batismo, 100
bem-aventurança, 107
bênção, 73, 139
bênçãos, 140
Bonifácio, 26

C

cânon, 23, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 136, 144
Cântico dos Cânticos, 86
carma, 72
ceifa, 133, 146
ciência, 109, 148, 152
Clemente de Alexandria, 82, 138
cobiça, 16, 145
Colossenses, 37, 38
Cometa, 62
conceito de família, 87
Concílio Constantinopla I, 86
Concílio de Cartago, 89
Concílio de Hipona, 89
Concílio de Laodiceia, 89
Concílio de Niceia, 85
Concílio de Trento, 89, 144
Concílio de Trulico, 89
condenação, 50, 108, 136, 143, 145
condenados, 99, 113, 142
confiança, 17
Consolador, 69, 70, 77, 147
Constantino, 48, 79, 85, 102
convicção, 50, 73, 108, 110
copistas, 43, 95, 97
coração, 16, 38, 48, 72, 76, 99, 107, 133, 136, 144, 145, 148, 151
Cordeiro, 134
Coríntios, 25, 38, 51, 65, 72, 88, 103, 109, 110, 114, 152
corpo físico, 29, 31, 78
crianças, 23
cristãos, 43
cristianismo, 26, 46, 57, 75, 85, 87, 93, 97, 100
crucificação, 44, 46, 47, 51
cruz, 20, 32, 39, 42, 46, 47, 48, 50, 51, 99, 102, 111, 112, 113, 115
culpa, 39, 40, 46, 47, 50, 76, 124, 146

D

Daniel, 24, 31, 52, 58, 59, 78, 87, 89, 128, 129, 132
Davi, 21, 58, 68, 123
David, 162
demônio, 16, 104
deuses, 22, 24, 25, 119, 124
deuterocanônico, 138, 144
deuterocanônicos, 89
Deuteronômio, 40, 43, 67
Dia do Senhor, 67, 76, 125, 130
dilúvio, 62
Dionísio, 95
doenças, 134, 145
dogma, 45, 46
dor, 46, 68, 142

E

Ebionitas, 82, 85

Eclesiastes, 87, 90
Eclesiástico, 89, 128, 135, 138
efeito retroativo, 134
Efésios, 37, 38, 114
Egípcios, 82
Egito, 83, 116
Elquesaítas, 85
Emissário, 52
encarnação, 43
Enoch, 23, 59, 138, 139, 140, 144
enteais, 21, 22, 23, 24, 25, 26
Enviado, 55, 57, 69, 77
Epístola aos Hebreus, 43, 89, 138
Epístola de Tiago, 87
erudição, 156
escribas, 98
Escrituras, 26, 41, 44, 45, 83, 89, 90, 91, 105, 138, 148
Esdras, 89, 135, 136
espécie igual, 16
Espírito Santo, 69, 70, 77, 83, 115, 124, 126, 147
Essênios, 84
Ester, 31, 87, 89
Estevão, 48
estigma, 113
Eva, 39
Evangelho de João, 91
Evangelho de Lucas, 44, 51, 92, 94, 97, 103, 104, 111
Evangelho de Marcos, 28, 53, 92, 94, 97, 99
Evangelho de Mateus, 16, 92, 93, 94, 96, 149
Evangelhos canônicos, 18, 83, 85, 90, 91, 92, 146
evangelistas, 16, 28, 52, 56, 93, 98
Êxodo, 36, 40, 67
Ezequiel, 27, 37, 61, 101, 115, 126, 127, 143, 144

F

falsos profetas, 59, 60, 154, 155
fantasia, 18, 21, 30, 31, 35
fariseus, 102, 147
fé cega, 46, 51, 99, 142, 156
felicidade, 73, 144
Festa dos Tabernáculos, 144
fiéis, 50, 75, 78, 102, 134, 153
Filemon, 88, 95
Filho de Deus, 19, 38, 46, 47, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 66, 69, 74, 75, 78, 113, 120, 148
Filho do Homem, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 104, 113, 120, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154
Filipe, 17
Filipenses, 38, 95
Fílon de Alexandria. , ,
filósofos, 153
final dos tempos, 74, 75
Flávio Josefo, 87
fome, 28, 36, 119, 148

G

Gabriel, 52, 142
galardão, 35, 146
Gálatas, 25, 38, 87, 110
Gênesis, 21, 22, 88, 132, 138
gentios, 26
Germanos, 24
Getsemani, 103
gigantes, 22
gnosticismo, 79, 91
graça, 73, 119, 140, 148, 149
Gregos, 24

H

Habacuc, 121, 129
Hebreus, 38, 43, 82, 88
heresia, 74, 87
História, 41, 48
humildade, 60, 107, 148, 153, 155

I

Idade Média, 35
Igreja, 26, 33, 38, 42, 58, 59, 79, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 95, 97, 99, 104
igrejas, 83, 97
Imanuel, 69, 77, 149, 150, 151, 154
Inácio de Antioquia, 94
indolência, 155
Inquisição, 39
íntimo, 16, 35, 40, 46, 107, 109, 153
intuição, 41, 59, 61, 150, 155
intuições, 16
inveja, 16, 145
Ira, 45, 72, 119, 125, 126, 130, 134
Irineu, 38, 94
Isaías, 40, 41, 42, 66, 69, 97, 124, 135, 146, 149
Israel, 41

J

Jamnia, 86, 136
Jeremias, 40, 60, 61, 89, 105, 126, 144, 147
Jerônimo, 94, 95, 97, 99
Jó, 31, 65
João, 19, 29, 31, 33, 36, 38, 50, 52, 53, 55, 58, 66, 69, 76, 79, 80, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 122, 131, 132, 135, 137, 146
Joaquim de Fiore, 121
Joel, 129, 148, 161
joio, 65, 74, 150
Jonas, 44, 147
Judas, 48, 49, 89, 138, 139
Judite, 22, 89
Juiz, 72, 119, 124, 128, 131, 139, 144

Juízo, 22
Juízo Final, 22, 57, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 72, 78, 108, 124, 125, 126, 130, 131, 133, 134, 135, 139, 144, 147, 148, 149, 153
Julgamento, 68, 71, 72, 108, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145
justiça, 37, 48, 60, 69, 73, 76, 99, 124, 134, 140
Justiça, 41, 46, 102, 120, 124, 125, 140, 141, 142, 143
Justino, 36, 94, 138

L

Lamentações, 144
Lei da Reciprocidade, 63, 99
leis da Criação, 18, 19, 20, 21, 50, 65, 72, 113, 133, 153
leis inflexíveis, 64
leis naturais, 19, 20, 27, 29, 104
leis primordiais, 74
leis universais, 20
Levítico, 39
livre-arbítrio, 47
Livro da Vida, 144
Livro de Enoch, 23, 86, 135, 138, 139
lógica, 18, 56, 64
Lucas, 16, 17, 32, 57, 73, 79, 82, 90, 92, 94, 97, 138
Lúcifer, 16, 45, 47, 70, 113, 146
Luiz de León, 86
Lutero, 89
Luz, 18, 20, 37, 39, 70, 71, 103

M

Macabeus, 89, 135
Malaquias, 97, 128
maligno, 38
manuscritos, 33, 43, 53, 55, 97, 98, 99, 104
Márcion, 94
Marcos, 16, 20, 31, 79, 90, 92, 94, 97, 99, 104
Maria, 32, 35, 82, 135, 161, 162, 163, 164, 165
Maria Madalena, 32
matéria fina, 16, 23, 31, 32
matéria grosseira, 31
Mateus, 16, 28, 31, 32, 74, 79, 90, 92, 94, 97, 138, 149
Matias, 82
Mensagem do Graal, 37, 39, 70, 71, 103, 113
mentira, 21, 141
Messias, 44, 47, 58, 100, 119, 139
milagres, 19, 21, 27, 28, 147
Miquéias, 129
miséria, 143
misericórdia, 65, 111
mistério, 30, 48, 49
misticismo, 29, 30, 148, 156
Moisés, 22, 36, 44, 96, 100
Montano, 95
morte espiritual, 72
mortos, 119, 126, 133, 139, 146
Muratori, 88

N

Nabucodonosor, 24
Nag Hammadi, 79
natureza, 19, 21, 24, 25, 26, 35, 54, 86, 104, 134
Nicodemos, 53, 82
Noé, 62, 75
Nova Era, 73
Novo Testamento, 33, 40, 41, 42, 43, 45, 53, 57, 76, 79, 89, 90, 91, 93, 97, 98, 99, 131, 138, 149

O

ocidental, 26, 53
ocultismo, 29, 30, 148, 152, 156
ódio, 16, 111, 145
Olimpo, 24
Oráculos Sibilinos, 119
Orígenes, 38, 43, 138
Oséias, 40, 129
ovelhas, 72, 142

P

Pai, 37, 71
Palavra da Verdade, 115
Palavra de Deus, 23, 35, 38, 77, 97, 110, 133, 146, 148
Palavra encarnada, 36
pão da vida, 36, 58
papa, 26, 89
Pápias, 94, 95
parábolas, 56
Paracelso, 25
Paraíso, 35, 99, 110, 118, 153, 156
parusia, 58, 75
pastor, 72
pátria espiritual, 151
Paulo, 17, 24, 34, 37, 42, 43, 47, 57, 64, 65, 68, 72, 75, 76, 83, 87, 90, 92, 94, 95, 98, 99, 109, 110, 111, 114
paz, 41, 68, 73, 74, 76, 100, 141, 142, 144, 145, 146, 153
pecado, 39, 43, 45, 48, 69, 71, 76, 136, 142, 143, 144
pedra angular, 52
Pedro, 26, 31, 32, 67, 72, 75, 82, 88, 94, 110
pensamentos, 30, 45, 58, 74, 86, 145
Pentateuco, 89
perdão, 140
perdição, 61, 113
personalidade, 34, 55, 75, 144
Pilatos, 48, 49, 104
Platão, 23, 24, 47
Possessão, 17
Precursores, 45

profecia, 52, 75, 155
profecia Maia, 117
profetas, 44, 45, 47, 59, 60, 74, 145, 146, 154, 155
Provérbios, 90
pseudepígrafos, 79

Q

Qumran, 101, 107, 120, 135, 138

R

raciocínio, 29, 30, 34, 35, 74, 78, 107, 153, 154
Rainha de Sabá, 68
Reino de Deus, 73, 109, 110
reino dos céus, 34, 107
religião, 30, 131, 152, 153
relíquias, 35
responsabilidade, 41, 94, 136
ressurreição, 21, 32, 34, 37, 44, 57, 58, 86, 99, 104, 108, 138
Romanos, 24, 38, 42, 72, 111
Roselis von Sass, 22, 23, 24, 25, 26, 44, 62, 63, 68, 101, 113, 116, 119, 120, 131, 144, 147

S

sabedoria, 51, 68, 120, 124, 140, 141, 142, 143
Sabedoria, 78, 81, 88, 89, 127, 135, 138, 141, 143, 154
saduceus, 138
Salmos, 21, 43, 89
Salomão, 68, 86, 88, 89, 96, 135
salvação, 19, 37, 38, 40, 47, 57, 58, 100, 113, 120, 133, 148, 149, 155
Salvador, 35, 113, 149
Samaria, 17
Satanás, 16, 48, 111
Savonarola, 121
segunda vinda, 74, 75, 76, 78
selo, 50, 58, 113, 114
Senhor dos Espíritos, 139, 140, 141, 142
Senhor dos Exércitos, 125
Septuaginta, 43, 89, 144
sepulcro, 32, 44, 99, 104
Sinaiticus, 88, 96, 97, 99, 103
Sinédrio, 49, 55
Sirácida, 89, 138
Sofonias, 130
sofrimento, 40, 42, 44, 45, 46, 64, 112, 139

T

Taciano, 95
Tertuliano, 121
Tessalonicenses, 38, 55, 68, 76, 92
Thor, 26
Tiago, 38, 82, 87, 88, 89
Timóteo, 38, 64, 95
Tito, 38, 95
Tobias, 89, 135
Tomé, 33, 82, 83
Torá, 89
trabalho, 83, 90, 95, 96, 97, 98, 142, 153
tragédias, 64
trevas, 30, 37, 47, 60, 65, 68, 111, 144, 146
tribulacionistas, 76
trigo, 65, 74, 150
Trindade, 69, 126
tristeza, 32, 76
Tucídides, 56

U

Ungido, 136, 141
Universo, 38, 39, 113

V

variante, 53, 97
Vaticano, 89
Vaticanus, 88, 96, 97, 99, 103
Verdade, 18, 20, 37, 39, 70, 71, 103
Vetus Latina, 95
vida espiritual, 61, 107
vida eterna, 29, 36, 50, 58, 107, 108, 139, 146
violência, 130, 134, 142, 146
vivos, 16, 46, 133, 139, 146
vontade intuitiva, 16
Vulgata, 86, 89, 95, 96, 97, 99

X

Xenofonte, 24

Z

Zacarias, 42, 53, 130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA ANOTADA – Editora Mundo Cristão, 1991
- A BÍBLIA DE JERUSALÉM – Editora Paulus, 2000
- A BÍBLIA SAGRADA – Sociedade Bíblica do Brasil, 1969
- A BÍBLIA VIVA – Editora Mundo Cristão, 2000
- Alba, André – ROMA – Editora Mestre Jou, 1964
- Agostinho – CONFISSÕES – Editora Paulus, 2004
- Aichele, George et al. – A BÍBLIA PÓS-MODERNA – Edições Loyola, 2000
- Alfaro, Juan Ignacio – O APOCALIPSE – Edições Loyola, 2002
- Allan, John et al. – AS RELIGIÕES DO MUNDO – Editora Melhoramentos, 1996
- Altor, Robert – GUIA LITERÁRIO DA BÍBLIA – Editora Unesp, 1997
- Archer, Gleason L. – ENCICLOPÉDIA DE DIFICULDADES BÍBLICAS – Editora Vida, 1998
- Armstrong, Karen – UMA HISTÓRIA DE DEUS – Companhia das Letras, 1995
- Arnold, Bill T. – DESCOBRINDO O ANTIGO TESTAMENTO – Editora Cultura Cristã, 2001
- Atienza, Juan G. – OS SANTOS PAGÃOS – Editora Ícone, 1995
- Elwell, Walter A. – DESCOBRINDO O NOVO TESTAMENTO – Editora Cultura Cristã, 2001
- Arias, Juan – A BÍBLIA E SEUS SEGREDOS – Editora Objetiva, 2004
- Artola, Antonio M. – BÍBLIA E PALAVRA DE DEUS – Editora Ave Maria, 1996
- ASPECTOS DO ANTIGO EGITO – Editora Ordem do Graal na Terra, 2004
- Auzou, Georges – A TRADIÇÃO BÍBLICA – Livraria Duas Cidades, 1970
- Azevedo, Antônio C. do Amaral – DICIONÁRIO DE NOMES, TERMOS E CONCEITOS HISTÓRICOS – Editora Nova Fronteira, 1990
- Bailey, Alice A. – O REAPARECIMENTO DO CRISTO – Editora Pensamento, 1985
- Barbaglio, Giuseppe – AS CARTAS DE PAULO – Vols. I, II – Edições Loyola, 1989, 1991
- Barrera, Julio Trebore – A BÍBLIA JUDAICA E A BÍBLIA CRISTÃ – Editora Vozes, 1999
- Baschera, Enzo – OS GRANDES PROFETAS – Editora Círculo do Livro, 1992
- Batchelor, Mary – A BÍBLIA EM FOCO – Editora Melhoramentos, 1995
- Beeke, Joel et al. – SOLA SCRIPTURA – Editora Cultura Cristã, 2000
- Belloso, J. M. Rovira – A BÍBLIA – Editora Martins Fontes, 1993
- Berger, Klaus – AS FORMAS LITERÁRIAS DO NOVO TESTAMENTO – Edições Loyola, 1998
- Berkhof, Louis – A HISTÓRIA DAS DOUTRINAS CRISTÃS – Editora PES, 1992
- Berkhof, Louis – PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA – Editora Cultura Cristã, 2000
- BIBLE WORKS – CD versão 4.0 (79 Bíblias em 20 idiomas) – Lotus Development Corp., 1998
- BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA – Edições Loyola, 1994
- BÍBLIA CATÓLICA – Boa Nova, 2003
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA – Sociedade Bíblica do Brasil, 1999
- BÍBLIA DE ESTUDO DAS PROFECIAS – Sociedade Bíblica do Brasil, 2001
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA – Editora Cultura Cristã, 1999
- BÍBLIA DE ESTUDO ESPERANÇA – Editora Vida Nova, 2000
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL – Editora CPAD, 1995
- BÍBLIA DE ESTUDO VIDA – Editora Vida, 1999
- BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON – Editora Vida, 2000
- BÍBLIA DO PEREGRINO – Editora Paulus, 2000
- BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS – Editora Difusora Bíblica, 1998
- BÍBLIA FÁCIL – Centro Bíblico Católico, 2001
- BÍBLIA MANÁ – Editora Vida, 1997
- BÍBLIA ONLINE – CD versão 2.0 (51 Bíblias em 25 idiomas) – Sociedade Bíblica do Brasil, 1999
- BÍBLIA SAGRADA – Direção Cultural Editora Ltda.
- BÍBLIA SAGRADA – Edição Eletrônica – Associação Cultural Thélos
- BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral-Catequética – Editora Ave Maria, 2000

- BÍBLIA SAGRADA – Editora Riddel, 1997
- BÍBLIA SAGRADA – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – Sociedade Bíblica do Brasil, 2000
- BÍBLIA SAGRADA – Nova Versão Internacional – Editora Vida, 2001
- BÍBLIA SAGRADA – Tradução da CNBB – Editora Vozes, 2001
- BÍBLIA SHEDD – Edições Vida Nova, 2001
- Boehner, Philotheus – HISTÓRIA DA FILOSOFIA CRISTÃ – Editora Vozes, 2000
- Bologne, Jean-Claude – DICTIONNAIRE COMMENTÉ DES EXPRESSIONS D'ORIGINE BIBLIQUES – Larousse, 1999
- Bonora, Antonio et al. – VADEMECUM PARA O ESTUDO DA BÍBLIA – Edições Paulinas, 2000
- Bowker, John – PARA ENTENDER AS RELIGIÕES – Editora Ática, 2000
- Boyer, O. S. – PEQUENA ENCICLOPÉDIA BÍBLICA – Editora Vida, 1995
- Branco, Raul – OS ENSINAMENTOS DE JESUS E A TRADIÇÃO ESOTÉRICA CRISTÃ – Editora Pensamento, 1999
- Brito, Melcíades José de – O ESPIRITISMO À LUZ DA BÍBLIA SAGRADA – Editora DPL, 2000
- Brown, Raymond E. – O SIGNIFICADO CRÍTICO DA BÍBLIA – Edições Loyola, 1987
- Buzzetti, Carlo – BÍBLIA: SUAS TRANSFORMAÇÕES – Editora Ave Maria, 1999
- Caravias, José Luis – COISAS DA BÍBLIA – Edições Paulinas, 1991
- Carson, D. A. – OS PERIGOS DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA – Edições Vida Nova, 2001
- Catão, Francisco – O MONOPÓLIO DO SAGRADO – Editora Best Seller, 1994
- CHAVE BÍBLICA – Sociedade Bíblica do Brasil, 1998
- Choisel, Jean – A NOVA HUMANIDADE – Editora Forense, 1968
- Cohn, Norman – COSMOS, CAOS E O MUNDO QUE VIRÁ – Companhia das Letras, 1996
- CONCORDÂNCIA BÍBLICA ABREVIADA – Editora Vida, 1999
- Cullmann, Oscar – A FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO – Editora Sinodal, 2003
- Dattler, Frederico – SINOPSE DOS QUATROS EVANGELHOS – Editora Paulus, 1986
- Delumeau, Jean – O PECADO E O MEDO – Vols. I, II – Edusc, 2003
- Delumeau, Jean – HISTÓRIA DO MEDO NO OCIDENTE – Companhia das Letras, 1996
- Delumeau, Jean – MIL ANOS DE FELICIDADE – Companhia das Letras, 1997
- Dias da Silva, Cássio Murilo – METODOLOGIA DE EXEGESE BÍBLICA – Edições Paulinas, 2000
- Dockery, Davi – MANUAL BÍBLICO – Editora Vida Nova, 2001
- Drane, John – A BÍBLIA: FATO OU FANTASIA? – Bompastor Editora, 1994
- Drane, John et al. – ATLAS DA BÍBLIA – Editora Paulus, 2004
- Dreher, Luís H. – O MÉTODO TEOLÓGICO DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER – Editora Sinodal, 1995
- Drewermann, Eugen – DE LA NAISSANCE DES DIEUX À LA NAISSANCE DU CHRIST – Éditions du Seuil, 1992
- Drioton Étienne et al. – AS RELIGIÕES DO ANTIGO ORIENTE – Editora Flamboyant, 1958
- Echegaray, J. González et al. – A BÍBLIA E SEU CONTEXTO – Edições AM, 1994
- Fabris, Rinaldo – AS CARTAS DE PAULO – Volume III – Edições Loyola, 1992
- Fabris, Rinaldo – OS ATOS DOS APÓSTOLOS – Edições Loyola, 1991
- Fabris, Rinaldo et al. – OS EVANGELHOS – Vols. I, II – Edições Loyola, 1990, 1992
- Fabris, Rinaldo – PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DAS CIÊNCIAS BÍBLICAS – Edições Loyola, 1981
- Fouilloux, Danielle et al. – DICIONÁRIO CULTURAL DA BÍBLIA – Edições Loyola, 1998
- Fox, Robin Lane – BÍBLIA, VERDADE E FICÇÃO – Companhia das Letras, 1991
- Frye, Northrop – A BÍBLIA E A LITERATURA – Bom Tempo Editorial, 2004
- Geisler, Norman – A INERRÂNCIA DA BÍBLIA – Editora Vida, 2003
- Gilberto, Antonio – O CALENDÁRIO DA PROFECIA – Editora CPAD, 1985
- Gilmer, Thomas L. – CONCORDÂNCIA BÍBLICA EXAUSTIVA – Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1999
- Gonzalez, Angel Luis – TEOLOGIA NATURAL – Ediciones Universidad de Navarra, 1985
- Goody, Jack – THE INTERFACE BETWEEN THE WRITTEN AND THE ORAL – Cambridge University Press, 1999
- Greeley, Andrew M. – A BÍBLIA E NÓS – Editora Siciliano, 1993

- Guaracy, Thales – A SABEDORIA DA BÍBLIA – Editora Mandarim, 1999
- Guitton, Jean – DEUS E A CIÊNCIA – Editora Nova Fronteira, 1991
- Habershon, Ada – MANUAL DE TIPOLOGIA BÍBLICA – Editora Vida, 2003
- Hadas-Lebel, Mireille – FLÁVIO JOSEFO, O JUDEU DE ROMA – Editora Imago, 1991
- Harrington, Wilfrid J. – CHAVE PARA A BÍBLIA – Editora Paulus, 2002
- Hassnain, Fida – JESUS, A VERDADE E A VIDA – Editora Madras, 1999
- Hick, John – A METÁFORA DO DEUS ENCARNADO – Editora Vozes, 2000
- Hill, Christopher – A BÍBLIA INGLESA E AS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XVII – Editora Civilização Brasileira, 2003
- Hinnels, John R. – DICIONÁRIO DAS RELIGIÕES – Editora Círculo do Livro, 1989
- Horton, Stanley M. – TEOLOGIA SISTEMÁTICA – Editora CPAD, 1999
- Inglis, Brian – O MISTÉRIO DA INTUIÇÃO – Círculo do Livro, 1990
- Jaman – O FIM DOS TEMPOS – Editora Madras, 1996
- JESUS, O AMOR DE DEUS – Editora Ordem do Graal na Terra, 2002
- Johnson, Paul – HISTÓRIA DO CRISTIANISMO – Editora Imago, 2001
- Keller, Werner – E A BÍBLIA TINHA RAZÃO… – Editora Melhoramentos, 1992
- Kemp, Netta – GEOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNDO BÍBLICO – Editora Vida, 2003
- Ketterer, Eliane – O MIDRAXE – Editora Paulus, 1996
- Konings, Johan – A BÍBLIA NAS SUA ORIGENS E HOJE – Editora Vozes, 1997
- Lacy, J. M. Abrego de – OS LIVROS PROFÉTICOS – Editora Ave Maria, 1998
- Laperrousaz, E. M. – OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO – Editora Círculo do Livro, 1989
- Layton, Bentley – AS ESCRITURAS GNÓSTICAS – Edições Loyola, 2002
- Lenhardt, P. – A TORAH ORAL DOS FARISEUS – Editora Paulus, 1997
- Lohfink, Gerhard – GEHÖRT DIE JUNGFRAUENGEBURT ZUR BIBLISCHEN HEILSBOTSCHAFT? – Theologische Quartalschrift 159, 1979
- Lohse, Eduard – CONTEXTO E AMBIENTE DO NOVO TESTAMENTO – Edições Paulinas, 2000
- Lopes, Augustus Nicodemus – A BÍBLIA E SEUS INTÉRPRETES – Editora Cultura Cristã, 2004
- Lund, E. – HERMENÊUTICA – Editora Vida, 2002
- Luz, Daniel de Carvalho – INSIGHT – DVS Editora, 2001
- Macho, A. Diez – APÓCRIFOS DEL ANTIGUO TESTAMENTO – Editorial Cristiandad, 1987
- Mack, Burton L. – O EVANGELHO PERDIDO: O LIVRO DE Q – Editora Imago, 1994
- Mainville, Odette – A BÍBLIA À LUZ DA HISTÓRIA – Edições Paulinas, 1999
- Mainville, Odette – ESCRITOS E AMBIENTE DO NOVO TESTAMENTO – Editora Vozes, 2002
- Marconcini, Benito – OS EVANGELHOS SINÓTICOS – Edições Paulinas, 2001
- Marin, Antonio Royo – TEOLOGIA DE LA SALVACION – La Editorial Catolica, 1965
- Mckenzie, John L. – DICIONÁRIO BÍBLICO – Editora Paulus, 1984
- Meier, John P. – UM JUDEU MARGINAL – Editora Imago, 1993
- Miles, Jack – CRISTO – Companhia das Letras, 2002
- Ménard, Jacques et al. – LA BIBLIOTHÈQUE COPTE DE NAG HAMMADI – Éditions Peeters, 2004
- Millard, Alan – DESCOBERTAS DOS TEMPOS BÍBLICOS – Editora Vida, 1999
- Monastério, Rafael Aguirre – EVANGELHOS SINÓTICOS E ATOS DOS APÓSTOLOS – Edições AM, 2000
- Morais, Vamberto – A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ E A RELIGIÃO DO FUTURO – Editora Ibrasa, 1992
- Moraldi, Luigi – EVANGELHOS APÓCRIFOS – Editora Paulus, 1999
- Moreira, Alberto – MISTICISMO E NOVAS RELIGIÕES – Editora Vozes, 1994
- Morris, Leon – TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO – Edições Vida Nova, 2003
- Neves, Joaquim Carrera das – AS NOVAS SEITAS CRISTÃS E A BÍBLIA, Universidade Católica Editora, 1998
- NOVA VULGATA – CD OS LIVROS SAGRADOS II – Europa Multimedia, 2002
- NOVO TESTAMENTO – Versão Fácil de Ler – Editora Vida Cristã, 1999
- Nystrom, Carolyn – CONHECENDO AS ESCRITURAS – Editora Vida, 2002
- O LIVRO DE ENOCH – Editora Hemus, 1998

- Olson, Roger – HISTÓRIA DAS CONTROVÉRSIAS NA TEOLOGIA CRISTÃ – Editora Vida, 2004
- OS APÓSTOLOS DE JESUS – Editora Ordem do Graal na Terra, 2002
- Packer, J. I. et al. – O MUNDO DO NOVO TESTAMENTO – Editora Vida, 2002
- Pelikan, Jaroslav – MARIA ATRAVÉS DOS SÉCULOS – Companhia das Letras, 2000
- Penzo Giorgio et al. – DEUS NA FILOSOFIA DO SÉCULO XX – Edições Loyola, 1998
- Pereira da Costa, Hermisten Maia – A LITERATURA APOCALÍPTICO-JUDAICA – Casa Editora Presbiteriana, 1992
- Pérez, G. Aranda et al. – LITERATURA JUDAICA INTERTESTAMENTÁRIA – Editora Ave Maria, 2000
- Primavesi, Anne – DO APOCALIPSE AO GÊNESIS – Edições Paulinas, 1996
- Ravasi, Gianfranco – A BOA NOVA – Edições Paulinas, 1999
- Ravasi, Gianfranco – A NARRATIVA DO CÉU – Edições Paulinas, 1999
- Rendtorff, Rolf – A FORMAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO – Editora Sinodal, 2002
- Rendtorff, Rolf et al. – PROFETISMO – Editora Sinodal, 1985
- Rivkin, Ellis – WHAT CRUCIFIED JESUS? – UAHC Press, 1997
- Rogerson, J. W. – O LIVRO DE OURO DA BÍBLIA – Ediouro, 2002
- Rost, L. – INTRODUÇÃO AOS LIVROS APÓCRIFOS E PSEUDOEPÍGRAFOS – Edições Paulinas, 1980
- Samanes, Cassiano Floristán – DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO – Editora Paulus, 1999
- Sass, Roselis von – A GRANDE PIRÂMIDE REVELA SEU SEGREDO – Editora Ordem do Graal na Terra, 1998
- Sass, Roselis von – A VERDADE SOBRE OS INCAS – Editora Ordem do Graal na Terra, 1999
- Sass, Roselis von – O LIVRO DO JUÍZO FINAL – Editora Ordem do Graal na Terra, 2003
- Sass, Roselis von – OS PRIMEIROS SERES HUMANOS – Editora Ordem do Graal na Terra, 1999
- Sass, Roselis von – REVELAÇÕES INÉDITAS DA HISTÓRIA DO BRASIL – Editora Ordem do Graal na Terra, 2001
- Sass, Roselis von – SABÁ, O PAÍS DAS MIL FRAGRÂNCIAS – Editora Ordem do Graal na Terra, 2002
- Sayão, Luiz – A BÍBLIA DO SÉCULO XXI, Editora Vida, 2001
- Schultz, Samuel J. – A HISTÓRIA DE ISRAEL NO ANTIGO TESTAMENTO – Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984
- Schaberg, Jane – THE ILLEGITIMACY OF JESUS – Harper & Row, 1987
- Segalla, Giuseppe – A CRISTOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO – Edições Loyola, 1985
- Segundo, Juan Luis – A HISTÓRIA PERDIDA E RECUPERADA DE JESUS DE NAZARÉ – Editora Paulus, 1997
- Shedd, Russel Philip – A ESCATOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO – Editora Vida Nova, 1983
- Sproul, R. C. – SOLA GRATIA – Editora Cultura Cristã, 2001
- Stephan, Horst – GESCHICHTE DER DEUTSCHEN EVANGELISCHEN THEOLOGIE SEIT DEM DEUTSCHEN IDEALISMUS – Töpelmann, 1960
- Störig, Hans Joachin – A AVENTURA DAS LÍNGUAS – Editora Melhoramentos, 1990
- TANAK – Jewish Publication Society – CD OS LIVROS SAGRADOS II – Europa Multimedia, 2002
- Telles, Ignacio da Silva – VIVÊNCIA E REFLEXÃO – Editora Palas Athena, 1997
- Tenney, Merril C. et al. – VIDA COTIDIANA NOS TEMPOS BÍBLICOS – Editora Vida, 2004
- THE MODERN GREEK NEW TESTAMENT – Alpha-Omega, 1992
- Theissen, Gerd – O JESUS HISTÓRICO – Edições Loyola, 2002
- Tricca, Maria Helena de Oliveira – APÓCRIFOS, OS PROSCRITOS DA BÍBLIA – Vols. I, II, III, IV – Editora Mercuryo, 1989, 1991, 1996, 2001
- Tuñi, Josep-Oriol – ESCRITOS JOANINOS E CARTAS CATÓLICAS – Editora Ave Maria, 1999
- Valdés, Ariel Álvarez – QUE SABEMOS SOBRE A BÍBLIA? – Editora Santuário, 1997
- Vardaman, Jerry – CHRONOS, KAIROS, CHRISTOS – Nativity and Chronological Studies – Eisenbrauns, 1989
- Vidal, Marie – UM JUDEU CHAMADO JESUS – Editora Vozes, 1996
- Virkler, Henry A. – HERMENÊUTICA AVANÇADA – Editora Vida, 2001
- Vouga, François – A CARTA DE TIAGO – Edições Loyola, 1996
- Wegner, Uwe – EXEGESE DO NOVO TESTAMENTO, MANUAL DE METODOLOGIA – Editora Sinodal, 2002

- Weinland, Ronald – THE PROPHESIED END-TIME – The-end.com, inc. 2004
- White, Ellen G. – O GRANDE CONFLITO – Casa Publicadora Brasileira, 1996
- Wicker, Patrícia – MANUAL BÍBLICO DE HALLEY – Editora Vida, 2000
- Witherup, Ronald D. – FUNDAMENTALISMO BÍBLICO – Editora Ave Maria, 2004
- ZOROASTER – Editora Ordem do Graal na Terra, 2005
- Zuurmond, Rochus – PROCURAIS O JESUS HISTÓRICO? – Edições Loyola, 1998